



Fiona McIntosh

O Perfume Secreto

*Uma história de paixão, dever,
segredos e escândalos na família
de perfumistas Delacroix*



Ficha Técnica

Título original: The Perfumer's Secret

Autor: Fiona McIntosh

Tradução: Paulo Moreira

Revisão: Natália Garcia

Capa: Maria Manuel Lacerda/Oficina do Livro, Lda.

ISBN: 9789897415791

"MEB"

QUINTA ESSÊNCIA

uma marca da Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda

uma empresa do grupo LeYa

Rua Cidade de Córdoba, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© Fiona McIntosh, 2015

e Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda.

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

E-mail: quintaessencia@oficinadolivro.leya.com

www.quintaessencia.com.pt

www.leya.pt

Esta edição segue a grafia do novo acordo ortográfico.

Este livro é dedicado à minha fotógrafa,
Anne Stropin. Perdemo-la demasiado cedo –
enquanto aprovava a versão final deste livro.

Como qualquer perfume magnífico,
perdurará por muito tempo na minha memória.

1 de agosto de 1914

Odiava o homem com quem me devia casar naquele dia.

Uma mão foi estendida e cobriu-me o pulso. Não tinha pelos e as unhas estavam aparadas e bem cuidadas.

– Tranquila, Fleurette. – Não percebera como estava inquieta. – Recompõe-te – continuou o meu irmão. – O nosso pai queria que estivesse composta nesta representação tão pública da família. – Henri ergueu-me o queixo sob o véu que, apesar de diáfano, me esconderia o suficiente para camuflar a expressão angustiada.

A referência intencional de Henri ao nosso amável pai exigia a minha obediência. E, acima de qualquer coisa, era obediente. Diz-se que todos fazemos escolhas nas nossas vidas, mas nasci numa família que fez praticamente todas as escolhas da minha vida por mim. Em sua defesa, não tive grandes motivos de queixa. Era a filha preciosa, amada e admirada como um tesouro.

No entanto, só recentemente tinha compreendido que não se tratava apenas de uma imagem encantadora. Era realmente o tesouro da família e podia ser trocada como se fosse moeda, negociada como dinheiro humano. Era tão impotente como um soberano de ouro reluzente passado de uma mão para outra. Um negócio fechado. Uma transação assegurada.

E, depois de concluído o acordo, bastando apenas o ritual para confirmar a sua existência ao mundo, a minha angústia de nada importaria. Fiz outra tentativa para invocar razões legais, o meu último reduto, o único aspeto daquela união maldita atrás do qual poderia tentar esconder-me. Parecia-me que a guerra poderia ser minha aliada.

– Henri, aos olhos da lei permaneceremos solteiros. Sem o certificado do presidente da câmara, o padre não poderá casar-nos legalmente. – Dizia a verdade.

– Não comeces outra vez com isso, irmãzinha. Asseguro-te que o presidente da câmara e os seus conselheiros têm mais com que se preocupar do que um casamento da alta sociedade. Insisti pessoalmente há uma hora e nem mesmo o nosso nome, e o peso que tem, ou as minhas ameaças e também as de Aimery, conseguiram convencer o seu assistente a interromper as reuniões municipais em que se discute a guerra. Além disso, o presidente da câmara e o seu adjunto nem sequer estão em Grasse – explicou, parecendo exasperado por saber que este último facto era do meu conhecimento.

Era verdade. Deveríamos ter tido a nossa cerimônia civil no dia anterior, mas com a França à beira da guerra, esperando apenas a declaração formal, nenhuma câmara municipal no país inteiro se teria mostrado inclinada a preocupar-se com a formalização legal de um casamento, mesmo que envolvesse famílias como as nossas.

– Quando regressa o presidente da câmara?

Henri ergueu um ombro impotente.

– Amanhã, espero. A reunião de emergência em Nice, na prefeitura, terminará hoje, com sorte, com a formalização de uma declaração de guerra.

– Não poderá outra pessoa...

– Não – interrompeu. – Não será bem visto que um representante subalterno queira realizar um casamento hoje com a nação no alvoroço em que se encontra. Mesmo que fosse autorizado a fazê-lo. – Quis insistir no meu argumento, mas Henri estava preparado. – Vamos – continuou, cortando o ar com uma mão erguida. – Basta. Foi difícil convencer o padre a avançar, mas, uma vez que acedeu, suspeito que não terás autoridade superior à sua.

– Tenho a minha moral...

– Esquece isso, Fleurette – afirmou, sacudindo pó imaginário das calças. – Avançamos para uma guerra com a Alemanha! As circunstâncias não são as adequadas. Deus perdoar-te-á. É apenas uma formalidade e, seja como for, a cerimônia civil realizar-se-á mesmo assim.

– Quando?

– O presidente da câmara mandou dizer que fará um esforço por nós. Esperamos que seja amanhã. – A raiva acumulada deixava-o corado e vi-o passar um dedo entre o colarinho e o pescoço, dirigindo-me um esgar de desagrado. – Nem eu nem a família De Lasset te perdoaremos se atrapalhares esta união tão importante. Não poderemos cancelar após meses de preparação. A cidade precisa deste casamento. Além disso, as nossas ordens de mobilização chegarão a qualquer momento. Vamos assegurar pelo menos o casamento religioso. Os deveres civis poderão ser resolvidos discretamente. Sei que não é o normal curso dos acontecimentos. Sei que sim. Mas preciso que toleres a discrepância. Se a nossa igreja pode fazê-lo, tu também poderás. Por favor, pensa em todos os outros... Pensa em qualquer pessoa além de ti própria, para variar.

A repreensão magoou-me. Não era egoísta, mas estava irritada com o padre por vergar as regras da nossa fé, as leis do nosso país, apenas porque as famílias mais ricas o exigiam. Sem dúvida que Henri ou o meu futuro marido, igualmente insensível, teriam coagido o padre... Talvez com a promessa da nova janela para a abside?

– Henri, deitar-me-ei com um homem que não será legalmente o meu marido – protestei.

– Não será teu marido aos olhos da lei, mas isso será resolvido. Que esperas? Que cancelemos tudo por um papel? – Olhou-me com raiva. – Vais desiludir a cidade inteira, todo o povo reunido para celebrar aquele que será, sem dúvida, o casamento mais importante dos últimos tempos ou mesmo de sempre em Grasse? Duas das suas famílias de elite formalmente unidas. É um sonho, Fleurette. Não arruínas o sonho, o otimismo, quando todos os homens capazes da cidade estarão prestes a marchar para servir o seu país.

– Precisamente! Como poderemos ter a certeza da oficialização dos documentos legais sem a

presença de Aimery?

Suspeitei que não teria uma resposta pronta para aquilo. Era o meu último esforço. A minha última defesa. Chocou-me perceber que estava mais do que pronto para mim, com a voz repleta de desdém.

– A declaração de guerra será bravata alemã. Teremos de cumprir os nossos deveres de mobilização, mas suspeito que voltaremos para casa dentro de uma semana. Duas, no máximo. Durará pouco e Aimery voltará para casa, mas, por agora, quer deixar Grasse como homem casado, possivelmente com um herdeiro já semeado. E assegurar-te-ás da concretização de todas as expectativas. É o teu dever.

A repulsa fez-me fechar os olhos. Falava do meu corpo como se fosse uma terra pronta para ser lavrada e... Era demasiado medonho para contemplar.

Era impossível responder àquela tirada do meu irmão. Fiquei muda. Arregalei os olhos e fixei as mãos enluvadas e o pequeno volume sob a luva no terceiro dedo da mão esquerda. O brilho carmesim desafiava-me. Era um rubi de meio quilate colocado entre curvas de diamantes de corte simples e em rosa. O resultado era um anel com a forma de um olho... e olhava-me por baixo da renda com um brilho acusador. Aimery não podia pedir-me em casamento com um anel herdado. Não tinha nada da sua mãe e suspeitei que, mesmo que tivesse alguma coisa sua, tê-la-ia ignorado. Aquele anel tinha sido desenhado com grande despesa em Paris, mas sem o meu envolvimento, claro. E, por isso, refletia apenas Aimery... Era faustoso, sem dúvida absurdamente caro, ostentativo com as suas cores vivas, exigindo atenção. A sua forma era estranha e provocava já em mim a consciência sinistra de que me espiaria sem cessar. Odiava-o, mas também era verdade que todos os pormenores daquele casamento me pareciam desesperantes.

Uma dor estranha, aguda e agonizante, envolvia-me na carruagem claustrofóbica. Estávamos no pino do verão e as flores que segurava e que me enfeitavam o cabelo podiam murchar. Fora esse o motivo avançado para não viajarmos num landau aberto. Trocista, decidi que o verdadeiro motivo seria, provavelmente, a preocupação de Henri com o seu cabelo e com a brilhantina cuidadosamente aplicada. A dor intensificou-se. Talvez entrasse em pânico como quando Felix cortou os dedos com uma foice de alfavaca ou como na manhã do piquenique de junho, quando caí do cavalo e as vozes de todos me pareciam demasiado distantes... ou como no dia em que morreu a minha mãe, um acontecimento para além da minha compreensão de criança, recordando, mesmo assim, o corpo do meu pai parecendo perder a solidez, como um saco de pétalas de rosa, sem conseguir compreender porquê.

Não costumava sucumbir a caprichos e, em minha defesa, estas memórias pertenciam a acontecimentos isolados e emocionalmente intensos que conseguia conjurar com sinceridade. A ansiedade daquele dia não me parecia algo que passasse ou que alguém pudesse tornar melhor com a sua vinda. Aquele dia era o início de uma vida nova que me assustava. O desejo de desaparecer de tudo aquilo era suficientemente avassalador para parecer que tentava libertar parte de mim... o meu corpo e o meu íntimo precisavam de se separar para conseguir suportar o dever que esperavam que cumprisse.

Afastei o olhar das casas de pedra da cidade enquanto percorríamos as ruas, aproximando-

nos cada vez mais do som do único sino da catedral, pontuando a nossa chegada iminente. Fixei o olhar nas mãos sobre o colo, finalmente imóveis. Os dedos por baixo da renda de Chantilly em seda decorada com pérolas eram direitos, sem qualquer marca de doença hereditária, como a que o meu pai sofrera. Tentei fingir que a dor interna vinha das suas articulações. Era patético, suponho, tentar comunicar com o meu falecido pai naquele momento, mas nunca antes precisara tanto dele.

Em privado, desejei que Henri sentisse a dor do nosso pai nos seus dedos. Talvez sentisse a maldição passando entre nós enquanto eu recordava a descrição feita pelo médico da artrite do meu pai. A minha recordação de qualquer acontecimento era tão fiável que podia observar a cena e ouvir as palavras repetindo-se com exatidão na minha mente.

– As suas articulações tornam-se nodosas – referiu o Dr. Bertrand, levando à boca um cachimbo enquanto se curvava para examinar as mãos do meu pai apesar do protesto murmurado do seu anfitrião. – Chamam-se nódulos de Heberden, se preferir que seja rigoroso – continuou, franzindo a testa. Fumo azulado escapou-lhe entre os lábios, movendo-se como um fantasma à volta da sala, perfumando-a com sugestões do *whiskey* que cheirava na garrafa do meu pai e das folhas secas por mim lançadas à fogueira que eu e o meu irmão tínhamos ateado no campo no inverno anterior. Esforçando-me, conseguia ainda invocar o sabor do chá e uma delicada vibração de algo que acreditei poder ser baunilha. O meu pai teria agitado um dedo em aprovação da minha observação.

Ah, aquelas mãos torcidas. Tinham-me ensinado tudo. A montar a cavalo e a colher uma flor minúscula e delicada ao amanhecer sem tocar no botão frágil, uma habilidade necessária no negócio da nossa família. A única aptidão que me ocorria naquele momento tenso, dentro da carruagem miserável ao lado de Henri, era o único talento que não me tinha sido ensinado pelas mãos do meu pai, sendo-me transmitido pelo seu sangue. Sabia, mesmo então, como criança enfeitada com fitas e com um gato preto aninhado no colo enquanto o Dr. Bernard examinava os dedos artríticos do meu pai, que o meu paladar e olfato apurados emergiam em simultâneo com o talento igualmente forte do meu irmão gémeo.

Henri, o nosso irmão mais velho, percebera também, mais uma vez, que era diferente dos seus irmãos. E não podia encarar com agrado aquele talento que herdáramos, considerando-o uma bênção. Mesmo depois de tantos anos, erguia-se entre nós como uma presença invisível, provocando-o apesar do seu silêncio. Henri aprendera a ignorá-lo, mas nunca conseguira disfarçar o impacto que exercia no seu desejo constante de impressionar o nosso pai.

Os gémeos Delacroix tinham o *Nariz*. A divina superioridade olfativa que nos conferia um faro tão apurado que conseguíamos distinguir aromas de forma impossível para uma pessoa comum. E, por isso, a nossa capacidade de desenvolver fragrâncias complexas com profundidade e mestria tornava-nos ímpares na nossa indústria. Mesmo que, suponho, tivesse tido o infortúnio de nascer mulher. Se tivesse nascido em qualquer outra família, suspeito que o meu talento permaneceria adormecido. Na situação presente, apenas Felix era levado a sério como o perfumista em ascensão da família, mas era-me permitido contribuir com os meus pensamentos como uma espécie de consultora invisível de Felix e do meu pai. Bastava. Tinha de bastar, pois não me restava outra escolha. No entanto, mais óbvia do que a minha paixão para

usar os meus dotes, erguia-se a percepção de que o talento inato ignorara o herdeiro e, assim, Henri encontrava formas criativas de nos punir por esse facto. Compreendia naquele momento que, na maior parte do tempo, nem o pobre Henri percebia a dimensão da sua raiva por não possuir aquele talento tão ambicionado.

Era invulgar que dois parentes tão próximos possuíssem o toque que, para a maioria, era inatingível. Era verdade que reconhecer aromas era uma aptidão que podia ser aprendida com diligência pragmática. Mas refiro-me a um sexto sentido. Uma capacidade inata para decifrar dúzias ou mesmo vintenais de sabores e cheiros elementares, mesmo quando fundidos. Na sua juventude, a ira de Henri tentou rasteirar-nos. Vendava-nos e exigia que atuássemos como animais de circo. O que não percebia era que negar-nos a visão resultava apenas num aprofundar das nossas capacidades. Se tivesse prestado mais atenção, teria recordado que, sempre que o nosso pai cheirava um perfume ou até mesmo uma simples flor, fechava os olhos como se pretendesse vender-se deliberadamente a intromissões visuais.

Não conseguia esquivar-me à dor notável que sentia na ponta dos dedos. Não conseguia apaziguá-la ou repeli-la. Não fazia ideia da sua origem. Acreditei que seria provocada pela partida da minha alma e sabia que Felix troçaria do dramatismo dessa percepção.

Daria qualquer coisa para que as mãos torcidas do meu pai pudessem segurar as minhas naquele momento. Saberia o que dizer, saberia como acalmar a dor. Cancelaria esta pantomina e diria a todos os envolvidos que preferia uma filha feliz a uma filha obediente. Nunca vira Aimery como um bom pretendente à minha mão, nem sequer tolerava ouvir falar do assunto quando fora referido pela primeira vez anos antes. Na verdade, o seu horror estava à altura do meu. Tivera um aliado fiável até àquele momento. Porque não deixara explícito no seu testamento que devia casar com quem quisesse, que o meu casamento não deveria ser combinado? A minha mãe, paz à sua alma, poderia não concordar. Fora, ela própria, forçada a uma união porque o dever assim o exigia na sua aristocrática família inglesa. Felizmente para Flora St. John, o homem no outro lado dessa união era Arnaud Delacroix. Duvidei que pudesse arrepender-se do acordo negociado pela sua família, concluído em Paris, segundo sabia, entre os patriarcas das duas casas. Porque fora uma união sensata e, felizmente para ela, abençoada. O acordo teria sido construído sobre a adequabilidade do peso financeiro das duas famílias. Gostava de ter conhecido a minha mãe além de dois breves anos, podendo perguntar-lhe naquele momento o que sentira por ser vendida.

Ouvi outros elementos da família dizer que fora uma beleza de cabelo dourado com pele pálida e olhos claros, sendo tratada como uma deusa pelo meu pai. Vagueava pela minha memória mais como um alinhamento de percepções sensoriais. Consequia recriar a sua fragrância preferida fechando a mente e recordando-a: madressilva, jasmim e rosa perduravam nos meus pensamentos. Consequia recordar vagamente o som da sua voz gentil. Consequia também fixar uma memória dos seus abraços e beijos, mas a sua presença física não era fácil de conjurar. Era como um fantasma que vagueava pela nossa casa em fotografias ou no retrato no salão do meu pai. Apenas as suas posses a tornavam real. Joias, roupas, o seu pente e escova de marfim. Mas não conseguia sentir-lhe a falta porque não a conheci. Perdemos esta mulher frágil para complicações na gravidez quando nós, os gémeos, tínhamos apenas pouco mais de dois anos.

A vida em conjunto dos meus pais foi curta, mas é-me assegurado, de forma constante e quase deliberada, por terceiros de que foi preenchida por afeto. Amara-o completamente, de acordo com a velha ama, que foi como uma mãe para a minha mãe e como uma avó para mim. Contou-me como Flora St. John quisera correr pela mesma coxia de igreja de que me aproximava, com rapidez para se tornar uma Delacroix de Grasse. O nome importava tanto, não apenas no Sudeste, mas em toda a França e também em Inglaterra. E, agora, abdicava desse belo nome por outro ainda mais poderoso.

Mas não o queria.

A pessoa que o desejava por mim dirigiu-me um olhar de gáudio arrogante quando contornámos uma esquina, subindo a inclinação até ao local onde o meu futuro aguardava.

– Parece-me que a cidade inteira está presente – referiu com ar altivo, tocando-me a mão num gesto protetor. – Devias sentir-te honrada. Vê como estão todos tão felizes por ti. Por nós.

– O nosso pai não aprovaria este casamento – disse eu, encontrando coragem para um último desafio. – E sabe-lo bem. Foi discutido há anos e disse-te que não aprovaria.

Henri olhou o povo que aguardava em veneração, soltando gritos de júbilo e aplaudindo enquanto passávamos. Reconhecia muitos deles. Deveria sorrir, acenando-lhes. Não fiz nenhuma dessas coisas.

– Com as suas últimas palavras, disse desejar ter-te visto vestida de noiva.

– Aprovaria o meu vestido, Henri, mas não a pessoa por quem me obrigas a usá-lo. Não por não gostar de Aimery. Até tu deverás saber que se comportava de forma estranha perto dele, como se houvesse algo nele que fizesse o nosso pai arrepiar-se. Mas eu posso ser mais clara. Não gosto do Aimery.

Era uma discussão inútil. Henri não se deu ao trabalho de argumentar novamente. Ao invés, suspirou e olhou-me como se eu fosse uma rapariga insolente.

– Casarás com Aimery De Lasset hoje porque é uma excelente união para a nossa família.

– Para ti – repliquei, fazendo jus ao rótulo de criança petulante.

– Como chefe desta família, cabe-me tomar as decisões – disse, num tom em que era perceptível a paciência perto do limite. Percebia que Henri estava determinado em não ser arrastado para uma discussão naquele dia.

– Como filho mais velho por meros cinco anos – disse eu, sentindo uma patética sensação de vitória por qualificar daquela forma o seu estatuto –, podes ter o poder de tomar decisões, Henri, mas isso não significa que as decisões que tomas sejam boas, como demonstras de forma clara hoje. É uma decisão fácil. Resolve um problema que existe na tua cabeça e não na realidade. Se esperasses, ajudar-te-ia a tomar uma decisão brilhante acerca deste assunto. Brilhante e próspera. Confia em mim, Henri, compreendo o meu papel. Esta é a escolha errada e o momento não podia ser também mais inadequado.

O seu sorriso irritante ampliou-se de forma indulgente.

– Lamento que te sintas assim no dia do teu casamento, Fleurette, porque, com franqueza, acredito que vinte e três anos será a idade ideal para o matrimónio. Quem sabe quando poderias decidir que o companheiro perfeito entrou na tua vida? Não, irmãzinha, não esperamos por

uma disposição emocional tua que poderá demorar anos, perdendo assim a oportunidade para unir as nossas duas casas. Aqui entre nós, penso que o nosso pai foi demasiado bondoso contigo. A sua recusa insistente em ponderar um casamento entre Delacroix e De Lasset roçava o fanatismo.

– Acreditas que o nosso pai era louco, Aimery?

– Não sejas ridícula. Distorces as minhas palavras.

– Nesse caso, dizes que acreditava haver um motivo genuíno e fundamental para impedir a união de sangue entre as nossas casas.

– Nunca o compreendi e nunca se deu ao trabalho de mo explicar. Todos conhecemos a rivalidade acérrima do passado, mas o sangue dos dois patriarcas arrefeceu com a velhice. Além disso, é claro que ambos alcançaram tamanho sucesso que deixou de haver necessidade de se enfrentarem mutuamente. Até amadureceres, não houve motivo para o casamento e admito que continuo sem compreender porque o nosso pai não aceitou oferecer-te a De Lasset para, pelo menos, manter a força dos nossos impérios perfumistas. Mas sempre te fez as vontades. Seja como for, já não está entre nós e não é ele a zelar pelo futuro da nossa família. Esse papel cabe-me agora a mim e não partilho das suas opiniões. Não tenho quaisquer reservas acerca desta união porque me parece fazer perfeito sentido. Além disso, nem o Aimery nem eu pretendemos esperar mais tempo. Estás no teu auge. Nunca serás mais bela, a tua pele nunca brilhará mais, o teu corpo não voltará a ser tão suave como é agora, nem voltarás a andar com a graciosidade com que andas hoje.

O meu valor era reduzido à juventude da minha carne e quis acusá-lo de desconhecer por completo o que constituiria o meu auge ou o auge de qualquer outra noiva potencial. Mas seguiu em frente, atropelando os meus pensamentos.

– Mostra-te grata pela tua vida abençoada, Fleurette. Pertences à segunda família mais rica de Grasse e o teu casamento unir-te-á à família mais rica da cidade. Será, sem dúvida, um rito de passagem e o momento é perfeito. Sabes que fortalece também a cidade. A região inteira, na verdade.

Era tão transparente naquela manipulação que senti um instante de pena. Henri nunca tivera subtileza. Fora só um ou dois anos antes, supus, que passei a compreender Henri de forma tão completa, percebendo o seu complexo de inferioridade. O simples facto de ser o filho mais velho favorecia-o de tantas formas. Era um estatuto especial que lhe conferia privilégios. Mas, mesmo assim, invejava os seus irmãos, cobiçando o que tínhamos.

Se o meu pai nos tratava a todos com o que julgava ser afeto idêntico, suspeito que a minha mãe demonstrasse uma compaixão especial e profundamente entranhada por Henri. Percebi isto pelas palavras da velha ama que ajudou a criar-nos. Henri era o primogénito de Flora. A chegada celebrada de um filho e herdeiro tornou-o o seu bem-amado. Também ajudou, estou certa, o facto de sair à sua família, com cabelo da cor dos areais banhados pelo sol da nossa infância. Teria parecido um pequeno anjo em criança. As fotografias envelhecidas provavam-no. O cabelo outrora reluzente começava a rarear e a cor da palha passara a um dourado diáfano. A linha do escalpe recuara, expondo entradas luzidias que faziam a sua testa parecer demasiado alta. Compensava com um bigode fino, curvando-lhe ostensivamente as extremidades para cima.

E uma barba recente permitira-lhe o benefício de o fazer parecer mais velho, alcançando a aparência de patriarca a que aspirava. Aparava a barba alourada para formar um bico, como um ponto de exclamação que punha fim à discussão, provando que, aos vinte e sete anos, era viril e capaz de cultivar pelos faciais.

Entretanto, Felix e eu éramos a antítese de Henri. Éramos um par de sentinelas noturnas perante o seu brilho dourado angelical do passado. A nossa penugem infantil escureceu rapidamente e, aos cinco anos, tínhamos o cabelo preto lustroso dos antepassados do nosso pai e sabíamos que ficaria primeiro prateado antes de se tornar branco como acontecera aos nossos predecessores, enquanto Henri continuaria a sua marcha para uma calvície enfadonha. As diferenças acumulavam-se. Se Henri tinha um corpo esguio com ombros caídos camuflados por alfaiates hábeis, o nosso irmão era garboso, com membros longos e ombros largos, assim como eu. Ambos ostentávamos um brilho saudável enquanto Henri parecia algo enfermiço. Praticava «inalações herbais» rotineiras, bochechava com sal e procurara as águas de Lourdes durante vários anos em peregrinações anuais... qualquer coisa para manter afastadas as temidas infeções. Inalava aroma de eucalipto e fazia-se esfregar com um tónico mentolado enquanto se preocupava incessantemente com a possibilidade de contrair a mesma doença da nossa mãe. Frequentemente, afirmava de forma nada graciosa que herdara dela pulmões fracos. Talvez deixar de fumar os seus charutos cubanos caros ajudasse... mas quem era eu para questionar o patriarca da nossa família? Em breve, deixaria de ser o patriarca da minha família. Pertenceria a outro homem, teria outro patriarca, outro filho controlador que se esforçava para estar à altura dos seus antepassados.

Outro rufia.

Os cavalos que puxavam a nossa carruagem abrandaram e descreveram um círculo amplo sobre o empedrado diante da catedral antes de pararmos finalmente. Tínhamos chegado ao local onde metade de mim desistiria provavelmente de viver. A outra metade testemunharia essa rendição, mas, com sorte, permaneceria segura, escondida, viva e sonhando com melhor sorte para ambas.

– Casamento, família e dever. É tudo o que o nosso pai sempre defendeu – concluiu Henri, como se quisesse fechar o livro e impedir qualquer discussão da pertinência daquele casamento.

Mas insisti em querer ter a última palavra.

– Se me vendes como um cavalo de cobrição, Henri, deverias levar em conta os meus belos dentes! – disse, com a voz finalmente perdendo a calma enquanto o meu corpo se sentia estilhaçado. Parecia-me que restava apenas uma carapaça de mim dentro da carruagem, secando rapidamente os olhos enquanto o meu espírito encolhia e flutuava com determinação para fora, finalmente livre, para esperar nos degraus da igreja que a noiva Delacroix emergisse da espuma branca no interior da carruagem fechada.

– Cumpre o teu dever – insistiu Henri, com a voz plena de desagrado. Vi a sua face trair o esgar prestes a surgir. Não tinha tempo para lágrimas de uma rapariga. – Um casamento sensato e sólido é o único contributo que se espera de ti... além de alguns herdeiros. Conseguirás fazê-lo, não?

– Dever? – Ouvi a minha voz guinchar enquanto pronunciava a palavra. – Henri, caminhamos para uma guerra e preocupa-te mais um casamento estratégico e...

Calou-me com um estalo condescendente da língua.

– Silêncio, Fleurette. Não te compete discutir política. – Quase consegui ver-me a mim mesma pestanejando, enojada, diante dele. – Além disso – sorriu –, é por este motivo que as jovens senhoras não deverão ocupar-se com assuntos masculinos. Poderás afirmar o contrário, Fleurette, mas és tão emocionalmente vulnerável como qualquer outra rapariga. Permite que te recorde o sangue partilhado que corre nas veias do *kaiser* alemão e do czar russo. Dificilmente prolongarão qualquer sentimento de inimizade entre ambos. A guerra poderá ser declarada... sim, meras palavras, mas não haverá grandes confrontos.

Não me dei ao trabalho de argumentar. A insinuação ofensiva de Henri acerca do dever horrendo que devia cumprir em seguida abafava-me, embatendo-me na cabeça como um golpe de mata-moscas. Não era um homem deliberadamente cruel, mas quase conseguia ouvir o ruído nos meus pensamentos. Quase sentia a ferroada da sua provocação.

E respondi de forma igualmente cruel, apesar de me envergonhar de mim mesma por ter descido tão baixo.

– Devias casar com ele, Henri. Sempre gostaste de Aimery.

O olhar dele estava tingido por raiva invisível. Sentia que queria segurar-me pelo pescoço como costumava fazer quando éramos pequenos e nos enfrentava aos dois. Porque Felix era maior e mais forte, Henri massacrava-me a mim, mesmo que quisesse enfrentar fisicamente o meu irmão. Nunca estive à sua altura, mas Felix ensinara-me a usar a minha inteligência, em alternativa. Mas tê-lo-ia desiludido naquele dia. A minha língua era um instrumento contundente, golpeando Henri com a única arma que podia usar contra ele.

O seu segredo sempre estivera seguro connosco. Éramos irmãos. Apesar das nossas diferenças, partilhávamos o nome Delacroix e nada se ergueria entre nós e o resto do mundo. Só que, naquele momento, o irmão que protegera empurrava-me à deriva para um novo mundo que não desejava... ainda não.

Pertencia-lhe. Naquele momento, odiei-o tanto como a Aimery e, se não fosse o sorriso compreensivo de Felix no topo dos degraus da catedral quando viu a nossa chegada, poderia ter vacilado. Mas o olhar de Felix fez-me perceber que precisava de suportar tudo aquilo. Olhei para a minha versão masculina. Tínhamos partilhado o ventre da nossa mãe durante trinta e nove semanas, nascendo separados por um minuto. Nasci primeiro e encantava-me realmente recordar-lhe isto. Partilhávamos tudo, frequentemente também as nossas emoções, sobretudo naquele dia, e percebi que perderia a sua melhor amiga de uma forma que não conseguia compreender e que todos subestimariam.

– Perdoar-te-ei esse insulto, Fleurette. Mesmo sem perceber o que pretendes dizer com isso – mentiu. – Catherine também não apreciaria esse sentimento.

Poderia ter simpatizado com Catherine em qualquer outra situação e acolhê-la-ia como irmã se casasse com Henri. No entanto, a ânsia da sua família para a verem tornar-se uma Delacroix a qualquer custo eclipsava completamente os seus outros instintos. Se tivesse conhecido Aimery antes e pudessem ter casado, não enfrentaria o meu trauma. Talvez pudesse culpar a pobre

Catherine pelo caminho sombrio que me via forçada a percorrer naquele momento?

– Fleurette? – Daquela vez, o seu tom de voz foi surpreendentemente delicado.

Mesmo assim, respondi como se me tivesse batido.

– Sim! – Cerrei os dois punhos sobre o colo num esforço para conter a fúria. – Eu sei, Henri. Eu sei... – Funguei uma última vez. – Deixa-me recompor-me.

– Quero dizer-te algo importante.

– Não o faças – adverti. As pessoas rodeavam a carruagem e o cocheiro esperava que um moço pousasse no chão um banco para me permitir descer.

Henri manteve a porta fechada por mais alguns momentos.

– Faz com que funcione, irmãzinha. Este casamento não tem rival na história da nossa família... ou na história da deles. É uma união perfeita.

– É uma união calculada em papel, usando aritmética e muitos francos.

– Fleurette, és uma jovem bela e inteligente. Aprende a usar esses dons juntamente com os outros que te foram conferidos para conseguires alcançar o que desejas.

As palavras trespassaram-me como um vento gélido soprando ferozmente em novembro, rugindo dentro da minha cabeça e levando consigo o meu rancor altivo e talvez até a arrogância de acreditar que tinha o direito de escolher o homem com quem casaria. Não acontecera com nenhuma das minhas amigas. Porque seria diferente? Era uma tola romântica. Felix acusava-me regularmente de querer reger uma vida que seria controlada pelos mais velhos ou que seguiria por um caminho repleto de obstáculos que precisaria de ultrapassar ou de desafios que só seriam vencidos com esforço. Uma nesga de compreensão abriu-se diante de mim como um feixe de sol iluminando as colinas de Grasse.

A escolha desprezível que Henri fizera de um marido asseguraria sem dúvida o sucesso e a fortuna das gerações vindouras. «Mantém-no na família de Grasse» fora uma das frases preferidas do meu pai e, sem dúvida, seria essa a filosofia que queria aplicar aos nossos casamentos. Não podia ser seletiva acerca dos momentos em que as suas recomendações eram relevantes. Nunca deixavam de ser relevantes. Proteger a indústria de Grasse, proteger os interesses da família e os seus sucessos continuados era também o meu dever, e esse dever implicava um casamento estratégico.

O amor era irrelevante. Um subproduto feliz, se ocorresse realmente.

– Temos de ir, Fleurette – disse Henri. O seu tom de voz tornou-se mais delicado ainda.

A porta da carruagem abriu-se e o som das pessoas que ladeavam a praça e algumas das vielas mais estreitas que conduziam à catedral entrou de rompante. Henri foi o primeiro a sair, motivando aplausos que se tornaram desvairados quando saí a seguir, pegando-lhe na mão com a graça que conseguia reunir.

– Nunca estiveste mais bonita – sussurrou. – Se estivesse no lugar de Aimery, considerar-me-ia o homem mais sortudo do mundo.

Fitei a sua expressão franca e não vi nela qualquer malícia. Pobre Henri. Acreditava realmente que aquela era a melhor decisão. Se assim era, deveria fazer o mesmo. Deveria aceitar o que me cabia e seguir em frente. Não podia queixar-me de me faltar muita coisa.

Preparei-me, enchi os pulmões com uma inspiração lenta e consegui sorrir ao meu irmão.

– Leva-me ao altar, Henri.

As mulheres suspiravam, emocionadas por verem sair a primeira noiva Delacroix da nova geração, prestes a proferir os seus votos matrimoniais na catedral de Notre-Dame de Puy. Outros, sobretudo rapazes, penduravam-se das janelas, assobiando e tentando captar-me a atenção, um pequeno sorriso, um olhar de soslaio talvez. Não lhes permiti nada disso, esperando que todos me perdoassem, imaginando que seria uma noiva nervosa, ansiosa por não tropeçar. Comecei a perceber, sentindo o seu agrado coletivo, como pareceria impossível ao meu irmão e ao seu sócio naquela transação o cancelamento ou o adiamento.

Poderiam ser os últimos sorrisos durante muito tempo e, apesar de a guerra não ter ainda sido oficialmente declarada, esperando que pudesse ser evitada, pareceu-me que todos sentíamos a sua pressão. Aquele casamento era necessário para que todos permanecessem otimistas em relação ao futuro.

Henri e Aimery tinham esquecido a tradição ancestral do homem visitando a casa da noiva e caminhando com ela até à igreja, seguido por um longo cortejo de gente da cidade. Henri considerava indigno de nós e perturbava-me que nos visse como sendo diferentes da gente da cidade para além da nossa condição privilegiada. Cada um dos filhos da família tinha nascido e sido criado naquela cidade e o nosso pai viera de Paris para ali em rapaz. Éramos dali. Talvez a palavra que Henri não proferisse, apesar de a ouvir repetida na sua mente, fosse «camponeses». De qualquer forma, tive de abdicar do que seria para mim a última diversão do dia, caminhando com a gente da cidade que amava e talvez interiorizando a sua alegria. Parecia-me que, mesmo assim, todos avançavam em direção à igreja da mesma forma, fazendo-o apenas sem o casal de noivos no centro das atenções.

Notei que a sua celebração não tinha sido diminuída e que continuavam a mostrar-se determinados em ver-me cumprir parte do ritual. Cada degrau até à catedral tinha de cada lado uma criança dos trabalhadores dos nossos campos agrícolas. Conhecia-as a todas pelo nome. Entre cada par, esticavam uma fita branca. Normalmente, seria esperado de mim que cortasse aquelas fitas a caminho do altar, mas pareciam contentar-se com o corte das fitas na escadaria. O primeiro rapaz, Pierre, filho de um dos cultivadores de violetas, passou-me solenemente uma tesoura de alfaiate que parecia gigantesca nas suas mãos.

– Mademoiselle Fleurette – disse, curvando-se numa vénia doce.

Não podia recusar.

– *Merci*, Pierre – sussurrei, tocando-lhe na cabeça encaracolada antes de cortar a fita que segurava, provocando o júbilo da multidão.

Ergui a bainha do vestido, feita de seda transparente bordada sobre o mais pálido cetim creme. A túnica tinha mangas delicadas em balão, de pura renda da Flandres, feitas a partir do vestido de noiva da minha avó. Os Delacroix eram gente supersticiosa. O efeito cromático parecia refletir o mármore dos degraus que subíamos até à catedral e pensei no número de noivas felizes, como a minha mãe, que tinham desejado correr por ali acima em direção ao seu prometido. Tinha subido aqueles degraus de pedra gasta quase todos os domingos da minha vida

e nunca antes me tinham parecido odiosos como naquele momento. Dentro das paredes de pedra da catedral, ouvia os ecos de gente ansiosa nas filas de bancos. Ouvia tosse e o burburinho de vozes masculinas acompanhado pelo riso agudo das mulheres, antes que a música do órgão aumentasse de volume, tornando-se oficialmente música matrimonial, silenciando as vozes.

A dor abandonou-me. Mas deixei de me sentir inteira, acreditando genuinamente, naquele momento, que parte de mim fugira, observando a outra parte. Recordei-me que, quando o Henri me soltasse o braço, o meu irmão gêmeo estaria ao lado do noivo para me dar força, para me permitir ultrapassar a provação de aceitar ser mulher de Aimery sem exteriorizar os meus reais sentimentos num grito. Felix desaparecera já no interior da catedral, sem dúvida silenciando os que ainda não tivessem percebido que alcançara a porta para a infelicidade. Imaginei o seu sorriso enviesado com aquele brilho malicioso nos olhos, motivando-me a ser forte.

Esse pensamento encorajou-me e virei-me, procurando bem fundo dentro de mim para encontrar um indício de sorriso para a gente da cidade que ainda aplaudia. Adoravam as velhas famílias, adoravam o que fazíamos pela cidade. Adoravam sobretudo o meu pai pela forma como cuidara de todos os que trabalhavam para a empresa Delacroix. Não importava que apanhassem as flores, que trabalhassem na fábrica no processo de destilação ou que conduzissem os carros das entregas. Eram todos vistos como sendo vitais, valiosos e dignos do seu sorriso, do seu cuidado e da sua bondade em qualquer ocasião.

Éramos os líderes europeus daquela indústria. Éramos a realeza de Grasse, uma das amadas famílias francesas ancestrais.

Éramos os Perfumistas do Mundo.

Talvez fosse aquele pensamento a animar-me a expressão enquanto me virava para erguer a mão num gesto de apreço à gente da cidade pelas suas boas-vindas. Foi nesse momento que os meus olhos encontraram o olhar penetrante de Graciela Olivares. Parecia erguer-se sobre uma parede baixa, com os seus ombros perfeitamente visíveis acima da cabeça dos populares mais altos em redor. Aquilo permitia-lhe um rumo desimpedido para a sua vista queimar com toda a raiva que sentia. Quis assegurar-lhe que era tão impotente naquilo como um cordeiro de patas presas. Nunca me ocorrera que não se tornaria a mulher de Aimery. Gostava de poder explicar-lhe que a discussão entre os chefes das duas famílias tinha acontecido em privado, com a decisão sendo-me anunciada sem que fosse ouvida a minha opinião. Gostava de lhe dizer que a minha dor era comparável à sua... mas Henri arrastava-me para as sombras do pórtico da catedral, onde o calor do dia e o fogo no olhar de Graciela foram imediatamente varridos pela frescura da pedra.

Inspirei pela última vez a liberdade e o ar soube à minha amada Grasse, permitindo-me perceber os seus aromas com facilidade como se apontasse cada um na prateleira de uma loja. Estavam gravados na minha memória e podia escolhê-los como desejasse e, mesmo assim, quando chegavam até mim com a frescura matinal, era como se os sentisse pela primeira vez.

Senti o aroma luxuriante das rosas aquecidas pelo sol, erguendo-se sobre as correntes térmicas suaves que subiam do vale até ao cume onde me erguia, prestes a proferir votos sagrados. Abri os sentidos ao perfume de violeta... ali estava, xaroposo e persistente, antes de ser repelido pelo rosmaninho silvestre e evocando cânfora e pela elegância telúrica do tomilho

que nunca estava demasiado distante. Usavam óleos essenciais que tínhamos destilado meses antes. Naquele momento, aproximava-se a colheita do jasmim, mas a flor sensual atingiria a sua máxima intensidade naquela noite. Enquanto isso, mais odores se acumulavam. Quis poder demorar-me para os identificar, mas Henri guiava-me para as sombras do vestíbulo.

Havia gente pigarreando, olhando em redor, erguendo-se. As crianças olhavam fixamente. Não suportava enfrentar qualquer olhar. Em vez disso, fixei os olhos na pedra fria das paredes da igreja à minha frente.

Henri tocou-me nas pontas dos dedos, fechadas frouxamente à volta do seu braço.

– Pronta para a batalha? – sussurrou com as palavras estranhas da língua da nossa mãe.

Parecia adequado, considerando o que pairava sobre a Europa, mas era uma velha brincadeira de infância e quase me derrubou. Mesmo assim, acolhi o afeto que esperara despertar com aquela pergunta.

– Avante – sussurrei, usando a resposta bizarra, ainda que familiar, que nenhum de nós tinha alguma vez compreendido quando éramos crianças.

Sorri e vi-a nele, juntamente com um eco fugaz do sorriso do nosso pai. No momento seguinte, caminhávamos, com passos que acompanhavam a música solene. Pisava pétalas de rosa macias, largadas pela criança de tenra idade que desempenhava essa função na cerimónia. Blanche era filha de um dos nossos criados. Pensei se imaginaria o dia do seu casamento. Desejei a Blanche uma união mais feliz enquanto a fragrância das rosas se erguia e me envolvia no seu perfume familiar, que conhecera toda a minha vida e que agora me serenava. Endireitei-me ao ouvir a música solene do órgão, que também fora escolhida por Henri.

Oitocentos anos de memória e conhecimento envolveram-me. Conhecia aquela antiga catedral, que tínhamos passado a ver apenas como a nossa igreja, quase tão bem como conhecia a minha casa, com os seus tortos pilares de pedra erguendo-se até às abóbadas góticas no teto e fortalecidos com aros de ferro. No chão, lajes simples de mármore cinzento ecoavam a sua modéstia inerente. Pedra fria rodeava-me e, por enquanto, acompanhava o que me ia no coração. Notei alguma degradação nas paredes cinzento-escuras.

– Poderíamos doar algum dinheiro para restaurar a nossa igreja – sussurrei. Era um comentário inútil e nada adequado, mas precisava de um motivo para falar com Henri ou seria obrigada a olhar a assistência eufórica que tinha vindo assistir. Talvez tivesse sido esse o suborno oferecido ao padre para esquecer os documentos necessários. Era um velho doce, sem dúvida tendo sido intimidado pelo esforço conjunto dos chefes das famílias Delacroix e De Lasset.

– Está tudo bem – disse Henri, tocando-me a mão como se fosse um animalzinho de estimação obediente. Era óbvio que percebia em que pensava.

Ergui o olhar da bainha do vestido para as janelas altas perto do teto. Sempre me intrigara a forma como todas, exceto uma, tinham vidro transparente. Talvez Henri estivesse certo em deixar a catedral como estava. A sobriedade tornava a presença do único vitral ainda mais bela.

Estávamos quase lá e, finalmente, consegui olhar o aglomerado de homens que me esperavam: o padre, o futuro marido. Felix espreitava-lhe sobre o ombro, esboçando-me um sorriso

destemido e segredando algo ao homem a seu lado. Mas o noivo não se virou. Esperou pacientemente, como tinha esperado durante toda a sua vida até ser suficientemente adulta para poder roubar-me à minha família.

Henri e eu parámos a seu lado. Era quase tão alta como Aimery, mas nunca me olharia como sua igual, nunca me reconheceria como pessoa possuidora de méritos. Daquele dia em diante, o meu papel seria satisfazer todas as suas necessidades e, acima de tudo, dar-lhe o herdeiro que lhe era necessário... e talvez mais alguns filhos.

Meses antes, ouvira os homens falar sobre a guerra, mas a conversa fora suficientemente distante, como se não acreditassem que pudesse acontecer. As notícias publicadas pelos jornais e veiculadas em vários relatórios sugeriam que o sangue partilhado pelos netos da rainha Vitória poderia não ser suficiente para salvar a Europa de uma guerra motivada pelos problemas entre o Império Austro-Húngaro e a Sérvia.

Desligara-me da conversa. O nosso pai era demasiado velho para se envolver fisicamente na guerra franco-prussa e os meus irmãos ainda não tinham nascido. A hostilidade alemã permanecia sepultada em alianças. Sabia apenas o que aprendera na escola e, apesar de ter sido submetida a uma dieta regular de propaganda bélica, a política interessava-me apenas de forma marginalmente superior ao casamento com Aimery. A minha inspiração, o que me fazia acordar e sorrir ao dia que me esperava, era ajudar o meu pai e Felix a fabricar perfume. O resto do mundo pouco me interessava além do facto de albergar novas plantas e aromas que pudéssemos descobrir.

Apesar de ter demonstrado possuir o dom, não me era permitido ser conhecida como nariz, mas o meu conselho era procurado e ouvido com atenção. Integrava a máquina familiar que produzira o notável e popular *Minuit*. E fora eu a escolher o nome: meia-noite. Mais recentemente, o nosso *Coeur de Printemps* criara uma avalanche de encomendas e, para transmitir a sensação de coração de primavera, tínhamos combinado onze estonteantes fragrâncias com um equilíbrio tão minucioso que recordava a forma como discutimos até à última gota de vetiver. Debatesmos acaloradamente a inclusão de anis ou a exclusão da sua presença persistente e também o facto de a íris permanecer suficientemente fresca depois do esbater da primeira inspiração. Felix e eu discordámos acerca da alfavaca, defendemos posições opostas acerca da toranja e angustíamo-nos em conjunto com a inclusão do âmbar-gris.

A minha mente estava sempre repleta de combinações. Sentia que não tinha espaço mental para o drama quando o *kaiser* ofendeu a Rússia e quando os vizinhos da Alemanha se uniram subitamente contra ela, movidos por um rancor comum contra Berlim. A Grã-Bretanha, pátria da minha mãe e titã naval, ficara alarmada com o reforçar do poderio marítimo alemão. Percebi que a Europa se dividira subitamente em dois opostos, com a França juntamente com a *Entente* e a Alemanha com os seus aliados, a que chamávamos Potências Centrais, mas isso ainda não produzia em mim um impacto real. Lembrava-me de ouvir o meu pai falar com o mesmo médico, o Dr. Bertrand, dizendo-lhe que a guerra na Europa parecia inevitável.

Aimery parecia concordar e fora esse o motivo da sua insistência no casamento. Para fundar a sua linhagem e gerar filhos que carregassem o nome da família e desenvolvessem o negócio,

independentemente do que acontecesse. E, ali erguida, olhando o único vitral que projetava cores como decoração divina sobre o cenário neutro em baixo, apercebi-me subitamente de que Henri seria o próximo. Casar-se-ia urgentemente para alcançar o mesmo objetivo. Não tinha qualquer intenção de arriscar deixar o futuro dos Delacroix nas mãos de uma mulher, mesmo que fosse uma mulher com o talento sublime que sabia possuir. Era tão rígido que arriscaria gerar um herdeiro masculino sem o talento para que a família pudesse ser chefiada por um Delacroix. E havia sempre Felix... O «nariz» da família perdurava nele. Poderia orientar o crescimento do novo herdeiro.

Fixei um olhar acusador no nosso padre que teve a delicadeza de desviar os olhos repletos de remorso. Tínhamos percorrido demasiado caminho para voltarmos para trás. Soube que aquele homem encantador teria estado em desvantagem numérica, sem forças para se impor aos chefes das famílias mais influentes da comunidade que servia. Esperei que, pelo menos, tivesse esboçado resistência válida em meu nome nas questões morais. O padre fez uma pergunta e ouvi Henri responder com tom formal. Mesmo assim, não consegui perceber as palavras, dominada pelo alarme súbito de perceber que os acontecimentos progrediam em ritmo acelerado. Restavam-me momentos de liberdade Delacroix. Cada partícula do meu corpo recusava o passo seguinte, mas o dever conduzia-me os passos. Com uma leveza no coração contrastante, Henri sorria enquanto acenava com a cabeça a Aimery, encantado por se libertar do fardo da sua irmã solteirona. Não queria que Henri me libertasse. Era uma sensação rara, mas, quando me soltasse, passar-me-ia ao novo dono de algo que, até ali, lhe pertencera.

Aimery só se voltou nesse momento. Pestanejou. Vi satisfação na sua expressão e precisei de desviar o olhar para não voltar a erguer a bainha do vestido, correndo para a porta da igreja.

Assombrada pelo óleo essencial de violeta comum que fora o preferido da nossa avó, que usara e pairava no ar à minha volta, casei-me com Aimery e tornei-me a Madame De Lasset. Quando os sinos da catedral iniciaram o seu clamor triunfal e emergimos das sombras da nave para o dia soalheiro, provocando gritos trovejantes de júbilo, percebi que Graciela tinha partido.

Não a censurava. Também não esperaria para ver o homem que considerara ser o meu companheiro para a vida casado com outra mulher. O cotovelo de Aimery entrelaçava-se no meu enquanto arroz e cevada voavam pelo ar para nos oferecerem fertilidade e prosperidade durante o nosso casamento.

As celebrações em minha casa decorreram comigo num transe, sorrindo e aceitando os elogios e os votos de felicidades, agradecendo aos convidados pelos presentes tão abundantes que eram armazenados numa série de divisões na nossa casa para serem catalogados e devidamente agradecidos num momento posterior. Prazia dias passados a escrever cartas, encontrando formas novas e criativas de exprimir o mesmo sentimento para que cada destinatário se sentisse igualmente valorizado.

Entretanto, precisava de ser vista a comer em público as cinco drageias brancas suavemente perfumadas com violeta, outro ato simbólico para obter saúde, riqueza, felicidade, longevidade e, claro, fertilidade. A minha capacidade de gerar um herdeiro De Lasset estava na cabeça de todos, sobretudo de Aimery, que não parava de fixar em mim um olhar sedento.

Os convidados reuniam-se para nos ver cortar o bolo, enquanto bebíamos satisfeitos goles de champanhe efervescente em brindes sucessivos, quando ouvimos um ruído ominoso suficientemente alto para ecoar pela noite limpa de verão. Bocas abriram-se de espanto, olhando quem se erguia em redor em alarme. *Flûtes* de champanhe permaneceram suspensas a meio caminho de bocas abertas, com expressões de choque transformando-se em preocupação e acompanhando o irromper de murmúrios de uma palavra: «Guerra.» Mas a reação foi mais contida que declarada. Horas antes, os sinos tinham transmitido a alegria pela celebração de um casamento, mas, naquele momento, o som era arrastado e fúnebre. Era o toque que mobilizava os homens da nossa cidade para a guerra.

Um frio gélido alastrou por todos nós. Vi o criado pessoal de Henri segredando-lhe alguma coisa, mas não era necessário, já que todos conhecíamos o significado dos sinos. Aimery e

Felix juntaram-se a eles e falaram por breves segundos. O criado baixou a cabeça e partiu. Ecoou pela minha cabeça a certeza de que suspenderiam a boda, mas isso significaria que Aimery me levaria para «casa» mais cedo.

Aimery foi o primeiro homem do trio a mover-se, erguendo uma mão num gesto que pedia calma enquanto continuava a segurar com a outra o champanhe borbulhante.

– Amigos, informam-me de que o presidente ordenou a mobilização do exército e, ao que parece, esta será a nossa última noite juntos durante algum tempo. – Os nossos convidados recomeçaram a murmurar, mas Aimery conseguiu apaziguá-los. – Não sabemos o que o futuro trará, mas estou de certo de que falo em nome de todos ao dizer que a possibilidade de guerra com a Alemanha não conseguirá abalar a minha alegria. Peço que tragam a minha espada e uma garrafa de champanhe por abrir. Ao que parece, precisarei de começar a treinar o golpe.

O gracejo motivou aplausos e palavras jubilantes. Quis fugir, mas Aimery fixou em mim o olhar para assegurar que a sua esposa adorada se mantinha por perto para assistir à graça seguinte, quando executasse o ritual da abertura do champanhe com um sabre.

Não acreditei que conseguisse manusear o sabre com tamanha habilidade, mas julguei-o mal. Depois de brandir a arma de forma arrogantemente despreocupada, golpeando o ar para gáudio espantado das mulheres presentes, aceitou a garrafa de champanhe que seria aberta. Fui convidada a erguer-me a seu lado como sua noiva apaixonada.

– Para ti, minha bela esposa – anunciou.

Equilibrando a garrafa com perícia nos dedos esticados, pressionando o polegar contra a concavidade no fundo, vi-o usar a lâmina contra o vidro e admito que me senti tão surpreendida quanto Felix parecia quando o gargalo voou da garrafa sem que a rolha se soltasse.

O ato mereceu aplausos sonoros, especialmente quando o líquido espumoso explodiu de forma orgásmica do vidro cortado. Havia ali outra mensagem simbólica, que sabia que seria compreendida por todos, mas que decidi fingir ignorar. O ato real seria suficientemente assustador sem sucumbir àquela antevisão teatral.

Como se a ameaça de guerra tivesse sido momentaneamente esquecida, Aimery serviu o néctar borbulhante num dos cálices da nossa família, representando *le coupe de mariage*, e brindou à nossa união. Foi Catherine quem avançou com o minúsculo cubo de brioche torrado, deixando-o cair no cálice.

– Brindemos a uma vida conjunta plena de saúde – proclamou Aimery. *Flûtes* foram erguidas em resposta enquanto insistia que bebêssemos juntos do cálice perante um coro de «oohs» e «aahs» do seu público devoto.

Logo que pude, pedi licença e fugi. Os mais velhos sorriram com aquele brilho indulgente e conhecedor. Estaria tão nervosa na minha noite de núpcias como esperavam que deveria ficar? Claro que sim. Os votos solenes num local sagrado para a nossa família tinham sido uma afronta emocional, mas o desafio que me esperava seria puramente físico e reagia e ele com náusea intensa. Além do receio da ignorância, imaginar as mãos suadas de Aimery sobre a minha pele... sobre as minhas partes íntimas... fazia o meu coração bater com ritmo acelerado, ribombando de forma tão sonora no meu peito que acreditei que não tardaria a precisar de vomitar. O melhor seria afastar-me.

Até ali, conseguira ignorar com firmeza que seria o arrogante Aimery a ter o prazer de tomar a minha virgindade, mas, com a aproximação do momento, o pensamento terrível escapou à jaula interna onde o aprisionara. Como o fumo do Dr. Bertrand, moveu-se como um espectro, atravessando-me, pressionando aqui, incomodando ali, recordando-me que a última hora começara a esgotar-se. Se, pelo menos, houvesse outro homem que amasse... até mesmo um homem mais velho por quem sentisse uma paixão, poderia ter-lhe oferecido a minha virtude para negar a Aimery a maior joia da sua negociata. Mas até nisso fracassara.

– Como te sentes, Ettie? – Felix encontrara-me finalmente. Percebi ao fugir do salão de baile que seria uma questão de tempo até deixar os nossos convidados, passando pelo pequeno portão no extremo mais distante da nossa propriedade e percorrendo o caminho sinuoso até à casa que o nosso pai mandara construir, por ocasião do nosso quinto aniversário, para albergar as nossas brincadeiras.

Olhei do alto do nosso refúgio elevado, erguendo-se na encosta da colina sobre Grasse. Sempre me fizera lembrar o camarote que a nossa família ocupava no balé, de onde nós e famílias igualmente influentes contemplavam os menos afortunados... E de onde, claro, nos olhávamos também uns aos outros. Não conseguia ver dali a casa de Aimery, que em breve seria a minha prisão. Pareceu-me que era melhor assim. Durante talvez mais uma hora, continuaria a ser aquela a minha casa e aproveitei a oportunidade para olhar o vale pitoresco onde tínhamos as nossas raízes.

Não respondi imediatamente ao meu irmão. O meu olhar fixava-se de forma inabalável nos socacos ajardinados, todos eles coroados com rosas-de-provença, descendo até à tapeçaria de campos onde flores de perfume intenso se alinhavam apumadamente. As roseiras não tinham flores porque as tínhamos colhido durante a primavera, mas o verão estava no seu zénite naquele momento, demonstrando a sua força e comprazendo-se com o poder regenerador que conseguia exercer sobre o solo previamente gelado pelo inverno. Naquele ano, algumas das nossas preciosas roseiras tinham-se mostrado resplandecentes com o rosa intenso das suas pétalas, contendo um coração ricamente dourado no centro da flor, podendo ser incluídas no meu ramalhete e na decoração das mesas do festim. A generosa colheita anual daqueles campos permitira pagar a opulência do meu casamento, o motivo para estar ali sentada no ocaso, sentindo tamanha ingratidão.

E, apesar das rosas gloriosas, tão cruciais para a riqueza e sucesso da nossa família, para a sua importância, estando no seu âmago, detetei naquele frio noturno um indício de muguete por baixo das árvores nos socacos. A nossa mãe chamava-lhe lírio-do-vale e sempre achei que era um nome mais bonito. Emitia a sua fragrância quase narcótica, que me encontrou e conseguiu tranquilizar-me. Uma planta tão pequena e venenosa e que, apesar disso, era tão encantadora, com as doces campainhas brancas que incluía no meu ramalhete de noiva devido à beleza límpida que conferiam à conjugação de perfumes. Como poderia descrevê-lo? Tímido, talvez. Para mim, representava uma mulher delicada de fino gosto, de porte exemplar e vestes sofisticadas. No fabrico do perfume, se a ordem hierárquica colocava a rosa como rainha e o muguete como princesa, o rei seria, sem dúvida, o jasmim. Esta flor de odor intenso era como uma almofada de veludo opulento. Tudo nela exalava noite e sensualidade. A minha mente

vagueava.

– Ettie?

– Como achas que me sinto? – respondi finalmente, regressando ao presente, sem pressas. Ambos odiávamos que alguém respondesse a uma pergunta com outra pergunta e fazíamos questão de usar esse estratagema para nos arreliaarmos mutuamente. Ele era melhor nisso do que eu, mas apenas porque Felix sabia como divertir com as suas provocações em vez de irritar.

Daquela vez, não reagiu da forma costumeira. Ao invés, dirigiu-me um olhar de soslaio pleno de mágoa. Desejei que não se sentisse mal por mim, mas talvez não fosse realmente mágoa. Talvez fosse pena. Felix nunca se ofendia e perdoara-me sempre todos os comentários rudes durante as duas décadas da nossa convivência. Era o que faziam os melhores amigos.

– Sou quem melhor compreende porque estás aqui, mas, além de teres fugido a quem esperava saudar-te, como justificarás a tua ausência aos convidados?

– O perfume não espera por nenhum homem... ou mulher. Estou ocupada a compor um novo perfume na minha mente – disse-lhe, tentando soar altiva. – A tua interrupção acaba de arruinar as notas intermédias.

– Reconheço que a criatividade não se coaduna com compromissos. Faz-me a vontade e descreve-me essa fragrância com uma palavra. – Felix sorriu. Sabia que tentava animar-me, mas não sentia qualquer vontade naquela noite de me deixar arrastar pela disposição do meu irmão.

– Pesarosa – repliquei.

– Oh, Ett...

Encolhi os ombros.

– É verdade. O aroma é triste. O jasmim será sempre a minha base.

Alinhou.

– Esclarece-me para poder cheirá-lo.

Era um jogo que jogávamos. Sempre fascinara o meu pai a forma como um de nós conseguia fazer uma descrição e o outro fechava os olhos, conseguindo cheirar a fragrância e saborear as suas partes constituintes, como uma sinfonia, tocando todas as notas para compor a melodia de um perfume. Não sei se assim era por sermos gémeos ou simplesmente porque ambos tínhamos herdado um talento tão sublime, mas éramos bons. Quando o fazíamos, éramos como feiticeiros.

– Jasmim para sensualidade adormecida, ainda não preparada para se entregar. – Vi-o pressionar os lábios. Não era Felix o alvo que queria ferir com os meus pensamentos sombrios.

– E uma sugestão de sândalo e cravinho.

– Exótico.

– Noturno – sugeri, vendo-o acenar com a cabeça enquanto o céu escurecia depois de ultrapassado o seu rubor terno, como se os anjos tivessem mergulhado uma pipeta de tinta naquele oceano. Em breve, seria como se uma torneira tivesse sido aberta, daquela vez vertendo tinta mais escura, o negro azulado inglês com que aprendi que a minha mãe gostava de escrever, tingindo a cúpula celestial e selando o meu destino.

– Continua – insistiu ele, como se soubesse em que pensava e quisesse distrair-me.

– Ao jasmim sobrepõe-se pimenta-negra, zimbro, alfazema e gerânio.

Abriu os olhos de repente.

– Agressivo – considerou.

– Porque estou irritada.

Esboçou-me outro sorriso triste.

– Termina-o.

– Ainda não sei – repliquei, voltando a olhar Grasse e os campos agora envoltos em sombra profunda. – A minha mente diz-me que este perfume precisaria de alguma doçura, que a rosa deveria ter infiltrado a sua fundação, mas o meu coração não deseja ternura nesta fragrância. Talvez clementina e um pouco de lima?

– Fresco – notou, surpreendido.

– Como um tabefe – disse eu, motivando-lhe uma gargalhada e juntando-me a ela sem qualquer alegria real.

– Que lhe chamarias?

– *Morne*. – A sua expressão de pesar fez-me erguer um ombro, arrependida. – Pesar é o que sinto.

– Ouve, Ettie. – Aproximou-se mais e cobriu a minha mão com a palma da sua, seca e grande.

– O espetáculo da gente da cidade cobrindo-te com uma chuva de pétalas de rosa não foi apenas hipnótico. Foi também um símbolo poderoso. Nesse momento, enquanto olhava a sua alegria e mesmo sabendo que não quererás ouvir isto, creio que Henri tomou a decisão certa. – Virei-me, mas vi que erguia uma mão. – Talvez não para ti, querida irmã, mas para toda a cidade... Este é o momento de encontrares a graça de que o nosso pai sempre falou.

Engoli em seco enquanto dizia aquilo que se ia repetindo na minha mente. A graça abandonara-me naquele dia e chegara o momento de parar de fugir ao que se esperava de mim.

Como se precisasse de lancetar a ferida, permitindo que todo o veneno saísse, Felix continuou, avançando contra a penumbra, aumentando a dor se fosse necessário, sem dúvida para limpar a disposição tóxica.

– Quanto à legalidade, são apenas documentos que ficarão devidamente assinados amanhã, seguramente antes de...

– O presidente da câmara já regressou de Nice?

– Não é um dos convidados, se é a isso que te referes.

Reagi com um esgar.

– A questão é que ninguém se importa realmente neste momento de tensão porque desejam mais este casamento do que desejam impedi-lo por um pedaço de papel. A ameaça da guerra altera tudo. Do ponto de vista das pessoas, és a noiva mais bela que alguma vez viram e estão todos delirantemente felizes pela união de duas famílias importantes.

Sabia tudo aquilo e, mesmo assim, precisava que mo recordasse. Permaneci em silêncio e deixei que dissesse tudo. Porque não podia seguir o que ditava a minha consciência e porque recusava ceder às opiniões de Henri, restava uma pessoa que talvez conseguisse convencer-me.

– Esforça-te para que funcione com Avery. Olhou-me nos olhos e prometeu-me que te venerará.

– Confias nele?

– Foi uma criança vil, mas parece-me que o colégio interno e Paris lhe fizeram bem. Contou-

te certamente as suas viagens?

– Sim. Invejei-o. E o seu irmão? – Franzi a testa. – Nunca sabemos nada dele.

Encolheu os ombros.

– Éramos demasiado pequenos quando a sua mãe partiu. Nem sequer sei se Sébastien já tinha nascido.

– Porque partiu?

– Não sei ao certo. Por se sentir infeliz, provavelmente. Segundo ouvi dizer, foi dito às pessoas de Grasse que regressava a Inglaterra para dar à luz o seu segundo filho e que, para se restabelecer, faria uma grande viagem. Todos dizem que o levou com ela e suponho que nunca terá regressado. Julgo ter ouvido ao nosso pai que visitaram portos exóticos em África e na Índia... Penso que Sébastien enviou sândalo australiano a Aimery.

– A Austrália. Gostaria de a conhecer. Vive em Inglaterra agora, não é assim?

– O nosso pai contou-me há alguns anos que é mais inglês do que francês por lá ter vivido nas duas décadas anteriores. Mas confesso que esperava que regressasse para o casamento e para, por assim dizer, encerrar as hostilidades. Não que os dois irmãos se conheçam suficientemente bem para poderem manter um rancor partilhado.

– O regresso do irmão dileto. Uma boa oportunidade para ultrapassar desentendimentos – disse, sabendo que ambos víamos aquela conversa como uma forma de evitar o inevitável.

– Talvez não se importe suficientemente com o seu irmão para ficar incomodado. Serão totalmente estranhos um para o outro.

– Será que a Madame De Lasset ainda vive?

Acenei afirmativamente.

– A última do quarteto. – Era assim que eram conhecidas as duas grandes famílias da geração anterior. O Quarteto de Grasse. Os seus pais tinham fundado o império, mas tinha sido o nosso pai e o pai de Aimery a construírem as suas fortunas. – Estará a meio caminho entre os cinquenta e os sessenta, sem vontade de viajar para assistir ao casamento do seu filho mais velho.

– Não se preocupou com ele durante estes anos todos. Não imagino que possa sentir-se grandemente incomodada pela sua escolha de noiva.

Fixei nele um olhar intenso.

– Porque não? O quarteto permanece intacto mesmo com este casamento. Mesmo que o filho de quem não gostava suficientemente para criar tenha sido imposto a uma noiva que não o deseja.

Encolheu os ombros, claramente aborrecido pela natureza repetitiva dos meus argumentos. Também eu me cansava de ouvir as minhas lamúrias.

– Ettie, tenho de te recordar que casaste com um homem e não com o rapaz que recordamos.

Suspirei. Não estava convencida, mas precisava de silenciar aqueles pensamentos por enquanto.

– Confias mesmo nele, Felix?

– Confio na promessa que me fez. Foi feita com sobriedade no recinto sagrado de uma igreja.

– Não tenho escolha.

– Não, não tens.

– Foi para me dizeres isso que foste enviado?

Acenou afirmativamente.

– Mas só vim porque acredito realmente.

– Dificilmente poderia gostar menos dele. Quando me olha, é como se me despisse. Odeio até o seu cheiro.

Felix riu-se, mas parecia triste por mim.

– Terás de te habituar.

– E se não conseguir?

– Não serás a primeira esposa que começa por sentir repulsa e acaba por encontrar traços redentores, edificando algo sobre eles para alcançar um nível de admiração que possa ajudar ao desenvolvimento do afeto. – A sua resposta era tão sincera como sempre, mas estava tingida pela mágoa que sentia por mim.

– Como esperas que tenha uma relação íntima com alguém que detesto?

Felix cobriu-me com o braço.

– Prometo que acabará depressa.

Não consegui conter uma exclamação de repulsa ou o arrepio que a acompanhou.

– Não és a primeira noiva a deitar-se na cama do seu marido contrariada.

– Não sei o que fazer!

– Posso...

– Não, por favor – disse-lhe, impedindo as suas palavras com um empurrão. – Não conseguiria suportar-te a tentar conjurar as instruções adequadas. Para ti, está tudo muito bem. Certamente terás namoriscado por aí. – Felix fez as sobrancelhas subirem e descenderem de forma sugestiva e trocámos gargalhadas suaves e tristes, não conseguindo contê-las. Era, sem dúvida, um riso nervoso.

– Fleurette, terás de fingir. Ou terás de conseguir encontrar alguma coisa nele que te agrade e em que possas focar-te.

– O quê, por exemplo? O seu queixo enorme?

– Talvez descubras que tem também um enorme...

– Felix! – Ri-me e cobri a boca para abafar o ruído, mas ambos ríamos alto.

– Queria dizer «um enorme e escondido sentido de humor» – mentiu.

– Ambos sabemos que isso é tão provável como chamar um dragão e fugir montada nele.

– E o seu dinheiro?

Grunhi de desprezo. Não precisava do seu dinheiro.

– Muito bem. E as portas que os seus contactos te abrirão? Mantém um espírito aberto. Se não podes amá-lo, aprende formas de te aproximares dele. Não é estúpido. E também não é feio.

– Lembras-te de arrancar asas a borboletas, traumatizando-nos? – perguntei.

– Tínhamos oito anos.

– Não mudámos muito desde então. Duvido que ele tenha mudado.

Pestanejou lentamente, caindo na minha armadilha, mas não estava à sua altura.

– Isso acontece porque somos uma sociedade. Nem sequer tem um Henri na sua vida. Cresceu

sem grandes cuidados parentais, como bem sabes. O seu pai nunca se preocupou muito com ele e a mãe abandonou-o. De qualquer forma, parece-me que poderás ser a pessoa indicada para limar essas arestas.

Cruzei os braços num gesto defensivo.

– Passarás a ter poder e estatuto, Ettie. Administrarás a tua casa.

– Já administro a nossa!

– Sim, mas apenas o fazes sob a sombra de Henri e, depois de Catherine lhe enfiar o anel no dedo, seria provável que te sentisses como uma reles criada quando o poder decisório te fosse arrancado. Encontra os aspetos positivos, Ettie. Aceita o poder que te é entregue e usa-o. Ergue-te sobre a tristeza por antecipação e dá uma oportunidade a Aimery. Não esqueçamos que serás a mãe dos seus filhos. É aí que reside o verdadeiro poder, querida irmã. Influencia os teus filhos, orienta-os em tudo o que discutimos ao longo dos anos acerca do cultivo das plantas. Deus saberá que consegues ser criativa nesse campo. E, mesmo que não tenhas conseguido chegar a algum lado com o nosso pai ou com Henri acerca dessas ideias... talvez com Aimery ou potencialmente através dos teus filhos consigas perseguir esses sonhos.

Felix falava a sério. Se fosse qualquer outra pessoa, ter-me-ia sentido manipulada, mas aquele irmão, aquele batimento gêmeo do meu coração, compreendia a minha paixão e sabia o que me guiava. Dava-me esperança onde antes não existira nenhuma.

– E se tiver filhas?

– Serão tão destemidas como tu. Ensina-lhes tudo o que sabes sobre perfumes, mas, até lá, sê a melhor esposa que conseguires ser para conquistares poder e influência com rapidez. Lida bem com Aimery e poderás conseguir moldá-lo como quiseses. Asseguro-te que a maioria dos homens ficam indefesos nas mãos de uma mulher bela.

– Imaginá-lo a tocar-me agonia-me.

– Poderás aprender a apreciá-lo.

Abanei a cabeça.

– Quero apaixonar-me. Como os nossos pais se apaixonaram. Como poderei conseguir isso quando o homem com quem deverei deitar-me me deixa gelada? Quero criar perfumes inspirados pela paixão. Não pelo desespero.

O meu irmão fixou em mim um olhar infeliz.

– Eu sei, eu sei – disse-lhe eu, resignando-me. – Não é o meu lugar, mas isso não me impede de querer fabricar perfume.

– Tens uma vida nova à tua frente. Aproveita-a da melhor forma e, pelo caminho, continua a influenciar a indústria perfumista. A nossa empresa não poderia ter chegado à posição destacada que ocupa sem ti. E eu estarei aqui, ao fundo da rua. Poderemos visitar-nos todos os dias.

Acenei com a cabeça, sabendo que tudo o que tinha dito estava certo.

– Acreditas que o que se passa com os militares é apenas pose ou espera-nos uma guerra longa? Não tenho prestado atenção suficiente, mas sei que tu tens.

Sabia que Felix não ficaria surpreendido pela mudança de assunto. Também sabia que não me trataria como se me faltasse capacidade mental para compreender apenas por ser uma mulher.

– Sim – respondeu, ficando imediatamente taciturno. – É por isso que o presidente da câmara e os conselheiros não deram sinais de vida durante a maior parte do dia anterior. Suponho que não tardaremos a saber quando o decreto nos chegar de Paris.

– Continuo a esperar que consigamos evitar uma guerra aberta.

– Duvido. O nosso exército já começou a mobilizar-se. A Grã-Bretanha acreditou que conseguiria mediar a conferência de paz em julho passado, mas conseguiu apenas inflamar o *kaiser*. Sentiu que eram condescendentes.

– Dizes que passou a sentir-se obrigado a declarar guerra?

– Sei que a Alemanha não quis obedecer prontamente às ordens do ministro dos Negócios Estrangeiros britânico apesar da cordialidade com que foram apresentadas – respondeu, pacientemente. – Também sei que a Alemanha afirmou que apoiaria sempre o Império Austro-Húngaro. Mas não compreendo porque todos os que dizem que não desejam a Europa em guerra parecem fazer tudo para assegurar que marcharemos para esse fim.

– E...

Os sinos pararam de soar. Imaginei os sineiros transpirados com o esforço, sendo-lhes dito que teriam de concluir para irem vestir as suas fardas. Calei-me antes de permitir que a minha mente tão fácil de distrair vagueasse. O silêncio renovado pareceu-me mais sonoro e persistente que qualquer toque de sino.

Felix olhou à sua volta, com o silêncio total, e olhou o relógio.

– Está na hora de voltar para dentro, Ettie. – Parecia cansado, como se falar sobre a guerra o tivesse deixado exausto. – Precisas de regressar à festa.

O suspiro por ser forçada a regressar ao meu dever saiu antes que pudesse travá-lo.

– Vamos – insistiu ele. – Pondo de parte assuntos de Estado, é também o momento de deixar o nosso recreio de infância. – Ofereceu o braço que aceitei de bom grado e começámos a caminhar de volta para a casa iluminada por lanternas e com música encantando a encosta e riso vindo do interior das paredes felizes. Felix suspirou. – Terás de crescer esta noite. Satisfá-lo. Por mais que isso te custe.

– Mas é a guerra, Felix – disse. – Nada disto importa! – insisti, ajustando a renda ondulante. – Além disso, não saberei o que fazer.

– Ele saberá.

– Viste a Graciela Olivares?

– Não. – Parecia intrigado. – Não me parece que a tenham convidado.

– Não foi convidada. Estava à frente da igreja.

– Entre a gente da cidade?

Acenei afirmativamente.

– Era a única que não gritava de júbilo. O seu olhar ardia como fogo grego. Disparou-o sobre as cabeças de toda a gente.

– É o sangue espanhol que lhe corre nas veias. Mas não poderás culpá-la.

– Não culpo, mas gostava que o culpasse a ele e não a mim.

– Talvez possa oferecer-me para apaziguar a sua ira? – Pestanejou.

No interior da casa, e na varanda onde os convidados comiam de mesas pequenas, fingi

agrado e ouvi conversas. Parecia que os mais velhos estavam ansiosos para vingar o desastre franco-prussiano do século anterior enquanto os convidados mais jovens davam largas à bravata, parecendo igualmente ansiosos para saborear a guerra. Aimery deixou-me sozinha enquanto ria ruidosamente com os seus companheiros do exército, sem dúvida arrastando-os para um frenesim de arrogância baseado na sua suposta invencibilidade. Não me desagradava que as horas passassem daquela forma, mas tudo aquilo se desenrolava à minha frente enquanto olhava numa espécie de torpor. A comida e a bebida pareciam fluir mais depressa, como se me empurrassem para o meu destino, mas foi só quando o presidente da câmara chegou, acabado de regressar de Nice e desculpando-se pelo atraso, que consegui focar-me no que acontecia. Ouvi Felix rindo-se por perto e dirigi-lhe um olhar de pálpebras semicerradas, fazendo-o aproximar-se e dar-me o braço.

– Parto para a guerra, irmãzinha. Não quero que a minha última recordação tua seja uma expressão assustada e repleta de azedume.

Aimery aproximou-se antes que pudesse responder a Felix, trazendo Henri consigo.

– Ah, aqui está ela – disse Aimery em tom jovial, mas percebi a falsidade. – Olá, minha querida – disse ele, afastando-me de Felix. Foi um ato deliberado cujo significado não nos escapou. – Procurava-te. – Beijou-me a mão. – De agora em diante, não te perderei de vista.

Senti uma nova pontada de desespero atravessar-me.

– Despedia-me de tudo o que me é familiar – arrisquei.

– Mudas-te para uma casa nesta mesma rua, minha querida. Prometo que voltarás aqui com regularidade, mas espero que faças da minha casa a tua a partir desta noite.

Olhou-me fixamente e ouvi as palavras «que faças da minha cama a tua» ecoando-me pela mente num sussurro.

– A guerra não te preocupa, Aimery?

– Não neste momento, mas prometo que lhe darei toda a minha atenção em breve – disse-me ele, calando-me com a sua condescendência. Parecia que era a única pessoa a colocar a possibilidade aterradora de uma guerra à frente da possibilidade ligeiramente menos aterradora de me deitar na cama com Aimery.

– Está na hora de partir? – perguntou Felix, poupando-me a resposta. – São quase dez. – Não conseguiria salvar-me dali em diante e, por isso, ergui os ombros e esforcei-me para tomar o controlo.

– Será, certamente – repliquei, percebendo o olhar intrigado que partilhavam os conspiradores daquela união terrível e brilhante. Quis dizer «vamos acabar com isto». Ao invés, forcei um sorriso. – Despedimo-nos, Aimery?

Os seus olhos brilhavam com determinação.

– É verdade. Vem, querida. Penso que teremos de passar por um último ritual.

– Oh, não. Não podemos fugir? – perguntei, esperando puxá-lo para uma fuga partilhada ao esperado. Percebi que fora uma esperança vazia quando vi que não percebeu a graça. A sua expressão de horror disse tudo.

– Nem pensar, rapariga. Os convidados esperam um desempenho formal de *le charivari*.

Rapariga? Ali estava, a prova inequívoca da forma como o meu novo marido me via. A

última prova viria dali a cerca de uma hora. Olhei Felix, que se afastava, recusando olhar-me, abdicando já da sua gémea, como ambos sabíamos que teria de acontecer.

– Vamos, Fleurette. Sê forte – insistiu Aimery. Notei que não conseguiu disfarçar suficientemente o seu desagrado quando me acenou com uma mão impaciente.

Henri foi gracioso a ponto de me dirigir um olhar envergonhado, mas não consegui olhá-lo com raiva. Na verdade, nem sequer conseguia suportar o seu olhar, pois deixara para trás o caloroso laço familiar que nos unia na igreja, quando o vi partilhar com Aimery um olhar de profunda satisfação assim que o padre nos declarou casados.

Naquele momento de arrogância partilhada, odiei-os aos dois.

Le charivari foi algo previsivelmente ruidoso. A serenata trocista foi tocada em instrumentos que iam de apitos a tampas de tacho batidas e ao golpear de panelas com colheres de pau. Era um costume francês que esperei conseguir evitar, mas, aparentemente o champanhe fluíra com rapidez e vigor, encorajando os nossos convidados habitualmente cordatos a esquecerem a sua consciência do ridículo, juntando-se à gente da cidade que esperava para o ato público derradeiro.

A gente da cidade começou e soube que o faziam com afeto, sobretudo por não lhes ter sido permitido acompanhar-me no caminho para a igreja. Não perderiam a oportunidade de me acompanharem até à cama do meu marido.

E lá fomos, supostamente felizes e de braço dado, sorrindo para os convidados e para o povo de Grasse que queria que aquele casamento raro e importante funcionasse. Deveríamos subir a encosta até à mansão da família De Lasset, onde os últimos laços frágeis que me prendiam ao nome Delacroix seriam cortados de forma tão brusca como, sem dúvida, Aimery entraria dentro de mim.

A cacofonia conferiu uma solidez aos ruídos na minha cabeça que só eu conseguia ouvir, seguindo-nos até à entrada grandiosa para a sala de receções, no alto da escadaria magnífica. Outro lanço de escadas conduzia ao piso da residência que passaríamos a partilhar.

Passaria aquela noite no quarto de Aimery, mas sabia que, na manhã seguinte, me seria mostrada uma ala daquele piso que albergaria os meus aposentos privados, incluindo o meu *boudoir* e casa de banho, uma saleta e sala de estar para receber amigos próximos. Mas o dia seguinte pareceu-me muito distante quando Aimery silenciou a música desafinada produzida pelo nosso cortejo, sobretudo pelos jovens, fazendo-lhes a vontade e tomando-me nos braços enquanto me transportava de forma cavalheiresca para o seu quarto, batendo-lhes a porta na cara.

Aquilo motivou aplausos sonoros e esperámos que o ruído cessasse, assinalando o momento em que nos deixariam sós.

– É provável que tenham prendido guizos ao colchão – advertiu enquanto descrevia uma volta completa para contemplar o cenário da minha tortura. Enquanto o fazia, iniciou-se um novo lamento urgente e ávido. Os oito sinos da catedral de Notre-Dame de Puy recomeçaram a tocar

e pensei se o velho sacerdote estaria pendurado das cordas com os acólitos.

– Custa-me acreditar que estamos realmente em guerra.

Aimery olhou-me com indiferença e demorou-se a despir o casaco e a desabotoar o colarinho.

– É verdade, Fleurette. A guerra encontrou-nos.

Aimery pestanejou lentamente como se precisasse de esforço para se manter paciente.

– Queres que seja eu a fazê-lo? É provável que seja mais rápido.

De certeza que sim.

– Não, Aimery. Não é necessário – disse-lhe, tão delicadamente quanto podia, mas continuava em choque por ouvir os sinos anunciarem a mobilização dos homens de Grasse enquanto o meu marido insistia na satisfação dos seus direitos conjugais. Sabia que os dedos trémulos dificultavam a abertura do corpete e, apesar de tentar convencer-me do contrário, suspeitei que Aimery conseguiria percebê-lo. Tinha ensaiado em privado. Conseguiu abri-lo em poucos segundos, e mesmo assim, esse talento recém-adquirido tinha-me abandonado quando mais precisava dele.

Esforcei-me um pouco mais e, por fim, os atilhos soltaram-se e o corpete rosa-pálido concebido para ficar por baixo do creme do meu vestido, moldando uma silhueta perfeita em «S», caiu.

O meu marido não conteve um suspiro exasperado.

– Finalmente. Ouves como a guerra é impaciente, querida – disse, apontando a janela aberta, através da qual o som dos sinos entrava com energia inabalável. Notei que o olhar de Aimery se demorava na combinação fina e justa que era o único resquício da minha modéstia além das meias de seda bordada que baixava rapidamente.

Esbocei-lhe um sorriso ténue e o seu gracejo forçou-o a suspirar de forma audível.

– Bebamos um conhaque juntos, sim?

– Não be...

– Não me importa, Fleurette. O conhaque descontraí-te-á.

Desabotoou mais a camisa, tirou a gravata e atirou-a descuidadamente para longe. Ouvi o alfinete da gravata tilintar quando embateu contra o prato colocado sobre a mesa-de-cabeceira. Passou pela lareira de mármore, arregaçando as mangas.

Não tinha frio, mas estremeci antes de concordar com um aceno, resignada. Vi-o colocar simbolicamente a rosa que tinha usado no casaco sobre a lareira adormecida onde a lenha esperava para ser acesa dali a três meses. Deveria retirar um botão de rosa do meu ramo para depositar ao lado da sua rosa e arderiam na primeira fogueira do inverno, simbolizando uma longa vida e muitos invernos quentes em conjunto. Por mais que tentasse aceitar a ideia, Aimery não conseguia avivar as minhas chamas interiores. Não gostava dele. Havia quem o considerasse bonito... Eu não.

Passou-me um copo bojudo contendo um trago de bebida. Bebi enquanto Aimery cheirava o seu conhaque de forma teatral.

– Ah, o melhor de Charente – disse. – Sabias que os holandeses lhe chamavam brande queimado?

Abanei a cabeça enquanto os vapores me desentupiam o nariz.

Falou sobre conhaque durante algum tempo. Não prestei atenção, mas bebi em silêncio, permitindo-me o máximo de ajuda para adormecer os sentidos. O conhaque misturou-se com o pequeno copo de champanhe que consegui beber e uma grande sonolência começou a carregarme os ombros. Poderei mesmo ter bocejado. Aimery esboçou um sorriso faminto.

– Porque não veio o teu irmão ao casamento? – perguntei com voz ensonada.

– Sébastien? – Sorriu. – Ao que parece, vem a caminho.

Aquilo surpreendeu-me.

– Esperava que viesse. Lamento que tenha perdido o dia.

Aimery encolheu os ombros.

– Deveras? Não sei porquê. Nunca o conhecestes e nem eu o conheço. Que idade terá? Um par de anos mais velho do que tu, mas tão inglês como eu sou francês porque a nossa mãe dividiu a família, algo que nunca lhe perdooarei. Foi por isso que não a convidei para o casamento.

– Oh, Aimery. É esgotante manter rancores. Aconteceu há muito tempo. A idade aumentar-lhe-á o remorso. Talvez gostasse de te ver para explicar a sua ausência.

– Não me interessa ouvir o que tiver para dizer. Para ser sincero, Fleurette, quando recordo a minha infância, percebo que me faltou o amor maternal de que outros falam. Abandonou-me. Nunca o compreendi.

– Para – comecei. Mas ergueu-me um dedo em advertência.

– Porque é a verdade tão difícil de ouvir? Não é necessário camuflar a minha realidade. Estou perfeitamente resignado à minha situação. O meu pai fez o melhor que podia por mim apesar de ser um homem de coração frio e nenhuma dúvida ou recriminação a traria de volta. Em pequeno, costumava culpar-me, mas passei a culpá-la a ela e não a receberia de volta se tentasse regressar à minha vida.

Encolhi-me sem me acreditar capaz de alguma vez imaginar algo tão cruel acerca dos meus pais.

– Quanto a Sébastien... bom... cresceu sem pai. Nem sequer soube ao certo se queria partilhar com eles a notícia do meu casamento.

– Mas fizeste-o, claro. E isso foi o passo certo – afirmei.

– Enviei um telegrama como formalidade. E o meu irmão, claramente um homem peculiar, respondeu com um telegrama enviado ontem de Paris, implorando-me que não avançasse com a cerimónia até chegar.

– Como?

Ouvi-lhe uma gargalhada cínica antes de beber o conhaque com um suspiro de satisfação.

– Suponho que queria que esperasse. O filho diletto regressando para ser o centro das atenções.

– Não o imagino capaz de uma coisa dessas. Falou na tua mãe?

– Está moribunda, ao que parece. O cancro corrói-a. – Ergueu o copo como se brindasse à doença.

– Aimery!

– Hã?

– Isso é profundamente insensível...

– É? Porque deveria importar-me com alguém que parece não se importar comigo? Mais um fardo de que a minha vida se liberta. Espero que não tenha quaisquer ambições a uma parcela do império familiar. Construímo-lo sem ela.

– Onde está?

– Em Londres. Também recebi um telegrama dela. Insistiu que esperasse por Sébastien.

Franzi a testa, mas não disse nada, esperando que acrescentasse mais alguma coisa.

Fê-lo.

– E estive certo em não esperar. Ainda não chegou e, francamente, porque deveria esperar? Porque ela mo pediu? Não me parece. – Aimery pousou o copo. – Senta-te no meu colo, Fleurette.

Estremeci por dentro. Por fora, terá parecido um arrepio tímido de antecipação e percebi a que ponto isso o provocava. A sua excitação crescente acompanhava o meu horror. O conhaque não fazia nada para acalmar a repulsa.

– Aimery, além do desejo óbvio de unir as nossas famílias, que te parece desejável no nosso casamento? Nunca me pareceu que sentisses afeto por mim. – Não me movera para me juntar a ele, esperando distraí-lo um pouco mais.

Felizmente, os sinos silenciaram-se. Era provável que o padre tivesse desmaiado de cansaço.

Aimery parecia não ter pressa, o que me perturbava mais ainda.

– Bom – começou, estendendo a mão para acender um pequeno charuto perto do seu copo de conhaque vazio. Vi-o sugar o fumo e houve algo na forma como inclinava a cabeça para um lado que me recordou de forma chocante o meu pai naquele momento. Sustive a respiração, odiando o que pensara. A seguir, a semelhança dissipou-se e surgiu um sorriso por baixo do seu bigode arruivado. Como seriam os nossos filhos? Ruivos? Com sardas nos braços como Aimery? Em primeiro lugar, teria de conceber a criança e aquilo motivou outra inspiração silenciosa.

– Sempre te achei fascinante, Fleurette. Foste privilegiada desde o nascimento.

Abri a boca para protestar, mas silenciou-me com um estalido da língua.

– Não pretendo dizer com isto que o dinheiro da tua família te estragou, apesar de, com franqueza, nunca te ter faltado nada e apesar de nunca teres precisado de lutar pelo que fosse. Nunca precisaste de procurar afeto e nunca questionaste o amor que te teriam. Foste adorada como uma princesinha durante toda a tua vida. E, adorando-te desta forma, o teu pai concedeu-te liberdades que eu não daria a uma filha nossa, por exemplo. Podes ser um pouco desregrada. Tens opiniões e não receias partilhá-las. Também te foi permitido participares no negócio familiar de formas que vão muito além do que considero ser adequado a uma mulher.

– Não esperava que considerasses alguma dessas qualidades dignas de estima.

O seu sorriso ampliou-se e soprou o fumo enquanto sorria.

– Não considero. Mas considero-te um desafio. Não és dada a risinhos envergonhados. Não és tonta. És muito bela, claro, mas não escolheria uma mulher que não o fosse. – Tentei encobrir o sorriso trocista provocado pela sua condescendência, recompondo rapidamente a minha

expressão para continuar a parecer interessada.

– Não, claro que não – murmurei.

– Tornarás a vida interessante e, com toda a franqueza, Fleurette, demonstras força. De todas as qualidades que me parecem problemáticas em ti, agrada-me essa acima de todas as outras porque suspeito que servirás bem a família e agrada-me pensar que esta parte de ti se refletirá nos nossos filhos. A força mental é importante, mesmo que precise de quebrar a tua teimosia. – A minha ligeira exclamação chocada fê-lo rir-se. – A teimosia não é atraente nem desejável numa mulher. Sim, respondendo à tua pergunta – concluiu, despreocupadamente –, suponho que será o teu caráter forte a atrair-me.

– Compreendo. – Era um elogio insultuoso e relutante.

Continuou, sem me olhar, fitando o conhaque.

– A minha mãe fugiu quando a vida se tornou demasiado desafiadora. Não quero essa fraqueza na minha mulher.

– Sabes porque partiu?

Levou novamente o charuto à boca. Vi o cilindro de folhas de tabaco tornar-se incandescente enquanto inspirava o fumo. Teria talvez mais dois minutos. Possivelmente três, antes que o charuto ficasse reduzido a cinzas e o meu momento chegasse.

– Os meus pais não gostavam suficientemente um do outro. Calculo que terá sido a falta de afeto a repeli-la. Gostava de mim. Sei que não o imagino. No momento seguinte, partiu e passei o resto da minha vida sem mãe, entregue a umas. Recordo a sua voz e os seus afetos. Mas também recordo o dia em que o meu pai voltou de um local a que tinham ido sem mim. Sentou-me à sua frente, penso que teria quatro ou cinco anos, e contou-me que a minha mãe nos tinha deixado. Estava grávida de Sébastien quando aconteceu.

– Não te contou o motivo?

Aimery encolheu os ombros.

– Era uma criança. Porque se daria ao trabalho de explicar?

– E nunca quiseste saber mais quando crescestes?

– Sim, mas mentiram-me. A minha mãe estava doente. Estava com a família em Inglaterra. Viajava... Toda a sorte de explicações estranhas me foram oferecidas sem grande preocupação e acabei por deixar de perguntar, decidindo que nos odiava. Que outro motivo poderia haver para abandonar o seu primogénito? E passei a odiá-la.

– Talvez quisesse levar-te com ela. Não imagino que possa ter aceitado deixar para trás um filho pequeno.

– Se o fez, nunca encontrei disso qualquer sinal. E o meu pai nunca o permitiria. Não podia fazer grande coisa pelo filho por nascer, mas, se bem o conheci, suspeito que preferia arder no inferno a permitir que o seu herdeiro fosse levado pelo mundo fora ou acabasse por se tornar britânico. – Havia na sua face um esgar de desdém. – Qualquer que tenha sido o motivo, sei que nunca se adequaram um ao outro.

– Porque foram forçados a casar – disse com inocência suficiente. Mas, mesmo assim, ouviu o desafio nas palavras.

Fixou em mim um olhar pálido.

– O nosso casamento é uma união gloriosa, Fleurette. Dá-me herdeiros, sê fiel, não me desafies e o mundo será teu. Dar-te-ei tudo aquilo de que precisares. Dar-te-ei joias, propriedades, um guarda-roupa que fará a inveja de qualquer mulher em toda a França. Viajaremos e conhecerás gente de posses. Que mais poderá uma mulher desejar?

A sua condescendência fez-me ferver de raiva.

– E quanto às liberdades que mencionaste antes? As liberdades que o meu pai me permitiu?

Fez cair a cinza do charuto sobre um cinzeiro próximo e vi-a desfazer-se sem qualquer som. Parecia simbolizar a desintegração da minha vida e não havia nada que pudesse fazer para o impedir.

– Receio que uma mulher casada não possa ter tantas liberdades como uma solteira.

– Aimery, sabes que possuo o talento, não sabes? Tenho o Nariz. Consigo criar novos perfumes que as pessoas nem sequer julgam possíveis.

– Foi o que me disse o teu irmão gêmeo. Mas és uma mulher, minha querida. E a minha esposa não perderá tempo num laboratório em vez de administrar o meu lar, cuidando dos meus filhos e cumprindo os seus deveres matrimoniais.

– Ignorarás o maior dos meus dons? Tão poucos são os que foram abençoados com ele! – Tentei controlar o meu desespero.

– Agradá-me que tenhamos esta conversa agora – disse Aimery com um tom de voz amável mas firme. – Não te quero perto da fábrica de perfumes De Lasset. Poderás passar tempo com os cultivadores e com os nossos jardineiros. Sei que gostas de flores e isso agrada-me. É adequado que uma mulher passe tempo junto de flores. Mas não, Fleurette, não cabe a uma mulher fabricar perfume. Temos o nosso perfumista, o Monsieur Planque, e não precisa de mais um assistente. Muito menos se for a esposa do seu empregador.

Era como se ouvisse uma sentença de prisão. Não, uma sentença de morte. Não conseguiria viver feliz se não me fosse permitido criar. Aimery sabia muito bem o que significava ter o Nariz. Não era uma decisão consciente e, sendo possível aprender aspetos subtis, o dom de conseguir distinguir odores diferentes, dezenas sobre dezenas, era divino e não podia ser ensinado. Aimery troçava descaradamente de algo que fazia parte da minha alma.

– Poderei, pelo menos, opinar acerca da gama Delacroix?

– Não, Fleurette. O negócio da tua família é liderado por Henri. De qualquer forma, não desejo qualquer cruzamento entre os nossos impérios perfumistas neste momento. Talvez no futuro... – Estalou a língua como se tudo fosse claro e precisasse de ser posto de parte. – Empenha-te na administração desta grande casa, na perspetiva da maternidade e agrada-me-ia muito que te dedicasses a algumas obras de caridade. Talvez queiras começar a planear o almoço de Natal para os nossos trabalhadores. Faltam poucos meses.

– Aimery. – Apontei inutilmente os socos algures no negrume da noite de Grasse. – Todos esses trabalhadores marcham neste momento ao som dos tambores da guerra. Não participarão no almoço de Natal da fábrica De Lasset.

Esboçou um sorriso condescendente.

– Seja como for, o planeamento ser-te-á benéfico, mesmo que a possibilidade nunca se concretize. Este tipo de talento será sempre importante. É um excelente exercício para o futuro.

Quis gritar.

– Bom, esqueçamos o perfume, a guerra e tudo o resto por agora – disse, fazendo-me perceber que demonstrava uma predileção por começar frases condescendentes daquela forma – e iniciemos a nossa ofensiva privada aqui neste quarto. Vou deitar-me com a minha mulher e espero que geremos o nosso primeiro filho durante os próximos instantes. – Esboçou um sorriso breve enquanto apagava o charuto e também as minhas esperanças. – Se não acontecer, tentaremos outra vez... e outra vez ainda. – A paciência de Aimery comigo chegou ao fim. Ergueu-se e desabotoou os dois últimos botões da camisa. – Deita-te, Fleurette. E deixa-me mostrar-te o que desejo que faças por mim.

Afastei o olhar quando começou a despir as calças. Quis fugir, mas os meus pés pareciam pesados como chumbo, colando-se ao chão numa imobilidade impotente. Não conseguia dizer nada. Não conseguia pensar. Sabia que chegara o momento. Tinha de permitir que acontecesse e deixar de esperar que...

Aimery praguejou e virei-me ao ouvir alguém batendo à porta.

– Mas que raio?

– Monsieur Aimery? – A voz parecia familiar. Era a governanta, Madame Mouflard.

Estendi rapidamente a mão para o roupão dele e, com uma expressão insistente, ajudei-o a vesti-lo. Era óbvio que estava furioso. Percebia-se isso mesmo pela violência com que enfiou os braços nas mangas e atava o cordão de forma descuidada. Abriu a porta de rompante, dando-me tempo à justa para vestir apressadamente o meu roupão.

– Madame Mouflard, que se passa? – perguntou com raiva indisfarçada.

Encolheu-se perante a sua fúria.

– Perde-me, senhor – começou, olhando-me com súplica. – Os sinos são claros, *monsieur* – disse, tremendo.

– Ouvi os sinos, madame, e sei o que significam – rosnou.

Afastei-o delicadamente e pousei-lhe uma mão tranquilizante no braço. Senti-me aliviada ao perceber que me permitia fazê-lo.

– Que se passa, Madame Mouflard? – perguntei-lhe com voz mais gentil. Posicionei-me no espaço reduzido que restava diante da porta.

– O Capitão Louis Drevan veio vê-lo, senhor – disse ela, voltando a olhar o seu patrão. – Quer falar consigo.

– O meu capitão? – Proferiu as palavras em tom reverente. – Bom.. o decreto terá sido assinado sem dúvida.

– Desceremos prontamente, Madame Mouflard – disse eu. – Por favor, ofereça uma bebida ao capitão. – Fechei a porta antes que o meu marido explodisse. – É a declaração formal da guerra – disse, mais para mim do que para Aimery. – Que outra coisa poderá ser?

– Espero que seja ou começarei a minha própria guerra – ripostou, despindo o roupão e voltando a abotoar as calças. Senti-me aliviada por ver que o ardor antes demonstrado fora reduzido pelo desagrado, apesar de, em segredo, querer beijar o Capitão Drevan pela intrusão.

Ajustei o meu roupão de seda e calcei chinelos de cetim. Chegara o momento de acolher o meu papel de esposa, mesmo que fosse quase meia-noite.

– Encontramo-nos lá em baixo – disse, depois de olhar o cabelo ao espelho para assegurar que os alfinetes continuavam postos.

– Fleurette! – O grito travou-me a mão sobre a maçaneta da porta, olhando-o sobre o ombro. – Vais descer assim?

– Porque não? A hora é absurda. E é a minha noite de núpcias. Porque deverei preocupar-me com a aparência?

A sua boca formou uma linha severa e, por algum motivo estranho, fez-me lembrar brevemente de Henri.

– Bom, querida esposa, sobretudo porque o proíbo.

Julgo que comecei a formular com os lábios a palavra «proíbo» em silêncio, como se precisasse de compreender o que acabara de ouvir, mas continuou a falar para o meu choque.

– Além de não desceres assim vestida, também não vais conhecer um capitão do nosso exército. Devo recordar-te que o capitão perguntou por mim e não pela minha esposa? São assuntos de homens.

Falava como Henri.

– A guerra é...

– Informar-te-ei e à criadagem. Por agora, deixa que os homens discutam assuntos de homens.

Não percebi porque Aimery não se limitou a vir até mim, esmurrando-me em cheio no maxilar. O desgosto deixou-me a boca aberta enquanto caminhava até à porta, fechando-a atrás de si. Fiquei rígida após compreender que o meu papel naquela casa podia incluir um título, mas não tinha grande peso.

Mesmo assim, desafiei-o como pude. Se Aimery se recusava a permitir que me juntasse a ele naquele momento tão emotivo, juntar-me-ia aos criados. Precisava de estar com outras pessoas e de partilhar a preocupação motivada pela guerra. O problema não era o nosso casamento, o facto de passar a ser propriedade sua ou de estar obrigada a seguir as suas regras. Enfrentávamos um problema muito maior e não tinha tempo para o chauvinismo de Aimery. Desci as escadas com passo apressado e dirigi-me para as entranhas sombrias da mansão De Lasset até chegar ao local onde me parecia que todos os criados se tinham reunido em tensa expectativa.

Tambores distantes acrescentavam nova urgência aos sinos enquanto a cidade interiorizava o significado de um chamamento bélico.

– *Madame!* – exclamou a Madame Mouflard, parecendo chocada por me ver.

Levantaram-se todos, arrastando cadeiras, afastando cabelos da cara, suspendendo abruptamente conversas. O cheiro a comida preparada misturava-se com o cheiro dos trabalhadores, com a frescura ensaboada dos pratos lavados e com o tabaco inevitável. Uma nuvem de fumo pairava sobre as suas cabeças.

Mesmo que quase caminhasse em bicos de pés sobre as lajes, conseguia ouvir os meus passos no silêncio repentino. A única coisa que o interrompia era o tiquetaque do relógio no corredor. Olhei à minha volta, vendo as expressões atordoadas dos criados e sentindo-me tão perdida como eles pareciam.

– Por favor. Peço a todos que perdoem a minha intrusão – comecei. Percebia que fora um erro

significativo desafiar Aimery. Sentia-me ridícula com todos eles completamente vestidos e eu envergando roupas que pertenciam ao quarto e a uma noite de núpcias. Não era aceitável e afastaram os olhares, mas tive de insistir. – Sinto-me tão chocada como qualquer um de vós, mas estou certa de que o meu marido nos dirá em breve o que se passa. – Sorri como encorajamento.

– Madame De Lasset, lamentamos muito que isto tenha acontecido esta noite – disse a Madame Mouflard, esforçando-se para ignorar as sedas que me cobriam e olhando, ao invés, à sua volta, vendo que todos acenavam afirmativamente com as cabeças. – O presidente da câmara recebeu o telegrama da prefeitura e o Capitão Drevan veio informar o Monsieur De Lasset.

Sorri, querendo tranquilizá-los, mas o gesto foi completamente forçado.

– Penso que a segurança da nossa nação é um motivo válido para desviar as atenções do meu marido. A mensagem chegará certamente aos meus irmãos a seguir. Suponho que já não haverá café...

O meu pedido e as palavras informais que empreguei pareceram arrancá-los à paralisia. Fazendo barulhos que faziam lembrar uma galinha, a Madame Mouflard, de quem me surpreendi a gostar apesar da minha intenção de odiar toda a gente na mansão De Lasset, alvoroçou-se até uma criada jovem me passar para as mãos uma chávena de café doce com muito leite. Apesar de a noite estar quente, era exatamente o que me apetecia depois daqueles tragos de conhaque.

– Obrigada. Como te chamas?

– Jeanne, *madame*.

– E que fazes na casa, Jeanne?

Vi a jovem olhar a sua superior e a Madame Mouflard baixou a cabeça num gesto breve.

– Treino para ser a criada de quarto de *madame*.

– Ah, sim. A Madame Mouflard falou-me de ti. És nova, não és? – Há muito tempo que não precisavam de uma criada de quarto. Era claramente uma novidade.

– Hmm... sim. Sou nova. Comecei há poucos dias e sinto-me um pouco insegura. – Pestanejou, pensando se teria falado de mais, mas, após outro olhar à sua superiora, continuou. – Quis ajudá-la esta noite, mas estava nervosa e a Madame Mouflard disse que preferiria ter privacidade. – Corou, subitamente envergonhada por ter dito alguma coisa que não devia. Sorri para lhe assegurar que saberia que não me tinha sentido ofendida, apesar das costas subitamente hirtas da Madame Mouflard, que continuava por perto. – Ainda não estou pronta, mas estarei.

Olhei a governanta.

– Deixe Jeanne começar imediatamente. Podemos ensinar e aprender juntas.

Pestanejou.

– Muito bem, *madame*. – Olhou Jeanne para lhe transmitir que bastava de conversa. – *Madame*, talvez possa apresentá-la ao resto dos criados aqui presentes? – propôs. Tal como eu, procurava qualquer coisa que pudesse aliviar a tensão.

– Uma ideia encantadora – concordei. – Por favor – gesticulei-lhe que avançasse.

– Apresento-lhe a Madame Clothilde. É a cozinheira principal.

– Madame Clothilde – repeti, acenando com a cabeça à mulher corada de cara redonda,

fixando em mim olhos pequenos. Dobrou as pernas para me saudar, motivando outros a fazê-lo.

Ouvi nomes e recebi vénias educadas de homens enquanto as mulheres dobravam os joelhos num gesto respeitoso. A minha memória arquivou cada nome num compartimento mental. Sabia que, mesmo que quisesse, não os esqueceria. Mesmo que não precisasse de o fazer, repeti educadamente os nomes de cada um, dirigindo-lhes um sorriso.

– Estou certa de que não conseguirá recordar-nos a todos – continuou a Madame Mouflard. Escolhi não a corrigir.

O desconforto que vibrava à nossa volta intensificava-se.

– Sentem-se, por favor – insisti. Os criados regressaram aos cantos da sala ou ocuparam os seus lugares com gratidão. – Lamento que tenham de estar todos acordados a esta hora – comecei, desencadeando uma sucessão de encolheres de ombros e afirmações de que não importava. Não importava, realmente, e o meu débil pedido de desculpas também não. – Sabemos alguma coisa? – pensei em voz alta, sentindo desesperadamente que precisava de orientar os criados até conseguirmos passar por aquele período difícil. E, mesmo assim, era uma das pessoas mais jovens ali presentes, com pouca experiência com adversidades daquele tipo. Tudo o que tinha era autoridade e privilégio. Teria de bastar.

– Ouvimos dizer que os nossos rapazes já começaram a mobilização – disse um homem que parecia desolado. Fazia girar um copo de vinho nas mãos.

Aquilo era novidade para mim.

– Tem filhos, Pierre? – Fora-me apresentado como jardineiro chefe e não precisei de olhar para a Madame Mouflard para perceber que tinha ficado impressionada por recordar o seu nome.

Acenou afirmativamente.

– Dois, *madame*. Um tem quase vinte e três anos e o outro fará vinte e um em maio. Iniciou a recrutar. Marcham os dois agora, ansiosos por participarem mesmo que nada os obrigasse a partir até daqui a nove horas – explicou, bebendo um gole desolado de vinho e esvaziando o copo.

Não podia culpá-lo. Os meus pensamentos afastavam-se já de Aimery, encaminhando-se para os meus irmãos. Felix cumprira o seu serviço militar no ano anterior e sabia que isso significava que seria chamado. Tal como Henri. Pensar que familiares meus marchariam para uma guerra contra a Alemanha fez explodir pontadas de medo como bombas minúsculas de energia nervosa dentro do meu ventre.

Marie, a ajudante de cozinha, ofereceu-se para me reabastecer de café, mas recusei.

– Já tive excitação em demasia hoje – disse-lhe, como desculpa oca. Vi-a acenar afirmativamente com a cabeça, sorrindo e passando à pessoa seguinte à volta da mesa.

– Oh, *madame*. – A governanta sobressaltou-me. – Esqueci-me de avisar que chegou um pequeno baú para si hoje.

– Para mim? – Senti-me intrigada. – De quem?

– Do Monsieur De Lasset. O mais jovem – disse ela, com olhos brilhantes.

– Sébastien? – A incredulidade que vi refletida no seu olhar estava presente na minha voz. – Está aqui?

Encolheu os ombros.

– Recebemos um telegrama dizendo que deveríamos esperar a sua chegada, mas não. Ainda não o vimos e começo a duvidar que o vejamos.

Pousei a minha chávena de café parcialmente bebida.

– Talvez possam mostrar-me o baú? – Sentia-me intrigada, mas, vestida com roupa de dormir, queria afastar-me da tensão crescente que reinava entre os criados. Era óbvio que não me queriam ali e que a minha presença conseguia apenas aumentar o seu desconforto.

– De certeza que é só para mim? – perguntei, enquanto me dirigia para a porta.

– Sim, *madame*. O seu nome é o único no remetente. Enviou uma encomenda separada para o seu marido. – Gesticulou que desejava confidenciar-me algo. – Pretendia enviá-la para o seu quarto amanhã, mas, se tiver a certeza...?

– Tenho. – Virei-me. – Obrigada a todos. Sejam corajosos, por favor. Estamos nisto juntos. – Mais uma vez, eram palavras vazias, mas, que poderia alguém dizer num momento como aquele? Não tinha experiência de que me pudesse socorrer. E disse aquilo com sinceridade. Esperei que pelo menos isso tivesse parecido genuíno. Os criados ergueram-se e voltaram a baixar as cabeças num gesto respeitoso. – Boa noite – disse-lhes, mesmo que a noite não pudesse ser boa.

– *Bonne soirée* – ecoaram todos num coro miserável. Nenhum de nós acreditava realmente no voto que expressávamos.

Suspirei.

– Gostava de conseguir dizer alguma coisa que os animasse – admiti à governanta enquanto seguia os seus passos silenciosos sobre as lajes. Como conseguia fazê-lo enquanto os meus passos ecoavam atrás dela apesar dos meus esforços para não fazer barulho? Não pretendia soar abatida, mas era o que sentia.

– Veio até aqui. Isso é suficiente para todos os que desejaram um casamento feliz ao Monsieur De Lasset. Em breve, ecoará pelos corredores o riso de crianças. É o que todos os criados mais desejam. Este casamento ajudará esta casa a permanecer otimista durante toda a atribulação.

Parecia um conceito maravilhoso em teoria, mas senti-me inteiramente deslocada como uma das atrizes principais naquela encenação. Teria de começar naquele momento a treinar-me para superar a repulsa que sentia por Aimery se esperasse dar herdeiros à família De Lasset.

Chegámos a uma despensa.

– Perdoe-me, *madame*, por não lhe ter falado disto. Não houve um momento ideal durante o dia todo.

– Não tem importância. Sinto-me grata pela distração. Ah. Veio com uma carta?

– Sim. Assinei o documento de receção. Vem endereçada exclusivamente para si.

Peguei nela. A viagem deixara-a ligeiramente suja, mas a mão que escrevera no envelope parecia firme. A letra era um floreado de um roxo inesperado, como se fosse uma carta enviada pelo Papa. Reconheci imediatamente a tinta cara da *J. Herbin* de Paris. Vira aquela cor e fora autorizada a experimentá-la, rabiscando linhas molhadas numa folha branca. Visitara aquela loja com o meu pai na Rue des Fosses-Saint-Germain. O meu pai comprara *la Demi Courtine*, um tinteiro atarracado de forma peculiar com uma minúscula plataforma junto à rolha para colocar

a caneta. Para o encher, escolhera uma onça do *rouge caroubier* intenso que preferia para escrever cartas pessoais. E outra onça de *perle noire*, que preferia para correspondência formal.

Lembrava-me de me sentir fascinada pelos cheiros na loja, pensando se o Monsieur Herbin teria alguma vez pensado em lançar uma gama de tintas perfumadas. Imaginaria alfazema para os pigmentos azuis, rosa para as cores mais quentes e fragrâncias com laivos de terra e de floresta para os verdes. Convenci-me de que a tinta azul-escura do Monsieur Herbin deveria ter um cheiro salgado, como o cheiro do oceano. Ou seria um capricho infantil por me ter sido dito que Herbin era um antigo marinheiro? Olhei a tinta roxa escura e sensual que Sébastien usara. Se a Madame Mouflard não estivesse presente, teria aproximado a carta do nariz porque desejava ardentemente cheirar a caligrafia... certamente deveria cheirar a violetas, não?

Sorri, ligeiramente envergonhada ao perceber que a Madame Mouflard esperava que fizesse alguma coisa.

– Perdoe-me por lhe roubar tempo. Hmm... Talvez possa examinar o conteúdo do baú amanhã e levar apenas a carta.

– Com certeza – disse a governanta, franzindo a testa de forma amigável. – Não será necessário vasculhar o interior na sua noite de núpcias. Levar-lhe-emos as centenas de presentes de casamento e poderá lidar com eles quando tiver tempo e alguém para a ajudar.

– Jeanne sabe escrever?

– Saber ler. Nada sei sobre a sua escrita... hmm, sim, Jeanne? – disse, afastando o olhar de mim.

– Madame De Lasset?

Virei-me e vi Jeanne de olhos arregalados, parecendo em pânico.

– O que foi?

– O marido de *madame* procura-a – gaguejou a minha nova criada de quarto.

Partilhei com a governanta um breve olhar preocupado.

– Obrigada, Jeanne – disse-lhe. – Onde está ele? – Mas a Madame Mouflard movia-se já rapidamente e seguiu-me o exemplo, enfiando a carta num bolso fundo e erguendo a bainha do roupão de seda para subir apressadamente as escadas atrás da governanta, desejando ter mudado de roupa.

Encontrei Aimery no salão principal. O capitão continuava presente. Foram murmuradas apresentações contidas enquanto pestanejava, expectante, movendo o olhar entre os dois homens e ignorando o olhar intenso que Aimery dirigia à minha vestimenta. Era óbvio que não podia dizer nada que me humilhasse diante do seu superior.

– Então a França mobiliza-se oficialmente para a guerra? – perguntei, decidindo ser direta e pondo fim ao impasse tenso.

– É com profunda tristeza que confirmo que assim é, Madame De Lasset – admitiu o capitão, claramente com preocupações maiores do que o meu vestuário inadequado. Na semana anterior, mostrara-se repleto de graça jovial, beijando-me a mão e congratulando-me pelo casamento próximo. Naquele momento, a sua expressão era a de um homem dirigindo-se para a sua execução e, apesar de as veias do seu nariz traírem muitas garrafas de champanhe esvaziadas, a sua pele estava pálida, sem o rubor alegre que recordava.

– Fui chamado à prefeitura em Nice hoje. Perdoe, por favor, a minha ausência dos festejos.

Aimery superou a sua fixação nas minhas roupas e, em vez de empalidecer com as notícias, pareceu corado de entusiasmo.

– Partirei esta noite, *monsieur*. Imediatamente.

– Suspeitei que o faria, De Lasset. Dará um bom exemplo aos homens.

O presidente da câmara chegou nesse momento, ofegante e desculpando-se enquanto agitava uma mão. Os três homens partilharam palavras tensas antes de o capitão partir e presumi que visitaria os meus irmãos em seguida, tendo partido antes de poder perguntar-lhe.

Os meus pensamentos desviaram-se para assuntos mundanos.

– Hmm... e a nossa certidão de casamento? – perguntei, interrompendo o silêncio.

– Terá de esperar, caros amigos – lamuriou-se o presidente da câmara. – Não faço ideia do que a segunda-feira nos trará. É provável que voltem a chamar-me.

Aimery salvou-o com um ruído exasperado.

– Fleurette, metade dos conselheiros envia os seus filhos para a guerra e a outra metade marcha pessoalmente. Não deves preocupar-te com trivialidades. Poderemos resolver esse assunto logo que tenha uma licença.

A repreensão perante terceiros fez-me pestanejar. Não ficariam grandes dúvidas acerca da

minha postura desafiadora, mas senti-me ofendida por perceber que julgava a legalidade do nosso casamento um assunto trivial. Não conseguia esperar para o ver pelas costas.

– Todos os homens da minha idade serão reservistas. A maioria dos homens de Grasse partirá.

– Partem todos amanhã?

O presidente da câmara acenou afirmativamente com a expressão plena de desespero.

– Já é amanhã, *madame* – disse, olhando o relógio que tirou de um bolso no colete. – São as ordens da prefeitura. Ordens que vêm diretamente de Paris. O exército francês mobiliza-se na sua totalidade. Até os reservistas são mobilizados, como referiu o seu marido. Veja. – Conduziu-me à porta da frente, juntamente com Aimery, e saí para o alpendre, voltando a perceber que o silêncio da noite se tinha perdido. Era como se estivéssemos em pleno dia de trabalho e não na noite. – Os homens partem agora mesmo – acrescentou.

– Aimery – disse eu, mas não consegui pensar no que dizer a seguir e, por isso, partilhei o que me passava realmente pela cabeça. – Preciso de me despedir dos meus irmãos.

Acenou afirmativamente, distraído

– A tua ajuda ser-me-ia útil para arrumar as minhas coisas. A nossa governanta e o meu criado pessoal saberão o que fazer.

– Sim, claro – concordei, sentindo-me subitamente abalada. – Encontrarei a Madame Mouflard. – Olhei o presidente da câmara. – Com a sua licença, preciso de me vestir – expliquei, olhando Aimery, mas mantendo a expressão neutral.

– Claro. Perdoe-nos, Madame De Lasset, por termos arruinado este dia feliz e... a noite.

Pareceu horrorizado, sem saber o que dizer a seguir. Não podia censurá-lo por ter presumido aquilo e, em vez de o envergonhar mais ainda, baixei o olhar e cheguei ao ponto de apertar o braço de Aimery num momento de triste clareza.

– Deixa que trate dos preparativos.

Acenou afirmativamente, mas mal prestara atenção. Enquanto saía, ouvi-o pedir licença, murmurando qualquer coisa sobre não saber em que mãos deveria entregar a sua empresa já que todos os homens que trabalhavam para ele marchariam a seu lado, sem dúvida.

Fechei a porta enquanto se despediam, com a minha mente acelerando em direção a Felix e Henri quando vi a governanta pairando nas sombras da entrada do corredor principal. A Madame Mouflard tinha já retirado a pequena gola de renda do pescoço, tornando a farda completamente negra, severa e sombria, como se estivesse já de luto. As suas chaves tilintaram delicadamente na extremidade de uma correia de couro pendurada do seu cinto.

– Ah, Madame De Lasset, está aí – disse, aproximando-se rapidamente.

Sentia-me infeliz com aquela formalidade austera e nada familiar. Se alguma vez tivesse havido um momento para que todos nos uníssemos e fôssemos tão amigáveis quanto fosse possível, o momento seria aquele. Seria eu a comandar a mudança naquela mansão ativa, onde a divisão entre senhores e criados estava delineada com tanta clareza.

– Gostaria que me tratasse por Madame Fleurette quando estivermos a sós. Pode ser?

A governanta saiu das sombras e o seu rosto pareceu mais fantasmagórico à luz do candeeiro, pálido entre tanta escuridão e parecendo momentaneamente nervosa. A seguir, recompôs-se e

sorriu.

– Porque não? Trará certamente mudanças a esta casa, *madame*. Que poderei fazer?

Expliquei apressadamente o que se deveria fazer às posses de Aimery.

– Sim, já pedi ao Monsieur Blanc para ajudar. É o criado pessoal do Monsieur Aimery.

– Excelente. Onde está ele? Deverei supervisionar?

– Só se quiser. Está nos aposentos do Monsieur De Lasset... hmm... onde os noivos...

– Muito bem. Obrigada. Percebo onde quer chegar.

– Consegue regressar sozinha aos seus aposentos? Deverei pedir a Jeanne que a acompanhe?

– Boa ideia. Quero assegurar que tudo estará em ordem para o meu marido e, depois disso, descerei a rua. Precisarei de me vestir, antes – disse, puxando a seda com os dedos.

– A esta hora, *madame*?

– Percorro estas ruas desde a infância. A escuridão não me incomoda. No entanto, a possibilidade de não me despedir dos meus irmãos assusta-me muito. – Ver a forma como a sua expressão se ensombrou motivou-me um sorriso tranquilizante. Passavam a depender de mim. – Será como a época das colheitas com os homens todos atarefados com a partida.

– Sim, *madame*. É por isso que não me parece sensato.

Olhei-a, sentindo-me incomodada pelo que não dizia. Eram os homens que trabalhavam para as nossas duas famílias, homens que me tinham conhecido com tranças no cabelo, que tinham tirado o chapéu quando passava por eles na minha bicicleta ao longo dos anos, que veneravam o nosso nome. Eram os homens da cidade que amava... a minha família alargada. A governanta franziu mais ainda a testa e percebi, nesse momento, que não me dizia que alguém poderia intrometer-se no meu caminho. Ao invés, a sua reprovação confirmava que Felix estava certo. Era um momento para aceitar que deveria comportar-me como uma senhora da aristocracia da cidade, com alguns protocolos passando a proibir-me de agir como entendesse, de agir de forma infantilmente despreocupada como sempre agira. Era certamente o que Aimery quisera discutir antes. Acenei com a cabeça.

– Compreendi. Levarei Jeanne comigo.

A postura da Madame Mouflard alterou-se. Os seus ombros descontraíram e os seus lábios deixaram de se pressionar com força.

– Muito bem, *madame*. Enviarei Jeanne ao seu encontro.

No primeiro andar, vesti apressadamente roupas tão severas como as da nossa governanta. Vestia-me da cabeça aos pés de negro simples e dirigi-me para o quarto da nossa noite de núpcias. Encontrei aí um homem diferente, no mesmo local onde, menos de uma hora antes, estivera preparado para uma noite de luxúria. A culpa por me ter libertado do anzol de Aimery apertou-me a garganta. Sentia um júbilo interior por ter escapado ao meu maior medo: ter o seu corpo pressionado contra o meu. Mas a que custo? Não poderia culpar-me pela guerra, mas o facto de celebrar interiormente a escolha do momento perfeito para a mobilização em toda a França enojava-me. Uma gargalhada nervosa ergueu-se acima da culpa.

– Perdão, *madame*? – disse o criado pessoal. O bigode cobria-lhe meticulosamente o lábio superior.

Pigarreei.

– Pensava se haverá alguma coisa que possa fazer. Monsieur Blanc, não é?

Bateu com os tacões e baixou a cabeça numa vénia curta.

– Sim, *madame*. Sou o criado pessoal do Monsieur De Lasset. Estou ao seu serviço há dez anos e três meses.

Acenei com a cabeça, impressionada.

– Será melhor arrumar as roupas do *monsieur*.

– Com certeza – murmurei, compreendendo a sua necessidade de me manter fora do mundo dos homens e também do seu território.

Contornei a cama e ergui-me do lado oposto, notando que o criado tinha varrido da cama para o chão todas as pétalas de rosa do nosso casamento. Pisava-as e sentia o seu doce perfume sendo libertado. Havia algo simbólico na forma como pisávamos uma tradição matrimonial. Outro aperto na garganta motivado pela culpa.

Toquei os botões brilhantes na capa de sarja azul de Aimery. Parecia nova. Nunca tinha visto ação, claro. Olhei a tira de couro sendo enrolada e percebi que era um cinto pouco prático com uma bolsa pendurada e que o Monsieur Blanc o colocava num baú. Franzia a testa, concentrado, e percebi pela sua postura que preferia que não estivesse ali.

– Monsieur Blanc, desejo incluir algo nos pertences do meu marido. – Não formulei a frase como pergunta de forma deliberada. Olhou-me e vi o lampejo de irritação rapidamente camuflado enquanto pigarreava.

– Com certeza, *madame*.

Sorri em agradecimento.

– Excelente. Voltarei em breve. – Parti, dirigindo-me aos meus aposentos onde a Madame Mouflard teria estado no início daquela semana para esvaziar os meus baús de roupa e pertences. Caminhei do roupeiro ao toucador, tentando imaginar o que poderia ser significativo. Havia uma fotografia minha, mas tinha sido tirada com Felix. Não era romântica e era romantismo o que tinha em mente, mesmo que o conceito não se aplicasse a ele. Precisava que Aimery compreendesse o que me movia. Procurei romance em tudo, desde o belo retrato de uma lavadeira pendurando roupa contra um cenário de socacos cobertos de flores à euforia de cheirar a primeira colheita de violetas do ano. Violetas. Sim. O perfume do meu casamento.

Enviar-lho-ia. Não o frasco da minha avó. Mas Felix preparara alguns frascos de água de colônia de violeta para poder perfumar o meu *boudoir*, os meus lençóis, os meus pertences pessoais, de almofadas a lenços. Era um odor de doçura gentil... uma fragrância preferida da infância. Sabia que não me resumia, e não era essa a intenção, mas despertava uma noção romântica e talvez esse companheirismo fosse apreciado por Aimery, o meu marido, a quem fora negada a sua noite de núpcias.

Encontrei um frasco pequeno e rabisquei uma nota para o acompanhar.

Aimery. Não conseguia encontrar uma única forma afetuosa de começar a mensagem e, por isso, mantive as palavras simples. *Espero que isto te faça pensar em mim até nos reencontrarmos. Volta para casa em segurança. Afetuosamente, F.*

Foi com uma sensação de culpa que lhe escrevi esta mensagem, influenciada pelo peso da insinceridade que troçava de mim ao canto da salsa. Deus saberia que apreciava em silêncio

saber que não nos deitaríamos juntos naquela noite ou em qualquer noite próxima. Mas esse pecado trazia consigo um desejo de não magoar Aimery. Casara com ele. Proferira um voto e, quer quisesse ser sua mulher ou não, era aquele o meu papel e teria de fazer com que funcionasse, como o Felix insistira. Naquele momento de tensão elevada e desespero profundo, que abalaria todos os casamentos em França, pareceu-me importante demonstrar afeto e compreensão, mesmo que não pudesse demonstrar amor. Que mais poderíamos nós, mulheres, fazer além de abraçar os nossos bravos homens em despedida, desejando-lhes coragem, segurança e esperando que as suas vidas fossem abençoadas?

Esta resignação não me impediu de amarrotar a mensagem, enojada por não ter sido sincera comigo mesma e começando do início.

Aimery, meu marido.

Que isto te recorde Grasse enquanto permaneceres longe do seu doce abraço. Volta para casa são e salvo.

Pareceu-me melhor. Oferecia ternura sem me fazer sentir uma mentirosa que escrevia frases sem qualquer sentido.

Quando regressei aos aposentos de Aimery no extremo oposto do corredor, Jeanne veio ao meu encontro.

– *Madame?* – perguntou.

– Traz-nos capas, Jeanne. Iremos a pé à casa dos Delacroix imediatamente após entregar isto ao Monsieur Blanc. – Impressionei-me por não ter dito «à minha casa».

Não hesitou, acenando afirmativamente e saindo apressadamente.

Bati à porta.

– *Monsieur?*

– Ah, *madame*, estava prestes a trancar o baú – disse, apontando.

– Não é grande – disse-lhe. Embrulhara o frasco num lenço de renda perfumado. Deixou-me enfiá-lo no baú. – Obrigada.

– Boa noite, Madame De Lasset. – Despediu-se depois de mais uma vénia de tacões unidos e senti-me dispensada. Pensei se leria a mensagem. Não me importava que o fizesse. Tudo o que me importava naquele momento era encontrar Felix e Henri.

O piso principal da casa fazia lembrar uma plataforma ferroviária. Criados moviam-se rapidamente, franzindo testas, pressionando lábios com a tensão de fazer o que lhes era ordenado. Eram sobretudo as mulheres porque os homens estariam sem dúvida a extrair do fundo de malões os seus uniformes de reservista. O medo carregava a atmosfera, como se monstros ensombrados se agachassem nos cantos, esperando para saltar para fora e aprisionar os incautos. Olhares moveram-se em redor sem nunca se demorarem tempo suficiente em alguém ou alguma coisa. Senti-me inútil.

Jeanne colocou-se a meu lado.

– Já sabe, *madame*?

– O que foi?

– Até Pierre, Guy e Fabian partem!

– Os mais velhos?

Acenou afirmativamente, parecendo aterrada.

– Todos os homens da reserva territorial foram também chamados. Achávamos que seriam apenas os reservistas, mas o presidente da câmara confirmou que são quase todos menos os muito novos e os muito velhos.

A minha vida que, no início daquele dia, tinha parecido miserável, parecia escapar ao meu controlo. Nunca estivera verdadeiramente consciente daquilo a que as pessoas chamavam «medo do desconhecido», mas acreditava, naquele momento, que passava por isso mesmo. Estávamos todos envolvidos e o nosso modo de vida estava sob ameaça severa. Subitamente, a disposição negra motivada pelo casamento, todos os meus problemas, tudo isso parecia insignificante... Até a minha vida deixava de ser importante enquanto percebia finalmente a dimensão do que acontecia com realidade medonha.

– Preciso de falar com o meu marido – sussurrei, sem esperar a sua resposta e afastando-me. O homem que quisera evitar passara a ser o homem que procurava. Apesar de me sentir demasiado curiosa para me sentir confortável, tinha de admitir que, naqueles momentos frenéticos de busca, o meu coração se sentia genuinamente preocupado com ele. O medo despertou emoções contraditórias. Afinal, Aimery era o meu marido. Tínhamos proferido um voto solene na nossa igreja. Diante do padre, tínhamos jurado a nossa união e também diante das nossas famílias. O meu marido, o pai dos nossos filhos. Era verdade que não ansiava por ser mãe e que isso não poderia acontecer se o meu marido partisse para a guerra e ficasse ferido, estropiado ou se morresse. Poderia não conseguir gerar filhos, o que significava que ficaria presa a ele num casamento seco e estéril.

Percebi que voltava a colocar-me no centro da situação e repreendi-me a mim mesma. O meu pai sentir-se-ia envergonhado se ouvisse os meus pensamentos egoístas, que se reorganizavam rapidamente para se focarem no que era verdadeiramente importante.

Felix podia ficar ferido... Henri também. Podiam morrer. Uma bala perdida, um projétil inoportuno, a doença, a fome... Se pudesse anular todo o azedume e desprezo que sentira naquele dia, fã-lo-ia. Se a absorção desses sentimentos, repetindo o dia com um sorriso e alegria no coração, conseguisse mudar aquela noite, aceitaria o fardo num ápice e saltaria para a cama de Aimery, se isso significasse que a declaração de guerra deixaria de existir.

Porque fazia semelhantes regateios? Era um desperdício de energia inútil.

Depois de questionar vários criados, encontrei o meu marido no pátio lateral, dando ordens severas ao moço de estrebaria mais jovem.

– Aimery?

A minha voz era audivelmente terna e percebi que a registava como elemento novo pela forma como se virou.

Entregou as rédeas ao moço de estrebaria próximo e aproximou-se de mim, colocando as mãos nos meus ombros. Não poderia dizer que tivesse sentido afeto, mas era uma evolução do que acontecera antes. Os meus afetos encontravam-se num estado neutral, mas as minhas emoções alvoroçavam-se. Isso impedia-me de encontrar as palavras certas para aquele momento. Que poderia dizer? Deveria mentir-lhe e dizer-lhe que sentiria a sua falta? Ou deveria permanecer imparcial e proferir lugares-comuns como «cuida de ti»? A minha hesitação deixou

que fosse Aimery a preencher o silêncio desconfortável.

– Tenho de vestir o uniforme e partir, Fleurette. Reunimo-nos no quartel, mas partimos bem cedo e teremos muita coisa para organizar até lá. O meu estatuto de mobilização exige a minha partida imediata. – Puxou um relógio do bolso do seu colete.

Talvez o meu olhar fosse de dúvida.

– Como oficial – reforçou –, cabe-me dar o exemplo. Imagina como os homens se sentirão sabendo que o seu superior partiu na sua noite de núpcias. Demonstrará o meu empenho e inspirá-los-á a cumprirem escrupulosamente o seu dever.

Tão heroico. Ouvi a exclamação trocista em pensamentos plenos de azedume. O mais importante era claramente a aparência e a possibilidade de inflar a sua lenda pessoal. Mesmo assim, salvou-me do que mais temia. Esperava que lhe dissesse alguma coisa. Pestanejei.

– Partes a cavalo? – Não havia nada mais irritante do que constatar o óbvio.

Mas Aimery estava enlevado pelo seu ato de coragem.

– Os cocheiros já partiram – disse.

E claro que pareceria tão corajoso, pensei, se chegasse ao quartel com urgência, galopando ruidosamente sobre o empedrado na sua montada, tendo abandonado o leito conjugal na sua noite de núpcias.

– O Monsieur Blanc já te preparou a bagagem – afirmei. – Parecia saber o que fazia.

Aimery esboçou um sorriso maldoso.

– Mostrou-se completamente frio, não?

Encolhi os ombros.

– É o seu mundo. Acabo de chegar. Será melhor que permita que todos se habituem a mim.

– Rapariga sensata – admitiu, beijando-me no alto da testa.

Curiosamente, essa demonstração de afeto pareceu-me mais terna do que qualquer coisa que Aimery alguma vez tivesse dito ou feito. Se nenhuma das demonstrações teatrais daquele dia me tinham impressionado, aquele pequeno beijo, simples e privado, parecera sincero.

– Aimery...

Esperou.

– Sinto muito.

– A guerra... – começou ele.

– Não falo da guerra. Sinto muito por me ter mostrado... – Tentei encontrar a palavra certa. – Relutante – continuei. – Gostava de conseguir mudar, mas...

Pareceu compreender e puxou-me para si. Quis sentir amor. Até mesmo uma partícula de afeto poderia ter-me ajudado naquele momento... mas não senti nada além de alívio por não precisar de me deitar nua sob o seu corpo naquela noite.

– Não pretendo deixar que me matem, Fleurette. Começaremos do início quando pudermos. Estamos casados. Ninguém poderá anular isso.

– A cerimónia civil...

– Sim, é lamentável. Mas ainda não consumámos o nosso casamento, querida. Poderás sentir-te espiritualmente intacta. Tratarei da documentação na minha primeira licença. Talvez a guerra tenha vindo no momento certo.

– Que queres dizer com isso?

– Bom... talvez te tenha assustado esta noite. Não fui sensível. Suponho que me terei habituado a...

– Graciela?

Os olhos de Aimery brilharam-lhe intensamente sobre a face pálida, com a escuridão cercando-nos como um manto. Ambos parecemos passar sem esforço, num instante, de um diálogo educado para rosnados de aviso.

– Não digas o seu nome – murmurou.

Mas não me deixaria deter tão facilmente, mesmo que não fosse aquele o tempo ou o local para uma conversa tão franca. As palavras saíram-me.

– Gostava que tivesses casado com alguém que amasses. Deverias ter casado com Graciela.

A sua mão apertou-me o braço. Não foi doloroso, mas senti suficientemente a pressão para abrir os olhos, alerta.

– Casei contigo, Fleurette E sabes porquê. Resigna-te. O teu pedido de desculpas tocou-me, mas o que sinto por Graciela não te diz respeito. Por favor, não voltes a dizer o seu nome.

O meu braço doía-me, mas recusei tornar a dor visível. Anos a crescer com irmãos ensinaram-me a responder às agressões. Anos sabendo que Aimery era um rufia recordaram-me que não deveria permitir-me ser enganada por um momento de emoção declarada. E o seu breve beijo e abraço fora isso mesmo. Fraqueza momentânea.

– Então o que nos une é um contrato. É isso que dizes, Aimery?

– Se preferires. Não finjamos que existirá grande amor entre nós.

Abri a boca para dizer mais alguma coisa, mas segurou-me o braço com mais força e as palavras perderam-se.

– Isso não significa que não possamos encontrar um nível de tolerância mútua, talvez até de afeto. E não significa que não me agrade que a filha dos Delacroix se tenha tornado a Madame De Lasset. Estou disposto a tratar-te com o fausto que mereces, Fleurette. Tudo o que peço é que te comportes como uma esposa em todos os aspetos.

– E que não volte a pronunciar o seu nome – disse-lhe. A amargura no meu tom de voz era deliberada.

– Precisamente. Aprendeste depressa. Excelente, Fleurette. Bom... – Afrouxou os dedos, passando a palma da mão pelo meu braço abaixo até me segurar a mão. Quem observasse, incluindo o moço de estrebaria, não teria visto nada além de um momento de ternura entre recém-casados, enquanto Aimery se curvava sobre a minha mão, beijando-a com delicadeza. – Despede-te do teu marido com um abraço e vai beijar também os teus irmãos.

– E o teu irmão? – perguntei, com desafio dançando-me na voz. – Enviou-me um presente de casamento.

Não o soubera.

– Um telegrama que me enviou informou-me de que não conseguiu chegar por ter ficado retido na Gare de Lyon em Paris pela mesma notícia que nos mobiliza. Presumo que voltará para Londres logo que possa. De qualquer forma, não sentia qualquer desejo de o ver.

Não referi a carta. A forma como Sébastien rabiscara *Privado* à frente do envelope e também

atrás sugeriam que queria que fosse eu a única a lê-la. Fá-lo-ia quando pudesse.

– Para onde vais?

– Ao contrário dos teus irmãos no 24.º, que terão de se reunir em Villefranche, tenho a conveniência de um quartel – disse, aproximando-se do cavalo. – De qualquer forma, o 23.º terá uma longa viagem à sua espera.

Franzi a testa.

– Sébastien lutará também no exército francês?

– Quem sabe? Imagino que poderá afirmar-se britânico, mas, se o encontrar – disse, com o seu tom de voz mais seco e cortante –, deverei apresentar os teus cumprimentos?

– Sim, por favor – repliquei com cortesia exagerada e perturbadora. Recém-casada, com o nosso casamento por consumir, deveria abraçar-me a ele, soluçando, enquanto separava corajosamente os dedos dos seus braços. Ao invés, fingi conter o alvoroço para benefício de quem nos olhasse. Tive consciência das minhas emoções conflituosas, mas, mesmo que não desejasse qualquer mal a Aimery, não sentia por ele nada que se assemelhasse a apreço romântico e a sua atitude ajudou-me a ver isso com clareza. – Então partes para a estação?

– Sim, depois de prepararmos munições, rações e tudo o resto no quartel. – Ergueu os seus papéis. – Funcionarão também como bilhete de comboio. Suponho que algumas das ordens de mobilização serão adiadas para evitar engarrafamentos, mas partirei certamente no primeiro comboio disponível. Espera-me uma viagem de trezentos quilómetros.

– Adeus, Aimery – disse, parecendo corajosa.

– Adeus, Fleurette. Convida algumas das minhas primas para ficarem contigo. Duas delas quererão certamente fugir de Paris e assim não te sentirás sozinha.

Como poderia dizer-lhe que preferia não fazer tal convite? Mas, aparentemente, não precisava de uma resposta, continuando os seus pensamentos.

– Na primeira licença que tenha, voltarei para concluir os nossos assuntos pendentes.

Pestanejou e senti uma descarga de repulsa fresca à boca do estômago. Como poderia ter sentido compaixão momentos antes, substituída pelo regresso do desprezo?

Vi-o subir para a sela, de costas direitas e parecendo orgulhoso no seu uniforme. Olhou-me por um instante e afastou o olhar.

– Avança – disse ao moço de estrebaria, que erguia uma lanterna para iluminar o caminho ao seu senhor. O rapaz seguiu à frente e vi Aimery impelir o cavalo com o joelho. Era evidente que uma mensagem fora transmitida pelos funcionários, dizendo que o último membro da família De Lasset partia.

No entanto, havia apenas mulheres de cada lado do caminho coberto de gravilha, algumas segurando velas como se pretendessem iluminar o momento heroico do seu senhor. A festividade do casamento pairava sobre elas em fitas brancas e bandeirolas, contrastando com a gravidade da expressão coletiva. Mãos uniram-se num gesto fúnebre e as suas cabeças curvaram-se enquanto Aimery avançava triunfalmente, fazendo o cavalo avançar devagar para que o seu público interiorizasse o dramatismo pleno da partida. Juntei-me às mulheres. Que outra coisa poderia fazer além de participar na encenação?

Aimery partiria dentro de momentos e, depois disso, poderia ir... não, fugir para o meu lar

real e para os homens que amava verdadeiramente.

Não perdi tempo e, cobrindo-me com um xaile, parti como uma criança desvairada de volta à casa Delacroix. Jeanne apressou o passo a meu lado enquanto percorríamos as ruas familiares em direção à casa ocupada com preparativos semelhantes, que acabariam por deixá-la silenciosa e deserta. Via a luz iluminando uma das divisões e quase corri para lá, sabendo que os meus dois irmãos teriam esperado por mim.

Irrompi pela porta da frente, quase sem tempo para abraçar a Madame Girouard, com os seus olhos banhados em lágrimas, zelando pela nossa família com tamanho empenho como uma mãe cuidaria da sua ninhada.

– Estão no salão do seu pai – disse, sem precisar de o fazer. – Não partiriam sem a ver.

Esbocei-lhe um sorriso que transmitia que todos precisávamos de suportar os acontecimentos, dizendo de passagem que a minha acompanhante se chamava Jeanne, a minha nova criada de quarto na «casa grande», como sempre lhe tínhamos chamado. Não me dei ao trabalho de bater, abrindo teatralmente a porta por estar com pressa. Precisava de os ver e abraçar...

– Fleurette! – Era Felix, avançando rapidamente para me erguer nos braços, fazendo-me girar num abraço antes de voltar a pousar-me no chão firme, com um tapete Aubusson entre as minhas botas e o soalho. Não percebia porque reparara naquele momento na sua beleza pálida de tons pastel, verdes e rosa em ramos de flores luxuriantes. Ou na forma como me parecia não se enquadrar na câmara de cores mais ricas do meu pai. O meu pai dissera-me que pertencera à nossa mãe e sabia que o adorava. Era por isso que gostava de o manter por perto. Queria também manter-me por perto. Naquele momento, pertencia ali.

– Obrigada por terem esperado – consegui dizer. De repente, a emoção do dia pareceu condensar-se numa ponta de flecha naquele momento avassalador. Uma ponta de flecha que parecia perfurar-me o coração. – Aimery já partiu para o quartel para organizar tudo.

Acenaram os dois com a cabeça, tristemente.

– Certamente voltará a ver-te antes de partir de Grasse para que tu e ele... – Henri começou a frase, mas pareceu arrepender-se. Não podia dizer-lhe que o que mais desejava era a partida de Aimery.

Olhei Felix. Apertou-me a mão.

– Não temos muito tempo.

– Não vão fazer uma mobilização faseada? Não haverá engarrafamentos por toda a França se toda a gente partir ao mesmo tempo?

Felix riu-se.

– As nossas ordens dizem que deveremos juntar-nos ao regimento 24.º em Villefranche dez horas após a declaração. Esse momento chegou. Arriscamo-nos a chegar tarde. Será inaceitável para oficiais.

Em qualquer outro momento, teria derramado lágrimas, mas, naquele momento, olhando os meus irmãos, sentindo-me perdida e desnorteada, as lágrimas pareceram-me redundantes e os meus olhos permaneceram secos. Congratulei-me com isso, pois parecia animar com aquela

demonstração de força a única família que me restava.

– Teremos de esperar que administres a casa durante a nossa ausência – disse Henri. Por um momento, o choque imobilizou-o. – De qualquer forma, é algo que fazes com facilidade.

– Administrarei as duas. Não te preocupes com isso, Henri – assegurei-lhe – Estará segura a meu cargo. Viste Catherine?

Acenou afirmativamente, parecendo à beira das lágrimas. Henri pigarreou, talvez chegando à mesma conclusão de que a emoção seria desperdiçada.

– Por um instante. Todos se despedem de familiares. Mal há tempo para as outras pessoas que amamos.

– Os seus irmãos. Sim, claro. Partem os dois?

Henri acenou com a cabeça, parecendo miserável.

– A sua família pareceu acreditar que, porque sou oficial do mesmo regimento, poderia agitar uma varinha mágica e manter os seus irmãos em segurança. – Henri ergueu-se, passando uma mão cuidadosa pelo cabelo que escasseava e abanando a cabeça. – Nenhum de nós está a salvo.

– Não seja taciturno – advertiu Felix. – Vamos. Temos de partir.

– Alguém poderá explicar-me porque me parece que todos os homens da cidade se vão? – perguntei. – Não há ninguém que seja considerado «essencial»? Pensei que o facto de terem cumprido os vossos dois anos de serviço militar significasse que não seriam chamados imediatamente. Não haverá já homens suficientes a cumprir os seus dois anos?

Feliz cobriu-se com a capa grossa que integrava o uniforme do seu regimento.

– Aparentemente, não em número que consiga equiparar-se ao número de homens no exército alemão. O prefeito recordou-nos que, graças à lei do recrutamento aprovada em 1905, passou a ser possível mobilizar todos os homens como *pantalon rouge*, incluindo reservistas como nós. Há oficiais difundindo a mensagem por toda a França, chamando os homens para os quartéis.

– Mas como esperarão que governemos as nossas cidades? – perguntei, ouvindo como parecia egoísta quando havia gente marchando para arriscar a vida num esforço para defender as nossas fronteiras. Permanecera imóvel sobre o tapete e pensei de forma bizarra que os meus pés de chumbo não deixariam qualquer marca, tão exímia fora a tecelagem. Qualquer Aubusson genuíno era assim. Com aquele choque distante, as palavras relevantes abandonaram-me. – Seja como for, ambos ficam muito bem fardados.

Felix arqueou uma sobrancelha.

– Sinto-me grato por sermos *Chasseurs*. Sabes, querida irmã, que, além de termos sido treinados para operar em condições montanhosas, sobre esquis ou sapatos de neve, e de sermos mais resistentes que os nossos camaradas que não foram treinados em condições alpinas, o nosso uniforme é azul?

Não quis sorrir, mas Felix esforçava-se para me divertir.

– Não invejo a pobre infantaria e as suas calças vermelhas. Farei questão de me erguer sempre ao lado de um homem que seja um alvo mais fácil.

Tanto Henri com eu fixámos nele olhares exasperados.

– O que foi? – perguntou ele, parecendo magoado. – Se alguma vez houve um momento propício para fazer gracejos, será este, quando nos sentimos mais vulneráveis e receosos. É em

momentos como este que rir ajuda, mesmo que o riso seja triste. Poderemos não voltar a erguer-nos neste sítio.

– Felix! – exclamei num grito contido a custo.

– Sê realista. Se for esse o caso e esta for a última vez que te abraçarei, querida Fleurette, gostaria de o fazer com um sorriso.

– Receio que o teu humor de cadafalso seja desperdiçado em mim, irmão – disse Henri. – Que acontecerá ao negócio da família? A colheita do jasmim começará em breve. Que acontecerá aos nossos campos? – pensou em voz alta, olhando o salão do nosso pai à sua volta, que passara a ser seu. Mas todos continuávamos a vê-lo como pertencendo ao nosso pai... incluindo Henri.

– Já que o problema será partilhado por todos, poderemos dizer que o *status quo* será mantido – disse, sem acreditar realmente nas minhas palavras e sentindo uma perturbação repentina pela possibilidade de as nossas flores, alvo de tanto zelo, murcharem no pé naquele ano... e possivelmente no seguinte.

– É provável que estejas certa. – Henri animou-se um pouco. – Se todos perdermos um ano, não haverá perfume novo saindo de Grasse.

– Não necessariamente – murmurei. Quando os seus olhares se fixaram em mim, encolhi os ombros. – Quer dizer... – Não sabia ao certo o que queria dizer com aquilo. – Hmm... Nem todos deixarão para trás alguém na família que consiga administrar eficazmente o negócio.

Felix fixou em mim um olhar divertido. A seu lado, Henri eriçou-se.

– Fleurette, temos um gerente em funções – advertiu.

– Sim, mas precisarás de alguém acima do Monsieur Bouchard para tomar as decisões. É a colheita, Henri! E como sabes que o Monsieur Bouchard não foi também chamado?

– Tem mais de cinquenta anos – grunhiu.

Ergui um ombro.

– Não sabemos o que acontecerá e não deveremos especular. Mas tenho competência para a função e, se me proibires, muito bem. Aplicarei os meus esforços no avanço da marca De Lasset. – Era uma ameaça cruel e senti-me mesquinha enquanto via o meu irmão pestanejar de surpresa. – Esquece que disse isto. Estou nervosa e assustada. Sabes que farei tudo o que puder para proteger o negócio da região inteira e não apenas o nosso.

Henri endireitou as costas.

– A verdade, Fleurette, é que o teu novo papel exige que coloques a De Lasset antes da Delacroix.

– Jamais – disse.

A Madame Girouard surgiu na porta aberta, mas não a passou. Todos a olhámos, esperando o pior.

– Sim, *madame*?

Impressionou-me a solidez granítica da voz de Henri.

– O senador regressou, Monsieur Delacroix.

Henri olhou Felix que, por sua vez, me olhou a mim. Era aquele o momento.

– Até ao nosso regresso, Fleurette – disse Felix com cuidado, estendendo a mão para mim. – Talvez precises de enviar alguns malões a Henri. Sabes que precisa de brilhantina e de artigos

de higiene em grande quantidade.

Ri-me. Felix tinha razão. Ajudava a superar a tensão, mesmo que os gracejos parecessem tristes.

– Cala-te, Felix – rosnou Henri, fingindo desagrado. Mas todos sabíamos que tinha razão em não permitir que ficássemos demasiado sentimentais. – Fleurette, lamento que o teu dia tenha ficado marcado por...

– Eu sei, Henri. Mas não importa. O que importa é que tu e Felix se mantenham seguros e voltem para casa em breve. – Supus que deveria ter acrescentado o nome de Aimery àquela lista, mas estava demasiado ocupada a abraçar o meu irmão mais velho com força para que soubesse que era sincera e que todas as palavras ríspidas que tínhamos trocado naquele dia estavam perdoadas e esquecidas. Amava Henri... Mas às vezes custava-me admirá-lo.

Por outro lado, admirar Felix era fácil. Transferi o meu afeto para ele com um novo abraço apertado.

– Sentirei a tua falta em cada momento – murmurei. – Não morras, Felix.

Os seus olhos brilhavam quando nos afastámos.

– Tentarei não morrer. Além disso, sou um oficial – acrescentou, como se o título bastasse para o proteger das balas.

– Nada de heroísmos – adverti ambos. – Cumpram o vosso dever e voltem para casa.

E partiram, saudando o senador que se erguia no nosso corredor, rígido e silencioso. Baixou a cabeça numa breve vénia respeitosa quando viu os meus irmãos. Talvez o político tivesse visitado também a mansão De Lasset para uma idêntica demonstração de respeito, descobrindo que Aimery já tinha partido. Pensei se também vestiria uma farda em breve. Segui-os como um animal de estimação fiel, caminhando atrás dos homens, ouvindo cada guincho das suas botas de couro e cada pedaço de gravilha por elas esmagado pelo caminho até chegarmos aos portões da propriedade, onde os criados se tinham reunido. Algumas das mulheres mais jovens choravam. Reparei que Felix se despediu de cada um dos criados com dois beijos na face. Sabia que ficavam tristes por verem os filhos da família partir para a guerra, mas os seus filhos, maridos e pais partiam. Que faria a nossa família problemática sem o charme de Felix? Pensei nisto, enquanto via as mulheres animando-se por ele, forçando sorrisos e até, no caso da governanta, uma gargalhada repentina.

– A caminho, *monsieur*. – Ouvi-a advertir com uma palmada ligeira no braço do meu irmão. Estava já com a nossa família antes de Felix e eu termos nascido.

– Fica, Fleurette – instruiu Henri. – O prefeito diz que as coisas estão caóticas lá fora.

Não era necessário que mo dissesse. Ouvia a cacofonia das vozes masculinas, das botas militares, os gritos e os guinchos das mulheres à distância, presumivelmente envolvidas em despedidas chorosas. Sabia que gostaria que mantivesse a compostura e representasse bem a nossa família. Abracei-o por impulso.

– Cuida de ti, Henri.

– Não te preocupes connosco – disse-me, mas conseguia ver a preocupação como uma sombra atrás da sua expressão intencionalmente corajosa. Dançava-lhe nos olhos, que pareciam um pouco húmidos com a luz das lanternas. Henri voltou-se para falar aos criados, fazendo-lhes um

discurso moralizante que mal ouvi porque a minha cabeça vagueava, pensando se seria a última vez que os veria juntos. Seria aquele o último momento de inocência nas nossas vidas quando, horas antes, tínhamos bebido champanhe e feito brindes à minha saúde? Seria a última despedida?

Poderia ter vacilado se Felix não se tivesse virado, dirigindo-me um dos seus sorrisos. Em vez disso, vi-os alcançarem o resto dos homens do nosso bairro que se tinham reunido respeitosamente diante da nossa casa. Faziam todos parte do Batalhão de Chasseurs Alpin. Os homens da nossa infantaria ligeira alpina tinham a reputação de serem soldados fiáveis, corajosos e empenhados. Que mais se poderia esperar de qualquer homem? Pensei nisto enquanto sentia um assomo sentimental ao ver os homens avançarem em uníssono, distanciando-se de nós com a luz débil.

Começaram a cantar. Era uma canção de embalar francesa que reconhecia: algo que o meu pai trauteava enquanto nos adormecia quando éramos crianças. A canção veio acompanhada pela fragrância ancestral e encantadora do jasmim, cultivado pela primeira vez na nossa região durante a Idade Média. Passara a ser um dos símbolos de Grasse e a fragrância estava gravada na minha memória de forma tão rica como uma fotografia capturará um momento. Dotado de doçura opulenta, o *Jasminum grandiflorum* podia ser identificado pelas suas notas frutadas. Mas aquele momento pertencia ao seu irmão, o *Jasminum sambac* de florescimento noturno, com perfume que alastrava pela noite quente como um fantasma da nossa infância querendo recordar-nos o lar onde os nossos corações pertenciam. Furtivo e animalesco, avançava como uma criatura selvagem e invisível, passando por mim e avançando agilmente até ao topo da colina para seguir a coluna de homens em marcha até aos seus destinos.

Passara uma semana desde que Aimery e os seus *Chasseurs* do 23.º tinham deixado a cidade, mas Henri e Felix continuavam a formar as suas companhias em Villefranche. As visitas não eram autorizadas, segundo me informaram. Apesar de um certo secretismo, depressa se soube que o seu batalhão partiria no dia 10 de agosto. Percebi que a viagem desde Grasse serviria apenas para despertar a dor inevitável que resultaria dos vislumbres que captássemos uns dos outros. Mesmo assim, juntei-me à coluna numerosa de mulheres que partiam para se despedirem chorosas dos seus homens que marchavam orgulhosamente para a estação ferroviária, de onde seriam transportados até La Vésubie.

Soube que os meus irmãos, dois entre mais de duas dúzias de oficiais, iam a caminho do Norte, onde os alemães tinham já invadido a Bélgica. Não vi Henri, mas sentia a presença de Felix e não permitiria que a coluna de homens passasse por mim sem ver o meu gémeo pela última vez. Olhei as faces familiares, com expressões imutáveis, como se tivessem sido esculpidas em pedra, mantendo os olhos fixos em frente, cumprindo as suas ordens. Vi Etienne, talvez o nosso químico de maior confiança. Tinha quase quarenta anos e era pai de cinco filhos. Vi Jean-Paul, um cultivador de violetas, Alain, um dos nossos capatazes, Hercule, um sujeito enorme que conseguia tornar o muguete dos nossos campos tão doce como a sua natureza permitia. Atrás dele, vinha Stephane, que trabalhava na destilaria, filho único, tanto quanto recordava.

E ali estava ele, sorrindo-me. Ou, pelo menos, foi o que disse a mim mesma. Felix era conhecido não apenas como o solteiro mais bonito da cidade, mas também como o mais cobiçado. Conhecia a reputação das suas conquistas femininas entre os seus pares e também sabia, tendo-o ouvido diretamente a Felix, que nunca casaria com alguém de Grasse.

– Demasiada história em comum, Ettie. Crescemos todos juntos.

– Nem todos – disse-lhe.

– Quem não cresceu connosco, viu-me crescer e é provável que tenha... – Calou-se e olhei-o de soslaio. – Bom... – Continuou com um sussurro que dizia: «Não falemos mais do assunto.» – Compreendes.

– Sim, Felix. Compreendo.

Esboçava naquele momento o mesmo sorriso enviesado dessa altura e, apesar de me

convencer que era para mim, tendo violado as ordens presumivelmente para me olhar, ouvi várias mulheres chamando o seu nome. Piscou o olho e senti uma pontada dolorosa no coração. Felix era tão folião, tão cheio de afeto por toda a gente. E adoravam-no por isso. Quanto a mim, era admirada, mas não adorada como o meu irmão. Acenei-lhe, soprei-lhe um beijo demorado e mal percebi que chorava até uma brisa suave tornar fria a humidade na minha face. Os meus lábios formularam em silêncio as palavras «onde está Henri?», mas Felix pôde apenas abanar ligeiramente a cabeça. Cuidariam um do outro.

Não fazia ideia do local para onde Aimery e o 23.º tinham sido enviados depois de deixarem Grasse, mas imaginei que me mandaria notícias em breve para poder parar de encolher os ombros e parecer alheada ou de inventar desculpas sempre que alguém da cidade mo perguntava.

Em frente, do outro lado da coluna de homens em marcha, captei novamente um vislumbre de Graciela. Procuraria o meu marido? Não saberia que já estaria longe? Pelo pouco que me dissera, sabia que o seu regimento, apesar de mobilizado em Grasse, tinha partido no mesmo dia em que me deixara. Ainda não sabia onde ficava o novo quartel. Graciela parecia ainda mais angustiada do que no dia do casamento.

– Madame De Lasset?

Virei-me, com os pensamentos interrompidos por uma mulher de uma família de cultivadores.

– Sim? Oh, olá, Soline. O teu pai não marchará também ali, certamente.

Abanou a cabeça.

– Marcharia, se pudesse. Não sei se sobreviverá mais um ano. – Suspirou, mas não se deixou arrastar por essa mágoa. – Não. Os meus dois primos partem com este regimento.

– Parecem tão garbosos, não parecem?

– Suponho que sim. São os dois tão novos.

– Todos são demasiado novos para partirem para a guerra – repliquei, esforçando-me para não parecer que queria dispensá-la e falando como uma anciã. O casamento teria aquele efeito nas pessoas? Num dia, andava de bicicleta sobre poças e guinchava de riso, no dia seguinte, olhava os solteiros com sobranceria, como se estar casada trouxesse enorme sabedoria. – Perdoa-me – disse. Logo a seguir. – Foi condescendente da minha parte. Acredito que a guerra é inútil, mesmo para quem vence. A ruína das pessoas, famílias, postos de trabalho, terras, finanças... tudo isso é um preço demasiado elevado.

– Mas qual será a alternativa, *madame*? Admito que não tenho qualquer vontade de aprender alemão.

Tinha razão e reconheci-lho com um aceno triste da cabeça.

Voltei a olhar e Graciela conseguira levar a cabo um dos seus espantosos números de desaparecimento. Quanto a Felix, avançava já para o limite do meu alcance visual. Em qualquer outro momento, teria seguido a coluna, chamando o seu nome. Mas esperavam que me comportasse com graça. Podia não ser digno, mas não me impedia de me erguer em bicos de pés para maximizar a minha altura. Captei um último vislumbre da sua boina, que usava de forma ligeiramente mais ousada que os seus camaradas.

No momento seguinte, desapareceu. Perdeu-se na mancha de corajoso azul. Para onde

marchavam? Não queria pensar no assunto e, no entanto, não consegui pensar em mais nada durante os dias seguintes.

Se me pedissem que registasse o que fiz na semana que se seguiu ao casamento, não acreditaria que conseguisse relatar algo digno de nota. Tudo foi uma névoa cinzenta confusa... Além de assumirmos novas responsabilidades, partilhando ao máximo o fardo deixado pela partida dos homens, movia-me como se um gigantesco titereiro me controlasse os movimentos. Não recordava qualquer pensamento consciente. Agia por rotina ou repetindo movimentos memorizados. Pareceu-me que não conseguimos fazer nada de significativo até aceitarmos que os nossos homens tinham partido. Era a primeira vez que me via sem um único parente nas proximidades. Estava sozinha, completamente senhora de mim, com duas casas para administrar e uma equipa de mulheres e velhos em cada uma. Todos esperavam. Não sabia o que esperavam, mas comecei a perceber que esperavam que tomasse decisões.

E a sorte ditou que o clima se mostrasse suficientemente adverso para adiar a colheita sem vermos flores murchas nos nossos campos.

Só emergi, certamente, deste torpor quase gélido por ter encontrado a carta. Lembrei-me muito depois que tinha enfiado à pressa a missiva de Sébastien num bolso do meu roupão de seda quando Aimery e eu fomos interrompidos na nossa noite de núpcias. No caos que se seguiu, esquecera-a e deixara-a no roupão na mansão De Lasset. Durante os dias anteriores, não regressara, preferindo organizar primeiro a casa da minha família, preparando-a para as privações da guerra antes de subir a colina para assumir o meu papel como Madame De Lasset.

Era aí que me encontrava naquele momento, sentada no *boudoir* do meu novo lar pela primeira vez, vendo-o tão resplandecente que me fazia sentir insignificante. Tinha descoberto a carta pelo ruído ligeiro do papel enquanto me despia nessa noite.

– *Madame?* – dissera Jeanne enquanto retirava o roupão de seda do meu armário, onde permanecera intocado desde a noite de núpcias. A governanta teria pendurado tudo durante a minha ausência. Sabia que tinha deixado o quarto desarrumado. Jeanne ergueu a carta por abrir com expressão curiosa. Tinha razão. Quem deixava cartas fechadas nos seus roupões?

– Ah! Esqueci-me. Chegou na noite da mobilização.

Jeanne sorriu e agradou-me que não tivesse reconhecido a letra. Mas era pouco provável que alguém a reconhecesse, já que Sébastien nunca tinha sido visto no pequeno mundo de Grasse.

– Deseja que vá buscar o seu abridor de cartas? – perguntou.

– Hmm... não. Leio-a mais tarde. São apenas cumprimentos pelo casamento – disse, retirando-lhe importância. – Não estou com disposição para esse tipo de coisa.

Pousou a carta sobre o toucador e ambas a olhámos por um momento antes de Jeanne pegar na escova, começando a pentear-me o cabelo com movimentos largos das cerdas de javali. Ocupei-me a mergulhar os dedos num boião de creme com perfume de alfazema da Alta Provença. O creme luxuriante era fabricado com os azeites dos seus olivais e demorei-me a esfregar o bálsamo de fragrância delicada nas mãos e nos braços.

– Posso, *madame*? – Jeanne apontou o boião.

– Claro que sim – disse, pensando que desejava experimentá-lo na sua pele, mas mergulhou a ponta de um dedo e aqueceu a pequena porção entre as mãos, cobrindo-as por completo antes de passar os dedos brilhantes pelas madeixas escuras que escovava. Sorri enquanto recomeçava, fazendo o meu cabelo ficar incrivelmente macio.

– Isto vai hidratá-lo, *madame*.

– Quem te ensinou?

– Trabalhei na casa da Mademoiselle Graciela Olivares.

Não consegui esconder a minha surpresa com rapidez suficiente e Jeanne viu a minha cara chocada refletida no espelho.

– Perdoe-me. Pensei que o Monsieur De Lasset lhe tivesse dito.

– Não. Talvez tenha achado estranho que a minha criada de quarto tenha sido também a criada da sua amante.

Foi a vez de Jeanne parecer chocada.

– Não, *madame*. Não fui a sua criada. Essa posição pertencia à minha irmã. Limitava-me a fazer limpezas. Tive muito pouco contacto direto com a família.

– Compreendo. – Comecei a imaginar Jeanne como uma espia ao serviço de Graciela. Talvez tenha percebido isto porque corou.

– Não estou aqui para recolher informações, *madame*. Prometo que lhe demonstrarei a minha gratidão, tornando-me uma servidora leal.

Em criança, aprendemos a aceitar as pessoas pela forma como se apresentavam, julgando-as apenas quando havia motivo para isso. Mesmo sentindo-me inevitavelmente desconfiada, Jeanne não me dera qualquer motivo para isso. Poderia ter escondido a verdade e, no entanto, partilhara-a aparentemente sem qualquer intenção escondida.

– Espero conseguir depositar totalmente a minha confiança – repliquei. Usei uma das expressões do meu pai e isso motivou deliberadamente em mim uma sensação de precisar de estar à altura das suas expectativas. Não acredito que receasse algo mais do que desiludir o meu pai. – Além disso, não tenho nada a esconder. Se és uma espia, não haverá segredos que possas denunciar.

– Não sou uma espia, *madame*.

– Sei que o provarás, Jeanne. A confiança é conquistada, não é?

– Sim, é verdade. – Recomeçou a escovar, franzindo a testa. – Mas, por vezes, a confiança surge às cegas.

– Entre marido e mulher? – perguntei com tom levemente irónico.

Sorriu e acenou com a cabeça, pensativa, mas franziu a testa mais ainda.

– E também nos filhos.

– A forma como confiam nos pais? É a isso que te referes?

– Por exemplo – respondeu.

– Essa será certamente a forma mais pura de confiança, não?

– Suponho que sim. Mas os meus pais desiludiram-nos. O meu pai foi infiel e a minha mãe bebeu até morrer.

Senti uma tristeza imediata por Jeanne, recordando a segurança que sempre sentira junto do meu pai e dos meus irmãos.

– E os homens da cidade partiram para a guerra por confiarem nos seus superiores e no nosso Governo... Mas todos sabemos que alguns deles não regressarão, apesar dessa confiança.

– Jeanne, perdoa-me por não te ter perguntado isto antes, mas tens um namorado?

Esboçou um sorriso envergonhado.

– Tenho. Chama-se Errando.

– É basco?

– Orgulhosamente, sim. Vive em Lyon. Chegou há dois anos para ajudar na colheita e não partiu... até agora.

– Vão casar?

– Espero que sim. Acordámos que esperaríamos que fosse autorizado a vir a casa de licença.

Não lhe disse que Felix me tinha dito por intermédio de um dos polícias que permaneceram na cidade que não seriam concedidas licenças no futuro próximo.

– Nesse caso, ajudar-te-ei logo que saibas mais alguma coisa – propus.

– Deveras, *madame*?

– Claro. Podemos preparar um almoço de celebração nos nossos jardins, se quiseres. – Era uma boa oportunidade para demonstrar a minha confiança. Caberia a Jeanne merecê-la.

– Só estarão presentes mulheres. E o padre.

– Só o noivo e uma cama serão indispensáveis – disse, com malícia de que Felix se teria orgulhado.

– *Madame!* – Riu-se. – Tem tanta sorte. Conseguiu casar a tempo de ter uma noite de núpcias.

Aquilo significava que os criados acreditavam que Aimery e eu tínhamos consumado o nosso casamento... Deixaria que mantivessem essa crença intacta, por enquanto, visto que isso assegurava a felicidade geral.

– Como é a Mademoiselle Olivares?

– Mal lhe dirigi duas palavras durante o tempo que passei na casa.

Esbocei um sorriso conspirativo

– Vamos. A tua irmã ter-te-á revelado alguma coisa.

– Nem por isso. Não sou muito próxima da minha irmã. Sei que a menina prefere que a tratem por *Señorita* dentro de portas e sei também que tem um temperamento tímido.

– Ah, sim? Os espanhóis têm reputação de terem sangue quente.

– É mais do que isso, *madame*. A Mademoiselle Olivares pareceu-me ser espontânea.

Era uma palavra estranha. Algo no tom de voz de Jeanne me fez acreditar que o que queria

realmente dizer era «instável».

– Queres dizer que é imprevisível?

Encolheu os ombros.

– Parece-me que as suas ações oscilam tanto como as suas emoções.

– Não se aplica o mesmo a todos nós?

– Não. Acho que a *señorita* concretiza a sua espontaneidade. Pode esbofetear um criado ou aninhar uma criança nos braços no mesmo instante.

– Deveras?

– Vi-a deitar ao chão tudo o que uma mesa posta tinha em cima, com a comida espalhada por todo o lado, apenas porque não lhe agradou o guisado *chilindrón*.

– Não pode ser – disse, chocada.

– Não gracejo. Foi medonho. Tinha convidados. Uma barafunda tão grande. Tudo por achar que o pimento sabia a velho.

– Que idade tem?

– Acho que passou já dos trinta, *madame*.

– Não é uma idade feliz para uma solteirona.

– Uma solteirona rica e infeliz.

– Porque está aqui?

– Não sei. A sua família foi obrigada a sair de Espanha, creio. O pai era incrivelmente rico. O irmão morreu e os pais pereceram no mar, segundo ouvi dizer. Está sozinha desde os vinte anos.

– Que história trágica. Parece-me, Jeanne, que acreditou que casaria com o homem que se tornou meu marido.

Os nossos olhares fixaram-se sobre o reflexo da minha cabeça no espelho. Jeanne corou.

– Discuti o assunto com Aimery. Entristece-me pensar que o amará.

Jeanne foi graciosa ao ponto de não responder. Se soubesse mais alguma coisa, não o diria naquele momento, enquanto me prendia o cabelo com uma fita de cetim. Senti que era o fim da nossa conversa sobre Graciela, pelo menos durante algum tempo. No entanto, sentia-me melhor... mais forte, por ter sido a primeira a referir abertamente o assunto.

– Obrigada.

– Há mais alguma coisa em que possa ajudá-la? – perguntou, estendendo a mão para a lanterna.

Sorri.

– Não. Vai-te deitar. Vou desfrutar da minha primeira noite na minha nova cama.

– Devo apagar a luz? – perguntou ela, parecendo esperançosa.

Acenei afirmativamente. A luz elétrica continuava a ser uma novidade. A nossa cidade tinha eletricidade desde a viragem do século e a nossa casa, juntamente com as casas das famílias ricas, como os De Lasset, juntara-se ao novo mundo com iluminação em todas as divisões. Mas os nossos criados e a população continuavam a usar lanternas a óleo em casa e percebi o prazer que alguém sentiria ao puxar o cordão que, como que por magia, acendia e apagava a luz. Além disso, era luz limpa e não exigia trabalho adicional. Conseguia imaginar a que ponto facilitaria a sua vida na mansão.

Quando Jeanne saiu do quarto, fiquei mergulhada num ambiente mais soturno, iluminado por um único candeeiro sobre a mesa-de-cabeceira. Ergui a carta de Sébastien e levei-a para a cama para conseguir lê-la adequadamente. Abriu-se com facilidade e retirei duas pequenas folhas de papel do interior. A tinta roxa voltou a captar a minha atenção por ser uma cor tão rara na natureza e, no entanto, simbolizava de forma tão profunda Grasse, com as suas violetas roxas primaveris. Roxo... a cor da realeza e também do luto. Ao contrário da maioria das pessoas, que refeririam em primeiro lugar o escarlata ou o carmesim, considerava o roxo a cor mais romântica. Era, sem qualquer dúvida, a minha cor preferida e sentia-me dominada pela sua beleza rica sobre o papel grosso de cor creme, pensando se a mão que escrevera aquelas palavras sentiria pela cor o mesmo que eu. A caligrafia de Sébastien, apesar da inclinação rebuscada, formava linhas direitas e apumadas.

Minha cara Mademoiselle Delacroix,

Sem dúvida que achará peculiar a minha decisão de escrever de forma tão repentina por não nos conhecermos. No entanto, temos uma ligação forte graças à amizade passada entre as nossas famílias. Vejo-me forçado a pedir-lhe que perdoe a minha franqueza e brevidade, pois tomo a precaução de lhe enviar esta cara na eventualidade de algo me impedir de chegar a Grasse a tempo de impedir que se case com Aimery.

Sustive a respiração e parei de ler. Sentia-me pestanejar com consternação ao ler aquelas palavras bruscas. Precisei de voltar a lê-las para ter a certeza de que diziam realmente o que julgava ter lido.

Não, não lera mal e compreendera bem a mensagem... *a tempo de impedir que se case com Aimery.*

Um choque renovado abalou-me como consequência da afirmação arrojada. Parecia completamente diferente do alarme motivado pela revelação de Jeanne da sua ligação à amante de Aimery. Aquilo parecia sinistro e ameaçador.

Continuei a ler, mal me atrevendo a respirar sobre as páginas.

Explicarei quando estivermos frente a frente e apresento as minhas mais profundas desculpas por perturbar a sua vida com uma instrução tão obscura. No entanto, estou certo de que terá já aceiteado que não faria uma sugestão tão traumática como gracejo. Não poderia agir com honra maior no meu propósito de assegurar que este casamento não se concretizará, existindo motivos válidos para que nunca se concretize. Invoque o pretexto que lhe parecer melhor, Mademoiselle. Finja-se doente, se for necessário, mas não profira votos matrimoniais que a unam a Aimery De Lasset.

Imploro-lhe que não ignore este édito da nossa mãe.

Devorava as palavras com olhos arregalados e pulso cada vez mais rápido, mas fiz uma

pausa. «Édito...» Ouvi-me a repetir a palavra num sussurro. Não me conhecia, como o seu filho dissera, mas passara a haver uma ligação entre nós. Como era possível que a mãe de Aimery fosse movida por sentimentos tão intensos contra mim, conhecendo a minha família, as ligações que nos uniam, a nossa importância para a cidade? Por mais que me incomodasse, defendia de forma privada e impotente a perfeição da nossa união. Contive a repulsa e continuei a ler a carta.

Tenho pressa de lhe transmitir esta mensagem. Os presentes são um pretexto para o envio da carta. Será sensato que não informe o meu irmão deste contacto. Asseguram-me que possui um temperamento bem conhecido e que poderá emergir. Enviei-lhe uma encomenda separada para que não suspeite de nada.

Há algo de grande importância e urgência que deverei dizer a ambos, mas terá de ser dito em pessoa e não por escrito. Trata-se de uma mensagem da nossa mãe e Aimery precisará de ser convencido da sua sinceridade e isso apenas poderá conseguir-se cara a cara. Infelizmente, encontra-se gravemente doente e cabe-me a escolha nada invejável entre acompanhar os últimos momentos de vida da minha mãe, traumatizando-a por não cumprir a sua vontade de regressar a Grasse para transmitir as suas instruções, sem poder estar a seu lado quando morrer. Serei maldito de qualquer das formas, mas, como filho extremo, satisfaço o seu pedido.

Não será necessário dizer que a informação que a minha mãe deseja partilhar explicará a maior parte da vida estranha que com ela partilhei e que finalmente compreendo.

Mais uma vez, perdoe-me a natureza críptica desta mensagem e o facto de não poder dizer mais. Não posso escrever tudo para proteção de todos nós. Chegarei em breve. Peço-lhe que confie em mim.

Seu,

Sébastien

Mas nunca chegara. Sentei-me na ponta da cama com o coração batendo-me com tanta força no peito que senti náuseas. Libertei finalmente o ar que prendia nos pulmões e, movendo-me com confusão e descrença, atravessei o quarto para abrir mais as janelas. As instruções na carta deixaram-me sem fôlego.

A noite estava silenciosa e as luzes apagavam-se na cidade em baixo enquanto o cheiro do jasmim me perseguia. Na verdade, deixei-me perder em momentos desesperados de clareza enquanto o odor etéreo do jasmim-branco se erguia na noite estrelada, permitindo-me saborear a base de uma nova fragrância no limiar dos meus sentidos. Ali, naquele local de perfume e beleza, residia a verdade. A vida parecia pura e descomplicada. Compreendia-a, confiava nela, mas sabia que não podia permanecer naquele mundo. A vida esperava-me. Precisava de confrontar a escuridão que a carta infiltrara nos meus pensamentos.

Que precisava Sébastien de partilhar? Os seus modos bruscos faziam-me tremer, mas era óbvio que tivera pressa de me fazer chegar a carta e isso não lhe permitiu tempo para construir

uma missiva delicada que me preparasse aos poucos para o choque. Pestanejei, incrédula. Que motivo poderia existir para que Aimery e eu adiássemos o nosso casamento? Porquê tão grande segredo? Senti uma pontada de alívio renovado por não ter ainda partilhado uma cama com Aimery, mas esse alívio veio com uma pitada de raiva por constatar que alguém tentava impedi-lo. Sabia que os meus pensamentos contradiziam o que sentia por Aimery, mas começava a sentir desagrado real por homens que pretendiam controlar-me. Quer me agradasse ou não, Aimery e eu éramos marido e mulher. O que poderia superar isso?

Claramente, os planos de Sébastien para chegar a Grasse a tempo tinham sido interrompidos pela declaração de guerra. Pensei se Aimery já conheceria a informação que Sébastien estava tão determinado em partilhar connosco. Tê-la-ia já partilhado com o seu irmão, sem dúvida. Que significado teria?

Não conseguiria dormir até enfrentar aquele dilema. Recusei ver um novo amanhecer muda e sem reagir ao drama. Precisava de atuar de alguma forma. Seguindo um instinto súbito, voltei a acender a luz do quarto, puxando pelo meu novo conjunto de escrita, um presente de casamento de Felix, e iniciando uma nova carta para o meu marido.

Caro Aimery,

Convenço-me de que esta carta te encontrará animado, mesmo que não possas estar satisfeito por estares onde estás. Sei que serás um bom exemplo para os teus homens. Estamos todos muito bem por aqui, mesmo que a vida se tenha tornado muito sossegada. O silêncio na cidade é quase total.

Obrigado pelos meus belos aposentos. Vejo que houve esmero na decoração para usar as minhas cores preferidas de forma contida e com bom gosto.

Não me pareceu necessário dizer-lhe que era a minha primeira noite ali. Também achei que seria pouco sensato vacilar. Teria de ser sincera e não podia fingir, por mais franco que me tivesse parecido o pedido, que não tinha sido contactada por Sébastien.

Infelizmente, escrevo-te esta carta num estado de grande confusão. Recebi uma mensagem do teu irmão. Sébastien pediu-me que adiássemos o nosso casamento até conseguir chegar à cidade com notícias da tua mãe. Não diz de que se trata, mas foi veemente. Fazes alguma ideia do que poderá ser?

Fiquei por ali, preferindo não lhe recordar que, mesmo que o nosso casamento tivesse prosseguido, éramos marido e mulher apenas de forma nominal.

Passando para um assunto mais alegre, a colheita começará amanhã. Consegues imaginar que começaremos a destilação no final da semana? O pessoal das duas casas fará as famílias orgulharem-se. Sei que ajudará se todos mantiverem as suas rotinas, cuidando dos campos e ocupando-se nos armazéns.

Voltarei a escrever em breve. Por agora, mantém-te em segurança, caro Aimery, e

esperarei a tua resposta.

Atenciosamente,

Fleurette

Selei a carta para me impedir de mudar alguma coisa. Olhei o envelope escrito com tinta negra simples. A carta de Sébastien estava a seu lado, como uma acusação. Traía-o, mas consolei-me com o facto de não o conhecer e de não ter pedido a sua confiança. Imaginava uma versão mais jovem de Aimery, o que dificilmente me animava. Mas as suas palavras não o tornavam parecido com Aimery. A sua carta, apesar da natureza insistente, parecia respeitadora. Quase afetuosa.

Apaguei todas as luzes para encerrar o assunto e demorei-me a instalar-me na minha nova cama com as suas almofadas altas. Os lençóis pareceram-me frios de forma simultaneamente chocante e deliciosa, contrastando com o calor no quarto, e deslizei com gratidão entre a sua suavidade acetinada, afastando o edredão de penas com um pontapé e olhando o dossel de tule que se erguia majestosamente por cima, pendendo junto a cada um dos quatro postes de suporte.

Fiquei ali deitada, fingindo que os meus pensamentos estavam serenos. Na verdade, aceleravam, primeiro em direção a Felix, desejando-lhe uma boa noite, depois até Henri, fazendo o mesmo. Curiosamente, foi em Sébastien que pensei a seguir. Tentei imaginar qual teria sido a situação quando a sua mãe desmanchou o quarteto formado pelas nossas duas famílias, abandonando Grasse.

Enquanto decidia que teria de aprender mais sobre aquela mulher enigmática, o sono ter-se-á aproximado misericordiosamente, envolvendo-me. Afundei-me naquele plano de existência entre dormir e estar acordada, sem estar consciente e sentindo-me atordoada ao ponto de não conseguir pensar. Senti-me confortável no meu abrigo em Grasse, sabendo que a França conseguiria fazer recuar os alemães de forma heroica e que os nossos homens regressariam em breve. Daquele ponto de observação privilegiado, tombeii lentamente em direção ao sono, sem desconfiar que uma tempestade vinha a caminho, preparando-se para devastar a minha vida, as vidas de todos nós, alterando-as para sempre.

Num esforço para ser vista a conviver com as esposas dos outros oficiais, participei num pequeno-almoço em casa de Catherine. Parecia animada, tendo recebido notícias de Henri no dia anterior, tal como eu. E, apesar de as suas cartas serem breves, percebíamos, lendo nas entrelinhas, que os meus irmãos combateriam provavelmente na Lorena ou na Alsácia. Duas das suas convidadas, que conhecia mal, tinham maridos no regimento de Aimery e pareciam saber mais do que eu. Sabiam que o 23.º se tinha afastado da fronteira italiana, estando já no norte da França.

Bebi educadamente um gole de café, apesar de preferir chá, e inclinei-me para Catherine enquanto a sentia apertar-me o braço.

– Parece correr-lhes bem.

Acenei com a cabeça. Henri não dissera nada na sua carta, não dissera grande coisa além de insinuar a proximidade da fronteira e o facto de se ter esquecido de trazer livros, pedindo-me que falasse com o Monsieur Bouchard para saber se tínhamos banha suficiente para a *enfleurage* daquele ano. Supus que me consolou de alguma forma a natureza banal desta carta, pois não continha nada que pudesse alarmar-me.

– Sim. Henri e Felix olharão um pelo outro – assegurei. – Não deves preocupar-te.

Encolheu os ombros.

– Tens tanta sorte por teres casado antes da partida dos homens.

– Tenho?

Olhou-me, perplexa.

Corrigi rapidamente as palavras.

– Quer dizer, agora que estou casada, desconfio que terei motivos bastante para me preocupar.

A natureza de Catherine fazia-a ser doce para toda a gente. Abraçou-me com ternura fraternal.

– De certeza que o teu Aimery será um herói.

Esbocei um sorriso ténue enquanto se virava para a pessoa a seu lado para iniciar uma conversa sobre peças de algodão e seda recém-chegadas de Itália. Seriam as últimas durante algum tempo, supus, sentindo-me um pouco aborrecida, mas tentando desesperadamente não demonstrar que me interessava mais a colheita do jasmim do que os tecidos mais modernos.

Não era por culpa sua que me sentia desenquadrada e percebi que teria de me esforçar mais para me integrar entre as minhas pares porque Felix partira e ficaria sozinha se não fizesse esse esforço.

– Ouço dizer que os nossos homens de Grasse estão unidos no Norte. Ouviu dizer o mesmo, Madame De Lasset? – A minha vizinha riu-se, mas não me deixou responder. – É tão estranho tratá-la assim e não como Mademoiselle Delacroix.

Mantive o sorriso firme.

– Ainda não me habituei – concordei.

– Acho que será a mulher mais sortuda em Grasse por ter casado com aquele seu oficial garboso.

Pareceu-me que todas acreditavam naquilo.

– Obrigada – disse, da forma mais graciosa possível. – Não tivemos muito tempo para sermos marido e mulher.

Voltou a rir-se, obviamente ouvindo naquelas palavras uma insinuação brejeira inexistente.

– Estou certa de que compensará esse facto na sua primeira licença. O meu Giraud julga que acontecerá em breve. Acredita que estará tudo terminado no Natal. Contou-me o meu pai que, de acordo com o jornal, há cidades cujas populações já foram repatriadas. Talvez Giraud esteja certo.

– Sim, tudo terminado no Natal – assegurou a mulher de outro oficial, juntando-se à conversa enquanto estendia uma mão para um minúsculo bolo ensopado em calda.

– Esperemos que sim – repliquei.

– Passará o verão em Grasse este ano? – perguntou, dando uma dentada contida no bolo e respondendo à sua própria pergunta. – Suponho que não será recomendável ir para algum lado por agora. Mas confesso que me agradaria uma mudança de cenário.

– Estamos na colheita do jasmim – disse, camuflando a minha surpresa por precisar de perguntar o que fariam um Delacroix ou um De Lasset durante o mês de agosto.

– Ah, mas tem gente para se ocupar disso, seguramente? – disse, parecendo vagamente chocada por ver que me preocupava com o assunto.

– Este ano, não – recordei-lhe enquanto esboçava um sorriso sereno, disfarçando a forma como não conseguia esperar para estar entre as flores, os trabalhadores e a vida real que amava.

O calor era abafante e nem sequer era meio-dia enquanto me erguia no armazém da fábrica, onde muitos quilos de flores de jasmim eram gentilmente vertidos para fora dos seus sacos. Fora-me ensinado que aqueles frágeis botões teriam chegado a Espanha pelo continente africano, vindo do Oriente exótico, de Caxemira e da Pérsia. Os espanhóis tinham trazido aquela flor régia com a sua fragrância incomparável para a nossa região. Era preciosa de tantas maneiras diferentes, incluindo pela forma como precisava de ser colhida pelas mãos treinadas das especialistas na colheita, mulheres capazes de colher seis ou talvez sete quilos de rosas em maio e que conseguiam apenas colher três quartos de quilo de jasmim durante o mesmo número

de horas em agosto. Era trabalho entediante e cansativo, exigindo concentração e rapidez. Nada conseguia despertar a raiva do meu pai mais rapidamente do que um saco de pétalas de jasmim manchadas ou estragadas que, como costumava dizer-lhe em jeito de gracejo, ficavam castanhas quando alguém se limitava a olhá-las da forma errada.

As mulheres tinham começado com a primeira luz do sol e estivera nos campos com elas, partilhando o trabalho, enquanto o sol se erguia lentamente sobre Grasse. Normalmente, as mulheres cantavam no caminho para os campos de flores, um mar de branco luminoso, mas, naquele dia, permanecemos em silêncio, todas nós, pensando na guerra que se desenrolava na nossa fronteira.

Recebera uma mensagem de Felix por intermédio do quartel local, explicando de forma sucinta que, apesar de terem sido enviados para guardar a fronteira italiana, o 24.º fora posteriormente transferido para a Lorena para participar no avanço inicial contra a Alsácia. Parecera tudo demasiado real, demasiado assustador e agradava-me perder-me no trabalho repetitivo da colheita e no mundo que compreendia.

Tendo deixado os campos quase uma hora antes, dei-me tempo suficiente para comer uma tartelete fina e beber uma chávena rasa de café doce antes de atravessar o armazém. Não queria perder um momento que fosse da crucial fase seguinte.

Inspirando profundamente, saboreei o cheiro fresco e cremoso da nossa flor mais preciosa, que não podia ser macerada ou destilada com vapor. Ao invés, tínhamos de empregar uma técnica conhecida como *enfleurage*, que já estava em curso, com um grupo de mulheres atarefadas nos seus postos de trabalho, a que chamava «janelas» desde pequena. Com um aceno de cabeça à supervisora, uma perita na colheita que passara a vestir a familiar roupa completamente preta da supervisão, levando muito a sério o seu papel, afastei-me do cenário idílico das trabalhadoras vertendo os sacos de flores colhidas, passando à área da *enfleurage* para acompanhar os progressos. Sabia que a Madame Aurelie manteria um horário rígido mas justo para as trabalhadoras, sobretudo por conhecer bem o esforço físico exigido pelo trabalho. Asseguraria a regularidade das refeições, dos intervalos e dos exercícios para esticar a coluna, mesmo que o supervisor anterior, o Monsieur Planque, fosse menos benévolo.

– Boa tarde – disse ao grupo de cerca de quinze mulheres, tão animada quanto conseguia estar.

– Boa tarde, *madame* – disseram em uníssono, fazendo-me sorrir.

– Como estão as vossas mãos?

– Não estão mal – respondeu uma mulher mais velha.

As suas mãos pareciam garras de águia e, no entanto, moviam-se com destreza delicada. Olhei-a, maravilhando-me com a sua experiência enquanto pegava num painel de vidro com aro de madeira. Tinha sido besuntado com banha. Percebia pelo cheiro que, naquele ano, não era sebo. Era decididamente banha de porco. Trabalhando de forma rápida e empenhada, a velha Adélie embebeu as pétalas de jasmim na camada de banha com a ternura com que alguém pegaria num recém-nascido. Nenhuma pétala com os seus sucos luxuriantes e preciosos alguma

vez se estragara nas mãos de Adélie. Durante os dias seguintes, aquela fragrância noturna perfeita difundir-se-ia. Juntamente com as suas companheiras, trabalharia durante as semanas que se seguiriam, substituindo as pétalas de três em três dias até a banha atingir aquilo a que o meu pai chamava saturação, quando a gordura deixava de conseguir absorver a fragrância.

– Já está, Madame Fleurette – disse Adélie, terminando outro painel. – A base estará pronta antes que dê por isso.

Esbocei-lhe um sorriso de gratidão. Todos sabíamos que aquela era a riqueza da nossa região. Era aquele o momento, o mês principal em que conseguíamos o nosso lucro. Além de maio, a época da rosa, agosto era crucial e era por isso que insistira para que puséssemos de parte o medo que sentíamos pelos nossos homens, mostrando que conseguiríamos completar a colheita com as mãos que tínhamos disponíveis. Porque, de qualquer forma, aquela parte do trabalho era desempenhada sobretudo por mulheres sob supervisão masculina, sentia-me confiante de que conseguiríamos completar a colheita de 1914, merecendo o orgulho dos homens.

Não tentaria vender a cera da *enfleurage*, a base, como lhe chamávamos, como as nossas duas famílias tinham feito em várias ocasiões. Porque estávamos em guerra, não saberia como iniciar tal negociação. Ao invés, pretendia que lavássemos a gordura, absorvendo as moléculas odoríferas no álcool, que os nossos químicos poderiam evaporar, conseguindo obter uma quantidade invejável de essência de jasmim. O líquido viscoso e amarelado continha o espírito puro daquelas flores noturnas de odor poderoso. A fragrância delicada perduraria.

– Excelente trabalho, *madames*. Continuem! – disse com tanto entusiasmo quanto conseguia colocar nas palavras. Entoaram em coro a sua despedida. Todas se esforçavam para permanecer animadas, mas a ausência de homens à nossa volta e o facto de sabermos que poderia haver armas disparadas na nossa fronteira pairou como uma sombra densa num canto, ameaçando alastrar e intensificar a sua presença sempre que nos atrevíamos a desfrutar do momento mais feliz do ano.

Deixando a zona de *enfleurage*, o meu olhar voltou a ser atraído pela montanha de pétalas de jasmim orvalhadas, acalmando a sua frescura, dispostas no extremo oposto do armazém. Comecei a fazer cálculos mentais, espantada pelos números. Cada onça de essência exigiria aproximadamente um quarto de milhão de flores, talvez outros cinco milhões para tingir uma quantidade que pudesse ser vendida, o que implicava centenas de horas de colheita. Avassalador! Pelo menos metade dos campos de Grasse cobria-se com jasmim. Conseguiríamos colher esse número assustador de flores com as mulheres que tínhamos disponíveis para trabalhar? Não era um problema que as nossas famílias tivessem enfrentado anteriormente. Não era, certamente, uma questão em que alguma vez tivesse precisado de pensar. A força laboral era o domínio de Henri e fora assim durante muitos anos, não constituindo para ele uma dificuldade. Além de população inteira de Grasse se envolver tradicionalmente na colheita, teria habitualmente um influxo de trabalhadores migratórios. Franceses e francesas chegariam de várias províncias e também trabalhadores espanhóis e italianos. Alarmada, fiz um esforço para tentar lembrar-me de reunir com o conselho municipal, com quem tivesse ficado para trás, pelo menos, para discutir um anúncio formal da tarefa que nos esperava. Precisaríamos de todas as mulheres, jovens ou velhas, para ajudar a manter em movimento a economia de Grasse.

Flutuando sobre o odor das flores enquanto me afastava do armazém principal, comecei a separar inconscientemente os perfumes intoxicantes que conseguia sentir. Eram mais verdes este ano, sem dúvida. Sentia-o e, no entanto, a sua opulência permanecia intacta e capaz de provocar a sensação intensa tão inerente no «rei das fragrâncias», como Felix lhe chamava. Sorri, recordando a forma como descrevia a rosa como sendo feminina e o jasmim como sendo masculino. O que cheirava no nosso jasmim era uma sensualidade curvilínea que bem conhecia, com a minha imaginação precisando de apenas um minuto para elevar um perfume a um novo patamar de beleza. Era aquele o meu talento, o meu dom divino. As flores podiam ter entre quinze e várias centenas de componentes individuais. Isolei alguns enquanto me dirigia para o laboratório da De Lasset. Escolhi uma nota ressonante de alperce para suavizar o odor ligeiramente herbal que me parecia mais forte naquele ano. Desafiaria a forma tradicional como costumávamos pensar no nosso jasmim. Quando o usasse, precisaria de ajustar essa frescura para o manter no segmento olfativo sombrio e sensual a que pertencia. O meu pai sempre se inclinara para o exotismo no perfume de jasmim, homenageando as suas origens. Um dos meus preferidos foi um dos seus primeiros. Fizera-o para a minha mãe como presente de casamento e misturava quantidades generosas de sândalo com notas de baunilha, canela e cedro, tudo permeado pelo jasmim, unindo os elementos como um laço etéreo que conferisse sentido às partes para formar um todo. Um majestoso perfume noturno a que chamou *Immortelle*.

Tinha aplicado uma gota naquele dia em honra da colheita e do meu pai... e para recordar a nossa mãe naquele momento em que as famílias sofriam com a separação. Cheirei o cotovelo, um velho hábito, para afastar do pensamento qualquer outra fragrância. A seguir, cheirei o pulso. Enquanto inspirava, a face nobre do meu pai ganhou foco na minha mente, mas, mais importante do que isso, a presença da minha mãe tornou-se imediatamente mais tangível. Era como se o seu espírito tivesse sido invocado naquele instante e se erguesse diante de mim. Não conseguia vê-la ou ouvi-la com os olhos da mente, como sucedia com o meu pai, mas estava presente, mesmo assim. Era esse o poder da fragrância. Transportava-nos. Para o olfato, o tempo, a distância e a idade não faziam qualquer sentido. Contive a surpresa de ser catapultada de volta para a infância e para o aroma quente que vivia ainda na minha alma.

Foi nesse instante que percebi o que precisava de fazer. Era uma tarefa que me atribuía a mim mesma... um sonho, um objetivo, um marco de ambição que abriria um caminho para o meu futuro.

Conceberia o meu próprio perfume. Um parisiense comum conseguiria identificar cerca de vinte cheiros diferentes. Felix conseguia identificar pelo menos dois mil e quinhentos e o meu pai mais alguns. Mas eu fora dotada com um olfato capaz de distinguir mais de três mil. Felix contara-os, certa vez, para ter a certeza de que conseguia realmente eclipsar o seu talento. Não que nenhum de nós se importasse, pois a marca Delacroix era um exercício de equilíbrio. O meu pai era o ponto de apoio e cada um de nós fazia pender o equilíbrio para cada lado. Complementávamos os talentos do outro de inúmeras formas. Começando pela complementaridade óbvia entre masculino e feminino e chegando à sutileza maior do domínio de Felix da família olfativa cíprica, que ia dos citrinos aos aromas herbais e frutados. Neste sentido, o seu talento era superior ao meu, mas, no que dizia respeito aos aromas de tipo

fougère, com as notas de fumo, madeira e especiarias, o meu dom era ímpar. Juntos, podíamos ser formidáveis, mas, depois da morte do meu pai, o laboratório não foi entregue por inteiro aos seus filhos gémeos. Tínhamo-nos limitado ao rumo mais conservador, fornecendo matéria-prima ou fragrâncias completamente formadas a outras casas de Paris, Londres, Nova Iorque ou Milão, para que as apresentassem como suas. Desde a adolescência que Felix e eu sonhávamos com a criação de uma gama com a marca Delacroix.

Porque não poderia começar naquele verão, no ponto mais profundo da nossa desgraça, perdendo-me na conceção de um novo perfume? Porque não? No seu centro, estaria o jasmim, em quantidades minúsculas, mas presente, mesmo assim, como evocação final dos meus pais e como ponto decisivo no início de uma nova era.

O químico da De Lasset era velho. Teria certamente chegado aos sessenta anos e o seu assistente, o único que lhe restava, tanto quanto percebia, seria talvez dez anos mais novo. Pareceram ambos sobressaltados por me verem penetrar na santidade do seu laboratório. Estavam rodeados por frascos de todas as formas e tamanhos contendo líquidos de cores variadas, indo do amarelo ao verde e ao castanho. Alguns dos frascos eram opacos e da cor do chocolate, contendo os óleos mais frágeis. Os frascos transparentes cintilavam. O seu potencial seduzia-me sempre.

Os dois homens pararam o que faziam como se tivessem sido surpreendidos a fazer algo que não deviam. Trabalhavam perto de dois grandes nacos de âmbar-gris cinzento. Aquela regurgitação semelhante a cera proveniente da digestão das baleias tinha perdido a sua qualidade fecal primitiva e fora envelhecida para libertar o seu aroma mais orgânico e doce. Nunca deixara de me sentir fascinada por aquele elemento vital da arte do perfumista. Desde que o meu pai me explicara a sua origem, passara a vê-lo como uma âncora aromática dos perfumes. Felix lera algures que, depois de expelido, e apenas pelo cachalote, segundo me assegurou, precisava de anos para se formar, flutuando sem cessar no oceano e chegando às praias. A sua raridade era extrema e o seu preço comparável ao do ouro. A nossa classe tratava-o com enorme respeito, usando-o em quantidades ínfimas e sentia-me hipnotizada pelos dois enormes penedos deste material raro.

– Madame De Lasset!

– Tratem-me por Madame Fleurette, por favor – pedi. – Bom dia, Monsieur Planque. Deve sentir a falta do seu irmão – disse, orgulhando-me da minha memória. – O armazém sente a sua ausência, sem dúvida.

– Philippe escrever-me-á quando puder para me informar do seu paradeiro e para confirmar que se mantém de boa saúde – disse, rígido. – *Madame*, permita que lhe apresente o Monsieur Boucard, que trabalha comigo.

– Monsieur Boucard – repeti, sorrindo e acenando com a cabeça numa saudação cordial.

O homem pareceu ultrajado por me ver no laboratório e limitou-se a baixar a cabeça, batendo com os tacões.

– Como estão, *messieurs*? – Estava determinada a ignorar a formalidade, mas desconfiei que

seria uma tarefa difícil com aqueles cavalheiros.

– Estou perfeitamente bem, *madame*. Poderei perguntar-lhe também como se encontra?

– Como veem. Um pouco cansada da colheita, mas também animada por ela, levando em consideração a disposição generalizada da cidade.

Ambos me olharam fixamente como se fosse uma forma de vida desconhecida.

– Em que trabalha? – perguntei, tentando começar uma conversa.

– Hmm... é uma mistura para uma perfumaria inglesa.

– Sim? E qual é a base?

Os homens entreolharam-se.

– Notas de couro, *madame*. Será usado numa gama de produtos de higiene.

– Suspeito que esse cliente levará anos a pagar nas presentes circunstâncias.

Acenou afirmativamente, continuando a parecer atordoado.

– Parece-me que terá razão, *madame*.

Seguiu-se uma pausa desconfortável.

– Como poderemos ajudá-la, Madame De Lasset?

– Na verdade, vim oferecer-vos a minha ajuda, se puder ser-vos útil.

– Perdão, *madame*? De que forma poderia ser-nos útil?

Não percebi se estaria a ser deliberadamente obtuso.

– Bom... sou filha do meu pai em todos os aspetos – tentei dizer, esperando que percebesse onde queria chegar sem me achar arrogante. Mas o Monsieur Planque limitou-se a olhar-me, perplexo. – Quer dizer... tenho o *Nariz*. – Pareceu tão pomposo e transmitia a arrogância contra a qual o meu pai me advertira no momento da sua morte.

«Como poderá algo ser arrogante se é apenas a verdade?», perguntei-lhe.

Esboçou-me um sorriso indulgente.

«Permite que aqueles que te rodeiam descubram sozinhos os teus talentos. Alguém que precisa de impressionar os outros sofre de insegurança. Não sejas essa pessoa, querida Fleurette. Sê forte, mas compreende que és uma mulher com um dom que os homens acreditam ser exclusivo do seu género, num tempo em que te odiarão por isso.»

«Nesse caso, mudarei a atitude do mundo. Serei uma perfumista de topo.»

«Espero que sim, mas deverás demonstrar o teu talento em vez de falar sobre ele... e deverás ser cuidadosa quando tentares impor esta ideia às vidas dos que te rodeiam. Torna a cautela tua aliada, minha filha.» Parou para tossir e, quando recuperou, inspirava como se cada fôlego pudesse ser o seu último. A seguir, continuou: «Deverão reparar um dia na existência de uma mulher perfumista entre eles. Nesse momento, será demasiado tarde para te rejeitarem.» A sua voz era rouca. Em breve, uma daquelas inspirações laboriosas seria realmente a sua última. Lembro-me de o ter pensado com o mais profundo desconsolo. «Mas, se lhes impuseres com demasiado vigor o teu sonho, sentirão rancor e mover-se-ão contra ti. Um homem deverá poder manter o seu orgulho, Fleurette. Nunca o esqueças. O dia das mulheres perfumistas virá, certamente, e espero que sejas tu a primeira, mas deverás chegar em silêncio, sem que os teus colegas masculinos se sintam menosprezados pela tua chegada.» O meu pai morrera no dia seguinte, mas conseguia ainda ouvir a sua recomendação de cautela, que ignorei.

– Parabéns, Madame Fleurette. É um talento raro e invejável. Sim, ouvi falar do seu dom especial. – Esforçou-se para tentar disfarçar a troça nas suas palavras.

Mas precisava de insistir. Era demasiado tarde para recuar.

– Pensei que, por vivermos tempos invulgares, poderia envolver-me de alguma forma.

– Ah, sim? De que forma? – Conseguiu parecer completamente inocente e descomprometido, mas era o tipo de homem a que o meu pai se referira... juntamente com todos os que pensavam da mesma forma. Pertenciam a uma geração anterior, a um século anterior. O salto que pretendia dar exigia-lhe que avançasse o seu pensamento com arrojo.

Talvez tenha sido a forma como o assistente fixou em Planque um olhar divertido de soslaio a irritar-me. Sentia a presença da besta contra a qual o meu pai me advertira despertando dentro de mim.

– Pretendem fabricar uma fragrância masculina, não é assim?

Ambos acenaram afirmativamente. Claramente, nenhum deles ignorava o facto de ser a nova esposa do seu patrão e de precisarem de me dedicar alguma atenção.

– E parece-vos que os homens querem cheirar como se tivessem acabado de sair da floresta depois de lutarem contra um urso durante horas?

Monsieur Planque pestanejou rapidamente.

– Parece-me que não compreendi onde pretende chegar, *madame*. O seu tom de voz tornara-se delicado. Em breve, poderia mesmo vir a ser encantador.

– Como poderei tornar isto mais fácil de compreender, cavalheiros? Um homem usa produtos perfumados para auxiliar os seus cuidados pessoais, sim, mas, essencialmente, fá-lo para parecer atraente perante terceiros, sobretudo perante mulheres. Posso assegurar-vos que, para conseguirem impressionar as mulheres, terão de aligeirar a vossa fragrância com alguns aromas que tornarão mais subtil o perfume quase de javali que conseguiram fabricar.

Planque reagiu como se o tivesse esbofeteado.

– *Madame!* Não sugerirá, certamente, que...

– Mas é o que sugiro. Talvez tenha esquecido que sou a autoridade máxima das duas famílias, agora que os nossos homens partiram para a guerra, Monsieur Planque. – A acusação velada por não estar na frente com eles foi sentida, mesmo assim. Vi-o encolher-se sob a ferroada e, apesar de sentir vergonha, não podia parar. – Se pretende realmente criar um cheiro a cavalo acabado de sair do estábulo, terá de ser equilibrado para que uma mulher não pense simplesmente num cavaleiro suado que caiu e rebolou na terra ou até em estrume de vaca. Compreendeu as minhas instruções? – Não esperei pela sua resposta, sobretudo porque Planque me olhava com uma nova sucessão de pestanejares espantados. – Adoro uma fragrância que evoque o estábulo: um homem belo e poderoso com botas altas e um casaco impermeável, o estalar do couro, o cheiro a feno, com cavaleiro e cavalo igualmente transpirados depois de um galope matinal pela neblina. Sim, quero que seja sublinhado com um absoluto de flor de tabaco. E é claro que consigo cheirar claramente o acréscimo de âmbar almiscarado, bétula-branca, zimbro, líquen, pachuli, a alfazema mais madura, mas permita-me também captar o humor deste homem, o seu lado romântico, Monsieur Planque. Dê-me bergamota, cumarina, a promessa delicada da rosa... – Gesticulei-lhe em exasperação ligeira. – Uma sugestão de jasmim far-me-á pensar

inevitavelmente numa noite sem estrelas e na sua promessa nos braços de um homem.

Os dois homens abriram a boca de espanto e senti-me corar.

– Perdoem-me. – Pigarreei, mas uma nova onda de indignação sobrepôs-se a esse silêncio. – A questão é – disse, esperando desesperadamente conseguir expor um argumento racional –, que a mistura dos aromas mais masculinos, sobretudo a civeta e o almíscar que consigo cheirar, com a suavidade do lado feminino tornará o perfume imediatamente apelativo para as mulheres que esperam impressionar. A mulher sentirá o odor primordial do caçador, mas saberá estar segura diante dele – concluí, esperando que as minhas capacidades de exposição conseguissem cativá-los.

Felizmente, o Monsieur Planque acenou afirmativamente e esperei não ter imaginado a breve manifestação de respeito que lhe vi na face.

– E que tal um pouco de olíbano? – perguntou.

– Perfeito, claro. Continua a evocar a floresta, mas tem uma tonalidade cítrica, permitindo que essa frescura se sobreponha aos odores mais fuliginosos. E, se decidirem usar a frescura maior da bergamota, o olíbano modificá-la-á. Nesse caso, entraremos no reino do exótico, claro, com o acréscimo da resina de olíbano.

– Por evocar o incenso – disse o seu colega, esperançoso, tentando resgatar-nos do precipício sobre o qual nos debruçávamos.

– Com efeito. Mal posso esperar para cheirar essa fragrância. Poderei oferecer-vos um pouco mais de intuição feminina?

Acenaram com a cabeça, impotentes.

– Talvez um odor mais verde diluído com água possa funcionar igualmente? – Suspirei, esperando que o entusiasmo renovado lhes parecesse uma explosão de laranja ou limão sobre sândalo. E a minha nova disposição funcionou. De repente, regressávamos à igualdade de patamares entre noiva apaixonada e noivo mais velho e indulgente.

– Obrigado, *madame* – disse Planque, de forma significativamente mais sincera do que quando chegara. – Deu-me motivo para pensar.

– Ao seu dispor, *monsieur*. – Deixei o assunto assim, mesmo que as palavras se acumulassem atrás da minha boca fechada. Finalmente, seguia o conselho bem-intencionado do meu pai. «Diz menos, ouve mais» era um dos seus adágios preferidos. Olhei o meu relógio. – Boa tarde, cavalheiros. Agradeço-vos o vosso tempo. Suponho que será melhor assegurar que os nossos trabalhadores suspendem as suas tarefas para o almoço – disse, esperando que a referência a uma tarefa mais feminina os aplacasse. – Ansiarei por cheirar o vosso perfume terminado, Monsieur Planque.

Curvaram-se ambos e o assistente de Planque bateu outra vez com os tacões de forma educada. Esperei conseguir escapar do fosso que escavara para mim mesma. Talvez seguisse o conselho de Aimery, mantendo-me longe do seu laboratório. Mas recusava manter-me longe do nosso, sobretudo depois de ter decidido sonhar o meu novo perfume. Desafiaria Henri e, sim, desafiaria até o meu pai. Nada me impediria de usar o talento invejado e inato que possuía. Seria uma perfumista a qualquer custo.

23 de dezembro de 1914

Passaram-se meses, o tempo sucumbira ao frio invernos e os campos permaneceriam adormecidos até à primavera seguinte. O único aspeto das nossas vidas que não serenava eram as armas e as bombas da frente. As notícias chegavam de forma esporádica e as cartas eram censuradas. Acreditei que Felix teria desistido de escrever por odiar todas as normas impostas e Henri não costumava pegar na caneta a não ser quando se passava algo de importância vital. Suspeitei que os meus dois irmãos teriam feito um pacto para não assustar a sua irmã com histórias da guerra.

Aimery não respondeu à minha carta sobre Sébastien. Pensei se teria algo a esconder, mas não podia saber mais nada até estar perante ele, já que ignorava claramente as minhas questões.

Bateram à porta do salão e Jeanne espreitou. Olhei-a sobre o ombro percebi que parecia perturbada, mas não deixaria que me afetasse em demasia.

– Sim, Jeanne? – disse, voltando-me, distraída.

Ocupara-me durante toda a manhã a dispor azevinho e ervas sobre a lareira num súbito impulso de atividade destinado a conseguir conferir ao local alguma sugestão de que estávamos numa época festiva. Precisei de horas para pôr ordem nas folhas variadas e também em alguns heléboros ou rosas-de-inverno, como lhes chamávamos, fixando-as com cordel.

– Parece-te demasiado? – perguntei-lhe, recuando para admirar o meu trabalho enquanto apoiava as mãos enluvadas nas ancas, olhando sobretudo o azevinho. Normalmente, adorava a arquitetura das suas folhas espinhosas e a escuridão sensual da sua textura verde e brilhante, mas as bagas escarlates, tão alegres, recordavam-me agora gotas de sangue, como se sugerissem o desperdício das vidas dos homens de Grasse.

Em honra dos nossos homens, entrelacei rosmaninho, que protegíamos em vasos numa pequena estufa durante o inverno. O seu cheiro resinoso e levemente adstringente era aquecido pelo fogo e sentia-o nos dedos, juntamente com o odor semelhante a cravinho do tomilho seco que misturara na verdura entrançada. Teria acrescentado também estragão, porque simbolizava a força e porque nenhum lar francês digno do nome cozinhava sem empregar o seu sabor anisado. Naquele momento, sentia o cheiro do alcaçuz apimentado que sabia provir das folhas recentemente secas que aqueciam no salão. Sentia-me confortada no momento em que mais

sentia a falta dos meus irmãos.

– Não, *madame*. Parece-me magnífico. Alegra muito o salão – admitiu.

– Tenho ervas de sobra. Talvez os criados desejassem decoração semelhante para a sua sala?

– Sei que o apreciariam muito. Ajudaria a aligeirar o ambiente.

Descalcei as luvas.

– Tinhas algo para me dizer?

– A senhora Olivares deseja vê-la.

– Graciela? – Teria dito sessenta nomes de visitantes mais prováveis. Jeanne acenou com a cabeça uma única vez. Compreendia agora a sua apreensão. – Deu um motivo para a visita?

– Disse que gostaria de apresentar os seus cumprimentos.

– Compreendo – disse, hesitante e pensando imediatamente em Aimery. Pensando se aquilo contaria como referir o seu nome e pensando em como se sentiria furioso se soubesse que me encontrava com ela. Mas não acontecia por minha escolha. – Veio cedo, mas seria indelicado da minha parte fazer outra coisa além de a receber. Podes trazer café e bolos, por favor? Presumo que tenha vindo sozinha.

– Sim.

– Muito bem – disse, suspirando. – Por favor, fá-la entrar.

Jeanne partiu e despi apressadamente o avental, demasiado consciente da minha saia verde simples e blusa creme. Não trazia joalharia além da aliança, por não esperar visitas naquele dia. Contava com a vinda de uma sucessão contínua de visitantes no dia seguinte, a véspera de Natal, até subirmos a colina em direção à catedral para assistir à missa do galo. Pareceria solitária naquele ano, mas, pelo menos, poderíamos rezar em conjunto pelas almas de Grasse. Mas Graciela! Seria tão estranho.

Outra vez a batida na porta e inspirei fundo, alisando nervosamente a minha saia e ajustando a fivela do cinto.

– Entre – disse, esforçando-me por fazê-lo com um tom afável.

Jeanne abriu a porta e, a seu lado, erguia-se a elegância fisicamente diminuta e ardente de Graciela Olivares. Era consideravelmente mais alta que ela e, mesmo assim, parecia absolutamente indiferente à minha altura. E porque haveria de sentir qualquer outra coisa? Comparada com ela, vestia cores neutras, fazendo lembrar uma rata de sacristia enquanto Graciela se vestia de carmesim teatral com botas, luvas e um colarinho e regato em pelo, tudo de cor negra. O seu chapéu estava debruado a pelo e os lábios estavam pintados para combinar com a renda das suas vestes. Apresentava-se estonteantemente colorida, ignorando a sobriedade esperada da guerra, que motivara a maioria de nós a procurar cores mais escuras e severas para o nosso vestuário.

– Mademoiselle Olivares – disse, pronunciando aquelas duas palavras da forma mais acolhedora possível enquanto a via entrar.

Olhou-me atentamente e ambas percebemos que os nossos sorrisos eram forçados e não sorrisos de genuína cordialidade. Seguimos o ritual esperado, beijando-nos na face, mas sem nos tocarmos realmente.

– É uma surpresa – admiti, pensando se alguma vez teria estado na mansão De Lasset.

– Quis apresentar os meus cumprimentos, Madame De Lasset – afirmou com a sua voz rouca.
– Costumo fazer isto durante a época festiva, mesmo que seja invulgar não o fazer perante o Monsieur De Lasset. – Ah. Então não era a primeira visita. O seu francês com sotaque espanhol fazia com que as palavras fossem pronunciadas num turbilhão de sílabas que a minha mente precisava de desemaranhar para conseguir compreendê-las.

Pestanejou enquanto o meu cérebro se esforçava para perceber. Finalmente, esbocei um sorriso radiante.

– Com certeza. É muito generoso que tenha vindo. Obrigada, Jeanne. Posso oferecer-lhe um café?

– Pode. Aprecio um pouco de vinho do Porto no meu café, *madame*.

Senti uma pontada de admiração pela sua ousadia. Era óbvio que não dava importância às convenções ou ao que os outros pudessem pensar dela por beber álcool no café como um homem. Dirigi um olhar despreocupado a Jeanne como se não me sentisse desarmada por tal pedido, transmitindo-lhe sem palavras que trouxesse o Porto. Vi-a curvar-se respeitosamente.

– Sentamo-nos perto da lareira? – Indiquei uma poltrona.

Começou a descalçar as luvas e a tirar o chapéu. Talvez não tivesse aceitado fazê-lo no átrio por não ter certeza quanto ao seu acolhimento. Olhei-a, fascinada por ver a antiga amante do meu marido de tão perto. Morena, com sobrancelhas grossas mas perfeitamente alinhadas formando crescentes sobre olhos amendoados da cor do alcaçuz e cercados por pestanas cujo negrume incrível era acentuado pela utilização de *kohl*. Erguiam-se sobre um nariz longo e direito e, por baixo, havia uma boca de lábios cheios. O seu cabelo lustroso e quase negro cobria-lhe a cabeça de forma quase descuidada, mas madeixas mais claras, cor de chocolate, escapavam e não sentia necessidade de voltar a prendê-las. Conferia-lhe uma aparência despreocupada e sensual que invejava.

O seu olhar fixou-se com intensidade no meu e senti-me como um coelho aprisionado, debatendo-me numa armadilha metálica. Aqueles olhos escuros e profundos cintilaram com idêntico fascínio.

– Não venho no melhor momento? – perguntou. A sua candura era enervante.

Decidi ser completamente sincera.

– Admito que não. – Pigarreei ligeiramente. – Só esperava visitas amanhã – acrescentei, de modo forçado.

Esboçou um sorriso ligeiramente malicioso e os seus lábios escarlates entreabriram-se, permitindo-me vislumbrar dentes pequenos e direitos. Tinha um sinal à direita do lábio superior. Pensei se Aimery o acharia atraente. Tilintava enquanto falava, com joias nos pulsos, pescoço, orelhas e ouro brilhando sobre a pele cor de noz-moscada. Senti que vê-la era viciante.

– Tem dias específicos para receber visitas? – Riu-se. – Perdoe-me. Odeio ser previsível – admitiu. – Não verei o seu madeiro de Natal em toda a sua glória – afirmou, despreocupadamente, olhando a lareira onde o grande troço daquele ano, que arderia até à chegada do novo ano, esperava ser aceso no dia seguinte. Não quisera cumprir a tradição naquele ano, mas a Madame Mouflard e eu tínhamos decidido que a agressão alemã já nos tinha tirado demasiado. Não poderíamos permitir que nos negasse os nossos rituais domésticos.

Mesmo assim, o comentário ácido de Graciela pareceu-me ligeiramente cruel porque o acolhimento do novo ano poderia trazer algumas esperanças particularmente a todos os que viviam naquela casa.

– Não importa – disse-lhe, imitando o seu tom e ignorando o gracejo. – Temos bolo-rei para partilhar.

Acenou com uma mão despreocupadamente.

– Tem de aceitar ou trará azar à casa – menti-lhe. – E, certamente, não desejará isso.

– Não é demasiado cedo? Não é um bolo da Epifania?

Encolhi os ombros.

– Nada decorre como habitualmente nestes dias de guerra. Senti que precisávamos de alegria antecipada.

Graciela sorriu como se a impressionasse a forma como alterava tradições ancestrais.

Jeanne escolheu o momento certo para entrar, salvando a minha visita da necessidade de responder.

– Aqui estamos – disse, enquanto Jeanne pousava o tabuleiro entre nós.

– Posso, *madame*? – perguntou Jeanne.

Acenou com a cabeça enquanto Jeanne servia duas chávenas da minha mistura preferida.

Graciela sorriu, parecendo sentir-se impressionada.

– Uma torrefação intensa, Madame De Lasset.

– Gosto do meu café com aromas fortes achocolatados – expliquei.

– O seu Porto, *madame* – murmurou Jeanne enquanto pousava o cálice de cristal. – É um *Tawny* – acrescentou em voz baixa.

Pratos com miniaturas de suspiro decoradas com amêndoa e pequenos bolos com cobertura foram silenciosamente colocados de cada lado das nossas chávenas de café. Dois pequenos garfos acompanhavam-nos.

Graciela ergueu o copo e moveu o líquido no interior.

– A minha mãe era portuguesa – disse em jeito de explicação, supus. Provou e acenou com a cabeça. Presumi que fosse aceitável. A convidada não olhara sequer a criada e voltou a sua atenção para mim no momento em que agradecia a Jeanne, surpreendida pela postura. Talvez achasse que Jeanne pudesse partilhar segredos. A porta fechou-se suavemente e sorrimos uma à outra sobre os bordos pintados com ouro de vinte e dois quilates da porcelana *Limoges* da família Delacroix que tinha trazido da minha casa.

– Que chávenas encantadoras. O azevinho e as bagas da decoração conferem-lhe um ar tão festivo – referiu.

– Eram da minha mãe – admiti. – Desde a infância que me apaixonei por elas porque o facto de serem natalícias significava que só as via alguns dias em cada ano, mesmo sendo tão belas. Também achei que a *Limoges* seria mais leal à pátria do que usar a porcelana *Meissen* dos De Lasset.

Riu-se da sua forma rouca característica.

– Muito patriótico.

Sentia o seu olhar avaliador fervilhando atrás da carapaça protetora. Considerava-me

enjoativamente doce e convencional.

– Culpa-me pelo patriotismo com dois irmãos e um marido na frente?

– Não a culpo de modo algum – disse, olhando-me com cuidado.

– Não?

Como tínhamos chegado tão depressa àquele ponto? Em que pensava para a provocar de forma tão declarada? Não podia retirar as minhas palavras. Não podia fingir que o significado pretendido fora outro. Não tinha grande talento para esconder os meus sentimentos. Olhei-a com tensão crescente no peito enquanto pousava lentamente a chávena *Limoges* com o seu bordo dourado e a representação perfeita do azevinho, que parecia tão espinhoso como ela, encaixando-a na pequena concavidade do pires. Achei que poderia recostar-se, unindo os dedos, mas surpreendeu-me cobrindo o cristal com os dedos delicados, elevando o pequeno copo de linhas angulosas para inspirar o aroma do Porto. Tudo aquilo foi feito perante o meu silêncio e manteve-o tão eficazmente como sustive a respiração, aguardando a sua resposta. Voltou a baixar os lábios até ao líquido cor de âmbar e recostou-se, fechando os olhos por um instante.

– Nada se compara ao vinho do Douro – murmurou, suspirando de satisfação como reação ao sabor e imaginei as memórias da sua mãe que lhe dançariam na mente. Esperei, sem saber ao certo se deveria tentar corrigir-me ou se poderia esperar para ver o que a minha honestidade trazia.

Abriu as pálpebras e fui trespassada pelo olhar escuro tingido com uma pontada de diversão.

– Aprecio a sua ausência de rodeios, *madame*.

– Sim?

Forcei-me a engolir, desesperada como estava para conter os nervos que sentia.

Acenou afirmativamente, parecendo tão descontraída como eu pareceria hesitante.

– Parece-me que a sociedade de Grasse passa demasiado tempo a contornar assuntos em vez de os discutir abertamente.

– É isso o que fazemos? – Não sabia ao certo como avançar. Saltava de pergunta em pergunta em vez de providenciar respostas.

Esboçou um sorriso lânguido e os seus dedos brilharam momentaneamente enquanto o seu olhar me atravessava.

– Tranquiline-se, Fleurette. Beba o seu café antes que arrefeça. – Passara a usar o meu primeiro nome como se fôssemos amigas de longa data. – Nada me move contra si.

Odiei-me por ser patética a ponto de sentir o alívio fluir pelo meu corpo. Felizmente, consegui manter o tom altivo. Se não impusesse a minha posição, estava certa de que me esmagaria.

– É verdade que não. Não posso imaginar como poderei ser responsabilizada por qualquer coisa na sua vida. Mal a conheço, Graciela – contrapus, usando o seu nome com a facilidade com que usara o meu.

Acenou severamente com a cabeça

– É verdade. Pois, se me conhecesse, diria o meu nome com a pronúncia castelhana original. Diz-se «*grathiela*» – afirmou. – E parece-me que também conhecerá mal o seu marido... mas eu

conheço-o muito bem.

Denunciei os meus sentimentos com uma passagem da língua pelos lábios. Felix chamara-me a atenção para aquele hábito, mas ainda não conseguira ultrapassá-lo.

– Que resposta espera a essa afirmação? Espera que admita que sei que foram amantes?

– Que continuamos a sê-lo, Fleurette – corrigiu, fixando em mim um olhar de brilho perigoso.

– Compreendo. Considerando que partiu na nossa noite de núpcias, não posso imaginar que seja senão passado.

– Tem recebido notícias de Aimery? – Até a forma como pronunciava o seu nome era repleta de sensualidade, enfatizando a última sílaba, fazendo aquele som ribombar-lhe na garganta como se o saboreasse.

– Tenho, claro – respondi, parecendo vagamente ofendida por tal pergunta.

– E que lhe diz ele?

Franzi a testa.

– Graciela – disse, esforçando-me por imitar a forma como queria que pronunciasse o seu nome –, a verdade é que isso é um pouco íntimo.

– É? Tome – disse, mergulhando a mão no pequeno saco de pano que trazia pendurado do pulso e que lhe repousava no colo. Retirou um envelope. Reconheci imediatamente um dos envelopes de Aimery.

– Não me parece que...

– Não, não é apropriado. Mas parece-me importante. Por favor, leia. Tem a minha permissão.

Não queria ler. Parecia-me perigoso aceitar o envelope que, certamente, se destinaria a magoar.

– Uma mulher deverá saber estas coisas – insistiu.

Estas coisas?

Recordei a mim mesma que, se Aimery tivesse casado com a sua amante espanhola, tudo estaria bem na sua vida e na minha. Talvez aquele encontro pudesse libertar-me dos meus deveres conjugais. Talvez fosse o início da minha fuga. Retirei a carta do envelope e apercebi-me vagamente de que Graciela voltava a beber o Porto. Saboreava com agrado empenhado enquanto me via separar as páginas. A data era recente. Li apenas os parágrafos de abertura antes de dobrar as folhas, recolocando-as no envelope.

– Minha querida, está a corar – referiu.

– Sinto-me envergonhada por si, na verdade, por partilhar isto comigo. – Era uma resposta brusca e esboçou um sorriso perante o azedume das palavras.

– Certamente não sentirá ciúmes? – referiu.

Abanei a cabeça.

– Talvez amargura por precisar de conter a raiva da humilhação. Graciela, sabe que não queria casar com ele, não sabe?

– Sei, mas, mesmo assim, odiei que tivesse casado. Não é suficiente ler as primeiras linhas para perceber o que sente por mim?

– Como poderia não o perceber? Não sabia que Aimery era capaz de ser tão... tão...

– Lascivo?

Encolhi os ombros.

– Afetuoso.

Inclinou a cabeça e riu-se.

– Afetuoso? É tão contida, mas simpatizo consigo, Fleurette. É inocente. Sei que o seu casamento foi combinado. Gostava apenas que demonstrasse um pouco mais de verticalidade.

Olhei-a, baixando a carta que começara com sugestões carnavais e explícitas num tom de afeto espirituoso que nunca lhe ouvira ao longo dos anos em que o conhecera.

– Daria qualquer coisa para não estar casada com ele. Mas fui encurralada pelas duas famílias e por um longo historial de respeito pelo nome de cada uma.

– É patética!

– E você é desprezível.

– Porquê? Por não ter medo da minha sensualidade?

– Não. Por troçar da minha educação e acolhimento. É descaradamente a amante do meu marido e deveria tratá-la com a mesma hostilidade com que tratou Jeanne agora mesmo. Mesmo assim, respeito-a. Não está à altura do meu nome. O seu estatuto em Grasse é apenas o de brinquedo de Aimery De Lasset. Pode ser rica, mas não a aconselho a troçar de mim, Graciela – adverti.

Bateu com as mãos, encantada.

– Muito melhor, Fleurette. Rosnando como gata adorável que é. Deveria ter sido assim desde o início. Não deveria ter permitido que os homens à sua volta a forçassem a casar com um homem por quem não sente nada.

– Gostava que Aimery tivesse casado consigo!

– Também eu! Sabe porquê?

Abanei a cabeça.

– Porque o amo. Não, venero-o. Detesto a fraqueza que me faz sentir e, no entanto, não consigo respirar sem o ter na minha vida.

Engoli em seco. Nunca ouvira ninguém falar de forma tão apaixonada sobre alguém. E desejava conseguir ver o que Graciela via nele.

– Torno-me animalesca quando estou com Aimery.

Pestanejei de vergonha ao ouvir a sua revelação, mas voltou a rir-se de mim.

– Vê como me humilho por ele... mesmo diante da sua casta esposa. Magoou-a?

Gaguejei sem conseguir fazer sentido.

– Quando a possuiu pela primeira vez, magoou-a? Aimery tem um temperamento imprevisível. Deverá manter-se atenta. Pode ser duro como um leão, possuindo o que acredita pertencer-lhe. Nenhum homem consegue despertar a minha essência mais primitiva como Aimery. Não estive com outro homem desde que o conheci. Não amarei outro de hoje em diante.

– Odeio-o – disse, baixando a voz e sentindo-me espantada pela sua confissão. – Não se deitou comigo.

Aquilo chocou-a e amainou a sua diversão. Fitou-me como se procurasse malícia.

– Porque não? É jovem e bela.

Forcei um sorriso.

– Os sinos que anunciaram a guerra salvaram-me.

– Então continua a ser virgem?

Abri a boca, chocada. Era embaraçoso admitir e, mesmo assim, não podia negá-lo.

– Não precisa de responder – disse ela, agitando uma mão. – Que interessante.

– Satisfeita? – perguntei, ríspida, precisando de reagir de alguma forma.

Encolheu os ombros.

– Sim. E você? Suspeito que se sentirá aliviada, não? – Esboçou um sorriso desarmante e tornou a sua personalidade amistosa... ao ponto de me fazer sentir que éramos quase confidentes.

– Mentiria se o negasse.

Graciela riu-se com vontade.

– Oh, Fleurette. Não somos um par miserável? Está casada com o homem que amo e odeia-o. Sinto pena de ambas.

– Odeia-me?

– Não. Nunca a odiei. Tenho pena de si. Não é um homem fácil.

– E consegue amá-lo, mesmo assim?

– Já lhe disse. Não tenho vontade própria nisto. Suponho que nunca terá estado apaixonada.

Abanei a cabeça, sentindo-me ainda mais patética.

– Quando se apaixonar, perceberá a forma como o sentimento a consome. É como um fogo descontrolado. De cada vez que acredita tê-lo contido, uma nova faísca volta a atear as chamas e a despertar os sentimentos que acreditávamos estarem controlados.

Acenei-lhe com a cabeça.

– Gostava de conhecer esse tipo de amor. Acho que nunca o conhecerei.

– Não deveria sê-lo, mas, por vezes, pode ser perigoso.

– Como o vosso amor?

– Sim. Sofremos pelo nosso laço. Ama-me, mas não lhe é permitido fazê-lo como deve ser, abertamente. Nunca serei mais do que a sua amante, nunca poderei declarar publicamente os meus sentimentos. Quando casou consigo, o meu mundo desmoronou-se. Desejei que fosse estéril para o fazer sentir a mesma dor.

Olhei-a, surpreendida por ouvir como as suas palavras me magoavam.

– Perdoo-me. De que outra forma podia atacá-la? Sabia que tinha casado consigo apenas para ter um herdeiro. Sabia que desejava o *pedigree* que lhe permitiria. Não podia ter filhos que fossem meio espanhóis. – Grunhiu de desprezo. – O meu sangue não era o ideal para ele. O seu é perfeito.

Acenei tristemente com a cabeça.

– E todos acabamos miseráveis – concluí.

– Talvez um dia sinta o amor que descrevo, mas com alguém que faça o seu coração acelerar.

– Como poderá isso acontecer?

– Permitindo-me que continue a ser a amante de Aimery.

Foi tão direta que me fez sustar a respiração.

Ergueu um dedo.

– Antes de responder, recorde que posso poupar-lhe muita angústia.

Franzi a testa.

– Que quer dizer com isso?

– Aimery tem gostos particulares no que diz respeito a sexo.

O meu esforço para igualar a sua postura despreocupada fracassou. A sua franqueza fê-la corar.

– Satisfaço todas as suas necessidades. Conseguirá fazê-lo?

Enchi os pulmões para conseguir serenar-me.

– Nem sequer quero fazê-lo.

– Precisamente. E eu sim. Um homem deverá ter... bom... uma forma de satisfazer os seus desejos.

Apesar de querer evitar o assunto, pigarreei de vergonha antes de perceber que o fazia.

Sorriu.

– Peço desculpa pela franqueza. Por vezes, a minha falta de tato pode ser desarmante.

Agradava-me a escolha das suas palavras e o facto de não falar na sua língua materna impressionava-me mais ainda. Além de ser encantadoramente bela, Graciela tinha inteligência e espírito a condizer. Percebia o que levaria um homem a apaixonar-se por ela, mas dei comigo a pensar em Aimery. Queria compreender o assunto que me instruíra a evitar.

– Não, aprecio a sinceridade – repliquei enquanto esperava – Mesmo que seja por vezes desconfortável.

Riu-se.

– Já ouvi isso várias vezes.

– A Aimery?

– Sim, sobretudo a Aimery... também a outros ao longo da minha vida. É por isso que não tenho amigos a sério. Não aprecio os exercícios de esgrima da etiqueta social. Prefiro falar com franqueza e agir de forma transparente.

Estendi novamente a mão para a minha chávena para beber os dois últimos goles.

– Nunca pensa que, por vezes, é importante proteger sentimentos alheios avançando com mais cuidado na discussão de um assunto?

Agitou uma mão no ar.

– O problema é que não tenho qualquer talento para isso. Pelo menos, ninguém morrerá questionando-se acerca dos meus sentimentos.

Aquilo pareceu-me espirituoso e percebi que escolhia o momento certo para responder enquanto eu engolia em seco. Tossi e a minha diversão foi perceptível.

– Talvez possamos ser amigas? – perguntou ela, rindo-se comigo.

– E partilharemos Aimery?

Acenou com a cabeça e vi-a baixar a guarda... Havia no seu peito um fôlego sustido de esperança.

– É todo seu – disse-lhe, não querendo parecer que a censurava. – Não tive escolha no casamento, como expliquei. Não me atravessarei no caminho do vosso relacionamento desde que não me humilhe publicamente ou à minha família. Terão de ser muito discretos. É a única

forma.

Sorriu e quase consegui ver a sua sinceridade impelindo-a a apertar-me a mão para selar o acordo. Não havia malícia ali.

– Gostava de perceber o que vê nele – concluí.

Ergueu um ombro.

– Apreendi a não analisar o amor. Não é algo que se possa controlar. Podemos lutar contra ele, podemos evitar aceitá-lo, podemos esquivar-nos a ele se enveredarmos por uma existência solitária, mas, quando a pessoa que amamos se atravessa no nosso caminho, não podemos ignorar os sentimentos. É um animal adormecido e separado que vive dentro de nós, Fleurette... É primitivo, carnal, sem nunca ficar satisfeito. Quer sempre mais.

– Parece perigoso – considere, imaginando uma fera rosnando.

– O amor é perigoso. É uma droga tão viciante como o ópio e só compreenderá o que digo quando ficar presa nas suas mandíbulas. Não sei o que me prende a Aimery porque o amor é invisível. Conheci-o há seis anos. Vinte e três anos era uma idade ideal para o casamento, mas convenci-me de que a sua relutância era motivada por me ver como algo novo e diferente. Depois, passei a compreender que não me considerava suficientemente boa para o casamento, mas essa compreensão chegou demasiado tarde... Quando aconteceu, tornara-se a minha droga e eu a sua. Não tive o afeto familiar que poderá ter sentido na sua vida... Na verdade, fugi de Barcelona para escapar à família e a problemas que não valerá a pena referir. Aimery é tudo aquilo de que necessito e sei que lhe asseguro aquilo de que necessita. Não é apenas algo físico. Acredito que também satisfaço nele uma necessidade emocional particular. Conversamos, faz-me rir. – Não consegui imaginá-lo enquanto a ouvia dizê-lo. – Fazemos amor e fingimos que estamos casados. Sente-se seguro nos meus braços e pode ser ele próprio. E, se a única forma de poder tê-lo for como amante, que seja.

Percebi que gostava mais dela por me expor a sua vulnerabilidade e senti compreensão genuína por ter poucos amigos. A sua revelação chegou mesmo a motivar em mim uma empatia relutante por Aimery. Era confortante descobrir que podia sentir ternura e afeto por alguém.

– Graciela, seremos amigas daqui em diante e Aimery não saberá por mim que tivemos esta conversa. Também não voltarei a perguntar-lhe por si porque deixei de me sentir curiosa. Não tenho motivos para a curiosidade quando se mostra tão franca. Lamento que não possa ter mais, mas sabe o que sinto. Ou melhor, o que não sinto. Logo, não precisará de recear a minha presença. Somos marido e mulher por necessidade, poderá dizer-se. Nada mais.

Ergueu-se, pegando no chapéu e nas luvas. Estendeu uma mão.

– Espero que encontre o amor em breve, Fleurette. Acredito que o merece.

Uma exclamação breve e sem palavras transmitiu-lhe a que ponto me sentia aprisionada e respondi educadamente.

– Obrigada.

– Olhe – disse, curvando-se para olhar o prato que continha a sua fatia de bolo-rei decorada com as frutas cristalizadas da Provença. – Parece que me saiu a fava – disse, apontando com uma unha cuidada o bolo intocado. – Em Espanha, chamamos a este bolo *rosca de reyes*. – Gostava de ouvir a sua língua materna. – Na Catalunha, chamam-lhe simplesmente *tortell*.

Usamos uma figura do Menino Jesus como brinde.

Sorri.

– Saiu-lhe a fava. Isso significa que será rainha por um dia.

– Fez-me sentir como uma rainha hoje, Fleurette. Obrigada. Quem sabe, talvez o Pai Natal possa trazer-lhe amor neste Natal. – Arqueou uma sobrancelha e fez-nos rir às duas.

Despedimo-nos com um beijo como novas amigas, o que surpreendeu grandemente Jeanne enquanto abria a porta à Mademoiselle Olivares. Curiosamente, enquanto via a sua carruagem partir, senti-me mais sozinha do que julguei possível. Até Aimery me fora tirado. Entregara-o de bom grado e, mesmo que me sentisse aliviada por assim ser, isolara-me por completo e a vida de casada passar-se a alongar-se diante de mim como uma existência infeliz e sem alma.

29 de dezembro de 1914

O Natal chegou e partiu sem acontecimentos dignos de nota. Tentámos realizar a nossa consoada com o máximo de alegria possível e, para tornar o momento mais especial, insisti que puséssemos a mesa na sala de jantar grande, esperando que todos os criados comessem juntos depois de preparada a refeição. Foi aí que Jeanne e eu decorámos com modéstia uma pequena árvore de Natal. Acendemos velas seguindo o espírito da quadra e também para igualar a luz que iluminaria a maior parte das refeições dos nossos homens nas trincheiras. Sentei-me no lugar de Aimery como anfitriã e as mulheres e os homens mais velhos à volta da mesa, apesar de assoberbados por jantarem ali, empenharam-se nos festejos afáveis, fazendo brindes particulares aos nossos entes queridos que estavam distantes, lutando pela França.

O pessoal da cozinha trouxe para a mesa uma ceia simples mas deliciosa com sete pratos que representavam os sete prantos de Maria. As porções eram minúsculas, mas mais do que suficientes. Insisti que desfrutassem do bacalhau e dos caracóis em manteiga de alho. Quando lhe perguntei, a Madame Mouflard explicou-me que os caracóis eram retirados da casca usando um prego de carpinteiro novo para recordar a crucificação. Acompanhámos com legumes e salada o melhor *courge violon* que alguma vez provei. Pierre encolheu os ombros com modéstia quando os criados o acusaram de cultivar as melhores abóboras do distrito para a sua tarte festiva. Aplaudimos todos quando trouxe as três pequenas malgas de trigo semeado no quarto dia de dezembro para Santa Bárbara. Tinha-as mantido intencionalmente húmidas para germinarem e crescerem a tempo da nossa consoada e para poder colocá-las sobre três guardanapos imaculados. Enquanto aplaudíamos, sentimos alívio pelo facto de as três malgas de Pierre representarem a Santíssima Trindade, significando que teríamos uma boa colheita no ano seguinte. Mais rosas, jasmim e violetas... O ciclo da vida fez-me sentir ancorada e segura naquele momento.

Fui puxada de volta ao presente pelo cheiro da *fougassette* perfumada com flor de laranjeira. Tendo aprendido na infância que os sete buracos do pão achatado representavam os sete orifícios na face do Menino Jesus, tive o cuidado de atribuir à Madame Mouflard a tarefa de o partir. Sabia que cortá-lo traria desastres a todos.

Jeanne dispôs uma enorme bandeja de nogado, chocolates embrulhados e algumas ameixas

secas gordas, divertindo-me com a explicação de que cada fruto seco representava as cores das ordens religiosas. Nunca fazíamos aquilo na nossa casa e pensei se teria ajudado nos preparativos em casa de Graciela, incluindo figos secos para os franciscanos, passas de uva para os agostinhos e avelãs para os carmelitas. Colocámos as nossas cascas de clementina numa malga porque a Madame Mouflard pretendia usá-las como *pot-pourri* no presépio que Pierre montara laboriosamente no átrio.

Waffles quentes e filhoses complementaram os doces e usámos o vinho quente com especiarias para brindar ao lugar que tínhamos deixado deliberadamente vazio na outra ponta da mesa. Nunca soube se a tradição francesa se destinaria a reservar um lugar para visitantes bem-vindos ou se remontaria aos tempos romanos, honrando os antepassados. Mas tive a certeza de que o nosso brinde naquele ano seria inteiramente dedicado aos entes queridos ausentes, com o lugar vazio representando todos os homens de Grasse que não estavam na cidade para participarem na ceia das suas famílias.

Partimos a seguir para passar horas na igreja, rezando pelo regresso dos nossos homens antes de voltarmos para atear o madeiro natalício, sabendo que o solstício tinha passado.

Fiz um raciocínio bizarro: decidi que o facto de não ter tido notícias de nenhum dos meus irmãos significava que estariam a salvo. A maioria das pessoas pensaria o oposto, mas, sendo franca, não ansiava pela chegada do carteiro com notícias de que um deles tinha sido ferido. Receava mais ainda qualquer indício de um telegrama oficial, que teria um significado muito pior. Por mais curiosa que me sentisse, decidi sentir-me abençoada pelo silêncio... Era uma espécie de *status quo*, apesar de ter tido notícias de Aimery em duas cartas. Não perguntara por mim uma única vez nessas duas cartas. Perdoei-lho. Supus que assim seria porque não o amava e, por isso, a sua falta de interesse pouco me importava. Se fosse Felix a não perguntar por mim, a mágoa teria sido profunda.

E ali estava, escrevendo uma carta contida a Aimery, tentando desesperadamente transmitir um afeto que não sentia. Como inspiração, debrucei-me sobre a sua primeira carta enviada em meados de agosto e reli-a, sentindo azedume ligeiro desde a primeira linha. A condescendência das palavras ecoou-me na cabeça por não conseguir esquecer a noite em que partira, quando deixou claro que o nosso casamento era apenas estratégico. Não tinha qualquer direito de me sentir ofendida. E não me sentia, realmente, ofendida. Mas sentia-me aprisionada.

Fleurette, minha querida,

Por fim, encontrei um momento para te escrever algumas palavras. Desejarás saber, certamente, como me encontrarei depois de todo este tempo e a resposta é que estou muito bem e que me sinto animado.

Aconteceu tanta coisa nestas últimas semanas. Não te aborrecerei horrivelmente com a nossa vida quotidiana, pois grande parte dela é entediante e nenhuma esposa precisará de partilhar a mundanidade do mundo masculino.

Precisei de fechar os olhos com irritação, inspirando de forma audível. Parecia-me que o meu pai, pertencente a uma geração anterior de chauvinistas, leal à França como era, se mostrava

mais aberto a um ponto de vista feminino do que Aimery alguma vez conseguiria.

Suspeito que te manterás a par das notícias pelo jornal e, sem dúvida, todas as mulheres de Grasse terão ficado alegres por saberem como os nossos gloriosos regimentos do sul partiram com fanfarra das suas cidades natais, com bandas tocando, os gritos de incentivo dos populares e com as crianças agitando bandeiras.

Infelizmente, os nossos homens partiram de Grasse sem nenhum desse aparato, encaminhando-se para os quartéis com rapidez e parecendo-me que o empenho entre os recrutas foi total. Os rapazes ficam muito bem dentro das suas fardas azul-escuras e todos se orgulham com justeza dos nossos pergaminhos de Chasseurs. O coronel fez-nos um discurso esplêndido e motivador antes de iniciarmos a nossa primeira viagem em direção à fronteira. Agrada-me poder dizer que liderei a primeira entoação convicta da Marselhesa e cantar o nosso hino uniu-nos a todos e fez com que nos sentíssemos destemidos. Os Allebosche vão lamentar o dia em que decidiram voltar a invadir o nosso solo sagrado.

Allebosche. Não ouvira aquele nome para os invasores alemães, mas parecia inevitável que surgissem alcunhas para o inimigo. Pensei no que os alemães nos chamariam a nós, com a mente deambulando novamente. Continuei a ler, procurando o tom ideal para uma resposta digna de uma esposa extremosa.

Logo que a Itália mostrou que não se aliava com o nosso inimigo, avançámos para norte. Talvez não consigas imaginar quantos comboios são necessários para mover o nosso batalhão, mas, se to dissesse, arriscaria novamente aborrecer-te. Porque estou entre oficiais, temos algum conforto, mas os pobres Chasseurs ocupam os vagões que são habitualmente usados para transportar cavalos. O seu entusiasmo não diminui, mesmo assim, e os rapazes continuam a cantar e a jogar às cartas.

Custa-me acreditar que demorámos dois dias de viagem contínua para chegar à frente. É um enorme incentivo ao moral ver colunas de calças vermelhas em todas as plataformas de cada estação. A França envia verdadeiramente os seus melhores homens para enfrentarem o nosso odiado inimigo.

Mulheres, velhos e rapazes aplaudem e gritam-nos o seu apoio, oferecendo-nos todo o tipo de iguarias locais. Não nos faltará boa comida, seguramente. Uma anciã ofereceu-me uma galinha assada para a minha viagem. Enquanto o nosso comboio iniciava a sua viagem lenta em direção ao Norte, deixámos gente eufórica para trás, desejando-nos boa sorte e gritando: «Para Berlim!» Quando chegámos ao nosso destino, formámos e iniciámos a nossa longa marcha.

Notei que não me contou qual era o destino e presumi que seria parte do processo de censura.

Tem chovido e sentimo-nos gratos pelas nossas capas, que, certamente, nos

protegerão melhor do que as casacas dos pantalon rouges. Tenho um quarto numa casa deserta, partilhando-o com um dos meus irmãos oficiais, mais velho que eu. Chama-se Louis e é de Isere. É um sujeito bastante afável e estou certo de que seremos bons amigos. Tem-me recordado que, se me destacar na batalha vindoura, a promoção será sempre possível em tempo de guerra.

Imagino que as pessoas se interrogarão, sobretudo tu, mas não serão concedidas licenças mesmo num futuro distante. Não faço ideia de quando voltarei a ver-te, mas confio que conseguirás administrar as casas durante a nossa ausência.

Em breve, partiremos para a ação e estou convencido do nosso sucesso. Poderei mesmo assobiar «Au clair de la lune» enquanto comandar os homens na nossa investida triunfal.

Sempre teu,

Aimery.

Deveria sentir-me orgulhosa. Deveria ter-me sentido animada. Mas o que sentia era essencialmente mágoa por perceber que o teatro de guerra agradava a Aimery. Era evidente que se sentia invencível e suspeitava de que exageraria no seu relato do entusiasmo do resto dos soldados, que suportariam o maior quinhão do sofrimento. Pensei no número de soldados que caberiam dentro de um vagão para oito cavalos, começando inevitavelmente a imaginar o cheiro de semelhante vagão. O que teria sido deixado pelos ocupantes anteriores e o seu cheiro com cerca de duas vintenas de homens esmagando tudo aquilo, com a comida e os cigarros reforçando um buquê de odores impossível de ignorar.

Para aumentar a minha distração, enquanto lia a prosa de Aimery, o meu olhar não deixava de se fixar na tinta violeta sobre o envelope da mensagem do seu irmão, que mantinha sobre a escrivaninha. Só eu tinha a chave. A carta continuava a parecer-me explosiva e, no entanto, não estava mais perto de descobrir a verdade do que que estivera quando a li pela primeira vez.

Por enquanto, sentia apenas uma vaga curiosidade e não medo. Depois de Aimery ter confirmado que não seriam concedidas licenças, não precisaria de me preocupar com a necessidade de cumprir deveres conjugais no quarto. Mas precisava de descobrir, e em breve, o que Sébastien escondia. Voltei à minha carta e, por Aimery, tentei dar vida às rotinas diárias de Grasse na minha escrita. Pensei que até as tarefas mais enfadonhas conseguiriam animá-lo, sabendo pela sua carta mais recente que estava numa trincheira, atolado na lama das primeiras semanas do inverno.

Desdobrei a segunda carta. Certamente, algo nela me ajudaria a escrever uma nota encorajadora para o animar e para lhe dar a entender que o tínhamos nos nossos pensamentos. Mas recordei que aquela carta era menos animada. O contacto com o inimigo tinha sido estabelecido e até o porte altivo de Aimery teria sido abalado pelas realidades da guerra. Por mais severo que parecesse, aliviou-me perceber que tinha sido forçado a ter uma visão mais realista daquilo que enfrentava com os seus camaradas de armas. Esperei que lhe motivasse cautela.

Fleurette, minha querida,

Sinto-me tão otimista como alguém poderia aspirar a sentir-se nas presentes circunstâncias e a tua carta, chegada em boa hora, ajudou a animar-me. Foi entregue com rapidez impressionante e devo louvar o sistema postal francês, que funcionará com eficácia notável nesta guerra.

As tuas perguntas acerca do negócio terão de esperar e aconselho-te a olhar com cautela aqueles que pretenderem recomendar-te. A guerra terminará em breve e voltarei a casa para tomar todas as decisões.

Senti um aperto no estômago e reli aquela linha.

Manténs-te a par das notícias? Fazem referências escandalosas ao nosso 15º Destacamento. Os miseráveis que escrevem tais mentiras deveriam estar aqui na frente para verem os nossos valentes soldados caírem no cumprimento do dever.

O nosso batalhão teve o seu batismo de fogo nesta guerra, atacando os boches, que fugiram diante de nós.

Percebi que o inimigo tinha uma nova alcunha.

Comandei os meus rapazes por um vale em direção ao nosso objetivo.

Sei que todos em Grasse se teriam sentido tão orgulhosos como eu vendo a forma como não vacilaram perante o fogo feroz do inimigo. Seguir-me-iam até ao inferno, estou certo disso. Estarão certamente determinados a seguir-me para onde quer que vá, aqui na frente, e não quero que te preocupes com a minha segurança. Será evidente para todos que a minha vida aqui é abençoada.

Tive de pousar a carta. No entanto, a autoconfiança de Aimery era digna de admiração e recordei-me que, se fosse apenas aquilo a mantê-lo corajoso diante dos seus homens e ileso, deveria sentir-me grata, sem expressar desdém.

A artilharia boche mirou as nossas posições após um valente avanço inicial e o nosso cobarde inimigo escondeu-se nas suas trincheiras, atrás das suas metralhadoras, ceifando-nos de forma atroz. Lembras-te de Louis, o meu colega oficial? É com tristeza e orgulho que devo admitir que foi um dos intrépidos que descobriu a glória no campo da honra.

Quanto a mim, tenho um ferimento ligeiro no ombro, mas recusei visitar o hospital de campanha. Sarará. O meu criado preocupa-se demasiado e esforça-se para assegurar o meu conforto, mas inquieta-me mais a abertura das nossas trincheiras perto da floresta para ficarmos menos expostos e para podermos enfrentar os boches no seu jogo. A nossa posição significa, no entanto, que não nos falta lenha e poderemos aquecer-nos durante estes meses de inverno em que as noites se tornaram

bastante frias.

Abanei a cabeça. O eufemismo seria intencional ou não compreenderia realmente a que ponto a sua contenção parecia insuportável? Era como se o seu esforço deliberado para fazer o sofrimento parecer trivial conseguisse, de alguma forma, reforçar a sua grandiosidade.

Os ingleses chegarão em breve para lutarem a nosso lado enquanto recuperamos com fervor o que nos foi roubado!

Minha querida, Fleurette, insisto que não acredites em tudo o que lêes no jornal. Asseguro-te que os nossos heroicos rapazes conseguem resistir aos avanços do inimigo. As suas metralhadoras podem ser poderosas, mas os boches não estarão à altura dos Chasseurs.

Sempre teu,

Aimery

Percebia que perdia rapidamente o interesse em concluir a minha resposta naquele dia. Faltava-me a inspiração para encontrar as palavras certas e os meus pensamentos traiçoeiros afastavam-se já do meu marido. A colheita do jasmim fora bem-sucedida, as mulheres da cidade tinham encontrado força e determinação para desempenharem o papel que antes pertencia aos homens. Supervisionara a produção do que poderia considerar-se um dos nossos melhores absolutos de jasmim ou mesmo o melhor. Não me gabaria. Não seria adequado fazê-lo durante a ausência dos homens, correndo o risco de reduzir mais ainda a sua motivação. Mesmo assim, desconfiei que Henri ficaria entusiasmado pelas minhas notícias porque considerava que o mais importante era o número de francos adicionais que entravam nos cofres e já lhe escrevera a ele e a Felix relatando a produção Delacroix de 1915.

Olhei o meu esforço patético. Passara além da saudação inicial, referindo a minha admiração extrema pela coragem e empenho dos *Chasseurs*. Talvez pudesse arriscar contar-lhe que a minha relação com o Monsieur Planque melhorara muito, que a colheita De Lasset poderia eclipsar anos anteriores, apesar de não conhecer suficientemente bem o histórico, e que ansiava particularmente por supervisionar os campos de violetas e rosas durante o seu desenvolvimento no final do outono. Em breve, os campos dormiriam enquanto o inverno espalhasse o seu manto gélido pela nossa paisagem. Mas essas notáveis flores primaveris preparar-se-iam para a sua explosão em botões coloridos quando o degelo chegasse. Primeiro as violetas, no final de abril, e as rosas a seguir.

Conseguia imaginar o aroma de ambas, bastando-me visualizá-las. Conhecia a fragrância exata trazida pelo vento de um dos nossos campos de violetas primaveris e acabara de fechar os olhos e de erguer o queixo para alcançar o perfume das nossas rosas quando ouvi baterem à porta do meu salão.

As minhas pálpebras abriram-se e pigarreei, erguendo novamente a caneta do tinteiro.

– Entre – disse, fingindo-me ocupada com a escrita da carta.

Uma das criadas entrou, dobrando os joelhos numa vénia e olhando a minha escrivadinha

coberta de folhas.

– Perdoe-me o incômodo, *madame* – começou com voz trémula.

Percebi que franzira a testa, algo que não seria terrivelmente tranquilizante.

– Onde está Jeanne? E a Madame Mouflard? – As minhas questões pareceram intimidá-la. – Não importa. Estão obviamente ocupadas com as suas tarefas. Que se passa? – A verdade era que me sentia grata pela intrusão.

– Sou Elise, *madame*.

Reconheci-a.

– O M... Monsieur De Lasset regressou da frente – gaguejou. – As pessoas estão muito excitadas. Foi seguido por alguns populares e vem a caminho de casa. Parece exausto.

Larguei a caneta, surpreendida.

– O quê? Porque não me avisaste antes? – repreendi-a, saltando como se tivesse sido picada. Era uma pergunta estúpida. Não se demorara, mas a pergunta ocorreu-me de forma rotineira. – Depressa! Ajuda-me a despir isto – ordenei, puxando as minhas roupas de trabalho. Aimery regressado? Porque não subia a escadaria com passos largos, bradando ordens? Elise dissera que parecia exausto. Talvez estivesse demasiado cansado para se afastar da lareira? Desejaria certamente encontrar-me com aspeto menos enfadonho, apesar de preferir mover-me por casa com um simples vestido diurno azul-escuro, muito mais prático do que os tecidos mais delicados das minhas outras roupas e infinitamente mais confortável. Pensei que apresentar-me com esmero seria o mínimo que poderia fazer por ele. As aparências eram tudo numa casa como aquela. Sentia os pensamentos a dispersarem-se. Um minuto depois, estava enfiada à força dentro de um traje simples composto por saia comprida de cor malva acinzentada, com um casaco *bolero* curto cor de ameixa sobre blusa de colarinho alto de renda fina, um visual mais aprazivelmente digno de uma esposa que recebia o seu marido regressado da guerra. Estendi a mão para um longo colar de pérolas que se prendia com um fecho de diamante imediatamente acima da minha cintura, um presente de casamento de Henri.

– Está magnífica, *madame* – disse a minha companheira.

– Obrigada, Elise. Perdoa o meu modo brusco, mas estou espantada por regressar tão cedo. – Ocorreu-me uma nova preocupação. – Está ferido? – perguntei subitamente à minha ajudante, olhando o espelho enquanto prendia uma madeixa rebelde. Belisquei as bochechas para lhes dar cor.

– Sim, *madame*.

Voltei-me para a fixar nela um olhar sobressaltado.

– Com que gravidade?

– Respira com dificuldade. E a sua mão... está ligada. Ainda sangra.

Aquilo explicaria a sua relutância em procurar-me imediatamente.

– Compreendo – disse, odiando-me pelo alívio imediato que senti motivado pela probabilidade de não se encontrar em condições de exigir os seus direitos conjugais. A advertência por esclarecer do seu irmão, que, momentos antes, não constituíra qualquer ameaça imediata, pairava agora na minha mente.

A carta de Sébastien! Virei-me e tranquei a escrivaninha, guardando a chave que começara a

usar numa corrente pendurada do cinto na segurança de bolsos fundos.

– Muito bem. Podemos ir. Onde está o Monsieur De Lasset?

– Na sala de estar, Madame Fleurette.

Com a urgência que sentia, quase passei a correr por Elise e dirigi-me apressadamente para a sala de estar, passando pelas portas duplas.

– Aimery!

Um estranho virou-se no local onde se erguera junto à janela, olhando Grasse e vendo a cidade descer pela encosta abaixo.

Abri a boca e fechei-a logo a seguir, parecendo-me que voltara a abri-la, consternada ao olhar o homem de cabelo e olhos escuros que, sem qualquer dúvida, era mais alto que o meu marido. Como poderia alguém tê-los confundido? Era como comparar a alfazema de odor intenso com o perfume doce e apimentado da flor de laranjeira. Eram tão diferentes. Aimery tinha cabelo claro e ombros largos. Aquele homem era esguio, alto e o cabelo abundante parecia forçado a moldar-se numa onda suave sobre o topo da cabeça, partindo do risco que, sem dúvida, se perderia no final do dia. Parecer-lhe-ia um peixe escancarando a boca e desejoso de voltar à água.

– *Madame* – disse o homem, virando-se com dor evidente, mas conseguindo esboçar um sorriso que superava o meu choque e me aquecia o coração.

– Quem é? – murmurei. – Foi-me dito que Monsieur De Lasset tinha voltado para casa.

– Regressou – disse ele, mantendo a voz baixa. – Suponho que não será a minha casa, mas um advogado poderá dizer o contrário.

– Sébastien?

Acenou afirmativamente.

Virei-me ao ouvir passos junto às portas atrás de mim.

– Elise... hmm... este é o irmão do meu marido. – Voltei a olhar o nosso visitante. – Peço desculpa. A deturpação das notícias pela colina acima terá sido imensa. Pensávamos que Aimery tinha regressado.

Moveu a cabeça num gesto de compreensão.

– Sim, deveria ter sido mais específico. Receio que os rumores tenham viajado mais depressa do que me foi possível.

– É muito bem-vindo aqui – disse-lhe, de forma tão magnânima quanto conseguia para que não se sentisse ainda mais deslocado do que já se sentia. – Poderemos oferecer-lhe algo para se recompor da viagem. Um pouco de café?

– Não será possível servir-me um chá, *madame*? – perguntou, entusiasmado.

Sorri.

– Pertencemos à mesma família. Trate-me por Fleurette, por favor. E claro que poderei servir-lhe um chá. – Olhei Elise, que baixou a cabeça brevemente, indicando que tínhamos bastante chá. – Pessoalmente, aprecio chá pólvora – disse-lhe. – E você, Sébastien? – Presumi que não desejaria que o tratasse com formalidade.

– Chá preto com leite seria extraordinário, Fleurette. Não abunda no sítio de onde venho – disse. O seu francês era quase perfeito. Detetei uma entoação estranha que não consegui

identificar, mas pareceu-me que aprendera francês e não o falava como língua materna.

Acenei com a cabeça a Elise, sussurrando-lhe que se apressasse. Curvou-se, fechou as portas e calculei que se tivesse apressado para fazer o que lhe tinha pedido. Não me mexera e senti-me ridícula ali tão rígida junto à porta.

– Perdoe-me – começou ele, poupando-me à responsabilidade de iniciar a conversa. Encolheu os ombros. – Mas não tive escolha. Tive de indicar um sítio para onde vir. Importa-se que me sente antes que desmaie?

Recompus-me finalmente e recuperei os modos.

– Oh! Sinto muito. – Indiquei o sofá.

– Porquê? É a criatura mais bela que vejo em muito tempo. Já me sinto melhor.

Corei, seguramente.

– Precisa de ajuda? – perguntei em voz alta, olhando fixamente a enorme ligadura que lhe envolvia uma mão.

Sébastien sorriu.

– Poder sentar-me e o chá bastarão por agora. Obrigado. – Mas notei o seu esgar enquanto coxeava até ao sofá, apoiando-se numa bengala. – Por favor, perdoe-me o estado lastimoso em que me apresento. – Continuou sem se sentar.

– Ainda bem que veio. – Aproximei-me e dei-lhe dois beijos na face, um de cada lado, sentindo-me arranhada pela barba por fazer. Cheirava a sabão, mas, apesar disso, a sua farda emitia uma sugestão odorífera desagradável. Ocorreram-me cheiros de sangue, terra, pólvora e desinfetante. Assombrando o meu olfato, por baixo de todos esses odores desagradáveis, senti uma nota encantadora. Foquei-me nela. – Cheira a alfazema.

– Graças a Deus. Pensei que o meu cheiro poderia ser tão desagradável como a minha aparência, apesar de ter tomado banho, juro. Mas o meu uniforme...

– Não se preocupe, por favor. Congratulo-me por estar a salvo.

– É o... antisséptico. – Indicou a mão ligada. – O óleo de alfazema é bom para as queimaduras. Quis comprar roupa nova, mas...

Peguei-lhe na mão intacta e esbocei-lhe o sorriso mais aprazível que consegui.

– Somos família – disse, querendo que deixasse de se preocupar. – Conhecemo-nos finalmente. Bem-vindo... ou deverei dizer bem-vindo de volta?

Tínhamo-nos afastado, mas reparei que não me largou a mão.

– Não me parece. Só estive aqui dentro do ventre da minha mãe, pelo que sei.

Ambos esboçámos um sorriso triste ao ouvir aquilo. A carta pairava entre nós e as nossas mãos unidas eram a ponte que sabia que precisaria de atravessar em breve, mas, em primeiro lugar, seria necessário ultrapassar os preliminares.

– Teve notícias da sua mãe?

Baixou-se com cuidado para o sofá, respirando com esforço.

– Por intermédio da sua sobrinha. A minha mãe morreu pouco depois da minha partida para França.

– Oh, não – gemi, esperando travar outro pedido de desculpas, mas fazendo-o demasiado tarde. Odiaria parecer irritantemente repetitiva. – Sinto muito.

– Não sinta. Estava doente. E parece-me que, com a minha partida para a guerra e com a loucura dominando o mundo, não lhe terá custado coxear para fora deste plano de existência.

Acenei com a cabeça, compreendendo.

– Por falar em coxear, envergonha-me chegar à sua porta neste estado. Não são as pernas, na verdade. Recupero de um ferimento no peito.

– Ouço a sua respiração laboriosa. O ferimento é recente?

– Aí está uma data que não esquecerei. Aconteceu no dia 31 de outubro. Trabalhava no Château Hooze, a leste de Ypres. Os comandantes da 1ª e da 2ª divisões usavam-no como quartel-general conjunto.

Acenei com a cabeça, fascinada pelos nomes estranhos.

– Tudo isso fica na Bélgica?

Confirmou com um aceno.

– Os generais Lomax e Monro participavam numa conferência. Pouco passava da uma e a artilharia alemã começara atingir os alvos.

Sustive a respiração de forma visível. Aquilo era macabro e excitante em partes iguais. O meu primeiro vislumbre real da guerra, já que Felix me protegia da realidade, partilhando apenas histórias divertidas nas suas cartas. Não percebia como conseguia encontrar boa disposição na guerra, mas conseguia fazer-me sorrir e chorar ao mesmo tempo. Enquanto isso, Henri escrevera apenas uma vez, sobretudo para pedir meias adicionais e para responder a algumas perguntas sobre o negócio que lhe fizera.

– Os dois generais morreram?

– Não. Ficaram ambos feridos e não acredito que o General Lomax recupere. Muitos de nós ficámos feridos. Alguns morreram.

– Que faziam lá?

Esboçou um sorriso um pouco matreiro.

– É uma longa história.

– Gostaria de a ouvir enquanto esperamos pelo chá.

– Muito bem. Mas terá de me perdoar a respiração ofegante. – Antes que pudesse opor-me ao esforço, continuou a falar. – Vinha para aqui, na verdade. Para me encontrar consigo e com Aimery.

Acenei afirmativamente. Quem poderia esquecê-lo? E tive a certeza de que chegaríamos em breve à carta. Seria indelicado abordar o assunto naquele momento.

– A França declarou guerra e vi-me preso em Paris. Viajava com documentos ingleses, mas é claro que os meus antecedentes franceses podiam ser provados. Ofereci-me como voluntário na câmara municipal, mas não cumprira os dois anos de serviço militar obrigatório. Com toda a franqueza, pareceu-me que não seria suficientemente francês para eles. – Sorri. – Ponderei a Legião Estrangeira, mas achei que poderiam rir-se quando um químico tentasse juntar-se-lhes.

O meu coração acelerou ao ouvir aquilo.

– É peculiar que trabalhe na atividade a que se dedica o lado paterno da sua família. – Algo no seu olhar me disse que aquilo não era coincidência.

– Contactei a embaixada, claro, e foi durante um jantar na residência do embaixador que

recebi o telegrama noticiando a morte da minha mãe. A partir desse momento, pareceu-me que a minha vida estava completamente fora de controlo. Nada me motivava a regressar a Inglaterra, sabendo que seria provável que o nosso exército se mobilizasse. Além disso, suspeito que teria sido impossível. Em Paris, reinava o pandemónio. A Grã-Bretanha declarou guerra no dia quatro e, daí em diante, selou-se o destino de jovens e velhos. Foi o embaixador, por intermédio de outro amigo que trabalhava na embaixada, a propor-me como especialista linguístico.

– Uma decisão inspirada.

– Não exigia treino militar. As minhas credenciais eram sólidas e suponho que terá ajudado o facto de ter bons contactos, sem esquecer o meu nome de família... – Ergueu um ombro.

– Que falou por si mesmo? – completei, secamente.

Sorriu.

– Ter sangue com uma tonalidade azulada correndo-me nas veias significava que seria submetido a verificações de segurança rudimentares e nada mais. Seria inútil voltar para casa quando podia iniciar imediatamente a minha guerra e ser útil a alguém.

– E enviaram-no diretamente para a Bélgica?

– Não! Nada de tão emocionante. Fui enviado para Boulogne-sur-Mer durante alguns meses. Trabalho portuário, ajudando os britânicos que chegavam a entenderem-se com os franceses com quem lidavam.

Ri-me.

– Foi mau a esse ponto?

– Penso que o exército que chegava maioritariamente de Folkestone precisava do máximo de intérpretes. De qualquer forma, para abreviar a história, tive oportunidade de conhecer um primo em segundo grau do lado da minha mãe. Era oficial superior a caminho da frente e queixei-me a ele do tédio do meu trabalho. Conseguiu destacar-me para serviço superior, como lhe chamam. Antes de ter tempo de pestanejar, viajava para leste, vendo mais ação do que tinha desejado. No dia em que fui ferido, trabalhava como tradutor. As tropas em Ypres eram sobretudo francesas, mas os britânicos também estavam presentes, juntamente com homens vindos de todo o império, que tinham respondido ao chamamento das armas. O meu trabalho depressa se alargou aos australianos, neozelandeses, canadianos, indianos, africanos... – A frase foi interrompida por um breve ataque de tosse.

– Australianos... Vieram de tão longe para lutar pelo seu rei. Nem sequer sei ao certo onde fica a Nova Zelândia – admiti.

Riu-se e isso provocou mais tosse.

– Poderemos dizer que fica mais perto da Austrália do que nós estamos.

– Então fica do outro lado do mundo – disse eu, sem esconder por completo a avidez na voz para conhecer estes sítios distantes que sabia terem sido visitados por Sébastien.

– Gente encantadora. Homens extraordinariamente duros que parecem rir muito... uns dos outros, sobretudo. Lembro-me de transmitir uma mensagem britânica aos franceses quando o obus nos atingiu.

– E estive hospitalizado desde então?

– Sim. Estive num hospital militar francês nos arredores de um sítio chamado Poperinghe,

perto do fim da linha férrea. O ferimento no peito não foi suficientemente grave para exigir o meu repatriamento, mas impede-me de poder ser útil durante algum tempo. Além disso, apanhei uma infeção e, quando se descobriu que a minha capacidade pulmonar tinha ficado reduzida, precisando de respirar ar puro e libertar médicos, enfermeiras e uma cama preciosa, aceitaram a minha proposta. Tomei a liberdade de sugerir que poderia recuperar com a minha família no Sul de França.

Arqueei as sobrancelhas e apressou-se a tranquilizar-me.

– Foi uma mentira... uma mentira inocente. Mas trouxe-me até aqui. Sentia que era um fardo. Espero não ter sido demasiado arrojado...

– Não, de todo. Viu Aimery? – Congratulei-me por me ter lembrado de perguntar. – Ou é uma pergunta tola dada a situação? Não consigo imaginar aquilo por que terão passado. Ninguém o partilha comigo.

– Será melhor que permaneça na ignorância. Apenas tive notícias de Aimery por intermédio de terceiros. Sei que foi extremamente – procurou a palavra certa – inspirador para os seus homens.

– E isso deixá-lo-á orgulhoso, sem dúvida.

O seu lábio inferior projetou-se para diante naquele típico gesto francês para expressar dúvida.

– Nem tanto. Mas suponho que deverá sentir-se orgulhosa. Somos irmãos apenas porque o sangue nos une... muito pouco. Nunca nos conhecemos.

– É tão estranho, não é?

– Sim.

– Surpreende-me que nunca tenha visitado Grasse durante todo este tempo.

– Quis fazê-lo, mas duvidei que fosse bem-vindo. Sinto-me mais inglês que francês e, no entanto, o meu lado francês é tão forte. Quero explorá-lo.

Antes que pudesse dizer mais alguma coisa, as portas abriram-se e Madame Mouflard entrou, apressando-se a orientar a disposição do tabuleiro do chá.

– Ah, voltou – disse-lhe, muito animada porque tentava esquecer a presença quase tangível de Aimery e do meu casamento entre mim e o meu convidado. Senti que a conversa de circunstância chegara ao fim e que precisávamos de referir a carta. – Madame Mouflard, este é Sébastien De Lasset, o meu cunhado.

– Oh, senhor – disse ela, baixando a cabeça. – É uma honra conhecê-lo. – Pareceu ligeiramente espantada. – Perdoe-me, *madame* – disse a seguir, recompondo-se imediatamente. – Hum... a cidade está em alvoroço com a sua chegada, *monsieur*.

Imaginei que a pobre Madame Mouflard deveria ter regressado tão depressa quanto as suas pernas permitiram quando ouviu as notícias.

– Bem-vindo a Grasse, Monsieur Sébastien. Servi... a sua mãe... – Parecia ter perdido a fé no que tentava dizer e olhou para o chão. Pareceu-me que precisaria de avançar para preencher a pausa desconfortável, mas a governanta voltou a olhá-lo e sorriu. – A sua falta é sentida, senhor. Por todos os que trabalhámos para ela na nossa juventude.

Sébastien sorriu.

– Obrigado. Lamento informá-la de que faleceu há pouco tempo. – Continuou a falar depois do ligeiro gemido de espanto da governanta. – Era demasiado jovem, mas sucumbiu ao cancro. Deixou-nos durante o sono, segundo me disseram. Mas sei que lhe agradaria ser lembrada – afirmou, com grande charme. – Foi rápido. O sofrimento foi mínimo – assegurou.

– Obrigada, Madame Mouflard. Posso ser eu a servir – disse-lhe.

Curvou-se uma única vez e saiu, acompanhada pela criada. Sorri a Sébastien e vi-o suspirar.

– Não podia ser fácil – ofegou. Ergueu o olhar e pareceu mais animado. – No entanto, poderei esquecer o chá do hospital – disse, colocando uma colher generosa do açúcar que seria difícil de encontrar no sítio onde estivera. – Os franceses não são grandes apreciadores de chá e não sabem como prepará-lo da melhor forma.

– Não é uma queixa ou é? – O humor aligeirava o meu tom.

Ergueu as duas mãos. A ligadura fazia a mão esquerda parecer tão grande que o gesto era quase cómico.

– Não. De todo. Mas o chá em Inglaterra é uma instituição. Estou certo de que o saberá.

– Sei. Felizmente, aprendi a bebê-lo, mas prefiro os chás orientais mais delicados. E que tal algo para comer?

– Talvez mais tarde, obrigado – disse, apoiando a bengala contra a cadeira e erguendo na mão intacta o pires e a chávena que lhe ofereci. A seguir, sorriu e motivou-me uma nova gargalhada horrorizada.

– Sinto muito. Deixe-me ajudá-lo. – Peguei novamente no chá e pousei o pires sobre o tabuleiro, devolvendo-lhe a chávena. – É mais fácil assim?

– Muito mais. Tinha esquecido o prazer de beber em porcelana. – Suspirou e provou, sorrindo em seguida e fechando os olhos para saborear o chá. – É delicioso. O que é?

– Suspeito que lhe tenha sido servido *Russian Caravan*, uma mistura de chá preto e chinês.

– Obrigado – murmurou ele, mantendo os olhos fechados.

– A que ponto é má a situação em que se encontram os nossos homens?

Abriu as pálpebras, mostrando o verde acastanhado dos seus olhos, iluminado pelo sol de inverno que entrava enviesado pelas janelas, convencendo-nos de que a sua luz dourada poderia aquecer os pontos em que tocasse.

– Não conseguirá imaginar e faltam-me as palavras certas para descrever o horror. Penso que os fogos do purgatório com que a maioria deles foi ameaçada na infância seria preferível ao inferno vivo das trincheiras. – A recordação fê-lo abanar a cabeça. – Ratazanas, lama sem fim, bombardeamentos incessantes, água até aos joelhos...

– Sinto muito – disse eu. Bebemos o chá em silêncio durante um momento ou dois. – Agrade-me que tenha vindo para aqui – insisti.

– Ouvir isso é confortante. Terei de os informar. Querem ter a certeza de que não finjo a minha condição, mas não melhorarei a não ser que consiga fazer os pulmões funcionarem com normalidade. Sei que, a princípio, acharam que tinha «sofrido um ferimento pátrio».

– Um ferimento pátrio – repeti, inclinando-me para diante, intrigada. – O que é?

– Um ferimento substancial que não é fatal. Que motiva o envio de volta para a pátria, compreende? Estou certo de que a maioria dos homens sonhará com um. Há alguns soldados, e é

perfeitamente compreensível, dispostos a alvejar os próprios membros a tiro, esperando ser enviados para hospitais perto de casa, para não passarem mais um dia na frente. Mas a hierarquia percebeu o que se passa. Qualquer homem suspeito desse estratagemas é julgado e poderá ser fuzilado por traição. Já executámos alguns.

Olhei-o, boquiaberto.

– Até o tratamento médico dos traidores é feito em tendas separadas. Suponho que os médicos e enfermeiras não se sentirão inclinados a lidar com eles com grande simpatia e, mais uma vez, compreendo o seu ponto de vista. Mas só alguns conseguirão compreender por inteiro como um homem corajoso em todos os outros aspetos poderá seguir por esta via.

– Ilibaram-no dessa suspeita?

Esboçou-me o seu meio sorriso humilde, que percebia estar sempre pronto e que achava atraente sem poder fazer nada para evitar sentir-me assim.

– Sim, mas só depois de uma entrevista rigorosa, já que alguém decidiu que, por ser civil, poderia ser coagido a revelar a localização do nosso quartel-general. É ridículo, mas todos se mostram desconfiados por estes dias. Seja como for, fui exonerado e parece-me que terá ajudado a chegada do Batalhão de Caçadores Alpinos 23.º à região em meados de novembro.

– O regimento de Aimery.

– Assim é. Enviei-lhe uma mensagem, mas não me visitou. Fiquei convencido de que me evita.

– E os meus irmãos? Fazem parte do 24.º, mas penso que os dois regimentos se fundiram no mesmo batalhão.

Acenou afirmativamente.

– É verdade. Mas não os vi. Lamento. Não me ocorreu procurar os rapazes Delacroix, mas, de qualquer forma, não conheço os seus irmãos.

– Com certeza – disse, escondendo a minha desilusão. Voltei a encher-lhe a chávena e, daquela vez, acrescentou um pouco de leite e nenhum açúcar. – Teremos de mudar essa ligadura. Com que gravidade está ferido por baixo dela?

Retirou importância aos ferimentos com um movimento do braço e bebeu novamente o chá com avidez.

– Há soldados em condição muito pior, mas não poderei ser útil a ninguém até recuperar. É uma queimadura. Uso apenas esta maldita bengala por recusar ajuda para andar.

– O sangue ensopa um pouco a ligadura sobre a mão – referi, constatando o óbvio.

– Sim. Que terrível falha de etiqueta. – Voltei a olhar-lhe a face, pestanejando e pensando se teria achado que o repreendera. Vi que sorria novamente. Não consegui evitar rir-me com ele.

Bebemos o chá em simultâneo, como reflexos num espelho em silêncio apazível que pareceu vagamente perigoso pela forma como a luz dançava sobre o olhar que fixava em mim com determinação.

– Aimery escolheu incrivelmente bem.

O meu desconforto foi visível.

– Não escolheu. Tinha uma amante e parece-me que nutre por ela um grande afeto. Aimery e o meu irmão, Henri, tomaram uma decisão estratégica na qual fui a bola que passaram entre si

durante a negociação.

– Gostava de ter estado presente para a apanhar. – Quando fixei nele um olhar surpreso, vi que sorria. – Limito-me a dar seguimento à metáfora da bola.

Ri-me de forma cordata. Recordava-me cada vez mais Felix. Havia nele algo igualmente desarmante e sardónico.

– O seu francês é excelente.

– A minha mãe tomou medidas para assegurar que o conheceria tão bem como a língua materna da minha educação. Contratou um professor parisiense que se tornou como um tio para mim. Vivia connosco, viajava connosco, envelheceu connosco. Falei francês todos os dias da minha vida desde que comecei a pronunciar as primeiras palavras. Na verdade, apenas falávamos francês em casa.

– Santo Deus. Que determinação.

– Sim. Mas os seus motivos talvez não tenham sido tão honrados como poderá imaginar.

– A que se refere?

– Refiro-me à intenção da minha mãe de reclamar para mim metade do império De Lasset.

Senti que a garganta me era apertada.

– Compreendo – consegui dizer, recordando que a lei francesa não permitia o afastamento de qualquer filho dos herdeiros testamentários.

– Suspeito que os advogados se mantinham em contacto constante dos dois lados do mar que separa as nossas duas nações muito antes da sua morte.

– Então veio desafiar Aimery?

A desilusão ensombrou-lhe a face.

– Em primeiro lugar, permita-me assegurar-lhe que não foi o ganho financeiro a trazer-me aqui, Fleurette. Não partilho a motivação da minha mãe. Não me importa o conteúdo dos cofres De Lasset, mesmo que metade desse conteúdo me pertença. Não o ambiciono.

– É químico – referi, como se aquelas duas palavras rebentassem com qualquer fantasia em que se envolvesse.

– Sim, sou. Mas não merecerei castigo por isso. A verdade é que me interessava mais a medicina.

A prontidão com que o julguei fez-me encolher.

– A família da minha mãe é rica e sou o único filho varão. É presumível que, apesar de ausente, tenha já herdado uma fortuna substancial.

– Então porque manteve ela o seu empenho no império De Lasset em seu benefício depois de duas décadas de afastamento?

– Suponho que o terá feito como castigo.

Formulei a palavra em silêncio com os lábios.

– Castigo de quem?

– Do meu pai. Era um velho ferimento que a atormentava.

– Então porquê perseguir Aimery? O seu marido morreu.

A verdade pairava entre nós de forma tensa, querendo infiltrar-se na nossa conversa. Quis desesperadamente ceder-lhe, mas de alguma forma compreendia que Sébastien preferiria

acolhê-la seguindo o seu próprio ritmo. Tentava contextualizar-me, partilhar comigo a história, sem dúvida acreditando que a minha compreensão era vital antes que a verdade explodisse como uma bomba. As boas maneiras impediam-me de erguer os braços em exasperação. Tal como a tensão que percebia na sua voz bondosa e a mágoa no olhar penetrante. Não conseguia encontrar qualquer semelhança entre ele e Aimery. Mas recordava-me o velho Monsieur De Lasset pela firmeza do maxilar e pelas covinhas do seu sorriso. Vira recentemente esses traços repetidos em fotografias de família espalhadas pela mansão. Seria inútil questionar a sua linhagem, mas era intrigante pensar como poderia equiparar-se a Aimery. Aimery sairia ao lado da sua mãe, mas porque não existia um único retrato fotográfico ou pintado da matriarca na casa, não podia sabê-lo.

Endireitei as costas.

– Presumo que tenha sido ensinado a desprezar o seu pai.

Acenou afirmativamente.

– E despreza-o mais ainda agora que conhece mais pormenores?

– Não. Odiei a minha mãe por guardar o seu segredo durante tanto tempo, partilhando-o comigo apenas recentemente, tornando-o minha responsabilidade e meu fardo.

Quase cuspi o chá.

– Perdão?

– Ouviu bem. Conheço a verdade do meu passado. Na verdade, sendo verdade o que me horroriza, consigo compreender por inteiro as ações do meu pai há vinte anos.

Percebi que estávamos à beira do precipício, perante o motivo que o fizera insistir connosco para que não nos casássemos, mas teria de permitir que fosse ele a dizer-mo. Não podia forçar. Percebia pela linha formada pela sua boca e pela expressão dorida que abordar o assunto provocava nele angústia profunda.

– Aimery sabe disto? – perguntei.

– Aimery ainda não sabe nada.

– Porquê?

– Porque não é um assunto que possa explicar-se senão cara a cara! Bastará dizer que cresceu desprezando-me. Via-me como o filho que roubou a sua amada mãe.

– Amada? – Não acreditava que o ouvia dizer aquilo. – A sua mãe abandonou-o.

– E amou-o durante cada instante da separação. Amou-o muito mais do que alguma vez conseguiu amar-me.

A minha mão tremia enquanto pousava a chávena e o pires.

– Mas quis vir para o casamento, não? Porque viria pelo irmão que o odiava, com segredo ou sem ele?

– Não vinha por ele. Vinha por si!

Lera algures que o medo era uma emoção quase sempre sentida em relação a acontecimentos futuros. Naquele momento, compreendi perfeitamente esse conceito. Qualquer que fosse o mistério sinistro que Sébastien trazia consigo naquele dia, não queria partilhá-lo.

Continuou, sentindo o meu medo.

– Mas fiz o que era delicado fazer e informei-o da minha chegada para poder preparar-se.

- Também enviou presentes.
- Como mero encobrimento, tal como expliquei.
- Basta – sussurrei. – Chega de contornar o assunto. Diga-me, por favor.

Acenou afirmativamente.

– É a tarefa mais desagradável que alguma vez tive de levar a cabo. Pior do que matar a tiro um homem que não conhecia e com o qual não tinha qualquer desentendimento pessoal. Se não o tivesse matado, ter-me-ia matado ele a mim. Mas voltaria a disparar a mesma arma se isso me permitisse evitar dizer-lhe isto.

– Não pode ser evitado. Por isso, liberte-se do fardo, Sébastien. Até porque receio que o meu coração não suporte esta tensão durante muito mais tempo.

Fixou em mim um olhar terno.

– Nada disto é culpa sua.

– Nada de quê?

– Fleurette. Aimery é... – Empalideceu.

– Diga-o. Aimery é...? – De forma bizarra, ocorreu-me a possibilidade de Aimery ter já casado com Graciela. Afastei o pensamento com uma pontada de irritação. Aimery poderia ser rude, mas era um homem orgulhoso e zeloso do seu dever. Poderia vergar a lei, como tinha feito com os papéis do nosso casamento, mas duvidei que a violasse.

O seu irmão ergueu-se com esforço, vindo sentar-se a meu lado e pegando-me na mão. A sua pele parecia quente e seca contra a minha e ocorreu-me que, independentemente do que dissesse, poderia não voltar a sentir-me tão segura como naquele momento. Vi-o engolir em seco.

– Querida Fleurette... Aimery é seu meio-irmão.

Um tremor frio, como se uma torneira se abrisse dentro de mim nesse momento, dominou-me, fazendo-me sentir que me afogava. Pareceu-me que demorei uma eternidade a falar, como se Sébastien tivesse precisado de me segurar a mão com gentileza durante horas, esperando pacientemente a minha resposta.

– Sébastien – sussurrei, olhando a sua face, tão angulosa e diferente da expressão nada subtil de Aimery. – Como é possível tal coisa?

Inspirou devagar.

– A minha mãe e o seu pai...

– Não! – Interrompi-o, furiosa, afastando-lhe a mão sem me preocupar com a dor visível que o movimento lhe provocou. – Não ouse falar do meu pai nesses termos. Não o conheceu nem compreende a nossa família. Nem sequer é francês? – gritava, fugindo em desespero das suas palavras. Mas não mo permitiria.

– Ouça-me – rosnou, com a paciência esgotando-se e sobrepondo-se ao medo de partilhar aquele terrível segredo. – Devo ser claro. Tenho provas. Bastar-lhe-á ver fotografias antigas para encontrar semelhanças familiares. Ou, melhor ainda, use a ciência de Landsteiner e teste o sangue de ambos.

– Testar sangue? De que fala?

– Li sobre o assunto. Existem vários tipos sanguíneos que não poderão ser desmentidos. Descobriu-se isto há mais de uma década. Suspeito que partilhará com Aimery algum traço comum nesse aspeto pelo facto de...

Ignorei a ciência. A sua explicação atordoava-me os sentidos.

– Tem provas? – perguntei, chocada. – Que tipo de provas?

Conseguiu encontrar paciência para me falar, não se mostrando ofendido pelo meu tom ou pela interrupção.

– A minha mãe guardou cartas. Enviadas pelo seu pai. Mas também há cartas que ela lhe escreveu. Devolveu-lhas. Suponho que não terá conseguido destruí-las. A questão é que estas cartas fornecem provas incriminatórias e inegáveis do que aconteceu entre eles. Há também registos hospitalares e...

– Pare. Por favor! – Pareceu-me que cobria os ouvidos como uma criança, mas continuou a

falar sobre o meu protesto e não consegui impedir-me de o ouvir. Ergueu a mão para puxar os dedos com que cobria a cabeça e não lhe resisti.

– Fleurette, não desejo estilhaçar qualquer imagem que mantenha acerca da sua família. Compreendo bem a estima elevada que lhe merece sobretudo o seu pai.

– Então não diga mais nada – implorei.

– Não posso manter o silêncio. As consequências serão demasiado horríveis se me ignorar. Casou com o seu próprio irmão.

Senti um vômito seco. Precisei de fechar os olhos e, felizmente, manteve-se calado, permitindo-me conter o choque. Ter-me-á pegado novamente na mão porque me apercebi do seu punho ferido, envolvendo o meu com a ternura com que alguém seguraria um pequeno pássaro.

– Respire – sussurrou. – Profundamente. – Ouvi-o contar em voz baixa enquanto enchia os pulmões até chegar a dez. A sua voz, com aquela rouquidão atraente, foi a minha âncora. – Se exagerar, poderá sentir-se zozza – advertiu.

– Gostava de poder ficar inconsciente – exclamei.

– A verdade deveria despertá-la – replicou. Havia piedade no seu tom e admitirei que me pareceu confortante, como se a revelação se aligeirasse por ser partilhada. Tivera mais tempo para interiorizar o horror, mas, sem dúvida, ser-lhe-ia igualmente repelente. – Permita-me que diga tudo. Ouça os factos, na sua nudez, e, depois, concebamos juntos uma solução. Recorde, por favor, que Aimery também não tem culpa. A culpa pertencerá exclusivamente aos nossos pais, que esconderam tudo isto.

– Então diga-o – ordenei, surpreendendo-me a mim mesma.

Vi o abdómen de Sébastien expandir-se enquanto inspirava fundo, fazendo o ar silvar-lhe dentro do tronco como se passasse por um velho acordeão furado. Tinha a mesma idade que eu e o meu gémeo, mas, sendo tão alto como eu, tinha compleição estreita. Felix era ainda mais alto e o seu porte era mais imponente, mas, mesmo assim, havia um poder inegável no comportamento algo enigmático de Sébastien. Rodeado por outros homens, incluindo o meu atraente irmão, Sébastien não passaria despercebido, certamente não por mim. Esta percepção fez-me sentir um calor indesejado e soube que seria perceptível, mesmo esperando que a traição se mantivesse abaixo da blusa. A minha mente deambulava, sem dúvida tentando escapar ao horror da sua revelação. Entrelacei os dedos, forçando as mãos a imobilizarem-se no meu colo e tentando concentrar-me.

– A minha mãe adorava o seu pai – começou. – Pelo que sei, o sentimento era recíproco. A minha mãe explicou-me no que viria a ser o seu leito de morte que o seu casamento combinado com Arnaud De Lasset foi detestavelmente infeliz. Até à marcação do casamento, conhecera-o apenas pelas suas cartas e pelas opiniões alheias, segundo as quais a união de ambos era inteiramente favorável. Quando o conheceu pessoalmente, oito semanas antes da cerimónia, descobriu poucas coisas que recomendassem a sua união como casal. Contou-me que lhe pareceu imediatamente altivo e arrogante, parecendo desprezá-la e à sua herança inglesa, mesmo apesar de provir de uma orgulhosa linhagem normanda francesa. Deveria ter fugido de volta para Inglaterra, mas suponho que, na sua geração, tais coisas não se faziam. Enfrentava-se a adversidade de frente, aguentando. Acreditei que a sua família desejava muito esta união e não

teria aceitado o seu regresso.

Vi Sébastien suspirar, passando uma mão coberta de arranhões pelo cabelo, despenteando-o e autorizando-o a seguir a sua orientação preferida.

– Claro que só tive acesso à perspectiva da minha mãe, mas, de acordo com ela, Arnaud tratava-a com desdém em privado e mantinha uma amante. Azedou a sua relação antes mesmo do seu início formal.

Senti que descrevia Aimery. Mas, em público, pareceu-me que o velho Monsieur De Lasset fora encantador, revelando ser um bom conversador e um homem interessante. Sébastien terá sentido para onde os meus pensamentos se orientavam.

– Se não é essa a sua opinião acerca do meu pai, suspeito que a velhice lhe terá limado as arestas, não o tendo feito, no entanto, ao seu desejo de vingança. Os seus pais e os meus pais foram grandes amigos. A minha mãe dizia que foram conhecidos como o *quarteto real* durante alguns anos após os seus casamentos. As duas linhagens familiares eram, claro, igualmente impecáveis e ancestrais.

– O meu pai? – Precisava de o ouvir.

Acenou afirmativamente. Chegava lá e era claro que queria conduzir-me ao pior tão gentilmente quanto conseguia.

– A minha mãe admitiu-me que se sentiu imediata e inevitavelmente atraída pelo seu pai, que conheceu no dia da sua chegada a Paris. A mãe dela era inglesa e o pai meio francês, mas não tinha qualquer família neste país, apesar do nome de sonoridade francesa: Marguerite Beaumont. Foi pedido ao seu pai que a escoltasse até Grasse. Acredito que se apaixonou por ele antes de proferir os votos solenes que a uniram ao meu pai. Quanto à sua mãe, sei que o seu pai ainda não a tinha conhecido,

Elevei um ombro em resposta. Sébastien esperou e forçou-me a responder.

– Hum... conheceram-se por acidente, segundo reza a lenda. O meu pai estava em Paris de visita a parentes e a minha mãe visitava amigos. Quando saía com um acompanhante do seu hotel, o vento arrancou-lhe a sombrinha das mãos. Era uma manhã ventosa de inverno, segundo recordava o meu pai, e correu em seu auxílio, recuperando a sombrinha, que se virara do avesso e tinha sido pisada por vários cavalos quando conseguiu alcançá-la na Rue Saint Lazare. – Esbocei um sorriso triste. – Foi amor à primeira vista, à chuva, compondo uma história de perfeito romantismo. Sei que se conheceram em janeiro de 1885. Casaram na primavera... a minha mãe foi uma noiva de maio. Henri nasceu no ano seguinte. – Encolhi os ombros, embaraçada, vendo a sua expressão surpresa. – Sou boa com datas – admiti.

– Não vim para mudar nada disso, mas, se quiser saber o que penso, acredito que o seu pai e a minha mãe foram amantes apesar de saberem que não poderiam ficar juntos. A sociedade não o permitiria e as suas famílias sentir-se-iam ultrajadas, pois a minha mãe já estava prometida, com os preparativos do casamento em curso.

Senti-me esmurrada pelas suas palavras. Golpearam-me, provocando uma dor insistente.

– Os seus pais ter-se-ão realmente apaixonado à primeira vista e o seu amor terá sido verdadeiro, mas o seu pai tivera já de abdicar da minha mãe quando aconteceu. Teve de seguir em frente com a sua vida, encontrando uma mulher com quem partilhar a vida, construindo uma

família mesmo tendo gerado Aimery três anos antes.

– Costumava visitar tios em Paris pelo Natal – afirmei, inutilmente.

Sébastien acenou com a cabeça num gesto amável, como se soubesse que a sua delicadeza seria necessária para me ajudar a aguentar a dor, aceitando aquela realidade.

– A sua relação começou no final de dezembro de 1882 – disse, aproximando-se para poder falar tão baixo quanto era possível. – A minha mãe assegurou-me que Aimery foi concebido no final desse ano. O envolvimento de ambos continuou até janeiro de 1883. Os meus pais casaram em fevereiro.

– Nevaria! A temperatura terá estado gélida – referi, esperando que aquela pudesse ser a minha saída. Nenhuma noiva de Grasse aceitaria casar-se em pleno inverno.

Sabia-o, sentindo que procurava uma saída.

– A minha mãe disse-me que foi necessário um grande esforço para convencer Arnaud a casar-se no inverno. Sabia que estava grávida e queria ter o filho de Victor Delacroix, o homem que amava, guardando o segredo da ilegitimidade da criança, educando-a como filho da sua união. Disse-me que era frequente as crianças nascerem prematuras e que ninguém a questionaria.

– O meu irmão e eu nascemos antes de tempo. Terão sido forçados a grande cuidado para não serem vistos na companhia um do outro.

– É verdade. A minha mãe falou-me disso. O seu pai foi escolhido como seu acompanhante e, por isso, podiam esconder-se por baixo dessa autorização, por assim dizer, mas, em público, eram extremamente cautelosos. Vivia na casa dele com criadas por ele contratadas, mas, mesmo assim, não terá sido difícil encontrarem tempo para estarem juntos... a sós.

Não quis pensar naquilo. Parecia-me tão feio, tão vulgar. Encontros às escondidas, beijos roubados, enfiando-se furtivamente na cama um do outro. O meu pai! Estremeci, sem conter o que poderia ser entendido como um gemido de repulsa, sendo, na realidade, uma exteriorização do meu desespero.

– Então sabia que Aimery era seu filho?

Acenou afirmativamente.

– Sem qualquer dúvida. As cartas entre ambos confirmam-no, incluindo a admissão pela minha mãe de que desejava ter tido a coragem de cancelar o casamento. Mas era jovem e o que tinha acontecido assustava-a. Receava o que a sua família pensaria dela, o que significaria para a reputação das duas famílias se a verdade se soubesse. O seu pai amava-a, mas sentia-se obrigado a respeitar a sua decisão de casar com Arnaud De Lasset... Depois do casamento, teve de guardar segredo e continuar com a sua vida. Não terá sido fácil para qualquer um deles, estando tão próximos um do outro.

– E foi então que conheceu a minha mãe – concluí.

– Sim. Três anos depois, uma sombrinha perdida uniu-o a alguém que lhe permitiu encontrar novamente o amor e com quem lhe agradou construir uma família.

– Mas não poderá Aimery ser filho de Arnaud? – Tentei olhá-lo nos olhos, implorando em silêncio que concordasse.

– A minha mãe sofreu os enjoos da gravidez antes de casar. Sabia, mas não podia revelar nada

a ninguém.

– Não trazia familiares consigo?

– Não. Estava sozinha em França para casar. As suas duas irmãs estavam já casadas. O seu pai era demasiado frágil, a sua mãe cuidava dele enquanto definhava. O irmão aceitara conduzi-la ao altar, e fê-lo, segundo me dizem, mas chegou apenas dias antes da cerimónia. As suas irmãs estavam grávidas ou cuidavam de crianças de tenra idade e nenhuma delas estaria disponível. Ao que parece, Gerald, o meu tio, ficou furioso por se ver arrastado para o gélido inverno, tendo ansiado por uma viagem durante a primavera.

– Que lhes disse?

– Nunca lho perguntei, mas, porque tinha demonstrado com clareza a sua capacidade para o subterfúgio, suspeito que a minha mãe terá dito que estava tão ansiosa para casar com Arnaud que queria que acontecesse o mais rapidamente possível. – Mordeu o lábio, mostrando-me que, apesar das palavras delicadas, não lhe era fácil magoar-me daquela forma. – Imagine – continuou. – Estávamos no início da década de 1880. – Pressionou deliberadamente os lábios num gesto digno de uma matrona e senti um riso nervoso aproximando-se, mas suprimi-o a tempo. Vivia um pesadelo e, mesmo que o riso nervoso fosse provavelmente aceitável, não sucumbiria a ele. Precisava de manter viva a raiva para conseguir sobreviver ao que viria a caminho. Sébastien continuava a falar.

– Se lhe servir de consolo, por mais mínimo que seja – insistiu Sébastien –, a minha mãe admitiu que nunca foi mais feliz do que nas semanas que passou vivendo na sua casa antes do casamento. Pelo que sei, não sabia que viveu na casa da sua família.

Abanei a cabeça.

– É a primeira vez que ouço tal coisa.

– Bom, suponho que terá sido demasiado doloroso para que qualquer um deles o admitisse. O seu pai mostrou-se especialmente generoso com ela.

– Demasiado generoso, ao que parece – afirmei, descaradamente.

– Sem dúvida. O seu pai era encantador, gentil e magnânimo com todos os que conhecia, especialmente com as mulheres, segundo me disse a minha mãe. – Senti lágrimas ardendo-me nos olhos, mas recusei-me a chorar. Sabia como era o meu pai. Não precisava que um estranho mo dissesse. – A minha mãe também o descreveu como incrivelmente belo – acrescentou.

Acenei tristemente com a cabeça.

– Vi fotografias suas da juventude. Era parecido com Felix.

– A minha mãe tinha uma fotografia dele tirada de perto. Parecia-se com uma versão masculina sua. Herdou dele a beleza das suas feições morenas. – A voz dele era rouca e o olhar demasiado intenso. A forma como me atraía de forma irresistível intensificou-se.

– Prossiga, por favor.

Acenou com a cabeça, afastou o olhar e suspirou.

– Parece-me que é importante reforçar que gerou Aimery antes de casar com a sua mãe, quando era solteiro e sem qualquer compromisso. E é igualmente importante que o aceite.

– Se tenta isentá-lo de culpas, receio que não ajude – disse, com um tom de voz feroz.

– Não, mas não macula o relacionamento dos seus pais. A minha mãe foi uma noiva infiel,

mas o seu pai, pense dele o que pensar, não foi infiel à sua mãe. Aimery nasceu antes do casamento dos seus pais, antes de a sua mãe ficar grávida de Henri.

– Mas devia fidelidade a Arnaud. Qualquer que seja a sua opinião do seu pai, era amigo do meu. Se a sua história for verdadeira, o meu pai comportou-se de forma vergonhosa.

– O amor é cego e frequentemente cruel – afirmou.

A afirmação de um sentimento tão romântico motivou-me um grunhido de troça. Não permitiria que a incorreção dos nossos pais fosse tão facilmente desculpada.

– Então o seu pai descobriu que tinham tido um caso?

– Sim, anos depois. Aimery teria quatro anos e a minha mãe estava quase a dar à luz. Nasceria dali a seis semanas, pelo que sei, quando tudo se soube. Não me explicou como aconteceu... Suponho que nenhum de nós saberá algum dia, depois da morte de todos os envolvidos, mas calculo que terá sido medonho. Contou-me que lhe bateu, gritando-lhe durante várias horas e acabando por lhe cuspir em cima, amaldiçoando a família que o abordara para a negociação do casamento. Foi banida e partiu comigo no ventre. Foi nesse momento, obviamente, que se iniciou o desentendimento entre as nossas duas famílias. A amizade chegou ao fim. A corrida pela supremacia nos negócios tornou-se brutal durante algum tempo, acabando por se transformar num ódio pessoal entre os dois homens.

– É compreensível.

– Completamente. E, mesmo assim, conseguiram manter tudo em segredo.

– Isso espanta-me.

Acenou com a cabeça.

– Acredite. A minha mãe disse-me que não houve um único criado até hoje a saber que Aimery não tem sangue De Lasset correndo-lhe nas veias. E o único motivo para pôr fim ao segredo que resistiu durante quase três décadas foi o seu casamento.

– E a discussão? Mais ninguém a ouviu?

– O assunto foi resolvido com a habitual frieza do meu pai, pelo que sei. Ocorreu numa propriedade de veraneio que temos nas terras altas. Os criados foram enviados num piquenique para que o meu pai pudesse informar a minha mãe de que conhecia o seu segredo. Foi também nesse momento que lhe explicou, estando ela em plena gravidez e já marcada pelas suas agressões, que ninguém conheceria a verdade.

A minha face contorceu-se. O meu pai nunca levantara a mão contra ninguém. Muito menos contra a sua mulher.

Acenou com a cabeça, claramente envergonhado daquela admissão.

– Ocupou-se de todos os preparativos antes de partilhar com ela a sua descoberta. Foi levada nessa noite para Nice, depois para Paris e, por fim, para Londres.

– E ninguém adivinhou o motivo?

– Agrediu-a em pontos cuidadosamente escolhidos. Suponho que deveremos sentir-nos gratos por não ter decidido ferir-me a mim, a criança que transportava no ventre. Não seria certamente a minha mãe a contar a alguém, incriminando-se a si ou ao seu pai. Ninguém poderá conhecer o acordo estabelecido com Arnaud, mas foi enviada para longe sem um cêntimo da sua fortuna, sem olhar para trás, levando consigo apenas a roupa que vestia. Foi proibida até de se despedir

de Aimery.

– Não magoaria uma criança. Era seu filho.

– Supostamente, deveria ser uma rapariga. Penso que a minha mãe o convenceu disto, de alguma forma, para tornar mais fácil deixá-la partir em segurança com o bebé por nascer. Acredito que receou que pudesse prendê-la até ao meu nascimento, mantendo-me também a mim junto dele. – Encolheu os ombros.

– De qualquer forma, era um De Lasset genuíno. Questiono-me se teria agido da mesma forma se tivesse sabido da relação num momento anterior e a sua mãe estivesse ainda grávida de Aimery.

– É doloroso considerar essa possibilidade. É suficientemente chocante pensar que ergueu a mão contra ela.

Nunca aceitaria violência de qualquer tipo contra uma mulher, mas não podia admitir a Sébastien que conseguiria compreender que uma pessoa instável e cheia de raiva, com a sua virilidade questionada e o nome da família potencialmente manchado, pudesse acabar por recorrer à violência física.

– A história com que todos temos vivido diz que partiu em viagem, distanciando-se e nunca regressando. Pareceu-me sempre muito estranho, mas o meu pai não falava sobre o assunto.

– O meu pai foi muito convincente na difusão da história segundo a qual viajara para se banhar nas águas curativas de Bath e assim conseguir superar uma gravidez difícil. Posteriormente, informou que nascera uma criança enfermiça, uma mentira – afirmou com um sorriso forçado. – E, por isso, teria sido forçada a ficar na Grã-Bretanha, levando-me para o ar mais limpo do Norte e alimentando a sua paixão pela pintura de aquarelas da Escócia. Referiram-se inúmeras razões e, presumivelmente, foram aceites apenas porque eram proclamadas pelo meu pai, Ninguém ousaria desafiá-lo aqui em Grasse, calculo, e o seu pai, o vilão da sua história, nunca o faria. Despedaçou o coração da sua mãe, claro, quando soube a verdade. E foi por isso que acabou por tirar a própria vida.

– O quê?! – As palavras saíram-me como um sussurro guinchado, fazendo-me arregalar os olhos com horror. Vi-me num espelho pendurado sobre um armário baixo, enorme e dourado. Parecia um fantasma no reflexo. A minha pele empalidecera, os meus lábios perderam a cor, quase exangues. Senti-me como se não me restasse nada de sólido.

– Oh, Deus. Fleurette... – A sua expressão devastada refletia o embaraço pela revelação.

– A minha mãe morreu de pleurisia – murmurei, enfatizando cada palavra para assegurar a sua clareza, como se pudesse tornar aquilo verdade com suficiente determinação. Via-o abanar a cabeça lentamente. Precisava de protestar. Não podia ceder tão facilmente, mesmo que algo profundo e sombrio me dissesse que ouvia a verdade. Não tinha qualquer motivo para impor uma mentira à minha vida. – Não. Isso foi o que o meu pai nos disse – insisti claramente, com a voz encontrando o seu timbre normal, ainda que de forma insegura. – O meu pai...

– Mentiu, bela Fleurette. Que outra coisa poderia fazer? A verdade era demasiado dolorosa e concordava com os meus pais que era necessário guardar o segredo de Aimery. A sua mãe não aceitaria... não poderia aceitar... Penso que terá amado tanto o seu marido que não conseguiu aceitar a verdade do seu passado. Ou, de forma mais clara, a realidade da traição ao seu amigo

mais próximo. A minha mãe chorou quando me disse isto, continuando a sentir mais de um quarto de século depois que a sua mãe viu a relação como uma traição, mesmo tendo ocorrido antes de conhecer o seu pai. Acreditava que foi a necessidade de guardar o segredo a matá-la mais do que o próprio segredo.

– Duvido que a sua mãe conseguisse ver a situação do ponto de vista da minha. Mas guardou o segredo terrível, mesmo assim – disse, abanando a cabeça, incrédula.

– Isso não está certo, na verdade. Recusou fazê-lo. Ao invés, tendo decidido não destruir o quarteto, a sua mãe decidiu alhear-se do seu conhecimento da relação e da paternidade de Aimery da forma mais definitiva que conseguiu. Estava grávida de si e de Felix quando a verdade se soube. Nasceram antes da data prevista, como bem sabe. A minha mãe disse-me que terá sido provavelmente o choque das notícias a provocar o parto. Soube por intermédio dela que nasceram com oito meses de gestação e que foi tudo muito tenso e traumático até perceberem se um ou ambos sobreviveriam. Sobreviveram e a sua mãe esperou até ter a certeza de que os seus dois bebés sobreviveriam, tornando-se crianças saudáveis. – Parou e baixou o olhar.

– E depois? – Percebi que tremia de forma visível.

Inspirou fundo.

– Depois, convidou o seu pai para um piquenique. De certa forma, imitava o meu pai na forma como lidou com a sua mulher. A diferença foi que a sua mãe era menos robusta e muito mais fria na forma como encarava a exposição da traição.

– Não diga isso como se a traição não tivesse sido real – pedi-lhe, com voz trémula.

– Uma traição do meu pai pelo seu, talvez, mas não uma traição à sua mãe. Recordo-lhe que não a conhecia quando o envolvimento ocorreu.

Abanei a cabeça como se negasse o seu raciocínio.

– Mentiram, Sébastien. Durante anos. Aimery é a sua mentira. – Soube que tentava apenas facilitar-me as coisas. – Conclua essa história sórdida, por favor! – As notícias do suicídio da minha mãe dificultaram-me a respiração. Cada inspiração era dolorosa. Formávamos um par estranho na faustosa sala De Lasset: Sébastien com a sua respiração sibilante e eu com as minhas inspirações dolorosas.

– Foram à Provença, aos Alpes, e, diante dele, atirou-se do alto de um penhasco. O seu pai inventou que sentira dores terríveis e que estava muito confusa depois da gravidez dos gémeos e do parto... escorregando e caindo. O médico da família terá sido convencido a concordar que a sua mãe teve problemas de saúde a seguir ao vosso nascimento. Sem dúvida que demonstrava indícios de melancolia e isto terá sido atribuído à sua disposição posterior à gravidez e não à sua incapacidade de aceitar que o seu marido gerara uma criança com a sua melhor amiga. Os criados confirmaram a queda accidental e a cidade aceitou o relato do incidente trágico. A história foi aceite como verdadeira, mas nunca deixou de ser mentira. Matou-se para mostrar ao seu pai a dimensão do seu desespero.

Olhei-o sem conseguir dizer nada. Não quis acreditar, mas uma grande parte do que dizia começou a fazer sentido de uma forma que tornava inútil continuar a esperar que pudesse perceber que estava enganado.

– Antes que pergunte – disse-me –, a minha mãe sabia tudo isto porque a sua mãe lhe escreveu, explicando o que pretendia fazer, culpando-a... Eram grandes amigas e, nesse momento, tornaram-se as piores inimigas. Certificou-se de que a minha mãe se sentiria responsável pela sua morte, pela cisão das nossas famílias, por todo o azedume.

– Culpa-a?

O tom de voz de Sébastien permaneceu neutro.

– Não culpo ninguém. Parece-me, Fleurette, que só os nossos pais terão compreendido como foi estar envolvido nesta situação. Só um deles teria o direito de atribuir culpas ou de se sentir culpado.

– É generoso que pense assim, Sébastien.

Aceitou o golpe sem vacilar.

– Tive mais tempo para pensar na precariedade da posição de cada um. Não conseguiremos imaginá-lo por completo.

– Acredito que conseguirei! Se tudo o que diz é verdade, não conseguirei voltar a pensar no meu pai da mesma forma.

– Não...

Ergui-me abruptamente, virando-me para ele.

– Não ouse dizer-me como reagir ou o que pensar! Estou cansada de ver os homens acreditando que sabem o que é melhor para mim.

Baixou a cabeça.

– Perdoe-me. Parece-me apenas que é demasiado fácil censurar as suas ações.

Caminhei até à janela para olhar os socacos despojados da sua cor, mas, mesmo assim, dotados de uma beleza severa na sua nudez de inverno.

– Discordo – ripostei. A minha respiração embaciava o vidro à minha frente. Virei-me novamente para ele e percebi que me olhava atentamente com expressão magoada. – Sabiam que o que faziam não estava certo e vemos agora o resultado da sua luxúria egoísta. A sua vida arruinada. Aimery odiando a mãe durante toda a sua vida, sem nunca saber que o amava. A vida da minha mãe desperdiçada pelo desgosto amoroso. O meu casamento precisando de ser anulado... Mas gostava que pensasse de que forma poderei explicar o motivo a Aimery! O facto de terem guardado este segredo ecoa através desta nova geração e poderá ameaçar a seguinte.

– Sei que está irritada, mas que poderia fazer? Permitir-lhe que casasse e tivesse um filho com Aimery?

A repulsa motivada por aquelas palavras impediu-me de responder.

Insistiu.

– Li as cartas. Li a carta do seu pai para a minha mãe falando-lhe da mágoa que sentia pela perda da sua mãe e pela forma como essa perda ocorreu. Falando do medo que sentia por ter sido deixado com os seus três filhos pequenos, incluindo dois bebés, que lhe caberia criar. – Continuava a abanar a cabeça, negando tudo o que dizia. – Li as suas cartas porque também precisava de ser convencido, acredite.

– Pode ser mentira. – Parecia tão ridiculamente desesperada, mas, quem poderia culpar-me?

– Quem imagina que poderá ter mentido e com que propósito, Fleurette? Para obter ganho

financeiro? Dificilmente. Não. Estas cartas foram profundamente emotivas e desesperadas. A relação entre o seu pai e a minha mãe foi marcada por uma paixão irresistível, por uma atração química, se puder reduzi-la a isso. Adorava-a, e ela a ele. Mas, quando a sua mãe entrou na vida do seu pai, descobriu a estabilidade do amor verdadeiro... – Abanou a cabeça, hesitando.

– O quê?

Ouvi-lhe uma exclamação de arrependimento.

– Quase acreditaria que a minha mãe permitiu que o meu pai descobrisse a verdade.

– Porquê, por amor de Deus? – Tive de cravar as unhas na palma da mão com força para me impedir de lhe gritar isto.

Os lábios de Sébastien formaram uma linha dorida.

– É evidente que o seu pai era um homem encantador e altamente desejável para as mulheres. Talvez tivesse esperado poder viver sem ele, acabando por perceber que, se não podia tê-lo...

– A minha mãe também não poderia?

Vi a forma como os seus ombros caíram.

– Foi uma tragédia. Se tiver sido por culpa das suas maquinações, parece-me que se terá arrependido do seu amor impossível por Victor Delacroix e do papel desempenhado no suicídio da sua mãe.

Senti o vômito ameaçar erguer-se ao ouvir aquela palavra. Precisava de fugir dela. De o forçar a continuar a sua história maldita.

– Que aconteceu quando o seu pai descobriu a verdade, afinal?

– Bom, como expliquei, expulsou a minha mãe no dia em que a confrontou e ela admitiu a sua infidelidade. O castigo foi severo. Ficou com Aimery. Não permitiria que a minha mãe saísse de Grasse com uma memória terna do seu pai e da luxúria que partilharam. Não permitiria que alguém lhe negasse o seu herdeiro, mesmo que o herdeiro não tivesse o seu sangue. Quis o rapaz, deu-lhe tudo e criou-o como seu. Não esqueçamos que amou Aimery durante vários anos como seu filho antes de saber a verdade. Não lhe importava que estivesse grávida de uma criança sua. A minha mãe convenceu-o de que era uma rapariga e uma filha era-lhe inútil. O meu pai queria um herdeiro.

– Espere... espere! – Ergui-me e comecei a caminhar para trás e para a frente para conter a náusea. Precisei de abrir a janela para inspirar ar frio e para fazer reagir o organismo que ameaçava expelir o pequeno-almoço.

– Fleurette – disse ele, baixando a voz. Subitamente, estava atrás de mim, coxeando cuidadosamente sobre o tapete para me abraçar. Não me pareceu errado. Virei-me nos seus braços e permiti-lhe que me abraçasse brevemente numa comunhão de desespero partilhado. – Sinto muito – sussurrou.

Sébastien conduziu-me de volta ao sofá como se fosse uma inválida. Era inegável que começara de repente a mover-me como uma velha e que a guerra, o meu casamento e a minha vida tivessem começado a parecer-me coisas muito distantes enquanto o ouvia começar a dizer-me tudo o resto que ouvira à sua mãe no seu leito de morte.

Sentámo-nos em silêncio, unidos pelo horror das palavras que me dizia. Não era apenas um, mas sim dois segredos terríveis que eram revelados. Senti-me subitamente feliz pela morte dos nossos pais, mas o fardo passava por isso a repousar sobre os nossos ombros.

– Sébastien, recebi a sua carta na noite em que a guerra foi declarada, mas não consigo perceber se teria confiado no que me dizia.

– De qualquer forma, terá chegado demasiado tarde.

– Receio que sim.

– A noite de núpcias...

– Não – disse, imediatamente, compreendendo a pergunta tensa antes de a formular. – Felizmente, não! As ordens de mobilização chegaram e, fiel a si mesmo, Aimery não deixaria passar a sua oportunidade de comandar o avanço até à frente. Nem mesmo uma nova mulher o impediria de vestir a farda e de subir para a sela. Alivia-me dizê-lo.

– Nesse caso, a imagem grandiosa que tem de si mesmo é a nossa bênção.

– Foi por pouco.

– Ama-lo?

Não esperava ouvir-lhe aquela pergunta.

– Eu... Que pergunta estranha.

– Interpretarei essa resposta como sendo negativa, se não se importa. – Uma sugestão de riso no olhar divertido com que me fixava sobre o bordo da chávena. O chá arrefecera há muito.

– Não fará tal coisa. É uma suposição horrível.

– É? Pensei que fôssemos sinceros um com o outro.

– Talvez tenha existido já demasiada sinceridade partilhada por dois desconhecidos.

– Sim, tem razão – disse-me. – As minhas palavras incomodaram-na já em demasia – observou com justeza, inclinando-se de forma estranha para pousar a chávena. Com lábios ligeiramente pressionados, cedi e ajudei-o.

– Deixe-me ajudar – propus.

Esboçou-me um sorriso tenso.

– Obrigado e, mais uma vez, peço que me perdoe. As minhas ações são muito pouco graciosas.

– Age como o meu irmão, na verdade. Felix encontra humor em tudo, mesmo em situações negativas.

– Parece-me alguém com quem simpatizaria.

– Entender-se-iam bem. Mas há momentos, quando se intrometem na vida das pessoas, em que será menos adequada a diversão.

O seu olhar ensombrou-se e surgiu-lhe na testa uma ruga de preocupação.

– Por vezes, Fleurette, o humor é usado como defesa e não como ataque.

Acenei afirmativamente, sabendo que Felix sucumbia ao gracejo muitas vezes por ser mais fácil do que enfrentar a realidade.

– Seja como for, a vida é minha, Sébastien, e sinto-me sob ataque.

– Precisava de a proteger.

– Disse-o na sua carta.

A pausa mais desconfortável desde que nos conhecemos arrastou-se entre nós.

Levantou-se com um gemido suave.

– Deixa-a, Fleurette. Sinto muito, mas não podia permitir que a situação se alastrasse por um momento mais. Felizmente, consegui contactá-la antes de...

Ergui-me também.

– Passou-me o fardo. O desconsolo da verdade passou a esmagar-me também a mim.

– Desejará um herdeiro.

Fechei os olhos e expirei.

– Trouxe as cartas?

– Certamente não pretenderá...

– Pretendo, sem dúvida. Afirmações sinistras mancham o nome do meu pai e pede-me que anule o meu casamento, baseando-me apenas num relato. Imagino que não tenha vindo sem as provas do que afirma.

– Tenho as cartas comigo.

– Ótimo. Como conseguiu ter acesso a cartas que pertenciam ao meu pai?

– Suspeito que as guardou por motivos sentimentais.

Notei que teve cuidado com as palavras que escolheu, sendo óbvio que não queria sugerir que o meu pai mantivera a paixão pela sua mãe muito depois da separação de ambos.

– E depois, motivado pelo mesmo sentimento, devolveu-as para que fosse ela a decidir a sua destruição.

– Assim sendo, exigirei lê-las. – Olhei-o com firmeza. – Não as danificarei de qualquer forma. Quero ver a letra do meu pai, ouvir a sua voz na minha mente enquanto leio as palavras que escreveu à sua mãe. Será justo, certamente, levando em consideração os danos causados pelas notícias que me traz?

– É justo, mas magoá-la-á ainda mais.

– Como poderá magoar-me mais do que descobrir que a minha mãe se matou? Que escolheu morrer a continuar a viver com os seus filhos. E como poderá ser mais perturbador do que descobrir que o pai que venerava viveu uma mentira?

– Não é verdade que...

– Sim, é, Sébastien. Sabia que Aimery era seu filho. E percebo agora porque, sempre que o assunto era referido, o meu pai era meu aliado. Durante a sua vida, não tolerava a possibilidade de um casamento entre as nossas famílias quando todos os que o rodeavam além de mim concordavam que fazia todo o sentido sarar velhas feridas e unir duas famílias poderosas para proteger a riqueza da nossa região. Pensei que o motivo estaria relacionado com a nossa rivalidade, com um desentendimento histórico alimentado pela concorrência. Percebo agora que sempre foi uma questão de sangue.

Não tinha reparado ainda no saco até onde ele coxeava. Pousara-o sobre uma mesa distante antes da minha entrada. Abriu-o e retirou um grande envelope do interior.

– Estas são as cartas do seu pai. São apenas três. A última foi enviada depois do funeral da sua mãe. – Passou-me o envelope. – Incluí também a única carta que a sua mãe escreveu à minha.

Engoli em seco.

– Devolvê-las-ei, claro.

– São a prova que exige para a anulação do seu casamento.

Endireitei as costas, forçando um sorriso.

– Deverá permanecer em Grasse.

– Talvez seja melhor que não o faça. A minha única intenção quando menti aos meus superiores no exército era chegar até si antes que Aimery tivesse uma licença. Voltarei para...

– Nem pensar, Sébastien. É nosso convidado... É um De Lasset. Tem todo o direito de ficar na casa da sua família. Não permitirei que se aloje em qualquer outro local. – Aproximei-me da lareira e puxei o cordão de tecido bordado que fazia soar uma campainha nas traseiras da mansão. – Sei que Madame Mouflard ficará encantada por lhe preparar um quarto. – Voltei para junto dele e beijei-o delicadamente na face, dos dois lados, desfrutando incontrolavelmente da sensação da sua barba na minha pele. – Tenha um bom dia, Sébastien. E dê-me licença, sim? Sinto uma dor de cabeça a caminho.

Antes de ler as cartas, cheirei-as. Sim, era estranho, mas, afinal, sou uma mulher do mundo dos perfumes. Cada aroma, mesmo não sendo um objeto em si, tem uma origem, resultando de algo sólido e real. É por isso que os cheiros têm histórias a contar-me e «prová-los» será a minha primeira forma de contactar o mundo. Só uso a visão depois de obter esta perspetiva invulgar.

Cheirei as letras do meu pai. Tinham sido escritas no seu papel de um malva azulado e soube antes de aproximar o envelope do nariz que me cheiraria a violetas. Era uma escolha curiosa de perfume para o papel de carta de um homem, sendo uma fragrância delicada, mas crescera com ela e nunca me ocorreu questionar essa nota feminina que perdurava no seu salão, contrabalançando delicadamente o tabaco que inalava. Sempre presumira que a escolha fora motivada por ser o perfume da sua mãe. Chamava-se Violette. E não duvidei da sua origem naquele momento, mas dei comigo a questionar se o perfume tinha começado a representar algo importante para ambos.

Conseguiria cheirá-lo no papel? Inspirei profundamente, procurando intencionalmente aquela comunhão íntima com o homem que julgava conhecer, o único homem em quem confiara como alguém inteiramente desprovido de malícia. Talvez só alguém com a perceção olfativa reforçada da nossa família conseguisse detetar o odor após anos de redução da sua potência e com a deterioração provocada pelo manuseio. Mas ali estava... terno, leve, com uma sugestão suave de doce virtude que troçava daquilo que o meu pai partilhara com Marguerite. Fechei os olhos outra vez e inspirei mais ainda, fazendo o ar passar-me sobre a língua e deslizando pela garganta abaixo. Consegui captar a nota escondida de melancolia. Haveria fragrância mais triste que o perfume da violeta? Duvidei. Quem se erguesse num campo de violetas cheirava a promessa de mágoa, uma doçura melancólica tão gentil como um beijo, não deixando de ser pesarosa. Para mim, o cheiro da violeta, se pudesse resumi-lo numa palavra, seria «desolação».

Abri as cartas e li-as.

Palavras. Algumas poderosas, tanto de obsessão como de amor, entrando na torrente dos meus pensamentos. Por ser quem era, soube que não conseguiria esquecê-las. O meu pai, o meu mais precioso professor e guia, que sempre me parecera um gigante, estava reduzido a uma sombra distante. Não devia ser assim, supus, mas ler as suas palavras afetuosas dirigidas a Marguerite

reduziu-o de alguma forma e abalou-me numa sensação crescente de choque e abandono. Quis admirá-lo, sem que aquela adoração inata por uma desconhecida diminuísse a sua estatura.

O que mais odiava era que a tivesse amado. Por mais infantil e egoísta que fosse, sentia isso como uma traição pessoal, como se o seu afeto por ela reduzisse o que deveria pertencer-nos em exclusivo.

Claro que Marguerite estivera desesperadamente apaixonada. Não duvidei disso. Enquanto as poucas cartas perfumadas do meu pai se construía sobre súplicas apaixonadas e garantias apaziguadoras, as cartas dela pareciam destroçadas pelo abandono, palpitando com o trauma do seu casamento infeliz e, por fim, da separação física que a impedia de ver o meu pai depois do seu desterro: *Preferiria viver com a mágoa de te ver com Flora do que não te ver.*

Em cartas anteriores, falou ternamente de Aimery, de semelhanças com o meu pai e, mais tarde, da forma como o amor pelo filho distante a deixava ainda tão apegada ao seu amor proibido, mesmo que estivessem separados por um mar. Expressou os seus medos acerca da forma como educaria o bebé que nasceria dali a dias. Surpreendeu-me a forma como parecia convencida de que a criança seria uma rapariga. Talvez tivesse desejado que o fosse para que o seu marido brutal sentisse menos interesse na criança. Não referiu em nenhuma das cartas a vergonha pelo comportamento de ambos ou a forma como a sua família reagira. Era como se vivesse numa bolha formada pelo seu afeto por Victor Delacroix e apenas ele, ela e Aimery importassem.

Concluiu: *e crescerá para se tornar um De Lasset, interiorizando um cruel modelo de paternidade. Arnaud ensiná-lo-á a ser orgulhoso, vaidoso, implacável. Não são qualidades que valorize, e rezo para que o sangue se sobreponha à sua educação, pois sei que não terás um único osso cruel no teu corpo.*

Por comparação, o meu pai, cuja voz delicada e bem-humorada ouvia com demasiada clareza na minha mente nas cartas de resposta, parecia evitar referir Aimery. Pelo menos nas cartas que tinha à minha frente. Tinha procurado a que virava nos dedos para verificar a data e, sim, tinha sido escrita quase imediatamente após o nascimento de Henri. Victor Delacroix deixara para trás os seus dias de solteiro para encontrar um novo amor nos braços da minha mãe e passara a ter um filho legítimo... o precioso herdeiro do trono. O seu novo aspirante a chefe chegara para usurpar todos os outros afetos... até os que sentiria pelo seu filho ilegítimo ou as súplicas apaixonadas de outra mulher. Deixara de ter o mesmo impacto, sem o brilho de Flora St. John iluminando-lhe a aura. Recordava tão mal a nossa mãe, mas, se fosse tão bonita na realidade como nas poucas fotografias e nos retratos espalhados pela casa, o meu pai terá sido completamente seduzido... encantado, na verdade. Isso explicaria... o quê? Não a frieza, mas senti que se afastava de Marguerite. E talvez não tivesse sido deliberado, mas era um homem casado com uma família assente num casamento feliz. Entretanto, Marguerite arrastava-se, devastada por um amor perdido, um amor passado que deixara de existir, pelo menos na perspetiva do meu pai, ao que parecia. Na mente dela, continuava muito vivo, mas desconfiei que o meu pai se afastaria deliberadamente dela, talvez esperando que as cartas deixassem de chegar.

No momento seguinte, a carta cuja leitura mais me assustava surgiu entre a pequena pilha

presa com uma fita. Sustive a respiração. Caligrafia diferente daquela vez. Papel diferente, datada dois anos a seguir ao dia em que eu e Felix tínhamos nascido.

Quando leres isto, Marguerite, estarei morta e acuso-te como minha assassina. A tua mão pode não me ter matado, mas, mesmo assim, terás o meu sangue nos dedos.

Eram palavras de ataque. A mulher bela e frágil que fora ensinada a ver como minha mãe exteriorizava ira suficiente para tornar Arnaud De Lasset orgulhoso dela, se a tivesse visto. Para quê desferir golpes violentos quando era possível proferir palavras com tamanha força bruta? Li a carta entre lágrimas, com a caligrafia inclinada parecendo tremer perante os meus olhos aguados. Basicamente, dizia à mãe de Sébastien que não era suficientemente forte para suportar a dor do engano das duas pessoas que mais amava no mundo.

Vi os meus preciosos Felix e Fleurette tornarem-se crianças saudáveis e suspeito que crescerão enquanto a sua mãe mirra, sem dúvida. Chegou o momento de soprar a chama da vela que tem tentado em vão iluminar o meu caminho através de uma escuridão avassaladora. Mas desejo-te isto, traiçoeira Marguerite. Desejo que, ao contrário de mim, tenhas uma vida longa e miserável, percebendo o sofrimento que provocaste.

Era um ataque feroz. Pousei a carta, não querendo voltar a sentir contra a pele as páginas repletas de sentimentos terríveis. Senti-me involuntariamente atraída pelo ódio, tocada pela vergonha e pelas mentiras. Passavam a pertencer-me, vagueando para sempre na minha memória. Aimery continuava sem nada saber, mas as ramificações do nosso casamento eram imensas.

Daquela vez, o vômito surgiu com determinação irada e não consegui travar a sua raiva explosiva.

Sentindo-me melhor depois da purga de um banho e até de algum repouso, por mais breve que tenha sido, saí horas depois para o jardim. Precisava de apanhar ar apesar de o frio ser tanto que a erva parecia estalar quando a pisava. Mas estava protegida dos elementos e sentia-me determinada em sentir o vento na cara, como se isso pudesse afastar-me os demónios da mente.

Havia tensão na mansão e suspeitei que os criados me vigiavam, pensando em como teria corrido a reunião com o filho desavindo. Ninguém conheceria a informação terrível que trouxera consigo, mas os boatos circulariam céleres pelos corredores e não me surpreenderia que fogueiras de boato não tivessem já começado a ser ateadas pela cidade e pelas aldeias circundantes. A família De Lasset era demasiado conhecida e importante para que notícias do regresso do filho renegado ao seu lar familiar não provocassem sussurros entusiasmados, constituindo o tema perfeito para discussões acaloradas acompanhando o café matinal ou vespertino noutras casas ricas. Não duvidei que as outras mulheres levassem a mão a caneta e

papel para enviar convites para o café matinal ao recém-chegado. Seria intrigante. Seria um bom partido... era companhia masculina, algo muito raro em tempo de guerra.

Naquele momento, não queria que ninguém percebesse a minha disposição ou expressão e afastei-me tanto da casa quanto o jardim permitia até alcançar um pequeno canteiro de ervas murado onde pouca coisa crescia. Tinha a companhia de tomilho murcho e de rosmaninho espinhoso que parecia agarrar-se teimosamente à vida, além de um pouco de rúcula endurecida.

Considerando a dimensão da propriedade, surpreendeu-me ver o motivo dos boatos encostado de modo tão abatido à parede mais distante. Um feixe moribundo de sol atingia-o como se os anjos no Céu se tivessem apiedado da sua condição de abandono, banhando-o com o seu calor como mais ninguém faria. Sem dúvida que o irmão de Aimery saíra também em busca de ar fresco e isolamento.

Apesar da forma como se curvava, das ligaduras e da bengala, conseguia parecer garboso, especialmente naquele momento, parecendo ter tomado banho e vestindo outra roupa que não o seu uniforme sujo. A ligadura fazia-o parecer mais heroico que derrotado e a expressão abatida ajudava-me a sentir-me menos inclinada a culpá-lo pela dor que trouxera consigo. Era óbvio que sofria de forma semelhante. Esperei vê-lo a fumar um cigarro, mas a sua mão intacta estava mergulhada nas profundezas do bolso.

Ouviu a gravilha sendo pisada pelos meus pés e ergueu a face. Havia tanta dor no seu olhar que senti uma pontada de culpa e o desejo de reparar o nosso relacionamento.

– Fleurette, como está?

– Como se esperaria – respondi, serenamente, enquanto me aproximava. – Parece recomposto. Os seus aposentos são satisfatórios?

– Mais do que poderia desejar. A sua criada, Jeanne, exigiu a minha farda para ser lavada – Puxou o casaco que vestia. – Não faço qualquer ideia da proveniência destas roupas. Pertencerão a Aimery?

Abanei a cabeça.

– Aimery é mais baixo e mais encorpado. Pertencem ao meu irmão... Felix. Espero que não leve a mal.

– De todo. Fico profundamente grato. Mas vestirei o uniforme logo que seque.

– Será provável que precise de ser submetido a várias lavagens – graciei. – Como se sente?

– Dorido.

– Posso trazer-lhe algo para as dores?

Sorriu.

– Disse algo que o divertisse?

Sébastien apontou um banco próximo.

– Podemos?

Não queria sentar-me, mas fiz-lhe a vontade. Preferia oferecer-lhe cortesias variadas sem abdicar do controlo. Sentou-se a distância respeitosa.

– Disse-lhe que era químico? – perguntou com tom irónico, já que ambos sabíamos que o tinha dito. Acenei afirmativamente, sorrindo também. – Posso cuidar da minha dor. Gostaria de poder cuidar da sua. Leu-as?

Novo aceno afirmativo. As palavras formaram-me um nó na garganta.

– Preferiria tê-la poupado.

– Tentou.

– Deveria ter tentado mais.

Suspirei.

– Que farei?

Surpreendeu-me cobrindo a minha mão com a sua. Havia algo de marcante na sua mão ferida e no facto de tentar sem sucesso apertar a minha, tentando confortar-me apesar das ligaduras. As pontas dos dedos expostas faziam a mão parecer ainda mais ferida.

– Os seus dedos estão azuis – referi.

– Desconhecia que o clima fosse tão frio por aqui. Pensei que os britânicos fossem suficientemente resistentes. – Ri-me. – Mas vejo que saiu coberta apenas por um xaile, parecendo possuir algum tipo de resistência interna. Enquanto isso, eu tremo como um fracote.

– Sébastien, acaba de ultrapassar a convalescença depois de um ferimento sério. Sou saudável. Você está longe de o ser. Deixe-me cuidar de si – propus, surpreendendo-me com a facilidade da sugestão.

Os seus olhos escuros, que agora percebia não serem realmente verdes mas sim de um cinzento tempestuoso, como um mar bravo no inverno, perderam o seu brilho divertido.

– Pode levar-me para onde quiser – disse, com voz rouca.

Havia uma intensidade tão franca no seu olhar que tive de afastar o meu.

– Bom – comecei, fingindo um tom jovial para encobrir o desconforto repentino que sentia. Um arrepio de prazer inesperado atravessou-me e explodiu nas profundezas do meu ventre como um dos fogos-de-artifício coloridos que Aimery encomendara para o dia do nosso casamento. A surpresa provocada pela sensação fez-me perder as palavras que escolhera proferir. De forma irritante, Sébastien não preencheu o silêncio enquanto pensava no que dizer a seguir. Parecia ter percebido o meu desconforto súbito. Deixou-me sofrer em silêncio.

– Começemos por lhe encontrar um sobretudo adequado e por planear algumas sopas terapêuticas – disse, por fim. – O meu pai sempre disse que uma canja possui propriedades curativas mágicas – acrescentei, interiormente horrorizada pela conversa de circunstância.

Riu-se, sentindo o meu turbilhão interior.

– Ouça, Fleurette. Estou aqui por si. Não deixarei que enfrente isto sozinha.

– Obrigada. – Dizia-o com sinceridade. – Mas não percebo de que forma poderá ajudar.

– Não deixarei que a intimide...

– Talvez não devesse presumir que...

– Cresceu seguindo as pisadas do meu pai. Qualquer pessoa que espanque uma mulher grávida é um rufia... E isso é um eufemismo. – Ergueu uma mão. – Apesar de não defender o comportamento da minha mãe. Envergonha-me o que fez, mesmo que ache necessário recordar que ambos os nossos vilões eram solteiros quando o seu envolvimento ocorreu. O seu erro foi não admitirem o que tinha acontecido.

– E a fornicção? – Parecia uma puritana, mas a minha mãe tinha-se suicidado por aquele motivo. Sentia que tinha o direito de me sentir afrontada... e exageradamente pudica!

Fixou novamente em mim aquele olhar de mar invernoso.

– É uma palavra dura. Estou certo de que a minha mãe e o seu pai não viram a sua atração irresistível dessa forma.

– Estavam enganados. Veja a dor que provocaram e que persistiu durante um quarto de século, chegando até nós.

– De certeza que a teriam poupado se tivessem percebido quais seriam as repercussões.

Mostrava-se tão calmo e generoso no meio de todo aquele melodrama que conseguiu apenas deixar-me mais irritada.

– Onde quer chegar, Sébastien? – perguntei, afastando bruscamente a minha mão dos seus dedos ásperos e sentindo-me envergonhada pela forma como se encolheu. Magoara-o, mas manteve o silêncio.

– Suponho que quererei chegar aqui: até alguém se colocar na sua pele, não poderão saber como é sentir tal paixão.

– Nunca me comportaria dessa forma.

– Consegue ter a certeza absoluta?

Arregalei-lhe os olhos.

– Certamente que sim! – Conseguia ouvir a santimónia na minha voz e não me agradou. – Suponho que conseguirá imaginar um mundo onde este tipo de comportamento será apropriado?

– Passara a soar apenas encurralada, como se procurasse uma saída.

Arqueou as sobrancelhas escuras sobre feições que não tinham simetria perfeita e era este desequilíbrio ligeiro que lhe permitia parecer ocasionalmente divertido ou, como acontecia naquele momento, profundamente triste.

– Consigo imaginar um mundo onde alguém se apaixona perdidamente e talvez não consiga ser racional e tomar as melhores decisões. – Pigarreou. – Já estive apaixonada, Fleurette? Já senti aquele tipo de amor irracional, irresponsável, irreprimível?

A pergunta surpreendeu-me e alarmou-me. Inclinei a cabeça para trás.

– Não. – Disse a verdade e envergonhou-me poder responder de forma tão categórica. Mas ripostei. – E você?

Franziu a testa, levando a pergunta a sério e não como o ataque que pretendia. Por fim, abanou a cabeça.

– Até agora, não.

Engoli em seco.

– Até agora? Que quer dizer com isso?

Hesitou, mas voltou a esboçar um sorriso malicioso semelhante ao de Felix, que lhe estreitou os lábios como se um artista os tivesse desenhado com grande cuidado.

– Queria dizer que, levando em conta toda a minha vida até este momento, posso dizer-lhe com sinceridade que não conheço essa paixão avassaladora acerca da qual outros escrevem poemas. – Encolheu os ombros, mas pareceu-me que a explicação era demasiado longa e não acreditei que tivesse imaginado uma nova e curiosa tensão crescendo entre nós.

E a minha forma bizarra de lidar com essa tensão foi tentar o que acreditei ser uma mudança de assunto fluida.

– Sei o que me perturba. Não tem barba ou bigode – disse, desejando naquele momento que as paredes que cercavam aquele canteiro de ervas aromáticas desabassem sobre mim, salvando-me daquela humilhação.

– O exército britânico não permite pilosidades faciais. Todos os soldados deverão manter-se barbeados. A era dos queixos lustrosamente hirsutos pertence ao passado – explicou com um floreado enquanto a estranheza que senti anteriormente se dissipava, misericordiosamente. – Suspeito que os seus irmãos e Aimery estarão também barbeados.

Não conseguia imaginá-lo.

– Felix não ficará agradado com mais uma tarefa. Pedirá transferência imediata para a marinha, mesmo que enjoe em barcos a remos.

Sébastien sorriu e esfregou o queixo. Senti os dedos raspando na barba que despontava.

– Preciso de fazer a barba. Isto bastaria para me levar a tribunal militar – disse.

Sabia que gracejava. Ergui-me.

– Deixe-me procurar-lhe roupas quentes e pedir que sirvam um prato daquela sopa reparadora. – Depois daquilo, precisava de lhe fazer um convite real ou pareceria indelicada. – Aceita jantar comigo esta noite, Sébastien?

– Seria um prazer.

– Muito bem – disse eu, pensando porque me sentiria culpada e também porque sentia que pisava terreno perigoso. – Vê-lo-ei esta noite. Madame Mouflard ocupar-se-á dos preparativos.

Acenou com a cabeça, pegou novamente na minha mão, desta vez com a mão sã, e beijou os nós dos dedos enquanto murmurava um agradecimento educado. Senti-me ruborizar e, quando acontecia, Felix divertia-se sempre à minha custa, rindo-se da forma como dizia a primeira coisa que me vinha à cabeça.

– Esmagou folhas de tomilho?

Riu-se do meu embaraço.

– Sim, momentos antes de se juntar a mim. Ainda consegue cheirá-las?

– Claro. Senti o cheiro logo que cheguei. O aroma pairou entre nós durante toda a conversa.

– Deveras?

– Sim. Consigo cheirar o sabonete no seu cabelo acabado de lavar. E consigo cheirar o chá que partilhámos no seu hálito e também...

– Espere, Fleurette. Que truque é este?

– Não há qualquer truque. – Encolhi os ombros. – Não sou grande pianista e sei que a minha professora ficava desesperada com a minha incapacidade de bordar sem encher tudo de nós. Os meus conhecimentos culinários precisam de grande aprimoramento, mesmo que o meu paladar seja altamente apurado... Apesar de tudo isso, herdei o talento do meu pai.

– Tem o *Nariz* dos perfumistas? – perguntou, parecendo verdadeiramente espantado.

Empurrei o nariz para cima de forma cómica, usando um dedo e surpreendendo-me com um gesto tão informal perante um desconhecido.

– Tenho. Tal como o meu irmão gémeo. Mas o facto de ser um homem faz dele *Nariz* enquanto eu sou apenas... – Torci os lábios, procurando as palavras certas. – Bom... digamos que é útil ter-me por perto.

A sua expressão pareceu consternada enquanto falava, mas serenou e fez-nos regressar a um assunto menos controverso.

– Então gosta de tomilho?

– Na comida ou num perfume?

Pensou na resposta.

– A segunda hipótese.

Acenei afirmativamente, sentindo-me feliz por entrar em território familiar, falando de um assunto que conhecia bem. A discussão anterior parecera-me momentaneamente perigosa e não me pareceu adequado revelar o meu desejo escondido ao irmão de Aimery.

– Sim, gosto. No perfume, tem qualidades que evocam terra, conseguindo, mesmo assim, manter-se leve. Uma nota aguda e verde que fala de colinas e de florestas ancestrais. Parece-me que consegue formar uma das bases mais intensas para uma colónia masculina sem dominar fragrâncias alternativas.

Prestava atenção apesar do seu sorriso. Franziu a testa.

– Porquê masculina?

Olhei o céu, voltando a inspirar o tomilho e filtrando-o através das minhas memórias.

– Porque as *nuances* florestais complementam o cheiro de um homem.

– É por isso que combina bem com o calor?

– Possivelmente – disse, com cautela.

– Como lhe cheiro?

– Como um caçador. Acabado de voltar da floresta.

Sébastien inclinou a cabeça de forma oval e riu-se antes de uivar como um lobo.

– Enviar-lhe-ei também um estojo de barba – acrescentei como forma de sublinhar a minha partida, antes de dar meia volta, forçando-me a não apressar o passo.

Orientei a preparação do jantar, chegando mesmo a ajudar a escolher ervas para a sopa, percebendo que Clothilde preferiria que não estivesse na cozinha.

– Que comerá *madame*? – perguntou, tentando disfarçar que se sentia sem espaço.

– A sopa será suficiente. E talvez um pouco do pão delicioso que cheirei esta manhã.

– Com certeza, *madame*. Nós, os franceses, comemos pão com tudo, não é? – perguntou, encolhendo os ombros, como se precisasse de tratamento médico por semelhante comentário. Obviamente, a minha tentativa de elogio fracassara.

– Há algum problema, Clothilde? – Não podia permitir-lhe que fosse rude de forma tão declarada. Só Deus saberia o que diria a meu respeito quando não estava presente. Vi-a olhar para a expressão contida de Madame Mouflard e abanou a cabeça.

– Perdoe-me. Mas nunca tinha visto uma canja com tomilho.

– Gosto de tomilho – contrapus. Porque corava? Teria reparado? – Hum... e há poucas ervas que possa escolher nesta altura do ano.

– Sim, mas tenho salsa na estufa, *madame*. Parece-me que ficará melhor.

– Estou só a experimentar algo novo – disse, de forma tão ligeira quanto me atrevia. – O

cheiro é intrigante, não lhe parece?

– Intrigante, *madame*? – repetiu com inocência fingida.

– Deixo que se ocupe da sopa – disse, sorrindo-lhe e à ajudante de cozinha. Madame Mouflard mantinha-se de costas voltadas de forma conveniente.

– Jantar para as sete? – perguntou Clothilde.

– Jantar às sete para dois, sim, por favor. – Pareceu-me um trocadilho divertido como despedida, mas era óbvio que a disposição na cozinha não se adequava a gracejos. – Obrigada – disse, afastando-me para acalmar o rubor no piso superior.

Que tola! E porquê o rubor ao referir o tomilho? Poderia tentar convencer-me de que era o calor do fogão, mas a memória dos lábios de Sébastien tocando-me os nós dos dedos... talvez com o gesto tornado mais sensual, de alguma forma, pelas luvas de cabedal que nos separavam. Era um gesto inteiramente admissível, um gesto delicado, um beijo entre parentes por afinidade. Se assim era, porque me parecia inadequado? Porque me parecia que aquele beijo, no ar perfumado com tomilho, tinha sido roubado de alguma forma?

As civilizações antigas veneravam os benefícios do arbusto mediterrânico com as suas folhas formando uma espiral e as minúsculas flores lilases. Estava certa de que teria lido num dos livros empoeirados do meu pai sobre botânica que fora a primeira erva sagrada. Sim, recordava a passagem. Estava relacionada com uma receita medieval em que o tomilho seria um ingrediente crucial para atingir «um estado em que se viam elfos». Isso divertira-me quando lera e continuava a divertir, mas não retirava elegância à erva, que era usada para embalsamar os faraós, perfumando os lares romanos e sendo oferecida em ramo aos cruzados como símbolo da sua coragem. Esta planta delicada que crescia nos nossos jardins em Grasse, frequentemente em estado selvagem, escondia um aroma surpreendentemente robusto... com a sua sugestão vaga de cravinho que possuía tantos usos culinários, sobretudo nas nossas misturas de ervas provençais, sendo também um ingrediente importante nos perfumes fabricados pela família.

Era um cheiro que começava por parecer feminino e, no entanto, acreditava que era também profundamente masculino na sua complexidade que misturava madeira e especiarias. Supus que passaria também a recordar-me Sébastien, dali em diante. Porque o tomilho era um dos poucos antissépticos no campo de batalha, não admirava que as suas ligaduras exalassem o seu perfume ténue. Os seus olhos eram também da cor do tomilho. Um verde-escuro indistinto, como as folhas, que, por baixo, se apresentavam com uma tonalidade cinzenta metálica. Sim, se fosse necessário resumir Sébastien com uma planta, o tomilho seria adequado... com a sua fragrância, não descarada e rude, mas tendo um lado mais suave e feminino. Na sua cor. Na sua variedade de utilizações. Na sua presença... importante em tantos aspetos, mas sem nunca impor os seus méritos. Como o tomilho em qualquer canteiro, Sébastien permitia que plantas mais exuberantes se anunciassem com mais cor, folhas maiores, fragrâncias mais intensas. E, no entanto, era para o tomilho que as abelhas voavam em bando. Historicamente, era para o tomilho que guias espirituais, curandeiros e ritualistas se voltavam. E o tomilho, aparentemente simples e discreto, revelava ser a mais bela das ervas quando alguém lhe conferia mais atenção... com as suas espirais de minúsculas flores.

Sorri. Não queria pensar numa planta que resumisse Aimery, mas saber que o couro

representava o meu marido como barreira entre mim e o seu irmão divertiu-me durante um instante antes de me recompor. A beleza de Sébastien não era algo em que pudesse pensar mais do que já pensava. Disse a mim mesma que sentir aquilo era lascivo e não andaria longe do adultério. Que pena que só tivesse chegado naquele momento! O casamento com Sébastien teria sido provavelmente menos problemático e infinitamente mais agradável. Arrefeci as bochechas com as mãos, irritada comigo mesmo por pensar tal coisa.

Precisava de uma distração. O silêncio era completo nos armazéns. O óleo que tínhamos destilado estava preparado, enriquecendo em silêncio os seus aromas. As janelas de *enfleurage* teriam sido lavadas, secas, escrupulosamente avaliadas em busca de fraturas e tendo sido provavelmente arrumadas até ao verão seguinte. O trabalho nos campos estava também maioritariamente completo. O solo gelara e as duas fábricas estavam compreensivelmente silenciosas depois de concluídas as tarefas principais e com os homens tendo partido para a guerra.

Eram quase quatro horas. Daria um passeio. A praça principal da cidade seria uma boa escolha. Verificaria se chegara correspondência porque a mulher incumbida de nos entregar o correio era muito mais velha que eu e muito lenta na sua bicicleta. Podia poupar-lhe assim uma subida da colina até à mansão, se tivesse chegado alguma carta dos meus irmãos. Desanuviarme-ia também a cabeça. Fiz soar a campainha e, no minuto seguinte, Jeanne estava à minha porta.

– Apetece-me dar um passeio até à cidade.

– Com certeza – disse ela, entrando para escolher o casaco e os acessórios. – Deseja que a acompanhe, *madame*?

Enfiei os braços no casaco que me ajudou a vestir.

– Não, obrigada. Vou ficar bem sozinha. Apetece-me apenas dar um passeio rápido. Estou fechada em casa há demasiado tempo. Iria para a casa Delacroix se não estivesse tão vazia e se não tivesse sido fechada durante o inverno.

– Ainda bem que não vai. Acho sempre deprimente uma casa com móveis cobertos contra o pó.

Sorri-lhe.

– É só até ao regresso dos meus irmãos.

Olhou-me com compreensão. Todos tentávamos animar-nos uns aos outros, mas, fazendo-o, escondíamos o nosso receio constante de que aqueles que amávamos pudessem não regressar da frente.

– Tiveste notícias do teu noivo?

Abanou a cabeça, sorrindo corajosamente enquanto dava um nó apertado no meu lenço.

– Penso que a falta de notícias será preferível a receber um telegrama, *madame*.

– Sim, é uma postura sensata. – Desenvolvia um talento para proferir palavras sem qualquer significado válido quando era necessário tranquilizar as mulheres. Não apenas as da casa, mas também as da cidade. Não importava que fosse jovem e inexperiente. Acreditava que o meu novo estatuto como membro da elite casada significaria que todos passavam a esperar de mim que a minha compostura fosse inspiradora. A triste verdade era que me sentia tão ansiosa como

qualquer outra pessoa e que as sombras persistentes nos meus olhos eram prova de noites mal dormidas, preocupando-me em particular com Felix.

Saí da mansão, pisando a gravilha do caminho e senti-me imediatamente melhor quando pisei as pedras gastas das ruas estreitas de Grasse. Cumprimentos calorosos das mulheres que se debruçavam sobre as varandas por cima das casas acompanharam a minha progressão até à praça principal. Recordei que Napoleão visitara a nossa cidade mais de um século antes. Dizia-se que as pessoas o tinham recebido com violetas, a sua flor preferida. A cor imperial, a cor dos príncipes da Igreja, o pigmento mais caro em todo o mundo fabricado a partir de um caracol marinho... mas o meu mundo girava em torno das flores e precisava de afastar aquelas belas pétalas dos meus pensamentos. Ainda tinha na cabeça a imagem das pétalas caindo sobre mim e colando-se de forma tão eficiente como em qualquer *enfleurage*.

A flor, a sua cor, a tinta nas cartas, fez-me pensar na mentira do meu pai, na sua amante traiçoeira, na minha mãe morta, na minha avó, no meu marido violento e arrogante e até mesmo em Sébastien, que escrevia com um aparo mergulhado em violeta. Contornei uma esquina familiar, saudei algumas mulheres que reconheci com sorrisos, mas apressei-me, determinada... os meus pensamentos afastavam-se à força de todos aqueles pecados do passado. Sébastien era o único sem qualquer culpa. Era puro nas suas intenções.

Passei por uma das fontes onde as crianças bebiam do jorro de água, molhando-se umas às outras. Sorri, despenteei o cabelo a um rapazinho, que se afastou, rindo, sem dúvida alheio à minha provação ou ao momento que a França atravessava.

– *Bonjour*, Hugo.

– Perdão, Madame De Lasset – exclamou, fixando no amigo um olhar envergonhado.

– Como está a tua mãe?

– Vai resistindo, *madame*. Faço-lhe um recado

– Recebeste notícias do teu pai? – O pai de Hugo era Georges, um dos nossos melhores cultivadores de rosas.

Hugo abanou a cabeça.

– Há já algum tempo que não. Chora muito, *madame*.

Sabia que tinha algumas moedas no bolso e tirei-as.

– Aqui tens, Hugo. Faz o teu recado e compra alguma coisa para as tuas irmãs e irmãos... talvez alguns doces. – Coloquei-lhe na mão uma quantia que rondaria um par de francos em cêntimos de níquel. Não era muito para mim, mas era bastante para Hugo e para a sua família. Arregalou os olhos enquanto olhava as moedas. Não queria demorar-me e silencieei-o com um gesto. – Despacha-te. Não faças esperar a tua mãe – insisti.

Levou a mão ao boné, parecendo-me ainda um pouco atordoado, e correu. Tentaria lembrar-me de fazer mais pelas mães das famílias maiores. Decidi nesse momento que as famílias Delacroix e De Lasset talvez pudessem oferecer provisões básicas àquelas mulheres que, sem dúvida, enfrentariam uma luta desesperada pela sobrevivência dos seus filhos. Pão, leite, queijo... o essencial. Sim, falaria com Madame Mouflard ainda naquele dia e iniciariamos um programa de algum tipo.

Alcancei o bulício da Praça Les Aires e percebi que passara demasiado tempo desde a última

vez que vira a sua arquitetura colorida, pintada sobretudo em tons de laranja, aquecendo o quadrado ensombrado pelos edifícios altos em redor. As portadas estavam fechadas naquele dia frio, mas os seus tons pastel esverdeados e azulados acrescentavam uma tonalidade de gáudio ao cenário invernosso de árvores nuas e das faces contraídas das pessoas que se moviam através das sombras gélidas. O sol prometendo chuva conseguira iluminar de viés o piso mais alto dos edifícios, tingindo-os com um laranja fogo. A praça não estava tão movimentada como normalmente estaria se os homens da cidade se movessem por ali. As árvores estavam despidas de folhas e os seus ramos apontavam para o céu numa súplica silenciosa. Erguiam-se como sentinelas severas à volta da praça, ecoando as adversidades da frente e recordando os nossos homens, que enfrentavam o inimigo. Certamente, não haveria tanta gente sentada, bebendo. Ninguém beberia álcool, claro, ou fumaria, rindo e falando com vozes graves. Sem dúvida que era a ausência de homens jovens a mais notada.

Sébastien caminhava por ali com passos lentos, olhando as montras. Percebi que se sentiria demasiado consciente do facto de estar ali e não na frente, mesmo que a forma como coxeava respondesse imediatamente a muitas perguntas. Ergueu educadamente o chapéu aos transeuntes e, por fim, fez uma pausa junto à fonte para sorrir às crianças que navegavam barcos de papel e a um par de rapazes que fingiam ser soldados, alvejando-se mutuamente. A inocência fez-me suspirar. A ideia de que a guerra era um jogo e de que haveria um vencedor e todos rejubilariam. O regresso da França às suas rotinas seria fácil de prever nas suas mentes. Os adultos à sua volta, no entanto, contabilizavam já o custo em número de filhos, irmãos, pais... amantes. Censurei-me pelo último pensamento. Algum dia teria um amante? Alguém cujo toque me excitasse? Alguém que me deixasse excitada apenas por pensar nele? Demorava o olhar em Sébastien, observando-o de forma sub-reptícia da porta de uma loja de tecidos e sentindo que me apossava de algo que não me pertencia... Como se, por não anunciar a minha presença, lhe roubasse alguma coisa. Uma cliente fixou em mim um olhar irritado por precisar de me empurrar para entrar, mas, quando percebeu quem era baixou o olhar. Fui forçada a afastar o olhar do recém-chegado moreno que ocupava demasiado espaço na minha mente, fazendo o que devia à senhora que tinha à frente.

– *Pardon* – murmurou ela. – Boa tarde, Madame De Lasset.

– Também para si, Madame Raineri. Perdoe-me. Desejava que a nossa praça estivesse povoada pelos nossos homens – expliquei, forçando um esgar de mágoa. – Entristece-me que, por cada homem que partiu, exista pelo menos uma mulher ou mesmo várias, que choram a sua partida para a guerra... mães, esposas, irmãs, filhas, sobrinhas, netas... – Suspirou.

– Monsieur De Lasset e os seus digníssimos irmãos regressão como heróis, *madame*. Estou certa disso – confidenciou com expressão muito mais bondosa.

– Esperemos que todos os homens de Grasse se mantenham a salvo, incluindo Monsieur Raineri – disse-lhe. Ambas sabíamos que as esperanças se tornavam menos prováveis com a chegada das notícias que davam conta da intensificação dos combates. Tínhamos ouvido no dia anterior que um dos filhos de Pierre tinha ficado ferido com gravidade, estando hospitalizado algures, indefeso e possivelmente moribundo. Jeanne sabia de pelo menos outra dúzia de mortes de homens da cidade. Partilhámos um sorriso cúmplice enquanto Madame Raineri entrava na

loja de tecidos e eu me sentia obrigada a deixar a porta. Voltei a olhar Sébastien, que se distanciara, estando naquele momento no centro da praça, prestes a tentar pontapear com equilíbrio reduzido uma bola de futebol para um trio de rapazes impressionados pela sua participação no jogo.

Riu-se com eles e ainda não lhe vira essa expressão de forma tão declarada. Era como se, por um instante, se tivesse tornado um deles, outra vez uma criança despreocupada apesar dos seus ferimentos. Imaginei a sua infância solitária. Teria passado muito tempo a pensar no seu pai, no seu irmão e no que o separara deles. Deveria sentir um pesar semelhante por Aimery, mas o meu marido não pareceu suficientemente impressionado quando lhe disse que não esquecia nada. Era tanto um dom como uma maldição e, infelizmente para Aimery, não esquecia nem perdoava a sua ferocidade na nossa noite de núpcias.

Tendo abandonado o meu esconderijo e vendo Sébastien virado na minha direção, não podia fingir não o ter visto, sobretudo porque percebia que acabara de me ver. Senti uma pontada de incómodo comigo mesma pelo facto de sentir algum prazer por ver que reparava em mim. Ergui uma mão enluvada e esbocei-lhe um sorriso indulgente. Despediu-se dos seus companheiros de jogo e coxeou apressadamente até mim.

– Devia ter mais cuidado. Que faz aqui em vez de descansar? – repreendi-o, vendo, nesse instante, as ligaduras ensopadas com sangue fresco. – Oh, Sébastien.

A mancha pareceu envergonhá-lo.

– Desculpe – murmurou.

– O quê? A ligadura não foi mudada?

Encolheu os ombros.

– Ao que parece, não muito bem. Vamos – disse, parecendo uma mãe preocupada. – O meu pai sempre me disse que, quando queremos algo bem feito, teremos de ser nós a fazê-lo.

– Um homem sensato, mas não permita que atrapalhe os seus afazeres.

– Ia a caminho dos correios para me antecipar à entrega.

– Permita que a acompanhe. Poderá haver notícias.

– Espero uma carta de Felix. Mas e a sua mão?

– Querida Fleurette, isto não é nada em comparação com o que acontece no Nordeste a todos os nossos soldados. Fui verdadeiramente mais afortunado que qualquer um deles.

Algo no seu olhar me disse que havia nas suas palavras algo mais do que o que era aparente.

– Mas foi enviado para aqui para recuperar. O mínimo que poderemos fazer será cuidar bem de si.

Acenou com a cabeça como se dissesse *touché*.

– Oferecer-lhe-ia o braço se pudesse – disse, olhando educadamente o cotovelo.

– Eu sei.

– E gostaria de passear de braço dado consigo.

Pigarreei e sorri. Não havia uma reação simples ou adequada. Por isso, não disse nada.

Passeámos afavelmente sem nos tocarmos, mas, mesmo assim, percebia que atraíamos o interesse indisfarçado das mulheres da cidade. Dei comigo a apresentar Sébastien a muitas delas. Algumas já tinham ouvido dizer que o meu cunhado voltara finalmente para casa. Outras ficaram chocadas quando descobriram. Todas se sentiam entusiasmadas por descobrirem quem era, claro. As mulheres mais jovens mostravam-se imediatamente interessadas por ser solteiro, obviamente rico e tendo De Lasset como apelido. Era como encontrar um filão de ouro. Nenhum de nós apreciava a exposição e senti-me grata por chegar aos correios.

– Sim, *madame*, há uma carta para si de Monsieur Delacroix.

Não consegui impedir-me de unir as mãos num pequeno gesto de júbilo.

– Sabia que ficaria feliz quando soubesse – disse o velho e muito amado diretor dos correios com um sorriso indulgente. – Se consegue escrever, estará a salvo – sussurrou enquanto pousava a sua mão na minha. Conhecia-me desde que era uma criança de colo nos braços da minha mãe. Pensei no que teria considerado acerca da sua morte. Imaginei o meu pai convencendo a cidade inteira das complicações após o parto, o que significava que o médico seria cúmplice das mentiras... Teria seguido diretamente para a sua clínica, exigindo a verdade se não tivesse morrido no ano anterior. Alguém saberia que o meu pai escrevia cartas à melhor amiga da minha mãe e que o filho dessa melhor amiga era seu e não de Monsieur De Lasset? Senti a raiva voltando a intensificar-se.

Mesmo assim, aceitei a carta como se fosse o mais precioso objeto em todo o mundo, sentindo-me acalmar por estar tão feliz por receber notícias do meu irmão. Olhei Sébastien, agitando a carta no ar.

– Fico muito feliz por si – disse, sorrindo.

– Obrigada, *monsieur* – disse-lhe sobre o ombro, beijando a carta para mostrar ao diretor dos correios o que significava para mim recebê-la e sentindo a irritação anterior passar.

Pareceu-me que a carta de Felix me queimava o bolso, mas pretendia estancar primeiro a hemorragia de Sébastien. No caminho para casa, dei alguns cêntimos a uma das crianças da cidade e pedi-lhe que levasse um recado ao médico da família, pedindo-lhe que nos visitasse no dia seguinte.

– Repete o recado, por favor, Louis – pedi.

Repetiu obedientemente em voz alta o que tinha pedido. A expressão de Sébastien contorceu-se, um pouco envergo-nhado.

– Vou ficar bem, Fleurette. Por favor...

– Não. A perda de sangue é perigosa de muitas formas diferentes. Como químico, deveria sabê-lo. Seja como for, quero que um médico examine o seu ferimento. Mas é provável que esteja ocupado com visitas a pacientes. Deixe-me mudar as ligaduras para manter o ferimento limpo.

Seguimos em silêncio pela colina acima, de volta à mansão, e senti uma tranquilidade inesperada por caminhar ao lado de Sébastien. Não percebi porque me sentia assim, mas parecia-me que não era necessário falar. O nosso silêncio era completamente confortável.

Quando saímos da cidade e o panorama ficou mais desimpedido, ouvi-o suspirar.

– Posso apenas imaginar como Grasse será bela no verão.

– Terá de ver para crer – referi. – A colheita deste ano foi uma das nossas melhores.

– Que fará com o resultado?

Encolhi os ombros.

– Sou uma mulher, para o caso de ainda não ter reparado – afirmei, desafiadora.

– Confesso que reparei – replicou ele, contido.

Não consegui evitar um sorriso.

– Não faço nada com o produto da colheita sem a ordem de um homem.

Olhou-me, pestanejando com consternação.

– É também uma Delacroix no coração e uma De Lasset no nome. Isso bastará para a elevar a um novo estatuto.

– Um novo tipo de mulher? – sugeri, tentando aligeirar a conversa.

Parou e o seu olhar era completamente sério.

– Tem o *Nariz*. Tem um dom com que a maioria apenas sonha. É uma perfumista, Fleurette. Isso é inegável.

Respondi com um grunhido de troça.

– Diga isso a Henri ou, melhor ainda, tente conversar com Aimery sobre a minha presença na fábrica. Fui formalmente proibida de lá entrar e os químicos no laboratório da De Lasset veem-me como uma intrusa que precisam de tolerar, mas com quem não estão autorizados a partilhar qualquer informação.

– Então mude isso – disse ele.

Abri a boca de espanto.

– Gostaria de o ver tentar.

– Muito bem.

– Que quer dizer com isso?

– Uma mudança merece outra. Muda as minhas ligaduras e eu mudarei o mundo em que vive.

– Não compreendo. – Franzido a testa.

– Criemos um perfume.

– O quê? – Percebi que pareceríamos ridículos parados na berma da estrada, sobre o vale, franzindo a testa um ao outro. Aquilo motivaria conversas, sem dúvida. Não estávamos

escondidos. De alguma forma, deixara de me importar. As palavras de Sébastien despertavam algo em mim que sempre precisara apenas de uma centelha de concordância masculina para despertar.

– Ouviu o que disse. Não sei quanto tempo passarei aqui, mas talvez seja uma semana ou duas. Façamos algo para combater o ócio. Certamente terá ideias.

– Ideias? Palpitam dentro de mim.

– Então partilhe uma. Que se passa agora na fábrica?

– Não se passa grande coisa. Durante o inverno, o trabalho limita-se quase por inteiro à limpeza e reparação do equipamento. Mas acredito que Henri conseguiu assegurar um carregamento do Oriente antes que o mundo enlouquecesse.

– Que substâncias importou?

– O habitual – disse, secamente. Parecia-me confortante discutir o meu assunto preferido com alguém que se interessava. E ouvia-me atentamente, sem se distrair pelo casal idoso que se aproximava e que olhei rapidamente. Quando voltei a olhar Sébastien, a sua atenção não vacilara. O seu olhar tinha uma forma desarmante de estreitar sem esforço a distância que nos separava. Não importava que estivéssemos aceitavelmente distantes, separados por espaço suficiente para permitir a passagem de duas pessoas lado a lado. Era como se estivéssemos pressionados um contra o outro pela forma como me sentia cada vez mais consciente da sua presença. Arriscava parecer rude e permitir que o casal idoso passasse por mim sem uma palavra e recompus-me a tempo de afastar o olhar de Sébastien, proferindo uma saudação animada. Responderam com uma saudação própria e seguiram caminho com passos lentos, de braço dado, encostando-se um ao outro, vestidos de forma imaculada enquanto desciam para a cidade.

– São encantadores. – Sébastien olhava-os com admiração.

– Monsieur e Madame Vence. Ela pouco passa dos setenta anos, mas ele tem oitenta e um. Costumavam referir-se ao meu pai como «o jovem Delacroix». – A recordação fez-me sorrir. – Os seus filhos são os melhores cultivadores de violetas da região, tendo herdado dele o talento. Mas é possível que conseguisse adivinhá-lo.

Ali estava novamente. A flor. Assombrava-me.

– Porque deveria adivinhá-lo? – Um sorriso delicado mas curioso surgiu-lhe na face.

Encolhi os ombros, envergonhada.

– Não devia presumir que todos conseguem captar cheiros como eu.

– Não, Fleurette. – Riu-se. – Não devia. É inverno e cheira violetas primaveris naquele homem?

Afastei uma madeixa de cabelo invisível, prendendo-o atrás da orelha num gesto nervoso que não conseguia evitar sempre que me sentia exposta. Mas havia espanto no seu tom de voz e isso fez-me rir.

– Para ser franca, é provável que sinta o cheiro de primaveras de anos consecutivos nas suas roupas.

– É espantosa – disse ele, abanando a cabeça. As palavras foram proferidas entredentes e ouvi-as a custo antes que a brisa gentil que soprava sobre as duas pessoas expostas na colina

levasse as suas palavras para o vale em baixo. Os nossos olhares cruzaram-se, demoraram-se, e pareceu-me que fora formado um novo elo... uma ligação proibida. Surgiu-me na cabeça uma imagem vívida dos dedos marcados pela batalha na mão sã de Sébastien entrelaçando-se nos meus dedos pálidos e sem mácula. A imagem mental fez-me sentir um calor repentino que, de certeza, seria visível na face, mas que sentia também de forma muito mais perigosa entre as pernas e isso fez-me corar mais ainda. – Perdoe-me. Não devia ser tão franco – apressou-se a dizer.

– Não. É encantador. Ou seja... é encantador que diga... Não sei realmente o que tento dizer.

Ajudou-me a regressar a um assunto mais seguro.

– Fui sincero no que disse sobre criarmos um perfume juntos. Dar-me-á alguma coisa com que me ocupar e ajudar-me-á a esquecer o desconforto disto – disse, olhando a sua mão ligada, desconsolado. – Temos dois laboratórios à nossa disposição e matéria-prima na quantidade que desejarmos, suponho. Serei o seu químico e seguirei de bom grado as suas instruções. Apliquemos o seu talento e impeçamos que se ocupe com a lida da casa, algo que todos perceberão que não lhe agrada, fazendo algo para ajudar Grasse, ajudando a manter o moral dos homens que tentam recordar como é a sua cidade.

Olhei-o fixamente com espanto, incapaz de responder.

– Não tentarei explicar o que os soldados enfrentam. Não se trata da guerra cordata de antanho, em que os líderes se ocupavam a discutir termos. É um conflito brutal e sangrento. A morte é veloz e dezenas de vidas são ceifadas dos dois lados. Demasiados morrerão porque os médicos e cirurgiões não conseguem tratar os feridos com rapidez suficiente. Não será necessariamente a gravidade dos ferimentos a levá-los. Morrem sozinhos, delirando com a febre em trincheiras imundas onde grassa a doença e não na glória da batalha. Atiradores furtivos miram cobardemente e chacinam homens sem serem vistos em vez de os enfrentarem cara a cara como os nossos antepassados faziam em campo aberto. Falamos de sofrimento implacável e inimaginável, desprovido de qualquer alma.

Engoli em seco, vendo a sua emoção intensificar-se. Era como uma onda irreprimível avançando para a costa.

– Quando os homens de Grasse regressarem, não os reconhecerão. Além das mudanças exteriores, serão diferentes também aqui. – Tocou o peito com uma mão e aquele gesto pareceu-me profundamente comovente porque, no meu coração, sabia que dizia a verdade.

– Criemos um perfume, então, que comova os nossos homens corajosos e que as mulheres possam usar com orgulho em sua honra.

Conteve a emoção com que falava e o brilho nos seus olhos tornou-se um pouco mais baço, voltando a ser o mesmo Sébastien sereno. Por fim, os nossos dedos imaginados soltaram-se.

– Orgulhará a sua família e os homens de Grasse sentir-se-ão moralizados por saberem que todas as mulheres aprendem novas capacidades, indo ao ponto de aprenderem a fabricar perfume. – Chocou-me quando me segurou o ombro. – O mundo é governado pelos homens, Fleurette. Estes tomam decisões estúpidas, alimentando guerras que arruinam as vidas daqueles que supostamente representam. Mas, se esta guerra servir para alguma coisa, servirá para provar ao mundo que as mulheres se libertam das grilhetas com que os homens as prenderam.

Conhece a inglesa Emmeline Pankhurst?

Olhei a sua mão no meu ombro e afastou-a imediatamente. Não pretendia que o olhar fosse de repreensão. Apenas não sabia se tal gesto seria adequado em público... ou em qualquer outro lugar. De qualquer forma, senti a falta do peso da sua mão quando a retirou e voltou a procurar com ela a bengala, que apoiara contra a coxa. Apoiou-se pesadamente sobre ela como se suportasse também um novo peso. Juraria conseguir sentir ainda o calor da palma da sua mão sobre o meu casaco, infiltrando-se na lã grossa e alcançando o tecido mais fino do meu vestido, roçando a pele com um toque íntimo. Foi aquilo a toldar-me a mente por um momento e percebi que gaguejava em resposta.

– Eu... mal... sim, bom... sei que está envolvida em distúrbios políticos – admiti, tentando recuperar alguma compostura.

– É muito mais do que isso. Suspeito que o seu movimento trará enormes mudanças não apenas ao ativismo feminino na Grã-Bretanha, mas mais além. Quer se adore ou odeie, luta pelo reconhecimento dos direitos das mulheres.

– Não sei ao certo o que quer... – comecei, calando-me e estudando-lhe a face.

– Quero-a a si. – Disse aquelas palavras com tal urgência que me fez estacar. Percebeu a consternação e o medo surgirem-me na face, sem dúvida, porque o vi passar uma mão pela linha em constante desintegração no cabelo, apressando-se a explicar. – Quero dizer com isto, claro, que quero que compreenda que a gente desta cidade olha para as famílias importantes. E, se as famílias estiverem limitadas a mulheres neste momento, caber-lhes-á suportar o fardo.

Pestanejei.

– Mostre o caminho – insisti. – O seu perfumista partiu para a frente. Cabe-lhe substituí-lo.

– Não pense que não sonho fazê-lo. – Abanei a cabeça. – Mas não posso concretizar os meus sonhos porque, quando Felix...

– Quando o seu irmão regressar, o mundo será diferente. Sei que as pessoas não conseguirão imaginá-lo, mas quem tiver estado na frente sabe-o. Quando Felix voltar para casa, poderá descobrir que tem nele um aliado na intenção de ter uma segunda perfumista a seu lado. O facto de ser uma mulher poderá causar menos furor do que acredita. As mulheres assumem já grande parte do fardo de manter a França funcional e desconfio que a Grã-Bretanha seguirá o mesmo caminho quando o recrutamento começar... e acontecerá certamente no próximo ano.

– Eu... Essa sempre foi secretamente a minha intenção – sussurrei, como se uma porta se abrisse para o meu maior sonho.

Ter-lhe-ia sido difícil ignorar a ânsia na minha voz da mesma forma como eu o ouvira claramente dizer outra coisa momentos antes. Encobriu-o bem com uma explicação forçada, mas ambos tínhamos ficado espantados, horrorizados pelo que acreditei com segurança ter sido uma revelação.

– Isso é um sim?

Com o seu encorajamento sorridente e de olhos arregalados, pareceu tão fácil dar o passo em frente.

– É. – Sabia que, passando aquela porta, avançava para areias movediças da vida. Imaginava o horror de Henri, a ira de Aimery, e provavelmente Felix sentiria apenas diversão. Mas

suspeito que até Felix poderia questionar a coragem e a visão de que Sébastien falava para as mulheres naquele mundo futuro que parecia conseguir imaginar.

De volta ao meu quarto, sentei-me na cama, mantendo o casaco vestido. Só depois de muitos minutos sobre o colchão macio, comecei a puxar os dedos das luvas para as descalçar. Mas fazia-o por rotina, sem me concentrar, porque me focava completamente em dois assuntos, ambos sem qualquer relação entre si, por assim dizer, e ambos tão profundamente interligados que não conseguiria separá-los. O mais desconcertante em tudo aquilo era a forma como ambos tinham conseguido empurrar a minha mente habitualmente alerta para um estado fraturado. Tudo estava precisamente como o deixara. Jeanne esforçava-se arduamente para manter os meus aposentos em ordem, visto que era infinitamente caótica, sem dúvida por não ter tido uma mãe na minha vida e também por ter tido um pai indulgente. O que ninguém conseguia ver ou tocar, porém, era a minha mente aprumada. Era uma daquelas pessoas capazes de compartimentar a sua vida. Presumivelmente, seria uma reflexão da minha capacidade de armazenar informação e, em particular, memórias, mas, acima de tudo, cheiros.

E, apesar desse talento e contrastando com a limpeza e organização do meu quarto, sentia a mente acelerada. Era como se tivesse atirado ao chão uma caixa dos rolamentos usados na fábrica. Pensamentos brilhantes, como as pequenas bolas prateadas, rolavam para longe do meu alcance. Quanto mais tentava alcançá-los, mais esquivos se tornavam e mais determinados pareciam em fugir-me.

Aparentemente, tinha aceitado criar um perfume. Não era um compromisso ligeiro. Além de ser um desafio, era como se desafiasse a sociedade, ignorando todos os protocolos que sempre tinham orientado as nossas vidas. Apontaria um feixe de luz a mim mesma, algo que teria horrorizado o meu pai, mas a lealdade que sentia para com ele ficou tão comprometida que conseguiria passar essa barreira, mesmo que uma dúzia de outras barreiras se alinhassem depois dela.

Pior do que isso era o deslize revelador de Sébastien. Tinha-o ouvido. Ele também. Ambos tínhamos fugido daquilo como fugiríamos de uma víbora avistada na erva.

Dissera: «Quero-a a si.» E ouvira um ponto final no fim daquela frase. Tratara-se de uma frase completa. A entoação ouvira-se depois do pronome. Completara o que quisera dizer, mesmo que tivesse parecido quase involuntário... uma reação à minha pergunta. Mesmo assim, conseguia perceber a franqueza do sentimento. Recuperou rapidamente a compostura, ajustando imediatamente o que quisera dizer como se seguisse um raciocínio, limitando-se a fazer uma pausa depois do pronome... mas o embaraço que partilhámos, e também a culpa, fora real.

A minha percepção recém-acordada de um homem e a minha sensibilidade particularmente elevada àquele homem em particular não poderiam ter sido menos sensatas. De todos os homens que poderiam fazer-me suster a respiração, motivando-me olhares furtivos, ouvindo palavras às escondidas ou apenas pensando sobre eles... dificilmente poderia haver uma escolha mais perigosa. O irmão do meu marido! O irmão com quem Aimery se preocupava tão pouco que nem sequer se dava ao trabalho de esperar a sua chegada para assistir ao nosso casamento. O facto

de a guerra se ter intrometido era irrelevante. A verdade era que Aimery não sentia nada por Sébastien.

A seguir, o meu medo crescente começou a consolidar-se. Como se fosse um aviso na minha cabeça que derretesse todos os elementos dispersos, senti-me puxada para uma amálgama ansiosa. Sébastien não era realmente irmão do meu marido. Era o meio-irmão do meu meio-irmão.

Senti pânico. Passaram minutos enquanto olhava fixamente o tapete, focando-me num ramo de flores na margem, cedendo ao jogo infantil de tentar encontrar uma forma diferente nas pétalas... um rosto, um dragão, um anjo. Qualquer coisa que me impedisse de interiorizar o medo.

Por fim, ergui-me, despi o casaco e caminhei para trás e para diante. Porque me sentia assim? Porque conseguia imaginar e descrever pormenorizadamente a curva das pestanas de Sébastien, que abriam e fechavam numa sucessão de crescentes escuros, emoldurando olhos enigmáticos com intensidade sombria? Como era possível que conseguisse fazê-lo tão facilmente e não conseguisse, por mais que me esforçasse, recordar a cor real dos olhos de Aimery e muito menos os seus traços mais subtis. Seriam azuis? De um azul lamacento como a água de uma fonte turva, talvez. A quem importava? Subitamente, pensei com clareza feroz. Aimery não podia ser visto como meu marido. Pensar noutro homem não o trairia, não faria dele um marido enganado. Mas nem aquele raciocínio cristalino conseguia impedir a culpa que crescia, avançando-me pela garganta como uma coluna de soldados, chegando-me ao estômago. Todos esses soldados, os seus capitães, o horror e a vergonha, berravam-me dentro da cabeça.

Quando cheguei a casa, não pensei em mais nada, sucumbindo à minha desgraça. Tivera tanta pressa para chegar ao piso de cima e pensar no que tinha aceitado fazer, deixando para trás um Sébastien intrigado e uma criada de quarto no mesmo estado, sem conseguir imaginar o que ele lhe teria dito para explicar a minha pressa. Mas parecia partilhar o espírito de Felix e tive a certeza de que teria pensado imediatamente em algo adequado e vagamente divertido que pudesse aliviar um potencial alarme.

Encostei-me à porta enquanto retirava o lenço do pescoço e o atirava para a cama, onde deixara o casaco e as luvas. Senti a mente ferida pelos pensamentos vergonhosos acerca de Sébastien, fingindo que a nossa conversa e o tempo que passámos juntos tinham sido inocentes. Poderia ter sido uma coincidência a forma como o encontrei mas, certamente, não haveria qualquer ingenuidade na forma como tínhamos consciência um do outro.

As ligaduras de Sébastien teriam de esperar até me acalmar. Puxei pela carta de Felix, ansiosa por ter notícias dele e igualmente ansiosa pela distração dos meus pensamentos desgovernados. De tal forma que, de repente, me sentia patética por recordar de que parte de França viera aquela carta. Não pude esperar para a abrir ordenadamente com um abridor de cartas, quase rasgando as páginas com a pressa.

Fleurette!

Que surpresa voltar a receber notícias tuas tão depressa. Terás lido a minha mente, pois pensava em ti nesta mesma manhã enquanto percorríamos mais uma estrada enlameada. Fico feliz por estares tão longe do ruído das armas. Joguei o jogo que nos

divertia em crianças, tentando adivinhar aquilo em que o outro pensava, e tudo o que consegui foi imaginar a paz em que despertarás. Invejo-te sem conseguir evitá-lo, mas sei que não te importarás. A tua manhã começa com o canto dos pássaros. A nossa, porém, inicia-se com o trovejar das armas dos boches. Atrever-me-ei a dizer que os nossos setenta e cinco são mais melodiosos, mesmo para um duro de ouvido como eu?

Seja como for, escrevo-te para contar que Aimery está aqui!

Sustive a respiração ao ler aquilo. Estavam todos juntos, sem que nenhum deles soubesse que partilhavam o mesmo sangue por intermédio do nosso pai? Afastei o pensamento repelente e concentrei-me em Felix e no alívio intenso que sentia por saber que estava vivo e incólume.

Para ser franco, não fazia ideia de que a sua companhia estava tão próxima até esta tarde, quando veio até nós enquanto Henri e eu aproveitávamos ao máximo a nossa parca refeição. A guerra deverá agradar-lhe porque parece um oficial garboso. Não sei como consegue permanecer tão aprumado e correto. Asseguro-te que a ação e o ar fresco não lhe fazem mal algum. Quanto a mim, noto que o meu uniforme ficou subitamente largo. Até o anafado Henri passou a ter maçãs do rosto salientes.

Ri-me, mesmo sabendo que se esforçava para apresentar o lado divertido daquela situação. Sabia pelo pouco que Sébastien partilhara que os dias de Felix seriam sujos e assustadores.

É verdade que tenho os pés constantemente doridos depois da marcha incessante. Consegues imaginar-me, alguém que raramente andava mais de alguns quilómetros durante a caça ao faisão, conseguindo percorrer dezenas de quilómetros num único dia com todo o meu equipamento às costas? É verdadeiramente heroico... Espero que dê saltos e gritos de júbilo.

Voltei a sorrir, mas não durante muito tempo. A introdução fora animada para conseguir incluir com maior facilidade aquela referência aos combates.

Os combates têm sido duros e, durante vários dias, o inimigo tem levado a melhor. Fomos forçados a deixar para trás os nossos mortos no campo de batalha sem conseguirmos dar-lhes um enterro digno, o que nos magoou mais profundamente do que a maioria de nós aceitará admitir. Tudo o que pudemos fazer pelos nossos feridos foi prestar-lhes assistência rudimentar, mas muitos terão caído às mãos do inimigo.

Ontem, no entanto, o desespero foi posto de parte e, além de voltarmos a atacar, travámos o exército do Kronprinz. A partir do momento em que deixámos as nossas posições, a artilharia do inimigo tentou destruir-nos o moral, mas seguimos em frente, ignorando as explosões e o solo projetado à nossa frente quando os projéteis embatiam. As companhias cumpriram as suas ordens como se estivessem na parada diante do comandante. Os boches terão certamente percebido que alguns tiros não

conseguiriam esmorecer o ardor do Chasseur quando luta para defender a sua amada pátria.

Estes alemães são bons soldados e os seus oficiais sabem o que fazem, mas, depois de encurralados, não demoram a erguer a mãos e a gritar kamerade. Como sabem que sou um camarada? Preferiria pensar que pareço duro no combate. Amanhã, levarei um espelho comigo. Enquanto correr em direção ao inimigo, pararei para ver se sorrio.

Ria-me sem conseguir evitar. Felix esforçava-se tanto para me divertir e amava-o mais ainda pela sua necessidade desesperada de me escudar do pior.

Querida irmã, terias vergonha de mim se dissesse que não tomo banho há pelo menos quinze dias? Cheiro horrivelmente. Talvez isso chegue para assustar os alemães e forçar a sua rendição? Ontem, capturámos um hospital alemão inteiro! Pobres coitados estendidos pateticamente nas suas enxergas. Fomos cuidadosos com os feridos. Os médicos alemães asseguram-nos que tratam os nossos feridos com o mesmo cuidado com que tratam os seus e é confortante sabê-lo depois de deixarmos tantos dos nossos para trás.

Os nossos corações estão com as famílias daqueles que caíram. Como seu oficial, cabe-me o dever doloroso de escrever às mães e esposas explicando a forma como Louis ou Maximilien tombaram e é por isso que sei que me perdoarás por ser um correspondente tão mau. É uma obrigação triste, mas tenho a certeza de que estas mulheres enlutadas sentirão algum conforto sabendo que os seus entes queridos morreram para que a França permaneça livre do jugo do Kaiser.

Lamento que não sejam apenas os nossos valentes soldados a pagar o preço desta invasão bárbara. As estradas estão cheias de cidadãos deslocados que se arrastam em fuga das aldeias que o inimigo ocupou. Os seus lares foram destruídos, grande parte do seu gado foi morto e agora assombram as estradas, transportando em trouxas os parques haveres que conseguiram salvar.

As crianças mais pequenas caminham ou aumentam a carga das mães já sobrecarregadas ou dos irmãos mais velhos. Vê tantas crianças descalças e o que têm para comer não durará mais do que alguns dias. A situação desesperada em que se encontram estes inocentes é a visão mais desoladora desta guerra medonha.

Tais coisas conseguem apenas deixar os que defendem a nossa amada pátria mais determinados em fazer o que precisa de ser feito. Enquanto isso, o meu dever mais importante é a inspeção dos pés. Sim, é verdade. Sou o Generalíssimo do Pé de Atleta! Quase consigo ver-te rir, querida irmã, mas espero que compreendas que a inspeção dos pés é o ponto alto do meu dia e uma parte crucial do dever de um oficial e levo muito a sério este meu papel. Como perceberás, sou tão heroico como Henri e, sem dúvida, o teu garboso marido porque, sejamos francos, mais ninguém se aproximaria tanto de tantos pés imundos e infetados como eu e os meus sofridos inspetores de pés!

Desenhou um boneco de arame representando um homem que apertava o nariz e caía para trás. De alguma forma, com aquele esboço ingênuo e com poucos traços da caneta, conseguira capturar o lado cômico do seu dever nada invejável. Apesar de saber que me distraía deliberadamente do horror, não conseguia evitar a explosão de riso que se dissolvia em lágrimas de empatia. Rezei para que todos os anjos que, aparentemente, tinham sobrevoado a vida encantada de Felix continuassem a protegê-lo, mantendo-o seguro e trazendo-o de volta para nós.

Li as últimas linhas com um suspiro animado.

Um pouco de sabonete seria uma prenda muito bem-vinda para os teus irmãos imundos.

*Ambos te enviamos o nosso amor,
Felix*

Dobrei a carta, continuando com lágrimas nos olhos e rindo baixo. Pensei se, zelando pela vida uns dos outros em vez de se preocuparem apenas com a sua sobrevivência, Felix e Henri estariam mais próximos. Ambos amávamos Henri, sem qualquer dúvida, mas supus que o facto de sermos gémeos nos tornaria um clube com apenas dois membros e a sua determinação em ser pomposo em cada momento lutava contra qualquer inclinação que pudéssemos sentir para nos aproximarmos dele.

Lendo nas entrelinhas da boa disposição de Felix, percebia-se a realidade intimidante da guerra e a convicção de que os meus dois irmãos, e também Aimery, tinham ficado a salvo até àquele momento. Isso conseguiu serenar a turbulência na minha mente.

A leitura da carta de Felix permitiu-me ver as coisas de uma nova perspetiva e fez-me recordar que era uma mulher adulta e responsável pelas minhas ações, precisando de encontrar soluções para os meus problemas. A atenção de Sébastien e os meus sentimentos vergonhosos por um homem que conhecera apenas naquela manhã pareciam-me subitamente ridículos... risíveis. À noite, na mesa de jantar, controlaria esses sentimentos, conseguindo manter conversa animada e desviar a sua atenção e também a minha, talvez canalizando-as para a sua ideia de criar um perfume. Não deixaria passar aquela oportunidade. Na verdade, motivada pelo relato dos feitos valorosos de Felix, criaria um perfume que as mulheres francesas usariam como tributo aos seus homens. Seria orgulhoso. Cheiraria a vitória.

Acenei afirmativamente, satisfeita por me imaginar a brandir triunfalmente um frasco de algo chamado *La Victoire*. Era um nome terrível, mas, naquele momento, persistiu na minha mente e tentava alcançar mentalmente as primeiras notas grandiosas que seriam o alicerce da minha fragrância heroica. Sorri.

– Ah, *Héroïque*... será esse o nome que lhe darei – disse em voz alta no silêncio do meu quarto. O nome parecia-me adequado e conseguia imaginar milhares de francesas fazendo aplicações diárias patrióticas do perfume em honra dos seus homens. Franzi a testa. *Patriotique* também resultaria. Não podia esperar para dizer a Sébastien. A perspetiva de criar o nosso perfume deixou de parecer distante, como um céu estrelado... inalcançável e onírico. Ao invés,

o desafio pareceu-me subitamente sólido, ancorado e com possibilidades reais de concretização, como uma plantação de rosas cuidada até à maturidade do primeiro botão com cor e fragrância perfeita. Sim, agradava-me aquela metáfora.

A excitação preencheu-me, afugentando a culpa pelo que agora me parecia uma paixoneta juvenil fugaz, não sendo nada que motivasse vergonha. Recuperaria a minha compostura ao jantar e apresentar-me-ia apenas como mulher casada, encantada pela atenção mas sem esperar que evoluísse além de trocas cordiais de palavras. Sentia a mente acelerada com todas as possibilidades que o perfume trazia consigo e parecia-me que o meu novo relacionamento com Sébastien se transformaria numa parceria laboral se conseguisse ignorar a sua aparência.

Pareceu-me que, mesmo quando era uma rapariga, quando todas minhas amigas suspiravam por este ou por aquele sujeito, sentira alguma vez a atração que via nelas. Fora sempre demasiado sensível, talvez, ou, de forma mais objetiva, costumava distrair-me e perder-me nos meus pensamentos, combinando fragrâncias mentalmente e construindo «perfumes» harmoniosos que eram tão individuais na sua totalidade como cada um dos cheiros que os compunham.

Com aquele novo espírito aventureiro, encontrando finalmente o caminho com que sonhara desde a infância até àquele dia, a treva de Aimery foi empurrada para as profundezas da minha mente. Enfrentá-la-ia, mas fá-lo-ia mais tarde.

Não podia esperar pelos criados. Onde se tinham enfiado todos ao mesmo tempo às três da tarde? Precisei de me impedir de agitar os braços com irritação. Passara a acreditar no meu pai quando dissera que o meu nome do meio deveria ser Impaciência em vez de Severine, pois, dez minutos depois, tinha reunido um tabuleiro de produtos e erguia-me à porta do quarto de Sébastien.

Hesitei em bater. Porquê? Algures ao fundo da garganta, senti um aperto tenso. Ignorei aquilo, considerando que seria o resultado de me encontrar numa situação invulgar, de me ver numa ala da mansão que normalmente não visitava.

A seguir, a decisão de bater foi anulada porque Sébastien abriu a porta e pestanejou, consternado, diante de mim.

– Oh, é você!

O tabuleiro mergulhou de forma alarmante nos meus braços pela surpresa de ser apanhada como alguém que espreitasse pelo buraco da fechadura.

– Hum...

Salvou-me como era habitual.

– Trouxe ligaduras limpas. É uma boa alma, obrigado – disse ele, permitindo-me ouvir a alegria forçada. Sentir-se-ia certamente tão surpreendido por me ver do outro lado da porta como eu me sentia por ser surpreendida à espera em vez de tomar a iniciativa. – Bastaria que fosse um dos criados a ajudar-me.

– Não consegui equilibrar o tabuleiro para bater – disse, encontrando uma desculpa inspirada.

– Ouvi alguma coisa – disse ele desnecessariamente, acabando por me fazer perceber que estava tão perturbado como eu. – Hum... Que tal se pousássemos isso aqui? – propôs, afastando o linho bordado sobre uma mesa.

Chegara o momento de manter a promessa que fizera de recuperar a compostura, demonstrando capacidades coloquiais que não precisavam de esforço.

– Gosto do seu quarto – disse, depois de pousar o tabuleiro. A minha voz permanecia estável e familiar, sem ser demasiado íntima. Era a entoação certa, pensei. Aproximei-me da janela. – O que se vê da janela?

– O canteiro das ervas e esse lado do vale – respondeu, fazendo-o sem qualquer necessidade porque conseguia ver por mim mesma depois de alcançar a janela. – Parece um sítio solitário – continuou.

– É solitário no inverno – disse, odiando a forma como a nossa conversa parecia formal.

Percebi nesse momento que não soáramos tão estranhamente corteses antes, quando discutimos o perfume. Éramos ambos movidos pela paixão e pela avidez. Aquela recordação obrigou-me a pôr ordem na cabeça. Pareceu-me que, se fosse sincera, sentiria naquele momento que me preenchia novamente com paixão, mas, daquela vez, reconheci que era por ele e não pelo perfume. Esse conceito era refrescante e avassalador e fez-me sentir um arrepio de alarme. Nunca sentira uma explosão emocional tão intensa por alguém fora da minha família, mas aquela sensação persistente, incômoda e asfíxiante que me impedia de falar com fluência era algo novo. No meu quarto, com a perspectiva promovida pela carta de Felix, pareceu-me que tinha imaginado o efeito que Sébastien tinha em mim. Mas, naquele momento, não podia controlar com a minha força de vontade algo que, aparentemente, era uma reação tão natural como respirar.

Virei-me, tentando não olhar Sébastien, que continuava a parecer-me belo e sombrio no seu pesar, apesar da sua vulnerabilidade ferida. Insisti em forçar o olhar a passar além daquele vislumbre roubado, abrangendo o resto do quarto, evitando determinadamente a cama, coberta com brocado pesado do azul mais pálido.

– Que nome darão a este quarto? – questionei, pensando em voz alta.

– Não faço ideia, mas disseram-me que foi decorado pela minha mãe – disse ele, arqueando uma sobrancelha de forma docemente irónica.

Ri-me.

– Ao que parece, era um dos seus preferidos – acrescentou.

– Parece-me que tinha muito bom gosto – considerei, interiorizando a delicadeza deliciosa dos cinzentos e dos azuis-pálidos, com o resto da decoração aparentando opulência contida. O esquema cromático delicado contínuo conseguia criar um ambiente calmo e sereno que se adequava a Sébastien, erguido ali com as mangas arregaçadas e o colarinho desabotoado. O meu olhar nefasto não o deixava sossegado. Pelos escuros e de aspeto macio cobriam-lhe o antebraço e desviavam-me a atenção das cores escolhidas pela sua mãe, fixando-me o olhar no seu pulso e no osso piramidal que parecia invulgarmente frágil, saliente como estava, isolado e nodoso. Consequia identificá-lo apenas porque Felix ferira a mão, certa vez, ao cair do cavalo e lembrava-me de tentar pronunciar o nome dessa parte do pulso quando o médico explicava o ferimento ao meu pai. Agradava-me a forma como a palavra me soava na língua e irritara todos em casa durante o tempo que passei a repeti-la nos dias seguintes.

Afastei o olhar do pulso e, recordando o ditado preferido do nosso cozinheiro, caí da frigideira para o fogo enquanto fixava o olhar no brilho verde acinzentado dos seus olhos.

– Madame Mouflard assegura-me que as cores são *tourterelle* – afirmou, fazendo-me notar outra vez a sua pronúncia excelente, sem qualquer indício do seu passado inglês – misturada com um tom mesclado pessoalmente pela minha mãe, a que chamou azul de porcelana chinesa. – Pareceu encantado por explicar aquilo e não consegui evitar uma gargalhada quando se curvou

numa vénia depois do notável desempenho. Ajudou, sem dúvida, a tornar menos embaraçoso o momento.

– Bravo! – Aplaudi uma única vez. – Vamos a isto? – perguntei, apontando o braço ferido.

– Sim, claro. Fleurette, tem a certeza? Afinal, o médico...

– Disparate. O médico virá amanhã. O meu caráter inclui uma dose nada invejável de impaciência. Não posso desperdiçar a vida à espera de outros se consigo fazer alguma coisa mais depressa e melhor.

– Santo Deus! – Franziu a testa de forma teatral. – Essa postura irá conduzi-la ao desastre.

Os seus esforços para me divertir eram encantadores, pertinentes e, como os de Felix, raramente falhavam o alvo. Conhecera homens suficientes na minha vida que pretendiam parecer espirituosos, mas não conseguiam, tornando-se os seus comentários entediantes quando o riso forçado precisava de ser arrancado à força. Mas, com Sébastien, parecia natural, quase como se não exigisse qualquer esforço.

Sentámo-nos de forma conservadora de cada lado de uma pequena mesa no seu quarto. Os joelhos dele ficavam a menos de um palmo dos meus por baixo do tampo, mas senti-me grata por esse vão.

– Vou cortar isto, sim? – disse, pegando numa tesoura enorme do tabuleiro e esperando ansiosamente a sua autorização.

– Não me passaria pela cabeça contrariar uma mulher empunhando tal arma. – A sua expressão alterou-se nesse instante, tornando-se séria. – Fleurette, o que as ligaduras escondem não é muito bonito. Terá estômago para tal?

– Se o tem, também o terei – referi, duvidando se teria realmente. Não me permiti tempo para mudar de ideias e a tesoura afiada cortou as ligaduras com facilidade. Quando caíram, o fedor alastrou pelo quarto, tornando-se mais intenso e agoniando-nos aos dois.

– *Bloody hell!* – exclamou Sébastien. A sua praga em inglês quebrou o feitiço e rimo-nos. – Sinto muito – continuou em francês. – Isto é terrível.

Abanei a cabeça, debruçando-me, já habituada ao odor adocicado e atroz. Sentia-me simultaneamente fascinada e horrorizada por ver um ferimento por coser que talvez precisasse de pontos. Não conseguiria ser eu a cosê-lo. O meu pai desesperara-se comigo, sobretudo porque Felix conseguia coser bastante bem e Henri sabia tricotar enquanto a sua irmã não conseguia fazer nenhuma das duas coisas. Percebi que tinha dito tudo aquilo em voz alta a Sébastien, incluindo as observações acerca do ferimento. Baixámos as cabeças em simultâneo para inspecionar a sua mão e sentia o seu cabelo grosso roçando o meu.

O momento parecia notavelmente íntimo e não queria que o contacto chegasse ao fim. Sabia que corava, mas não importava, pois não nos olhávamos um ao outro. Estávamos simplesmente hipnotizados pela mão ferida, patética e inerte.

– Não precisa de coser para impressionar ninguém – murmurou. – Muito menos a mim.

As suas últimas palavras pairaram entre nós.

Agitou deliberadamente os dedos e, por instinto, soube que o fazia apenas para se divertir e, de forma previsível, ri-me como resposta. Uma lágrima surpreendeu-me e aterrou na sua mão, brilhando numa minúscula poça de mágoa e desejo.

– Fleurette.

– Sinto muito. Não esperava que o seu ferimento me deixasse tão impressionada. Poderia ser Felix ou Henri. É, em simultâneo, mil homens diferentes e...

Acenou afirmativamente, compreendendo o que queria dizer com a frase por terminar.

– Como está Felix? Fico feliz pela chegada de uma carta.

Expirei.

– Tal como se esforça para me divertir, ele faz o mesmo para me poupar ao horror.

– Porque a ama. – As nossas cabeças ergueram-se e entreolhámo-nos, mas depressa voltei a afastar o olhar. Sébastien pigarreou. – Parece-me que deverá considerar que sou um dos afortunados em vez de sentir pena de mim.

– É uma atitude notável – murmurei. – Não sou médica, mas não me parece que este cheiro seja de uma infeção.

– Iniciei um curso de medicina, mas descobri que preferia a química e posso assegurar-lhe que a minha mão não está infetada. Este aroma desagradável é apenas a putrefação da pele morta. É um cheiro positivo apesar de ser desagradável porque significa que a pele tenta sarar.

– Apontou o espaço entre o dedo mínimo e o anelar. – Verá quando limpar o sangue seco que o cirurgião coseu o ferimento com minúcia e que está seco e a cicatrizar. Em breve, a comichão terrível da recuperação começará e enlouquecer-me-á, fazendo-me procurar agulhas de tricô para enfiar pelas ligaduras abaixo.

A imagem evocada pelas palavras fez-me sorrir. Ocorreu-me algo.

– É canhoto?

Abanou a cabeça e suspirei de alívio.

– Espero que consiga usar uma pipeta e os outros instrumentos com destreza normal.

– Asseguro-lhe que a minha pipeta é sempre destra – afirmou com o tom de voz mais seco possível, sem dúvida destinado a fazer-me rir. Recompensei-o da forma que pretendia e abanou a cabeça enquanto me estudava a face. – Porque esperou tanto tempo? – perguntou, subitamente.

– A que se refere? – perguntei enquanto vertia antisséptico castanho sobre a taça de água no tabuleiro. A água ficou tingida de um dourado escuro e, imediatamente, o cheiro intenso da tintura de iodo envolveu-nos. Imaginei prontamente a alga com que era fabricada e pensei se Sébastien veria a mesma imagem.

– Para casar – esclareceu.

Parei o que fazia, esquecendo todas as imagens da praia.

– Que pergunta invulgar.

– Nem tanto. Certamente, terá havido pretendentes batendo à porta. Ou mesmo deitando-a abaixo?

Sorri.

– Se houve, não os ouvi.

– Vamos. Nenhum cavalheiro genuinamente apaixonado?

– Não muitos. Tinha dois irmãos como barreira.

Foi a sua vez de sorrir.

– É uma pena que Aimery tenha chegado até si antes.

Não consegui evitar. O meu olhar fixou-se no seu.

– Antes de quem?

– Antes do irmão certo.

Tinha-o dito. Enchi os pulmões em silêncio.

– Não pode dizer essas coisas, Sébastien.

Afastou ligeiramente a mão para me impedir de continuar o curativo. De qualquer forma, o ferimento estava já limpo. Limitava-me a fazer gestos rotineiros, desfrutando do seu toque. As minhas ações contradiziam claramente os atos e percebi que mentia a mim mesma.

– Diz-me que não posso ser sincero?

Não havia nada de reservado no olhar que partilhávamos naquele momento.

– Parece-me que será perigoso.

– Mas sente-o?

A verdade ficou-me atravessada na garganta. Palavras debateram-se para sair, mas engoli-as.

– Sente o mesmo que eu? – insistiu. Deixara de haver qualquer diversão na sua face.

– O que sente? – perguntei, tentando manter-me na defensiva, segurando um pano ensopado e com o cheiro da tintura de iodo preenchendo-me as narinas. Talvez *Héroïque* precisasse de uma nota marinha. Pestanejei, irritada comigo mesma.

Sébastien moveu-se mais depressa do que eu consegui reagir. Com velocidade assombrosa, na verdade, e mesmo coxeando, ergueu-se da cadeira, contornando a mesa e puxando-me até ficar de pé. Larguei o pano molhado com bromo e, com ele, abandonei também a razão, seguramente, pois permiti-lhe que me segurasse com o seu único braço válido. Deveria ter-me mostrado chocada, afastando-o. Ou, no mínimo, deveria ter dito alguma coisa que afirmasse o meu estatuto entre aquelas paredes. Em vez disso, mantive-me nos seus braços, mais surpreendida do que horrorizada pela forma escandalosa como aquilo me agradava.

– Em vez de responder, permita-me que lhe mostre – disse e, antes que pudesse tentar negar os seus avanços, os seus lábios cobriram os meus, macios, mas conseguindo demonstrar de forma urgente a sua resposta.

Não forçou mais o beijo. O que fazia assemelhava-se mais a uma sucessão de aplicações ternas dos lábios, sem qualquer força exercida. E, no entanto, admitia com a minha coragem recém-descoberta que um calor voltava a alastrar pela minha barriga e que o meu coração parecia um pistão de motor, bombeando com tanta força que a sua batida me ecoava na garganta. Parecia completamente determinado, mas mantinha-se gentil e não percebi se sentia realmente alguma vergonha por não ter feito nada para o dissuadir. Internamente, senti-me montada num cavalo galopante, gritando aos céus com júbilo ao sentir a libertação do meu verdadeiro espírito.

Era aquilo o romance. Era assim desejar alguém de forma tão alheada que se arriscaria ser apanhado numa situação capaz de danificar reputações. Soube que Jeanne ou Madame Mouflard poderiam bater à porta ou entrar a qualquer instante e, mesmo assim, encorajei-o, com braços que deixavam de se mostrar hesitantes, erguendo-se para lhe rodearem o pescoço como um cachecol. E as minhas mãos! Não reconheci o desespero com que lhe tocavam o cabelo. Era obviamente algo que persistira num recanto obscuro da minha mente durante todo o dia. Aquela

nova intimidade autorizava-me seguramente e os meus dedos dançaram entre as ondas espessas.

De repente, Sébastien afastou-se e precisei de conter a respiração.

– Aproveito-me de si? – perguntou.

Ri-me.

– É um pouco tarde para fazer essa pergunta – murmurei, abanando inutilmente a cabeça. – Não o repeli, Sébastien. – Levei os dedos aos lábios que sentiam já o seu afastamento. – Que fazemos? – sussurrei, sentindo-me sozinha sem o seu toque. – Que fazemos? – sussurrei, sentindo-me maravilhada e assustada em simultâneo.

– Apaixonamo-nos?

– Mal o conheço.

– Precisa de me conhecer melhor? A minha cor preferida é o verde, o meu prato preferido é...

– Pare, por favor. – Comecei a caminhar para trás e para diante. – Que fazemos, por Deus? – repeti, distraída, regressando subitamente ao presente e reativando as minhas sensibilidades. Sentia-me realmente horrorizada. – Sou uma mulher casada!

– Sim, mas com o seu próprio...

– Não o diga! – gritei, virando-me para o advertir.

Olhou-me em silêncio enquanto caminhava e murmurava para mim mesma. Ocorreram-me o horror e a raiva que Henri sentiria, enquanto todos os antepassados Delacroix girassem nas sepulturas. Felix não diria grande coisa, mas quase conseguia sentir a sua inevitável desilusão no medo acre que me crescia ao fundo da garganta. Felix podia ser muita coisa, mas, acima de tudo, era um Delacroix fiel.

– Que lhe diz o seu instinto?

– Diz-me que fuja! – ripostei, voltando-me para o olhar.

Deu um passo em frente, mas recuei. Se soubesse que o fazia por não confiar em mim mesma... Tudo o que queria era voltar a abraçá-lo, sentir o mesmo arrepio de descoberta... encontrando algo que me escapara, como se tentasse abrir uma caixa escondida que contivesse o segredo da vida. Nem sequer conseguia compreender o que dizia, como se começasse a sentir a presença de uma qualidade desvairada na minha mente.

Mas, mesmo que não passasse essencialmente de uma estranha, Sébastien enfrentou o meu olhar com arrojo, arrancando-me ao torpor de uma forma apenas possível para alguém que me compreendesse por inteiro.

– Fleurette – disse com voz suave. – Se pudesse descrever o nosso beijo com um cheiro, qual seria?

Olhei-o, surpresa, mas era como se os meus pensamentos dispersos travassem, invertendo-se e regressando ao ponto de origem.

– P... perdão...? – gaguejei, recompondo-me.

– Ouviu o que disse. Seja absolutamente sincera.

Fechei os olhos por instinto.

– Excelente – disse, motivando-me. – Descreva.

– Na minha infância... – comecei.

– Sim? – Encorajava-me e conseguia ouvir um sorriso na sua voz.

– O meu mês preferido era maio. Continua a ser.

– Porquê?

– É a primavera. A colheita da rosa em Grasse.

– Continue. Parecia mais próximo, como se tivesse dado passos até mim em bicos de pés, mas não abri os olhos. Estava enfeitiçada por ele e o jogo agradava-me. Era um jogo que conhecia, um jogo que me sentia bem a jogar. Jogá-lo fazia-me sentir que pisava terreno seguro, liberta de pensamentos doentios.

– As pétalas de rosa dos campos de *Rosa centifolia* chegam tão depressa que mal conseguimos esvaziar os sacos de serapilheira com rapidez suficiente – disse. – Todos as esperam. A cidade inteira está preparada para a colheita em maio.

– E? – Estava ainda mais próximo. Ouvi o soalho estalar levemente sob o seu peso.

– Chegam à fábrica. É de uma beleza gloriosa ver as pequenas montanhas de rosa esperando ser pesadas. Os dias são quentes, mas as rosas, apanhadas nas primeiras horas do dia, conferem uma frescura doce. O meu pai permite que me deite sobre um leito rosado. Ri-se. Felix atira-me pétalas e fico sob uma chuva de rosas. As cores são espantosas. À distância, é apenas rosa – digo, canalizando aquela memória feliz da minha infância. – Mas, de perto, as pétalas ainda húmidas têm cores variadas, indo de um vermelho discreto até à tonalidade escura da cereja.

Senti que sorria novamente, desfrutando da minha recordação vívida, mas sobretudo porque lhe agradava ver-me. Aproximara-se tanto que deixara de ser o silvo dos seus pulmões em recuperação a trair o seu paradeiro. Passava a conseguir sentir o calor da sua proximidade.

– Descreva-me agora o cheiro desse dia de maio.

Disse isto junto ao meu ouvido, mas sem me tocar. No entanto, o deleite provocado pela sua voz, a carícia do seu hálito, a recordação do seu beijo fundiam-se para criar uma combinação tão calorosa como um abraço. Um tremor atravessou-me e irrompeu em mim uma ânsia doce. O segredo que descobrira era o meu próprio desejo despertando após ter sido motivado simplesmente pela voz de alguém, apenas pela sua presença. Nunca antes sentira aquela transformação no corpo, ao ponto de bastar pensar num homem para sentir a pulsação acelerada. Felix costumava rir-se de mim quando me queixava de ser a única rapariga entre todas as que conhecia a nunca ter estado apaixonada por ninguém. Nem sequer percebia de que falavam as outras raparigas quando confessavam o seu arrebatamento por este ou aquele sujeito.

«É porque estás demasiado distraída. O que tens dentro da tua própria cabeça parece-te demasiado interessante», dizia, rindo-se de mim.

«Nunca ninguém me abordou formalmente.»

«Porque o fariam? És intocável, Fleurette. Dois irmãos, um deles um gêmeo belo, a única filha de uma das famílias mais ricas e célebres no sul de França... Quem arriscaria abordar-te?»

Lembro-me da mágoa que senti.

«Um assobio seria simpático.»

Abanara-me a cabeça.

«Não tens consciência do teu valor.»

«Acabas de me dizer que estou perdida nos meus pensamentos.»

«És comedida, é verdade. Mas a tua compreensão da forma como os outros te veem é limitada. Nem todos te consideram divertida e acessível, Fleurette. A tua mente bastará para intimidar... E a tua aparência? Bom... di-lo-ei apenas uma vez para não ficares demasiado convencida... Sem dúvida que és a maior beleza da cidade de Grasse. Serás provavelmente a mulher mais cobiçada em todo o Sul e a tua beleza está à altura da tua desejabilidade e da tua riqueza... Todos esses elementos influenciam as perspetivas de casamento», disse, em tom suficientemente seco para arrepiar. «Acreditas que isso te torna fácil de namoriscar ou parece-te que todas essas qualidades se limitarão a tornar-te desejável, inibindo a maior parte dos pretendentes?»

Nunca me considerara feia, mas também não acreditava possuir uma beleza assim tão radiante. Considerava que todas as outras raparigas eram as verdadeiras belezas porque pareciam saber como namoriscar, como captar a atenção dos rapazes, conseguindo mostrar-se tímidas e repletas de sensualidade ao mesmo tempo. Algo me escapara ou, pelo menos, sempre pensara que sim. Não me maquilhava nem usava fitas no cabelo. Preferia botas a saltos delicados. Sentia-me à vontade no laboratório e não passeando pela praça central, exibindo-me no meu melhor. Preferia conversas longas sobre perfumes a insinuações românticas e inconsequentes.

Mas ali estava. O momento do despertar. O despontar de uma necessidade sexual anteriormente adormecida que me questionara se alguma vez sentiria. Percebi que desejava Sébastien da mesma forma que os trabalhadores que colhiam as nossas flores precisavam de água fresca para saciar uma sede galopante. Conseguia imaginá-los inclinando as cabeças para esvaziar uma garrafa inteira, sem sequer se preocuparem se a água doce lhes escorria pelo queixo abaixo. Estavam sedentos, desesperados por alívio. Sentia-me assim naquele momento. Estava desesperada por Sébastien e apenas ele conseguiria saciar a minha sede.

– Diga-me, Fleurette. Quero ouvir a memória vívida do seu dia preferido do ano – insistiu Sébastien.

E abri a mente à colheita de maio.

– É hipnótico – recomecei, focada, como se o desejo que sentia por Sébastien se fundisse com a memória do meu perfume preferido. – Não consigo esperar pelo momento da destilação para poder inspirar o absoluto... a essência da minha alegria. – Antes que pudesse motivar-me a continuar, a minha mente avançara já, ansiando pela partilha. – A doçura fresca das pétalas transforma-se num óleo sensual de complexidade profunda. Fala-me de terra aquecida pelo sol entre o sal do oceano e a queda dos Alpes até à nossa Riviera. Enquanto inspiro, recordo a promessa de framboesas no verão e de groselha no outono, mas é o mel o sabor crucial, com uma sugestão ácida de citrino sobrepondo-se.

– E o nosso beijo recordou-lhe essa fragrância?

– Sim – admiti.

– Descreva o nosso beijo e a sua memória das rosas numa palavra. Só para mim.

– Inebriante – disse, sem precisar de pensar.

– Abra os olhos, Fleurette. – Fi-lo. O seu olhar era suave e líquido e, pelo que percebi, era marcado por uma avidez própria. Era um olhar que me prendia de forma quase física. – É uma

boa palavra – elogiou. – E a sua essência embriaga-me. – Comecei a dizer alguma coisa, mas silenciou-me. – Ouça. A partir do momento em que entrou na sala onde nos conhecemos, senti-me zozzo como se tivesse acabado de acordar, preso ainda aos resquícios de um sonho encantador. E, apesar de lhe ter transmitido as piores notícias que alguém poderia receber, sentia-me culpado porque, enquanto a confortava, sentia um gáudio censurável por saber que Aimery não podia ficar consigo. Vê-la nesse primeiro instante estonteou-me, como espreitar o fundo de um precipício, ficando momentaneamente desorientado. E a caminhada desta tarde, da cidade até aqui, embriagou-me. Surpreende-me que não tenha chocado contra as paredes. Porque já saltara desse precipício. Foi por esse motivo que me encontrou no canteiro das ervas, tentando compreender os meus sentimentos contraditórios. Sabia que não estava certo aproveitar-me de si desta forma. Trouxe as notícias mais odiosas e corria o risco de a acossar no seu momento de vulnerabilidade e, no entanto, não conseguia evitá-lo. Odiei-me durante horas, como se fosse algum canalha e, no entanto, continuo enlevado por si, completamente viciado no seu beijo, no seu riso, na sua voz e até na sua capacidade de ver tudo e todos como fragrâncias. Caí, Fleurette, do penhasco da sensibilidade para o fogo surpreendente e doloroso do desejo. Não há saída. É quem sempre procurei.

– Como pode sabê-lo? – perguntei, expressando os meus pensamentos em voz alta. Envergonhava-me revelar a minha ignorância.

– Porque conheci mulheres suficientes ao longo da minha vida adulta. – A sua candura era enervante. – Não lhe mentirei. Beije, corteje e deitei-me com mulheres suficientes para perceber quando encontrei finalmente uma de quem não poderei afastar-me sem grande custo.

– Sem grande custo? – Franzi a testa, repetindo as suas palavras.

– Sem me custar um coração mortalmente ferido, Fleurette. – Ergueu a mão ferida. – Isto não é nada comparado com o ferimento que poderá infligir-me.

Abanei a cabeça, sentindo-me subitamente muito além da minha zona de conforto.

– Sinto que estou no mar e me afastei demasiado da costa.

– Salvo-a – propôs com um sorriso triste.

Voltou a inclinar-se para diante, mas hesitou como se esperasse a minha permissão. Não o rejeitei e, daquela vez, aprendi como era beijar de uma forma que me fez sentir que tudo o que viera antes fora apenas um ensaio. E talvez tivesse sido apenas isso. Os dois rapazes que beijara furtivamente quando o meu pai me permitiu finalmente participar em galas sociais com Felix como meu acompanhante, pareciam-me adolescentes trapalhões por comparação, mesmo que ambos se tivessem considerado bastante vividos.

Mas Sébastien transmitia uma confiança sexual que significava que era ele quem decidia conter-se. Compreendia a minha falta de experiência e até a minha relutância em cometer um pecado que faria os nossos pais darem voltas na sepultura e, no entanto, sabia também que podia conduzir-me... que desejava realmente que aquilo acontecesse. Surgiu na minha mente uma percepção da minha completa transparência, mas dissipou-se porque, nesse momento, o puxava para mim, mais e mais perto, sentindo que reagia com fervor.

Voltei a sentir-me perdida, deitando-me mentalmente sobre um leito de rosas, recordando um momento de felicidade genuína na minha vida que se ligava de forma incontornável a um beijo

que não queria que acabasse. Arrastando-me nesta onda de paixão, Sébastien permitiu-me vislumbrar um futuro que ia além do desespero de um casamento sem amor.

A batida na porta e a voz familiar separaram-nos, sobressaltando-nos como se tivéssemos sido descobertos nus, rebolando na cama. Frenética e de olhos arregalados, vi Sébastien sentar-se calmamente, cobrindo o colo com o casaco e fazendo-me rir descontroladamente, abafando o ruído. Olhou-me com uma expressão severa e convidou-me a sentar enquanto respondia.

– Quem é?

– Jeanne, Monsieur De Lasset.

Olhou-me e expirei em silêncio, sentando-me e impedindo-me de mexer nervosamente no cabelo ou na roupa. Ao invés, peguei novamente no pano e acenei com a cabeça. Pareceu-me que tinha demorado dez minutos ou mais para fazer aquilo quando, na verdade, o relógio sobre a lareira indicava que tinham passado apenas segundos.

– Entre, Jeanne. Estou com Madame De Lasset.

Curvámos ambos as cabeças sobre a sua mão ferida e, quando a porta abriu, torcia o excesso de antisséptico. O som do líquido pingando pareceu ecoar à nossa volta enquanto voltávamos olhares curiosos para Jeanne.

– Olá, Jeanne – disse-lhe, espantada e enojada comigo mesma por soar tão inocente. – Está tudo bem?

Pareceu horrorizada por ver a mão de Sébastien e era estranho que eu não tivesse sentido o mesmo, mas parecia igualmente ofendida por ver que a sua senhora lidava com água sangrenta.

– *Madame*, por favor. Uma de nós poderia...

Expirei e acenei com a mão para lhe transmitir que não importava.

– Agrada-me poder ser útil para variar – afirmei num esforço deliberado para retirar importância ao ato. Vi que Sébastien não pareceu corado e esperei conseguir transmitir a mesma confiança descontraída.

– Posso ajudá-la? – perguntou Sébastien prontamente, com a respiração silvando sem permitir que o ferimento melindrasse o seu humor. Olhou-me e partilhámos um silêncio malicioso enquanto dizia aquelas palavras à minha criada.

Pestanejei, olhando-o, e voltei-me novamente para Jeanne.

– Hum... Sim, senhor. Venho dizer-lhe que o médico virá esta noite e não amanhã e que o jantar será servido às sete. – Olhou-me. – *Madame* ordenou que lhe fosse trazido um caldo.

– Excelente – considerou. – É muito gentil, Fleurette. Obrigado, Jeanne. Talvez precise de ajuda para vestir novamente o casaco – disse.

– Com certeza. Enviarei um dos nossos criados.

– Etienne poderá ajudar – disse, intrometendo-me. – Diz-lhe que me procure. Estou certa de que conseguiremos encontrar mais algumas roupas para o irmão do meu marido.

Jeanne fez uma vénia e esperou.

– É tudo, Jeanne – disse-lhe, gentilmente, sorrindo. – Terminarei o curativo.

– Tem a certeza, *madame*?

Respondi com um novo sorriso e com um aceno afirmativo. Fechou a porta e olhamo-nos, divertidos como duas crianças que tivessem conseguido escapar ao castigo por uma traquinice.

Esperámos, mas ergui a mão até aos lábios e fingir rodar uma chave. Sébastien concordou com um aceno, compreendendo que as paredes tinham ouvidos numa casa como aquela e não sabíamos o que Jeanne partilharia com os criados. Precisávamos de ter mais cuidado. Não poderíamos despertar suspeitas.

– Como se sente? – perguntei, genuinamente interessada na sua mão.

Sébastien apontou o colo.

– Sinto uma comichão que não acredito que seja fácil de serenar.

Cobri a boca e ri-me de forma contida. Nunca me envolvera num diálogo tão insinuante com alguém e mentiria a mim mesma se não admitisse que adorava a forma como me sentia jovem e destemida. Talvez o perigo da descoberta contribuísse para isso. Quando a verdade se soubesse, de qualquer forma, poderia ser desculpada, mas sabia que não poderia manchar a reputação de Aimery junto dos seus criados. Traí-lo publicamente seria uma crueldade desnecessária e, por isso, contive-me enquanto recolhia o equipamento de enfermagem, colocando tudo novamente no tabuleiro.

– Suponho que será igual a qualquer ferimento que precise de tratamento – disse, tentando concentrar-me novamente no que precisava de ser feito.

Felizmente, Sébastien seguiu o meu exemplo, prevendo a possibilidade de sermos ouvidos por alguém, especialmente por Jeanne, se tivesse decidido permanecer à escuta do outro lado da porta. Conhecia cada tábuia do soalho na minha ala da mansão, mas não podia contar com o soalho daquele lado da casa, esperando que guinchasse e denunciasses presenças. Não tinha certezas quanto à partida da criada.

– Obrigado por ter vindo. Os seus cuidados especiais fizeram-me muito bem.

Fixei nele um olhar de ligeiro desespero e recompensou-me com um sorriso enviesado, aceitando a censura.

– Foi-me mais rápido e fácil ocupar-me do assunto em vez de esperar que outra pessoa o ajudasse. – Voltei a cobrir a boca com a mão, lutando para silenciar a diversão. Precisaria de ensaiar as insinuações para voltar a jogar aquele jogo com ele.

Estávamos no laboratório Delacroix, puxando os lençóis que protegiam tudo do pó enquanto Sébastien examinava o equipamento, acenando afirmativamente, produzindo sons de aprovação e tudo isto sem que o seu olhar se afastasse de mim ou mesmo a sua mão ou o seu corpo. A verdade era que nenhum de nós conseguia parar de olhar para o outro.

Era como se tivéssemos aberto uma porta para outro mundo. Era como Alice tendo uma aventura no País das Maravilhas, havendo apenas duas personagens, Sébastien e eu, porque não conseguia suportar que mais alguém invadisse a nossa história. Só a criação de perfumes me fazia ver como Sébastien consumia os meus pensamentos. Desde a tarde do dia anterior, não acreditava ter pensado em alguma coisa que não nele... no seu cheiro, no seu toque, no seu beijo. E, sobretudo, na sua confiança. Aquilo provocava-me arrepios de deleite. Quando sentiria a sua pele nua contra mim? Recusei permitir que a realidade do meu estado conjugal se infiltrasse nos meus sonhos despertados. Naquele momento, a alegria ávida do afeto de Sébastien ocupava a minha sanidade.

– Porque não está aqui ninguém?

– Alguns dos trabalhadores mais velhos estão espalhados pela fábrica e há muitas mulheres, mas nenhuma delas no laboratório – disse, esquivando-me ao braço que me envolvia. – O acesso é limitado. O meu pai sempre foi muito rigoroso na necessidade de manter o laboratório tão imune a contaminações como seria possível. Foi por isso que implementou um regime severo a que todos obedecíamos.

– Oh – afirmou, secamente, com nova sugestão de malícia surgindo-lhe na voz. – Então, estamos sozinhos?

Sorri.

– Não contaria com isso, mas...

Não pude dizer mais nada porque, no instante seguinte, beijava-me e fazia-me derreter nos seus braços. Vim à superfície, ofegando pela forma deliciosa como tal paixão despertava, mas também pela novidade do afeto.

– Sébastien, não podemos...

– Porque não?

– É que... – Ri-me. – O fantasma do meu pai continua a deambular por aqui.

Fingiu um arrepio e surgiu-lhe na face uma expressão de horror.

– Têm balões de Erlenmeyer?

Acenei afirmativamente.

– Muitos. De quantos precisa? – Avancei, erguendo as mãos para algumas caixas numa prateleira mais alta, não sentindo qualquer vergonha quando Sébastien coxeou até ficar atrás de mim, cobrindo-me um seio com a mão. Deveria ter-me sentido irada, mas, ao invés, não consegui evitar rir-me. Encontrava-me numa posição impossível, equilibrando nas mãos uma caixa pesada.

– Só preciso de um – disse, apertando delicadamente e provocando uma explosão de tentáculos reluzentes de excitação.

Não consegui conter um gemido baixo.

– Não – disse-lhe, debilmente, fazendo-o afastar a mão.

– Não o farei. Foi um ato pouco cavalheiresco da minha parte.

– Foi – concordei, desejando que o repetisse, desejando, na verdade, que pudéssemos entrar na casa Delacroix, subir ao piso superior, dirigir-nos para os meus antigos aposentos e passar a tarde a fazer amor.

– Porque não o fazemos? – perguntou ele. Sobressaltámo-nos em simultâneo com a percepção de que partilhara os meus sentimentos em voz alta.

O nosso folgado foi abreviado por uma nova tensão que, subitamente nos capturava nas mandíbulas. Ouvia o bater do relógio na parede do laboratório igualando o meu batimento cardíaco, ambos igualmente inaudíveis em circunstâncias normais, mas, naquele momento, parecendo um dueto trovejante. Não restava ninguém na casa além da velha governanta e, naquele momento, estava com a família em Nice. O potencial para o adultério era desconcertantemente real.

Sabia que a consternação me fazia pestanejar.

– Posso dizer-lhe uma coisa? – perguntou, entrelaçando os dedos nos meus e beijando o meu pulso no ponto onde era possível sentir o batimento cardíaco. Era um movimento tão sensual que me fez fechar os olhos e engolir a ânsia que despertava.

– Sim – respondi, assegurando que a minha voz se mantinha estável quando respondi. Mas, nesse momento, sustive a respiração, sabendo que deixara de pisar terreno simplesmente perigoso e que estaria prestes a entrar numa paisagem com uma enorme placa junto à entrada dizendo: «Cuidado com as areias movediças».

Sébastien continuou, com a apreensão deixando-lhe a voz rouca.

– Mencionei-lhe que estive com muitas mulheres. – Hesitei, mas não lhe disse nada. Estávamos ambos emocionalmente despidos e precisava que se sentisse tão sensível e vulnerável como eu. Agradou-me ver a sua maçã-de-adão mover-se nervosamente. Também ele tentava superar a hesitação. – Não amei uma única dessas mulheres.

Mantive-me firme e forcei-o a concluir o que pretendia dizer.

– Até alguns dias atrás, poderia admitir a existência de sentimentos muito fortes por Alice. Poderia mesmo admitir que perder Catherine para Jeremy Padstow há dois anos me magoou mais do que me agrada reconhecer. Mas nunca me senti assim. É repentino. É angustiante. Quase

desejaria que nunca tivesse acontecido porque haverá alguma dor para mim, para nós, para as nossas famílias... mas, Fleurette, creio que estou apaixonado por si.

Quis falar e enchi os pulmões para responder, mas vi-o abanar a cabeça.

– Nada que possa dizer conseguirá convencer-me do contrário. Se me rejeitasse, se me pedisse que partisse, se me dissesse que é impossível, não conseguiria brutalizar-me mais, mesmo que tentasse. Mas partiria... hoje mesmo... se não sentisse o mesmo por mim. – Puxou-me para ele e acariciou-me a face com enorme gentileza. – Diga que não me ama – desafiou.

Tremia. Não podia ter a certeza de que a culpa não pertenceria apenas às palavras provocadoras. Nunca ninguém me falara daquela forma. Nunca ninguém se sentira assim por mim. Ou tremeria pela minha reação emocional a Sébastien?

– Não posso compará-lo com ninguém. – As palavras saíram bruscamente, mas, pelo menos, eram genuínas... Era uma resposta inteiramente honesta.

O seu sorriso foi alterado por um indício de diversão, mas via nos seus olhos que o tinha desiludido por não conseguir responder-lhe com uma torrente de palavras apaixonadas.

– Se coxeasse para fora da sua vida neste momento e não voltasse a ver-me ou a ouvir-me... – continuou, não concluindo para terminar a pergunta com a esperança que expressava.

Procurei no meu coração. Era fácil.

– Quem o seguisse na minha vida, sofreria.

Vi a esperança transformar-se em alegria extrema.

– Compararia essa pessoa consigo e parecer-me-ia que não estava à sua altura porque não queria mais ninguém.

– Mesmo que pudesse haver mais alguém?

Acenei afirmativamente.

– Confio nos meus sentidos. Estou sintonizada com a perfeição da natureza. Com a sua beleza, as suas cores, as suas fragrâncias. E a natureza permitiu-me vislumbrar todas essas qualidades num homem.

– Não sou perfeito, Fleurette – advertiu, parecendo subitamente ansioso.

– Não, mas o seu amor por mim é. Os meus sentidos dizem-mo. Não preciso de procurar amor em qualquer lugar além dos seus braços.

Beijou-me e todos os pensamentos sobre criação de um perfume abandonaram-me.

– Vamos para casa? – sussurrei, intimamente chocada com a ousadia da minha atitude, mas era como se uma força invisível tivesse passado a controlar-me. Era amor, desejo, um despertar. Qualquer nome lhe assentaria. Era algo que me roubara o livre-arbítrio.

Acenou afirmativamente.

– É longe? – gemeu. – É possível que não consiga chegar lá.

Corei, rindo-me e arrefecendo as bochechas com as mãos.

– Poderíamos fazer uma corrida se não fosse tão perto. – Apontei uma porta ao fundo do laboratório. – Por ali, chega-se a um corredor que nos conduz ao antigo gabinete do meu pai.

– Há uma ligação à casa? – perguntou, parecendo espantado.

Foi a minha vez de acenar afirmativamente.

– Vamos?

Passámos pela porta do laboratório e chegámos ao gabinete do meu pai, que nem mesmo Henri conseguira adotar como seu. Havia momentos em que conseguia ser tão crítica de Henri e, no entanto, quando lhe perguntámos porque não se apressara a instalar-se atrás da secretária do nosso pai, reclamando a sua cadeira e o seu espaço privado, uma expressão de estranha nostalgia surgiu na face do nosso irmão mais velho.

«Ainda não», disse. «Quando deixar de sentir o cheiro do seu unguento para a artrite, saberei que o seu espírito me concedeu finalmente a permissão necessária. Por agora, continua lá.»

Recordava a pergunta que Felix lhe fez:

«Isso conforta-te, Henri?»

«Curiosamente, sim. Sei que acreditam os dois que queria tomar conta do negócio com a máxima rapidez, quase desejando ao nosso pai uma morte prematura, mas sempre se enganaram a meu respeito nesse aspeto. Na verdade, a tarefa que tenho pela frente intimida-me.» Recordo como ficámos surpreendidos por aquela revelação. Era um momento de fragilidade sincera a que não estávamos habituados.

«Confia nos teus instintos. Sabes o que fazes, Henri», assegurara Felix, sempre generoso. «O nosso pai preparou-te para isto. Preparou-te durante uma década para este preciso momento.»

Ví o nosso irmão mais velho acenar com a cabeça, contendo a emoção.

«Obrigado pela fé que depositam em mim.»

«Gere o negócio, irmão. Deixa que eu e a nossa irmã nos preocupemos com o produto.»

Nenhum de nós era suficientemente cruel para lhe dizer que, para qualquer um dos gémeos, o cheiro intenso do unguento de açafão-da-terra do nosso pai, fabricado com o rizoma que importava da Índia, poderia nunca abandonar aquela divisão. O nosso pai conhecera um velho espiritualista indiano que lhe falara da medicina aiurvédica e olhara fixamente os seus dedos torcidos, recomendando-lhe uma pasta feita com a raiz seca do açafão-da-terra. Dissera-nos, como gracejo, que a receita original exigia urina de vaca, mas aperfeiçoara a pasta com lima e salitre, acreditando que aliviava genuinamente a inflamação das suas articulações doridas. O cheiro do unguento do nosso pai entranhara-se nas paredes do gabinete e, obviamente, tinha-se dissipado suficientemente para Henri, mas, no que me dizia respeito, continuava a sentir a sua aprazível frescura ao fundo da garganta, com o odor persistente e semelhante a cânfora que recordava como pertencente à raiz fresca. O nosso olfato apurado conseguiria captar sempre os traços mais ínfimos do medicamento que o nosso pai usava. Henri estava enganado. Estava sempre ali e era provável que nunca desaparecesse, mesmo que nós tivéssemos partido.

Passei um dedo sobre o pó que cobria a sua secretária.

– Recordações? – questionou Sébastien, fazendo-me sentir envergonhada por o ter deixado fora dos meus pensamentos.

Acenei afirmativamente, mas teria parecido pensativa porque estendeu a mão para o meu cotovelo, fazendo com que me virasse para ele.

– Fleurette...?

– Não volte a perguntar-me se tenho a certeza. Tenho – disse, esperando que a incerteza que,

com efeito, escondia, não permeasse a confiança que fingia. – Siga-me. – Comecei a caminhar com pressa, sem parar para o esperar enquanto pisava os tacos elegantes no chão que pareciam dourados pelo sol que passava abaixo do telhado, infiltrando-se pelas altas janelas arqueadas que flanqueavam a porta da frente. Senti o júbilo que aquele local sempre me provocava. Era motivado pela beleza da nossa casa combinada com aquela sensação maravilhosa de segurança por estar novamente na casa onde tinha crescido. O nosso pai permitira-me que cobrisse as cores sóbrias do século anterior, trazendo a decoração para o século xx. Naquele momento, a tonalidade principal era um cinzento-pálido... como um aguaceiro de verão que se evaporasse antes de molhar a terra seca. O meu irmão gêmeo demonstrara certa vez a extensão dos seus conhecimentos, dizendo-me que aquele efeito de evaporação se chamava virga. E, por isso, sempre chamáramos virga àquela cor na nossa casa e passara do corredor para outras divisões numa paleta de tons pastel que enriqueciam a decoração. Usara-a no meu quarto, mas aquecera-a com os rosas e escarlates da rosa *centifolia* que tanto amava.

Subi apressadamente as escadas, não reparando em nada porque a ansiedade, talvez a excitação antecipada, transformavam tudo o que era familiar num borrão indistinto. Não olhei os quadros que decoravam os patamares. Não reparei nos rosas dos tapetes que pisava. Passei pelos pedestais e bustos cobertos com películas de pó e não me demorei diante das portas que conduziam aos aposentos dos meus dois irmãos. Não. Subi as escadas até ao terceiro piso da casa, onde se situava o meu quarto e abri a porta do meu espaço privativo, sentindo-me imediatamente banhada pelo alívio.

Estava em casa.

Estava segura.

Não era Aimery quem estava atrás de mim. Isso bastava para me dar esperança e para me fazer pensar que o meu futuro deixara de ser necessariamente negro.

Sébastien tomara o que Aimery sentia ser seu e que não poderia sê-lo. Nunca antes estivera mais certa de alguma coisa na minha vida do que naquele momento em que desejava oferecer o que tinha de mais íntimo e precioso a um homem que amava. Mas queria que possuísse a minha oferenda naquele momento, antes da chegada da indecisão. Virei-me atabalhoadamente para o receber no meu quarto e vi-o atravessado na porta, esperando um convite final. Agradou-me a sua hesitação, quer fosse motivada pela educação ou pelos nervos que sentia. Não me importava. A sua delicadeza tranquilizou-me.

– Posso?

– Pode – sussurrei.

Entrou e fechou a porta. Tudo nas nossas vidas, passadas e presentes, passava a estar excluído. Sébastien olhou em redor, parecendo-me que o fazia com cautela, sem avançar imediatamente. Talvez me achasse parecida com um veado caçado que pudesse sobressaltar-se a qualquer momento e fugir.

– Tem bom gosto – murmurou, passando junto a mim com os passos irregulares que passavam a parecer-me inevitavelmente atraentes. Percebia que apreciava as cores mais ricas na paleta do meu quarto. – Vejam só... dorme realmente num leito de rosas – referiu, olhando a cama parcialmente cercada por painéis de madeira belíssimos com uma janela oval. – Sem dúvida,

terá tido sempre bons sonhos neste recanto esplêndido – referiu, suavemente espantado.

Encolhi os ombros, distraída pela sua aproximação terna, e sorri, descontraindo enquanto me conduzia para além da minha apreensão.

– É uma réplica de um quarto do século xviii no estilo Luís XV, imitando a arquitetura da casa de bonecas com que brincava na minha infância – expliquei.

– Como é mimada! – provocou. – Onde está? – Olhou em redor, procurando a casa de bonecas dos meus primeiros anos.

– Hum... Creio que estará no sótão.

– À espera da sua filha – disse ele. – Uma herança especial. – Era um pensamento encantador e refletia o meu amor pela minha família e o meu desejo de assegurar o seu futuro.

– Espero que sim. O meu pai desenhou-a e ajudou a construí-la. Acredito que nunca terá deixado de se preocupar por não ter uma mãe e, por isso, deu-me tudo o que uma mãe poderia trazer à vida de uma filha.

Voltou-se e fixou em mim um olhar frio e inquisitivo.

– Fez um excelente trabalho. Parece-me inegável que fez tudo para a estragar com mimos – disse, indicando com um gesto da mão os meus aposentos. – Mas não se nota minimamente.

Senti-me surpreendida. Tinha sido elogiada com frequência, mas nada que tivesse tanto significado para mim como aquelas palavras. Começara a odiar o rótulo de «rapariga rica» que me seguia como um criado leal e que, como Felix referira, tinha mantido à distância tantos amigos potenciais. Sabia que a gente da cidade me adorava por ser uma Delacroix, mas, a um nível social, a hesitação das pessoas fizera-me sentir como uma ilha, sobretudo por não ter irmãs ou mãe com quem conversar ou rir, juntamente com as outras coisas que sabia entreterem as outras raparigas.

– Agradar-lhe-ia ouvir isso. Como único membro feminino da família, sentia-me frequentemente como filha única. Por vezes, receava estragar-me. Estou certa disso. – Sentia-me envergonhada por admitir aquilo a Sébastien, mas a transparência parecia-me importante naquele momento.

– É impossível estragar uma criança com excesso de afeto. Não custa nada.

– O afeto e o encorajamento formavam um fluxo contínuo partindo dele... em direção a todos os seus filhos... hum... – Hesitei ao perceber que tínhamos referido inadvertidamente os pecados do meu pai e da mãe de Sébastien. Ali estava a sombra sobre as nossas vidas que esperara ter conseguido manter fora daquele quarto.

– Conseguirá perdoá-lo?

Não quis semicerrar os olhos e firmar o maxilar, mas as duas coisas ocorreram mesmo assim e os gestos deram-lhe a resposta que não formulei com palavras.

– Fleurette, sei que o ferimento é recente, mas terá de encontrar força suficiente para não o julgar. – Aproximou-se mais, encostando a bengala para me tocar.

– Porquê?

Inclinou-se para diante e beijou-me delicadamente, motivando-me silenciosamente a abrir a boca até os meus braços o envolverem, fazendo-me sentir a sua avidez pressionada contra mim. Afastámo-nos ligeiramente ofegantes e percebi, mesmo sem qualquer experiência pessoal

acerca da união sexual, que nenhum de nós conseguiria esperar muito tempo por ela. Demorou-se o tempo suficiente para me erguer o queixo, forçando-me a olhá-lo nos olhos. Senti-me incrivelmente consciente da minha respiração acelerada. Sentia como fazia o meu peito subir e descer. Desejava-o. Fiquei zonga com a forma como a necessidade de sentir a sua pele contra a minha me tornava deliciosamente impulsiva.

– O que foi? – Atentei na expressão curiosa que tentava forçar-me a compreender.

– Pense no que isto a faz sentir.

– Estou a pensar nisso mesmo. Nunca antes desejei tanto alguém como neste momento.

– Diga-o.

– Quero que seja o meu primeiro... o meu último. – Era uma sucessão de palavras que nunca antes proferira e esperei não voltar a proferi-las a outra pessoa.

Mas a resposta de Sébastien não foi o que esperara ouvir em troca. Não falou de amor ou de qualquer ânsia romântica. Ou melhor, falou, mas não do nosso amor ou das nossas ânsias românticas.

– Foi isto que sentiram.

Foi como se um balde de água fria tivesse sido despejado sobre mim. Virei-me e quis sentar-me na cama. A alcova acolheu-me no seu vazio seguro e familiar.

– Ofendi-a?

Abanei a cabeça, mentindo.

– Pensava que os homens sussurrassem meiguices ao ouvido da mulher que tentam seduzir.

– Não tento seduzi-la. Na verdade, acredito que o que fazemos aqui é perigoso.

Reagi com um esgar de desprezo, mas não era ele quem desprezava. Sabia que tentava proteger-me da impetuosidade, impedindo-me de tomar uma decisão de que pudesse arrepende-me e que não pudesse inverter, fingindo que não tinha acontecido. Mas precisava de o fazer compreender que não me forçava a fazer nada. Não era ele quem controlava aquilo.

– Sébastien, não pode imaginar o quanto, na minha noite de núpcias, desejei não me ter guardado para alguém especial. Fui ingénua. Queria que o meu marido, o homem que amaria com todo o romantismo de que o meu coração fosse capaz, tivesse o prazer, a responsabilidade, até mesmo o fardo de... – Encolhi os ombros, sabendo que compreenderia.

– Esperemos. Por favor. Não compliquemos uma situação já complexa. Quer realmente marcar a sua vida com o adultério?

Respeitei-o ao ponto de ponderar na resposta, mas abanei a cabeça.

– Ambos sabemos que não poderei ser acusada de tal crime.

Sébastien olhou-me com afeto profundo e senti o coração palpar. Era uma sensação maravilhosa, na verdade. Adorava a sensação de me apaixonar, de estar tão interessada por uma pessoa que tudo o resto empalidecia.

– Ambos o sabemos, sim, mas o resto de Grasse não sabe. Não vim aqui para raptar a noiva do meu irmão.

– É demasiado tarde – retorqui. Seja como for, não me importa o que as pessoas pensem. Quando a verdade se souber, anularei todas as críticas que possam fazer-me.

– A verdade costuma percorrer caminhos sinuosos. A pureza dos seus sentimentos não

significará necessariamente que não possa magoar outros.

– Como Aimery?

Acenou afirmativamente.

– Preocupa-se com ele?

– Não o conheço. Mas isso não altera a minha opinião de que nada disto é culpa sua.

– É verdade. Mas saberá que tem uma amante e percebo que lhe é preciosa. Chegou a visitar-me alguns dias atrás para propor um acordo à luz do qual não interferiria no seu romance clandestino.

Olhou-me, chocado.

– Sim, é chocante quando o digo desta forma, mas a verdade é que se trata de uma mulher de quem é fácil gostar e admiro a sua confiança, a sua sinceridade e a sua oferta para me proteger do meu marido, proporcionando-lhe aquilo de que precisa.

– Aceitou o acordo? – perguntou, parecendo incrédulo.

– A verdade do nascimento de Aimery deu-me uma possibilidade de fuga, mas arrepiava-me, Sébastien. A proposta de Graciela foi muito bem-vinda, asseguro-lhe. Qualquer coisa que possa distraí-lo de mim é algo que agarraria com unhas e dentes. Mas a sua visita deu-me motivos legítimos, legais e espirituais para anular o meu casamento que, de qualquer forma, não passava de um embuste. E não vou falar mais no assunto. Amarei quem quiser e escolherei quem será o meu primeiro amante. Escolhi-o a si. Não posso ser dissuadida. Agora, é a sua vez. Se rejeitar, muito bem. Mas não o faça por se preocupar com a rapariguinha virginal. Quero isto. Preciso disto.

Pestanejou, sentindo-se dividido.

– Desejo-o, Sébastien. Sei que só nos conhecemos ontem, mas nunca me senti assim na vida, gosto desta sensação, não tenho medo e quero tudo isto... Quero-o por completo. – Baixei o olhar para o chão. Odiava ter de implorar. – Por favor. A relação adúltera do meu pai com a sua mãe não poderá ser comparada com isto. – Enquanto dizia as palavras, percebi que não acreditava no que dizia. A verdade era que me comportava exatamente como eles se teriam comportado... sem conseguir resistir aos impulsos, desejando-o e sentindo que ele me desejava a mim, com a perspetiva de um casamento sem amor, como ela, e Sébastien como solteiro sem amor na vida, tal como o meu pai. Éramos como um reflexo no espelho.

Coxeou alguns passos e ajoelhou-se à minha frente com dificuldade para poder ver-lhe os olhos que fixava no tapete. Não queria que percebesse o meu medo da rejeição num momento de tamanha vulnerabilidade. Pousei deliberadamente as palmas das mãos sobre a colcha, negando-lhe qualquer possibilidade de pegar em qualquer uma das minhas mãos. Queria que soubesse que falar do adultério do meu pai continuava a ser-me doloroso. Conseguia contar as horas que tinham passado desde que descobrira. O ferimento ainda estava fresco. Ainda sangrava. Não, não tinha ficado realmente ofendida por Sébastien ter vindo para me salvar do pecado do meu pai, mas também não ficava satisfeita por trazer o segredo do perfumista para o meu quarto naquele nosso momento especial. E, tal como Felix conseguia desviar-me de pensamentos sombrios distraíndo-me, Sébastien sabia por instinto como fazer a mesma coisa.

– Acha que a seduzo?

– Não seduz?

– Não. A sedução sugeriria que apenas desejo possuí-la.

– Não quer? – perguntei, percebendo que o provocava da forma falsamente tímida como vira fazer àquelas raparigas ousadas que desejei tantas vezes conseguir imitar.

– Quero. Desesperadamente – gemeu, fazendo-me sorrir, apesar de me sentir feliz por não conseguir ver o meu sorriso, fixando a sua atenção na bainha da minha saia, por algum motivo. – Mas – continuou – a sedução, como a vejo, é uma questão de luxúria, podendo ser extremamente divertida, admito. No entanto, o que me acontece é perturbador porque abdiquei do meu poder.

– Que significa isso?

– Se quiser seduzir alguém, o controlo é meu. No que a si diz respeito, não consigo manipular a situação porque o controlo é seu. Cedi-o por me ter apaixonado por si. E o que farei agora – disse, erguendo a bainha e expondo-me as pernas, fazendo-me sustar a respiração, alarmada – será fazer amor consigo. – Colocou a mão por baixo da saia, fazendo os dedos subir de forma hipnótica pelas minhas meias acima, até ao ponto em que estavam presas. – Há uma diferença – concluiu, abrindo habilmente o primeiro fecho do cinto de ligas.

Deixei de conseguir manter a cabeça fria ao perceber a velocidade notória com que conseguia libertar-me da roupa interior complicada que as mulheres usavam. E fazia com apenas uma mão algo que eu precisava de fazer com as duas todas as noites. Antes de conseguir erguer a cabeça para me olhar, as minhas meias diurnas sensatas tinham sido puxadas até aos tornozelos. De forma assustadora, a primeira coisa que me ocorreu não foi o que as pessoas pensariam se soubessem da situação delicada em que a rapariga Delacroix recém-casada se colocara, mas sim a rapidez com que conseguiríamos despir-nos para ficarmos nus e sentirmos a fruição plena dos nossos corpos.

Mas Sébastien tinha outra intenção, pois voltou a baixar a cabeça, começando a beijar a pele exposta das minhas pernas. Chocada, pareceu-me que poderia começar a chorar como consequência da escandalosa onda de prazer que palpitava através de mim. Em vez de chorar, gemi mais uma vez enquanto subia com beijos lentos, fazendo-me cair sobre a colcha.

– Não há pressa – sussurrou. A seguir a isso, não ouvi qualquer palavra, mas tive a certeza de que o mundo inteiro conseguiria ouvir o bater do meu coração.

Ali estava. Sentia que tinha alcançado o culminar da minha vida e repousava com os deuses nalguma montanha imaginária, olhando os vales onde viviam as pessoas comuns. Não me sentia nada comum naquele momento. O que vivera passara além dos limites de qualquer normalidade. Mesmo assim, enquanto me deitava ali, sorrindo para mim mesma, ocorreu-me que quase toda a gente que conhecia em Grasse sentira aquele mesmo prazer. Mas permiti-me acreditar que o que tinha acontecido entre Sébastien e eu era raro e encantadoramente precioso.

Pareceu captar os meus pensamentos enquanto me deitava encaixada na dobra do seu braço. A sua respiração melhorara e deixei de recear que o amor que tínhamos feito colocasse em risco a sua recuperação.

– Não voltará a ser assim – sussurrou gentilmente, fazendo dançar uma madeixa do meu

cabelo entre os dedos.

Fui arrancada às minhas fantasias, olhando-o.

– Porquê?

– Não sei bem. Foi a primeira vez. É como a revelação de um segredo que todos conhecem e que partilham finalmente connosco.

Acenei com a cabeça, divertida.

– É exatamente o que sinto. Arrelia-me que aquela anafada Madame Chaval tenha parido oito filhos para provar de que forma se aplicou no segredo.

Riu-se e tossiu em simultâneo.

– E Madame Mouflard também. Não te esqueças.

Fixei nele um olhar de horror fingido, o que ampliou o seu sorriso. Mantive a expressão enquanto me retribuía o olhar.

– Fala-me da tua primeira vez.

– Um cavalheiro nunca revela...

– Oh. Não é justo. Sabes como foi a minha primeira vez.

– É verdade. Tens razão. Muito bem. Chamava-se Gabrielle.

– Bonito nome.

– Tão bonito como ela – concordou.

– Que idade tinhas?

– Catorze anos. – A minha expressão de horror deixou de ser fingida e o seu corpo estremeceu com a gargalhada por baixo de mim. – Comecei cedo!

– Aos catorze anos, ainda usava tranças no cabelo!

– E aposto que eras irresistível.

Empurrei-o, fingindo-me escandalizada.

– Que idade tinha Gabrielle?

– Ah. Creio que tinha vinte e três anos.

Abri a boca de espanto.

– Uma diferença de nove anos! Não tinha vergonha?

– Nenhuma e fiquei feliz com isso. Ensinou-me muita coisa acerca das formas de dar prazer a uma mulher. Devo-lhe isso.

– Era...

Cobriu-me os lábios com um dedo.

– Gabrielle foi uma das pessoas mais bondosas e generosas que alguma vez conheci. Era bela, mas era também pobre e ganhava a vida da única forma que podia. Enriqueceu a minha vida, partilhando conhecimentos, fazendo-me rir... e, acima de tudo, deu-me afeto no momento em que mais precisava dele. Éramos tanto amigos como... parceiros numa transação.

Sorri.

– Ainda a vês?

Abanou a cabeça.

– Cheguei a um ponto em que deixei de querer partilhá-la. Costumava rir-se de mim por ser possessivo.

– Que aconteceu? – Apoiei-me no cotovelo para o olhar nos olhos. Senti-me intrigada.

Sébastien encolheu os ombros.

– Cresci e percebi que também me ensinou a fazer amor com uma mulher sem estar apaixonado.

– É possível?

– Sim. Esses momentos são de pura luxúria. Desde que os dois percebam que estão apenas a desfrutar um do outro, ninguém precisará de ficar magoado.

– Compreendo. Acreditas que terás magoado alguém pelo caminho?

– Não disse isso, mas sempre fui sincero.

– Já tinhas estado apaixonado antes?

– Uma vez. – Ficou mais sério. – Na altura, pareceu-me real.

– Conta-me.

– Tinha catorze anos. Ela chamava-se Gabrielle.

Sorri, mas o sorriso não foi retribuído e percebi que tinha finalmente encontrado uma forma de chegar ao âmago de Sébastien. Apesar de todos os gracejos, dos seus modos cavalheirescos, do seu conhecimento carnal, da sua inteligência, do seu romantismo... era ali que residia a sua alma.

– Então foi o teu primeiro e único amor – sussurrei, recordando como a conversa tinha começado.

Acenou afirmativamente.

– Nada que se aproximasse desde então?

– Até agora.

Senti um alívio súbito por ouvir aquilo.

– Mas é diferente.

– Como?

– Estou mais velho. Sou mais sensato. Passando para um assunto mais pertinente, sentir-te é sublime. Nova, imaculada... e minha.

– E tu és meu?

– Completamente. Até ao último centímetro! – Aquele comentário fê-lo arquear as sobrancelhas e tive de cobrir a boca com a colcha para impedir que o meu riso ecoasse demasiado pela casa vazia. Recordei a mim mesma que as paredes continuavam a ter ouvidos. – Magoei-te? – perguntou, subitamente terno enquanto eu recuperava a compostura.

– Sim.

Abriu a boca, alarmado.

– Não mais do que o previsível e não o suficiente para me impedir de querer repetir uma e outra vez... e mais outra. – Deitei-me sobre ele de forma descarada, adorando aquela nova e descomprometida liberdade de sentir um homem nu por baixo de mim. Tossiu e deitei-me novamente de costas, alarmada, mas a minha preocupação foi ignorada.

– És minha, não és? – perguntou, parecendo inesperadamente hesitante.

– Sou tua do alto da cabeça até aos dedos dos pés, Sébastien De Lasset. – Nesse momento, uma fração dolorosa da realidade aproximou-se mais. – Claro que esse será um segredo nosso.

- Só por enquanto. Logo que possamos, explicaremos tudo a Aimery.
- Não quero imaginar a cena horrível que Aimery fará quando souber do meu adultério.
- Não poderemos escondê-lo ou seremos como as pessoas que sentes tantas dificuldades em perdoar.

A afirmação perturbou-me de forma superficial num ponto profundo onde não me preocupava suficientemente para tentar explorá-lo. Sabia que não queria destruir Aimery e, no entanto, as palavras de Aimery sugeriam que seria precisamente essa a consequência mais provável. Sébastien não conhecia o seu irmão tão bem como eu. A reputação era tudo para Aimery... Tudo!

- Não acreditas em mim, pois não? – questionou, virando-se para conseguir debruçar-se sobre mim.

Franzi a testa. Não queria comportar-me como o meu pai e Marguerite.

- Não é isso. Não deveremos voltar a fazê-lo.

- Porquê?

– Porque é errado. – Quis argumentar, mas continuei a falar, impedindo-o. – É, Sébastien... talvez não aos olhos da lei ou da igreja porque ambos sabemos a verdade, mas todos me consideram casada com Aimery e ele próprio acredita nisso. Não. Para salvaguardar reputações, deveremos manter-nos apenas cordiais, como se esperará de cunhado e cunhada.

- Duvido que consiga evitar colocar-te as mãos em cima.

– Por agora, só tens uma que funciona bem. Por isso, mantém-na no bolso ou sobre a bengala até termos um plano que permita deixar intactas as reputações das duas famílias. – Pareceu prestes a dizer alguma coisa, mas afastei-me, movendo as pernas para fora da cama. – Insisto. Até resolvermos este sarilho, não deveremos voltar a fazer amor. – Contornei a cama, sabendo que me olhava. A nova rapariga ousada em que me tornara nas horas anteriores apreciava ver a fome nos seus olhos. – Antes de nos vestirmos, explica-me melhor o que essa tua boca eloquente sabe fazer além de me encantar com palavras.

Sorriu e deslizou para me deixar sentar, permitindo-me admirá-lo.

- És belo, Sébastien.

Pareceu incrédulo.

– A sério. Adoro olhar-te. É como se o teu corpo tivesse sido esculpido. Miguel Ângelo ficaria doido contigo – provoqueei, fazendo deslizar a ponta de um dedo sobre os músculos do peito, seguindo a linha de pelos finos que me conduziu sobre o seu ventre até à zona pélvica. Com ousadia, deixei o dedo descer mais ainda e conseguia sentir o seu tremor de prazer sob o meu toque. Aprendi algo nesse momento. Aprendi que, por mais forte que um homem possa ser fisicamente, as mulheres possuem um poder descomunal apenas pela sua presença. Recordei o que tinha dito anteriormente acerca da rendição e do poder que detinha. Olhei-o, vendo-o enfraquecer sob o meu olhar, com a sua excitação tornando-se mais intensa com cada batimento do coração... divertindo-me com a forma como era subitamente arrancada à exaustão e exigindo-me atenção renovada. E tudo o que tinha feito fora permitir-lhe que me visse caminhando nua, tocar-lhe ligeiramente com a ponta de um dedo e passar a língua pelos lábios como fazia naquele momento. Tamanho poder!

– Que tipo de monstro criei? – perguntou alegremente enquanto me puxava para ele.

Tínhamos regressado ao laboratório, um pouco corados mas novamente vestidos. O meu cabelo estava cuidadosamente preso e o dele tinha sido meticulosamente penteado. Ninguém percebeu a forma como nos tínhamos descoberto mutuamente ou o elo de intensidade furiosa que se tinha formado invisivelmente entre nós. Passávamos a estar inevitavelmente presos através do amor e do desejo. Estávamos cobertos com o cheiro um do outro enquanto retomávamos a inventariação, preparando-nos para a criação de um perfume mais convencional.

– Como será? – perguntou Sébastien.

Partilhei com ele as minhas ideias para uma fragrância capaz de promover o conceito da coragem de uma nação e da sua determinação em não ser invadida por outra potência desejosa de dominar a Europa.

Não parecia convencido.

– Que se passa?

– É tudo bastante patriótico e beligerante.

– Que esperavas?

– Ninguém quer pensar na guerra. Seria como se criasses alguma coisa que despertasse visões de metal torcido e corpos carbonizados.

Sentia os meus lábios estreitando-se com irritação pelo seu desdém.

– Pensava em algo deliciosamente feminino.

– Compreendo. Pensavas em Gabrielle, talvez? – Pestanejou e não disse nada, mas não precisou de o fazer. Sentia-me agoniada ao perceber que estava preparada para magoar a pessoa a quem sussurrara recentemente palavras de amor. – Sébastien, perdoa-me. Não voltarei a falar nela.

– Partilhei isso contigo porque...

– Eu sei, eu sei... – Olhei sobre o ombro, verificando que estávamos sozinhos, sentindo que passávamos a estar mais vulneráveis ali no laboratório. – E respeitarei essa memória de agora em diante, mesmo que seja uma mulher estúpida e desesperadamente ciumenta.

Olhou-me durante o que me pareceu um longo segundo.

– Tens ciúmes de Gabrielle? Que tem hoje trinta e cinco anos e mamilos que provavelmente roçarão o chão?

Não consegui evitar o riso, feliz por perceber que a tensão tinha passado.

– Sim! Amaste-a. Amaste-a antes de mim. Enquanto eu nunca amei um homem como te amo a ti.

– És realmente filha da tua mãe – acusou, fazendo-me corar ao ouvir a verdade. Era também filha do meu pai na forma como me entregara completamente a ele no meu quarto. Que dissera eu sobre nunca me comportar como os nossos pais se tinham comportado? Pareceu-me que compreendeu para onde se dirigiam os meus pensamentos. Ergueu um ombro. – Não posso apagar o facto de ter feito amor com outras mulheres antes de te conhecer, mas posso assegurar que nunca te darei motivos para queres amar outro homem. E prometo não amar outra mulher.

– Quero que me perdoes.

Sorriu.

– A minha mãe ensinou-me que amar é perdoar. – Acariciou-me o cabelo. – Não te preocupes mais com isso.

Libertei o fôlego que sustinha, silenciosamente.

– Como descreverias algo «deliciosamente feminino»?

– É fácil. Imaginar-te-ia a ti selvagem e desinibida, com o cabelo caindo sobre os ombros, fazendo-me cócegas na pele. Quero que me faça recordar a tua boca macia abrindo-se para a minha, os nossos corpos ondulando em êxtase. – Corei ao ouvir aquilo, mas estava viciada em ouvi-lo falar de mim daquela forma. – Quero que me faça pensar no teu sabor, cheirando as rosas no teu quarto, recordando o inverno gélido que me conduziu à tua porta, com esse frio sendo repellido pelo teu calor, pela doçura de um soalheiro dia de colheitas em Grasse... uma experiência que nunca tive. – Beijou-me. – Quero que o perfume sejas tu num frasco.

– Eu num frasco – repeti, fascinada.

Acenou afirmativamente.

– *Allumeuse*.

– Achas que sou uma provocadora?

– Acho que desconheces por completo a atração que exerces. É uma qualidade enternecedora.

– Que tal *Scandalous*? – perguntei, aligeirando a disposição.

Sébastien recusou morder o isco.

– E que tal algo que combine a tua disposição neste momento com as esperanças que tens para a França?

Acenei afirmativamente.

– Sim. Perfeito. Mas qual é a qualidade esquiva que resume tudo?

– *Libertine* – disse ele, fechando os olhos e voltando a abri-los de repente. – Sim. *Libertine*!

Agradou-me, mas voltava a abanar a cabeça.

– Funciona – disse-lhe.

– Não é tão bom como o meu nome preferido.

– Qual é?

– Um nome que evoca flores, a sensualidade de uma mulher, Grasse, o amor e o sol.

– Diz-mo.

– Há apenas uma palavra que resume tudo isso. *Fleurette*.

Olhei-o fixamente.

– Cria o teu perfume. Que se chame *Fleurette* para que ninguém ignore a perfumista que o criou. Será o primeiro de muitos, mas será o padrão pelo qual toda a França e também a Europa conhecerão a nova e emocionante perfumista da De Lasset.

Engoli em seco.

– Que queres dizer com isso? Como poderei criar perfumes para a marca de Aimery se...?

– Querida *Fleurette*. Não esqueças o meu apelido. Não esqueças o meu direito de nascimento. Não esqueças que a França, ao contrário da Grã-Bretanha, tem uma lei sucessória segundo a qual nenhum filho poderá ser ignorado pelo testamento. Aimery sabe-o. É por isso que me deseja fora da sua vida, fora do negócio. Agradou-lhe manter-me à distância, contentando-se em pagar-me o estipulado pelo meu pai enquanto permaneceu vivo. Mas a nossa mãe morreu e deixei de me preocupar com as aparências ou com o que é ou não delicado. Reclamarei a minha herança.

– Metade da empresa? – murmurei, incrédula. Conhecia muito bem a lei sucessória francesa.

Acenou com a cabeça.

– Quero o que me é devido. Nada mais. Aimery deixa de poder decidir sozinho quem é o *Nariz* no nosso império familiar. Se quiser trazer uma perfumista para a nossa empresa, farei precisamente isso.

Mal conseguia acreditar no que ouvia.

– Farias isso por mim?

– Insistiria. Parece-me bastante estúpido, se possuis o dom e a criatividade, não te aproveitarmos por inteiro.

– Sou uma mulher!

– Julgas que não reparei já? – perguntou, fingindo espanto para me fazer sorrir e quase tremendo de deleite perante o que se desenrolava. – Homem, mulher, que importa? Não é apenas o talento que conta?

– Acredito que sim, mas ninguém em Grasse concordaria contigo.

– Fui concebido aqui, mas não devo nada a Grasse. Muito menos o meu apoio nesta atitude de vistas curtas. Os tempos mudam, *Fleurette*. As mulheres ricas podem controlar os seus bens à luz da lei e, sendo verdade que a Grã-Bretanha é pioneira europeia nesta forma de ver as coisas, os outros países seguir-se-ão.

– Não posso – exclamei.

– Começa por pensar no que esta guerra significará para as causas femininas, para a exigência de maior independência das mulheres. Se a guerra continuar, as mulheres gerirão os nossos países de forma eficiente.

Olhei-o com incredulidade.

– Talvez não de forma declarada, mas manterão os nossos países de pé, desempenhando todos os trabalhos que pertenciam anteriormente aos homens. – Abriu os braços num gesto expansivo.

– Acontece aqui mesmo, em Grasse. Tu própria me falaste da colheita e disseste-me ainda que as mulheres da região são espantosas.

Acenei afirmativamente. Era verdade.

– Sabem fazer a colheita. Conseguem mesmo trabalhar a madeira e fazer os seus próprios quadros de *enfleurage*. Sabem destilar, podem trabalhar como químicas e podem ser perfumistas. – Abanou-me o ombro. – Acredita.

Conseguia incendiar-me o espírito, isso era certo, porque era mais a confiança dele do que a minha a mover-me.

– Então criemos este perfume. – Peguei em papel e lápis. Indiquei uma cadeira do outro lado de uma secretária e instalámo-nos os dois. – Começa assim. Bom, na verdade, começa aqui – disse, tocando a têmpora. – Na minha imaginação. Mas és tu quem tem a visão, por isso, diz-me que qualidades procuras e eu encontrarei as notas necessárias.

O seu sorriso aqueceu-me de forma tão eficiente como caminhar por um campo de jasmim a meio de julho. Quis dizer-lhe isso, mas via já que murmurava e encostei a ponta do lápis à língua, antes de escrever títulos no alto de três colunas. Era assim que Felix e eu trabalhávamos.

– Como faremos isto? – perguntou Sébastien. – Ensina-me.

Suspirei e franzi a testa, pensando na melhor forma de descrever aquele processo a alguém que não conhecesse o conceito. Senti que Sébastien seria uma pessoa visual, boa com imagens, e decidi que perceberia melhor se conseguisse pintar-lhe na mente um retrato da arquitetura inicial de um perfume.

– Fecha os olhos.

Fê-lo.

– Imagina um bando de aves. De todas as formas e tamanhos. Estão convenientemente pousadas num jardim imaginário. Consegues vê-las?

Acenou com a cabeça, obediente.

– Sim. Flamingos elegantes como bailarinas, papagaios ruidosos, pavões orgulhosos, mochos sábios fixando olhares de reprovação na hoste de pardais chilreantes, melros demasiado ocupados para hesitar, pegas atentas aos seus companheiros emplumados. Sei que queres que pare de falar agora – concluiu.

Sorri enquanto mantinha os olhos fechados, adorando a imagética que descreveu. Adorando-o a ele.

– Muito bem. Excelente.

Abriu um olho.

– Alguma vez viste um flamingo?

Abanei a cabeça.

– Em livros.

– Vi tantos ao mesmo tempo que cobriam um lago inteiro em África, tingindo o horizonte de um rosa glorioso.

Suspirei.

– Invejo as tuas viagens.

– Viajaremos juntos um dia. Levar-te-ei a África e descobriremos novas plantas, novas fragrâncias exóticas com que te poderás entreter. Depois disso, iremos à Índia... e à Austrália?

– Promete-me.

Sébastien colocou uma mão sobre o coração.

– Prometo-te.

– Isso significa que, se fores enviado de volta para a frente, Sébastien, não poderás morrer, quebrando essa promessa. – Era a primeira vez que referia a guerra e a sua partida inevitável.

– Não a quebrarei – assegurou. Fechou os dois olhos e, mais uma vez, crescentes sedosos de pestanas sedosas uniram-se sobre as maçãs do rosto. – Tenho este jardim cheio de pássaros produzindo um chinfrim terrível e defecando sobre as minhas plantas cuidadosamente cultivadas – insistiu.

Ri-me.

– É verdade. Portanto, imagina agora que te aproximas a correr e bates dois címbalos.

Abriu outra vez um olho, fingindo-se desconfiado.

– E porque correria para o jardim a bater címbalos?

Forcei-me a manter a seriedade depois de ouvir aquela pergunta. Em vez disso, olhei-o com severidade.

– Imagina. Faz o que te digo.

– Muito bem. Queria ser rigoroso. Corro para o jardim com o maior par de címbalos que consigo segurar e bato-os um no outro produzindo um som que me faz sangrar os ouvidos.

Congratulou-me que não conseguisse ver a minha cara enquanto me contorcia com deleite pela forma como me recordava Felix.

– Diz-me, Sébastien. O que acontecerá mal batas os címbalos?

– Bom, posso assegurar-te que a primeira coisa a acontecer será que os meus vizinhos intolerantes abrirão a janela e...

– Sébastien!

– Perdão. – Pigarreou.

– O perfume é um assunto sério – adverti, sem estar realmente irritada.

Os seus olhos permaneceram fechados, mas sorriu.

– Ficarei sisudo como um funeral daqui em diante. Vejamos. Parece-me que queres que imagine a forma como os pardais, os estorninhos, as garças iridescentes, os piscos de peito ruivo e os seus minúsculos companheiros se assustarão e levantarão voo.

Expirei em silêncio, agradada.

– É exatamente isso que acontecerá. Todas aquelas aves garridas e ruidosas levantarão voo e desaparecerão. Parecerão magníficas e transformar-se-ão numa nuvem de beleza estonteante no seu voo conjunto.

– Presumo que queiras que volte a bater os címbalos?

– Quero. Que acontece a seguir aos pássaros no teu jardim?

– Suponho que as pegas, os corvos, as corujas e as restantes aves suportarão o ruído durante algum tempo, mas acabarão por se cansar da percussão metálica.

– Sim, aguentarão mais tempo, mas não ficarão. Também levantarão voo. Sendo mais pesadas, demorarão mais a partir.

– Compreendo.

– Compreendes?

– Creio que sim. Ficarão para trás as aves menos ágeis, que não voam necessariamente a não ser que haja um motivo. Não são muito móveis. Precisam de ganhar balanço para conseguirem erguer-se do solo.

Acenava afirmativamente e abriu os olhos, vendo-me fazê-lo.

– Estas aves são uma metáfora de quê? – perguntei, quase sustendo a respiração.

– Moléculas – respondeu, corretamente, fazendo-me aplaudir.

– E as nossas aves mais pesadas, as moléculas, são as notas elementares do perfume.

– Muito bem, Fleurette. As notas elementares são o cheiro ou cheiros que ficam para trás depois de as outras moléculas levantarem voo.

Ergui-me, agitei os braços em triunfo e fi-lo rir com a pirueta com que reagi.

– Exatamente! São fortes, ampliam e suportam os outros odores, por assim dizer, sobre os ombros. E, quando restam apenas estas moléculas mais pesadas, o que fica delas deverá ser também belo e é por isso que a mistura terá de ser perfeita. Poderão não ser encantadoras logo no primeiro momento ou quando isoladas, podendo tornar-se impercetíveis entre as moléculas mais leves, mas, juntas, mostrar-te-ão a beleza da sua presença demorada, transformando-se em odores mais profundos e ricos. Precisamos de conseguir uma harmonia perfeita das notas elementares do nosso perfume porque serão essencialmente o que potencia as outras fragrâncias, mas também os cheiros que perduram na pele ou nas roupas. As notas de coração são as moléculas intermédias... vitalmente importantes, o primeiro avanço do perfume, aliás, e persistem durante algum tempo, misturando-se maravilhosamente com as notas elementares. São suaves, frequentemente bastante delicadas.

– Rosa?

– Sim, sem dúvida! E também jasmim. Noz-moscada. Alfazema. Não me faças enumerá-las. Ficaríamos aqui durante horas!

Sorriu.

– E os pássaros pequenos?

– As notas superiores. A sua presença é tão breve que apenas a sentimos por um momento. São garridas, nervosas, irrequietas, brilhantes – Via o seu olhar amansar com o prazer de me ouvir falar de forma tão apaixonada sobre o assunto que mais me apaixonava. – O odor citrino é um belo exemplo... fresco, frutado, intenso. – Peguei-lhe na mão. – Vem comigo.

Levei o meu amante até uma porta que nos permitiu passar a uma câmara menos iluminada, com janelas e teto altos. Mesmo assim, o espaço parecia apertado. Vi o olhar de Sébastien vaguear com espanto crescente.

– Este é o meu sítio preferido em Grasse. – Inspirei, saboreando uma vida inteira de cheiros familiares e belos oriundos da incrível riqueza natural.

– Mais do que a tua alcova Luís XV? – questionou, secamente.

– Antes deste dia, teria respondido afirmativamente, mas passei a ter motivos para amar mais a alcova.

Beijou-me o pescoço e senti o efeito como uma faísca alcançando pontos do meu corpo que recordavam aquela manhã.

– Não me distraias – adverti, apontando uma cadeira e uma mesa diante de prateleiras curvas que continham dúzias de frascos com líquidos de tonalidades variadas, do âmbar à quase transparência. – Este é o órgão de perfumes da Delacroix.

– Avaliando pelo teu tom reverencial, será um local sagrado.

Acenei afirmativamente com total seriedade.

– Foi aqui que o meu pai passou anos da sua vida. – Toquei o couro estalado da cadeira e senti imediatamente o cheiro do seu unguento. – Lembro-me de ser mais baixa que esta cadeira, entrando aqui às escondidas supostamente para o ver, mas tendo como principal motivo a vontade de ver estes minúsculos fracos.

– E Felix passou a ocupar o seu lugar.

Sorri.

– Sim. – Não queria parecer tão melancólica como pareci.

– Gostavas que a cadeira fosse tua?

– Não se isso implicasse substituí-lo. Mas a seu lado? Oh, sim. Adoraria. E, com franqueza, foi assim que as coisas sempre aconteceram, Sébastien. Felix e eu compusemos música belíssima com este órgão e as suas notas.

– Com orquestração do vosso pai, suponho.

– Sim. Agora, é a vez de Felix de ser o maestro e seguirei de bom grado as instruções da sua batuta.

– E, presumivelmente, a casa De Lasset também possui um órgão?

– Claro – respondi. – Mesmo que nunca o tenha visto.

– O quê?

– Não fui convidada a entrar na sala e não serei. O químico principal e o seu assistente, que não foram chamados para a guerra, quase me escoraçaram da primeira vez que entrei no laboratório. Agora, mostram-se apenas nervosos quando os visito e deixei de o fazer. Passaram a ser eles que me visitam para tomar café, apresentando-me um relatório de atividades. É tudo muito formal e apresentam-me um relatório dos progressos alcançados. Não há grandes temas de conversa neste momento, como imaginarás, mas dá-me assunto para as cartas enviadas a Aimery.

– Além de permitir que te mantenhas ligada ao fabrico do perfume?

– Já me conheces demasiado bem. – Afastei o olhar.

– Odeio a tristeza que te ouço na voz. E aqui?

Encolhi os ombros.

– Felix partiu e todos os funcionários do laboratório estão nas trincheiras.

– Nesse caso, faremos aqui o teu perfume. É este o lugar a que pertences. Além disso, podemos trabalhar em segredo o que significa que poderei beijar-te com frequência.

Afastei-o, rindo-me. Conseguira resgatar o meu sorriso.

– Exato – disse, ocupando a cadeira do meu pai e adorando a forma como conseguia encaixar confortavelmente no cabedal polido pela fricção. Endireitei-me, inspirei fundo e olhei as fileiras de frascos.

– Aposto que conheces cada óleo em cada frasco.

– Até ao último – confirmei, indicando uma secção com um gesto da mão. – Notas elementares. Encontrarás aqui os cheiros florestais, cedro, sândalo... – disse, estendendo a mão para um dos frascos. – Aqui – disse, alcançando um frasco, – tens o pachuli, mirra doce e amarga, âmbar, claro, e almíscares. – Aponte outra sequência de frascos. – Notas de coração. E, aqui, tudo. Da toranja à bergamota, salva-branca, bagas... as notas mais altas do nosso órgão.

– Sinto-me francamente espantado pela quantidade!

– E descobrimos constantemente novos aromas. Aqueles sítios exóticos a que prometeste levar-me... De certeza que mal começámos a descobrir as fragrâncias que poderão oferecer-nos. Agrupamo-las, tal como referi: aromas de madeira, frutados, marinhos, almiscarados... existem mais, mas Felix está cada vez mais convencido de que, um dia, conseguiremos replicar os aromas no laboratório.

– Podes acreditar nele – assegurou Sébastien.

– Não desejo fazer parte desse progresso. Se não for natural, perderá a razão de ser.

– Discordo. Diz-me, por exemplo, quanto custa o âmbar-gris.

Encolhi os ombros.

– É muito caro. São precisas décadas para que a natureza o fabrique... para que o mar o recolha e para que possamos importá-lo

– Imagina que poderias imitá-lo aqui mesmo. – Indicou as paredes à nossa volta.

Virei-me na cadeira giratória e confrontei-o.

– Sei que acontece, mas porque deveria querer fazer tal coisa?

– Pelo custo?

– O perfume é caro – disse, acreditando que anulava assim aquele argumento. Não percebia onde queria chegar com aquela conversa.

– Fleurette, neste momento, só os ricos podem comprá-lo. Pessoas como tu.

– E então?

– Imagina uma Europa em que a maioria das mulheres poderá ter o seu perfume preferido para usar em ocasiões especiais. Imagina-o com Jeanne, quando se veste com esmero para o seu amor.

Fitei-o, momentaneamente intrigada.

– Falas de fabricar perfume para as massas?

Havia um brilho novo nos seus olhos apesar da pouca luz na sala do órgão.

– É precisamente disso que falo. E poder construir fragrâncias usando apenas notas fabricadas pelo homem poderá permiti-lo. Não falo de um perfume fabricado inteiramente com químicos, mas conseguirei imaginar um que se distinga por ter sido fabricado com uma fragrância criada pelo homem.

Abanei a cabeça.

– Não consigo imaginá-lo.

– Porque ainda não o cheiraste. Ainda não integra o teu fabuloso repertório de três mil cheiros distintos. Mas acredito que conseguirei criar tudo o que me descrevas.

Olhei-o fixamente, sem compreender.

– Como podes criar uma coisa a partir de algo que não está presente?

– Está presente. Serão rosas, por exemplo, mas sintetizadas em laboratório. Grasse produz uma quantidade limitada de rosas, mas imagina que desejarias produzir em massa uma fragrância e vendê-la por toda a Europa, na Grã-Bretanha, na América, no mundo inteiro.

A noção fez-me pestanejar.

– Sim, poderias importar pétalas de rosa, mas imagina o que isso envolverá: a necessidade de as preparar, de as proteger dos estragos. Também poderás abrir uma fábrica algures e destilá-las fora do país. Peço-te que alargues mais ainda os teus horizontes.

– Não consigo imaginar algo mais alargado que isso. Uma unidade de destilação no estrangeiro parece-me já demasiado rebuscada.

Sorriu.

– Um dia, e esse dia não estará distante, haverá perfumes fabricados inteiramente com compostos sintéticos.

– Chorarei quando esse dia chegar!

– Poderás sentir-te agradavelmente surpreendida. Por agora, trabalhemos no *Parfum Fleurette*. Estás pronta? – Ergueu-se atrás de mim.

Virei-me novamente para o órgão.

– Estou pronta.

A voz de Sébastien pairou-me sobre a cabeça e fechei os olhos para afastar tudo menos a voz e a descrição que fazia, conseguindo isolar os cheiros na minha memória e isolar cada elemento.

– A base do *Fleurette* deverá transmitir graça... e encanto.

– Espera. De que cor é ela?

– Oh. É de um vermelho flamejante no fundo. Uma mulher escarlate em privado.

Ri-me.

– Âmbar – disse, estendendo a mão para o primeiro frasco. – Que mais?

– Vejamos... É sensível, conservadora e pragmática. E, no entanto, há uma ligeireza quase juvenil no seu riso, no seu humor, na forma como faz amor. – Apliquei-lhe uma cotovelada pelo último comentário. Riu-se, continuando. – Mas tem indícios de melancolia, provavelmente por ter consciência política.

– Hmm... – Distanciei-me do facto de me descrever a mim e foquei-me apenas na descrição, como se fosse abstrata. – Acho que isso pede um pouco de vetiver – disse, alcançando o frasco do óleo oriental. – É um aroma garrido, de natureza fresca. Tem a sua origem em leitos de rio, sabias?

– Não, mas parece-me adequado. Da Ásia?

Acenei afirmativamente.

– Da Índia e do Ceilão. A seguir?

– Quantas notas elementares.

– Que comprimento tem um pedaço de cordel? – repliquei, de forma nada útil. – Quatro ou cinco – acrescentei, elevando um ombro.

– Muito bem. Vejamos. É quente. É sensual sem o perceber e...

– Almíscar – interrompi. – Encaixa no perfil – disse, sem precisar de conferir as minhas

memórias olfativas. A experiência dizia-me que o almíscar seria necessário. – Permitirá um equilíbrio perfeito com o âmbar e o vetiver.

Curvou-se perante o meu conhecimento e continuou, seguindo o raciocínio.

– Doce, mas não enjoativa... que quero eu dizer? – perguntou, começando a caminhar para trás e para diante. – Vejo-a rindo enquanto leva à boca um charuto masculino apenas pelo gosto de causar escândalo e para mostrar o seu desprezo pela sociedade. Mesmo assim, sabe como deve comportar-se e como não desiludir aqueles que contam com ela. E é bondosa, sim. Há nela uma doçura generosa que não pode ser ignorada.

Expirei audivelmente tentando condensar aquelas qualidades num único aroma.

– Talvez baunilha? – Estendi a mão para o frasco e mudei de alvo, recordando a imagem do charuto. De repente, sentia o cheiro do tabaco do Dr. Bertrand. – Não. Tem de ser fava-de-tonca.

– Funciona bem com as outras notas?

– Sim, maravilhosamente. Partilha alguns traços do âmbar e funcionará bem com o elemento floral que terá de fazer parte deste perfume. Poderíamos acrescentar musgo e uma nota ácida para complementar a qualidade cítrica da bergamota que acho que deveria integrar as notas mais altas. – Olhei-o e sorri ao ver a sua expressão confusa. – Terás de confiar em mim. E algo que lembre madeira, talvez, ou terra para conferir força e uma qualidade verde apesar do aroma suave e leitoso – sugeri, completamente empenhada no meu papel. Conseguia cheirar aqueles acréscimos formando uma deliciosa harmonia com os que já tinham sido escolhidos. Acenei afirmativamente. – É uma bela seleção. É muito diferente de alguma coisa que qualquer uma das nossas famílias tenha produzido anteriormente.

– Ótimo – considerou ele. – Passemos às notas de coração?

– Violeta – disse sem hesitar, pensando na tinta, o primeiro elemento relacionado com Sébastien a deixar-me apaixonada. – Talvez gerânio para acompanhar as notas florais porque, podendo ser semelhante, acrescenta uma verdura de ervas com uma sugestão quase mentolada. Não consigo explicar melhor... Terei de pensar mais no assunto – afirmei, franzindo a testa.

Riu-se.

– Todas essas fragrâncias, então. Deveríamos acrescentar mais alguma?

– Penso que sim. Diz-me outra vez o que te vai na cabeça. Este perfume é tão teu como meu.

Beijou-me no alto da cabeça.

– Que cheiro é este no teu cabelo? Tenho querido perguntar. É encantador.

– Óleo de macáçar. Uso-o para amaciar o cabelo e para o manter brilhante. Foi oferecido pelo meu pai depois de viajar pelo Oriente. Disseram-lhe que os seus usos no Levante eram célebres.

– É isso, claro. Já o cheirei antes. Despertava-me memórias da infância, mas não conseguia identificá-las.

– Percebes a importância dos cheiros? Contêm memórias... viajam connosco ao longo das nossas vidas. Podemos usar um pouco de ilangue-ilangue, se desejares. É o principal ingrediente do óleo que uso no cabelo.

– Perfeito – disse ele. – Assim, além de ter sido inspirado por ti, o perfume terá também o teu

cheiro.

Divertia-me, mas um olhar ao relógio fez-me perceber que negligenciava as minhas obrigações.

– Olha as horas, Sébastien. O dia já quase passou por completo.

– Arrependes-te? – perguntou, parecendo magoado.

Ergui-me.

– Nem pensar. Mas tenho deveres e responsabilidades para com terceiros. O nosso padre gosta de discutir comigo o seu sermão. Tomamos café às quintas-feiras ao fim da tarde. – Começara a arrumar frascos e a recolher as minhas notas.

– E o perfume? Está incompleto.

– Esperará por nós. E não me digas que tenho de apontar por escrito porque está já na fase inicial de construção na minha memória. – Debrucei-me e beijei-o, saboreando-lhe os lábios. Quando me afastei, tive de o tranquilizar. – Amo-te. E amo o que fazemos aqui, juntos. Mas terás de me ajudar, sendo paciente. Espera-nos uma longa viagem antes de podermos libertar-nos do segredo das nossas famílias e do peso do pecado que os nossos pais forçaram os filhos a cometer.

Acenou afirmativamente e ambos soubemos enquanto deixávamos a sala do órgão de perfumes que precisávamos de regressar ao nosso relacionamento platónico, pensando nos elementos exteriores à nossa relação. Junto à porta do laboratório, soltei-lhe a mão e saí, ficando sob uma neve que caía levemente.

Guinchei de júbilo.

– Olha, Sébastien. Chegaram as neves!

A neve nunca perdera para mim a sua qualidade de conto de fadas, sobretudo quando era ligeira e inofensiva como aquela. Não resistiria tempo suficiente para causar algum problema, mas era bela de contemplar e inclinei a cabeça e abri a boca como fizera na infância para apanhar alguns flocos gelados. Sébastien não parecia partilhar a minha alegria.

– Que se passa?

– De repente, parece-me tudo mal – disse ele, permitindo que o pesar nos rodeasse. – Odeio ter de fingir, mesmo que compreenda a tua preocupação. E comecei a pensar nas trincheiras. Se neva no Sul, imagina como será no Norte.

A minha alegria esmoreceu, mas recusei ceder à tristeza por saber que não ajudaria ninguém.

– Tentemos não ficar tristes – disse, esboçando-lhe um sorriso compreensivo enquanto avançávamos pelo fim de tarde. – Ergui o capuz do meu casaco. Não havia ninguém por perto para me ouvir. – Quero que saibas que, em toda a minha vida e apesar dos desafios que a Europa enfrenta, e que nós próprios enfrentamos, nunca me senti mais feliz. E és tu o único responsável. Até hoje, acreditava que a minha vida seria miserável, certamente desprovida de qualquer concretização pessoal e sem conhecer o amor. Não consigo prever o futuro, Sébastien, mas é por ti que anseio pelo amanhã... e pelo dia seguinte.

Suspirou e percebi que a vida fora da alcova no meu quarto ou da segurança da sala do órgão de perfumes seria dolorosa para ele.

E a vida, aparentemente, não considerava apropriado que, enquanto o resto da Europa

passava por dificuldades, eu pudesse esquecer por um único dia que estávamos em guerra. Enquanto subia a colina, com Sébastien coxeando a meu lado a distância cordial sem me impedir de sentir o fervilhar da nossa paixão dançando invisivelmente entre nós, a vida encontraria formas de me recordar que a minha alegria daquele dia não seria tolerada.

Deixámos entrar o ar frio connosco quando chegámos, tremendo e sacudindo os cristais de gelo teimosos que se prendiam a nós com determinação cintilante.

– Olá, Jeanne – exclamei quando a vi apressar-se a chegar junto de mim para me ajudar a despir o sobretudo. – Brr... Adoro a neve, mas estou a precisar uma chávena de qualquer coisa quente.

– *Bonjour, madame. Bonjour, monsieur* – disse animadamente, oferecendo-se para aceitar também o casaco de Sébastien. – Devo levar o café para o salão?

– Traz antes chá, por favor – disse, calculando que Sébastien poderia preferir a sua bebida nacional. – Fui à casa Delacroix – acrescentei apressadamente, aproximando-me tanto da verdade quanto seria possível. Felix sempre me disse que, sempre que mentisse, deveria manter a mentira tão honesta quanto fosse possível. O paradoxo intencional motivara a minha troça, mas percebia naquele momento o que queria dizer. – As coisas estão tão solitárias lá em baixo. Mas foi bom ver que resiste sem a sua família, esperando calma e pacientemente pelo regresso dos meus irmãos.

– Dorme, *madame* – afirmou Jeanne, sorrindo.

– Sim – concordei, retribuindo o sorriso e não me atrevendo a olhar Sébastien, receando que a minha desonestidade me fizesse corar. – Estou a considerar abri-la para ajudar no esforço de guerra, talvez como albergue ou mesmo como hospital.

– A França ficar-lhe-á grata, *madame*. – Fez uma vénia. – *Madame!* – disse, fazendo com que me virasse para ela.

– O que foi? – Senti culpa imediata. Tínhamos sido descobertos e estava prestes a perguntar-me porque achara necessário levar o irmão do marido para o meu quarto e...

– Chegou uma carta para si! De Monsieur Felix.

– De Felix? Outra vez? – O meu deleite era indisfarçável. – Terá enviado as duas cartas com pouco mais de um dia de intervalo. – Caminhei até ao armário do corredor e ergui o envelope do tabuleiro prateado, beijando-o. A seguir, corei realmente, voltando-me para o sorriso de Jeanne e para a expressão ligeiramente intrigada de Sébastien. – Desculpe. Fico muito excitada quando recebo notícias de Felix.

– Bem vejo – disse Sébastien. Senti no comentário seco uma sugestão de ciúme, mas teria de

se habituar a partilhar-me com a família, sobretudo com Felix.

Jeanne partiu e dirigiu-lhe um olhar de ligeira censura.

– Queres tomar chá comigo, Sébastien?

– E o padre?

– Só vem por volta das seis e preciso de alguma coisa para me aquecer o esqueleto.

– Poderia fazer algumas sugestões – disse, inocentemente enquanto nos dirigíamos para a sala de estar. A ousadia mereceu-lhe um olhar de reprovação.

Fechei a porta atrás de nós e olhei-o novamente. Daquela vez, foi um olhar de advertência.

– O que foi? – perguntou, coxeando até uma das poltronas. – Posso?

Acenei afirmativamente e sentei-me também.

– Não podes continuar com as insinuações. As pessoas não são estúpidas. Especialmente a Jeanne. Além disso, se me rir uma única vez que seja dos teus comentários, denunciar-me-ei.

– Prometo que me portarei bem – disse, erguendo a mão num gesto de submissão.

– Obrigada. – Caminhei até à lareira. A fogueira era pequena mas eficiente. As chaminés da mansão De Lasset canalizavam o fumo na perfeição, permitindo que o máximo de calor se espalhasse pela sala. Senti um arrepio, mas, daquela vez, foi um arrepio de prazer pelo calor que repelia o frio.

– Porque não lês a carta de Felix? Será com muito agrado que me sentarei aqui em silêncio, refletindo acerca do dia interessante que tive.

Olhei-o com exasperação do local onde me erguia diante da lareira.

– Prometo que conseguirei manter-me em silêncio sem te interromper.

– Posso mesmo lê-la? Admito que me sinto desejosa de o fazer. Será a conclusão ideal para um dia perfeito.

Acenou afirmativamente e percebi que tinha sido sincero.

– Desfruta da carta. Na verdade, deixar-te-ei sozinha com ela. Subirei para mudar de roupa. Estou um pouco molhado e sabes que levo tempo a coxear para cima e para baixo.

Sorri-lhe.

– Demora o que for preciso.

Sébastien partiu em silêncio e puxei uma cadeira para perto do fogo, plena de antecipação. Felix raramente dava notícias, mas conseguia sempre divertir-me com as suas observações. Não me importava, na verdade, que se limitasse a falar sobre plantas, perfumes, sobre a nossa infância, as suas ambições... qualquer coisa. Ouvir a sua voz na minha mente seria suficiente. Segurar aquela carta nos dedos significava que estava vivo.

Retirei as páginas de papel fino do envelope. Eram apenas duas, mas as suas cartas nunca eram longas. Era conciso, deixando-me sempre a desejar mais. Sorria quando comecei a ler, deleitando-me vagamente com o cheiro da lenha queimando. Alguém acrescentara pinhas que tinham sobrado das nossas festas contidas, começando com a missa do galo e concluindo com o inevitável *réveillon*. Naquele ano, comera modestamente com os criados na sua sala. Captei o cheiro resinoso que as pinhas exalavam. Fez-me olhar as chamas enquanto me ocorria a possibilidade de tentar recriar aquele momento caseiro numa fragrância. Conseguiria criar um aroma doce que sugerisse uma fogueira de amantes num bosque de coníferas? Talvez

acrescentasse pau de canela, algo outonal como maçãs e talvez ervas como salva e rosmaninho... Sim, a última permitiria um eco de pinheiro. Seria uma colónia masculina ou um perfume para brilhantina. Ocorreram-me os odores de tabaco e almíscar. A minha mente vagueava, mas sentia-me segura e confortável ali, perto do fogo, recordando Sébastien fazendo amor comigo horas antes. Além disso, não tinha realmente pressa para ler a carta de Felix. Terminaria demasiado rápido e, depois, a espera recomeçaria. Tinha-lhes enviado meias quentes, roupa interior nova. Coisas práticas como prendas de Natal, respeitando os pedidos do exército para não enviar nada tricotado com cores garridas e esperando que tivessem alguma paz. Estranhamente, mesmo que os meus irmãos estivessem distantes, travando uma guerra, convencia-me naquele momento de que nunca me sentira tão segura desde a morte do meu pai. Estava apaixonada por um homem que entrara tão inesperadamente na minha vida e que a transformara dramaticamente para melhor. Tinha nas mãos uma carta do outro homem que mais amava na vida e mal podia esperar para que se conhecessem. Para reforçar o prazer que sentia, esperava criar perfumes com o meu próprio nome como perfumista. E nevava e estávamos prestes a entrar num novo ano. A vida era boa e podia ser excelente. Esperaria que 1915 trouxesse a paz e a sanidade à Europa, com os meus irmãosãos e salvos em casa...

Encolhi os ombros, sentindo a alegria da antecipação e abrindo as folhas da carta de Felix para devorar o conteúdo.

Querida Fleurette,

Temos estado envolvidos em combates ferozes e lembro-me de Cyrano de Bergerac. Recordarás que participou num cerco em 1640. Sinto-me como ele se sentia, como se passássemos todo o nosso tempo apertados contra a parede.

Felix contava-me que estava na região de Arras com aquele início. Sabia que não podia revelar a localização da sua unidade e, por isso, tinha-a camuflado naquela frase aparentemente aleatória. Nunca visitara Arras, mas ouvira descrições referindo os campos ondulantes de solo incrivelmente rico. Era uma cidade antiga, pelo que sabia, tendo enriquecido como centro de comércio e com a banca sendo igualmente importante. O negócio da lã e de outros têxteis era a sua principal atividade e, do que recordava da história que aprendera na escola, sabia que era famosa em toda a Europa pelas suas tapeçarias. Joana d'Arc tinha estado presa em Arras durante a Idade Média. Tratava-se de uma região que mudara de dono entre franceses, austríacos e os Habsburgo espanhóis. Recordei naquele momento o campanário maravilhoso da cidade, que demorara um século a ser construído. Hum... Estavam no Nordeste de França. Ligeiramente irritada, pensei se seria possível estarmos mais distantes.

Continuei a ler.

Não sou dado a dramatismos, como bem sabes, mas, se te questionavas acerca das manchas nestas páginas, não são gotas de chuva, mas sim o resultado das lágrimas que não consigo evitar. Lágrimas pelo nosso querido irmão Henri, que exalou hoje o seu último fôlego nos meus braços, simbolicamente também nos teus por ter exigido

segurar contra o coração a tua última carta enquanto entregava a sua alma.

Precisei de reler aquele parágrafo duas vezes para perceber o que Felix me dizia. Quando terminei, a única coisa que conseguia ouvir era um zumbido. Subitamente, senti os lábios dormentes e as folhas que segurava tremiam como o bater de asas indefeso de uma ave engaiolada.

Henri estava morto.

Recusei acreditar naquilo durante os momentos sombrios que se seguiram, mas como podia rejeitar o que me dizia o homem em quem mais confiava no mundo? Não me mentiria. Não se tratava de um gracejo de Felix. Toquei as manchas no papel e, na minha mente, consegui provar uma lágrima salgada enquanto começava também a chorar, com as lágrimas passando sobre os lábios dormentes para que sentisse o seu sal e percebesse que a mágoa era real.

Quis atirar a carta às chamas para não precisar de continuar a ler sobre a realidade. Em vez disso, caminhei como alguém em transe até ao banco junto à janela para que a luz da tarde ajudasse a minha visão turvada pelas lágrimas e sentisse o toque frio do inverno através do vidro. O inverno tornara-se meu companheiro e recordava-me que o sol daquele dia era perseguido através do céu dos meus sonhos até ficar escondido atrás de nuvens de uma tempestade de pesar.

Recusei enviar um telegrama, querida irmã. Não suportaria que lesse estas palavras dolorosas, inteiramente desprovidas de qualquer amor ou ternura e contendo apenas a dolorosa verdade. O nosso querido, bombástico, frequentemente ridículo e amado irmão partiu.

E, apesar de todas as suas falhas, que nos provocavam o riso, digo-te que, como soldado, não tinha qualquer falha. Henri mostrou-se corajoso desde o dia em que chegámos à frente. Salvou a vida de muitos homens, incluindo a minha, colocando a sua em risco. Correu esse risco pela última vez há dois dias, quando, contrariando o meu conselho, recusou deixar para trás um homem ferido. Uma bala alemã disparada pela espingarda de um atirador furtivo atingiu-o. Mesmo assim, conseguiu rastejar até à trincheira para se despedir de mim. Abracei-o apenas mais alguns minutos e, durante esse tempo, exprimiu o seu amor por nós os dois, manifestando o seu desejo de um futuro favorável para os seus irmãos. Disse que gostaria de poder despedir-se de ti e, curiosamente, as suas últimas palavras referiram a mágoa por te ter forçado a casar contra a tua vontade.

Um rugido profundo e animalesco ergueu-se do meu corpo e escapou-me pela garganta como um soluçar angustiado. Tal como Felix, não era dada a dramatismo. Não costumava gritar ou exteriorizar abertamente as minhas emoções, mas perdi o controlo naquele momento... Mesmo assim, o choro pareceu-me abafado, quase sem volume suficiente para transmitir o meu desespero. Mas conseguiu atrair atenções e fazer gente correr até mim. Sébastien foi o primeiro a passar a porta, ignorando a dor e coxeando rapidamente sobre a perna ferida, com o braço

ligado escapando ao lenço atado que o prendera ao peito.

– Fleurette!

Atrás dele, vieram outros. Jeanne entrou também, previsivelmente, parecendo ansiosa com um tabuleiro nas mãos e sentindo-se claramente indefesa. Madame Mouflard passou por ela sem rodeios.

– *Madame... Madame...* – disse.

Olhei-os. Sébastien percebeu. Vi-o na sua expressão. Tivera já suficiente experiência com a guerra para perceber o conteúdo do que acabara de ler. Olhei-os a todos, chorando em silêncio. Não produziria mais som. A minha voz perdera-se naquelas nuvens de inverno. A face estaria medonha no seu pesar esmagador, mas não me importei. Abanei a cabeça a Sébastien e compreendeu que não devia correr em meu auxílio como amante, mas como membro da família.

– Minha querida Fleurette – disse, baixando-se de forma visivelmente dolorosa à minha frente, pousando um joelho no chão. Tocou-me a mão, hesitante. Era a mão com que apertava a carta, a mão que beijara tantas vezes naquele dia, e precisava de se comportar como um quase desconhecido. Ainda não conseguia falar. Olhava-o através de uma torrente de lágrimas. – Felix? – sussurrou.

Consegui reagir. Percebi enquanto recuperava a voz que exteriorizava o meu alívio, odiando-me por completo por me sentir involuntariamente grata por ter sido Henri e não Felix. Abanei a cabeça, roída pelo desgosto. Sabia que Jeanne também chorava e parecia-me que Madame Mouflard se conteria a custo.

– Um conhaque, por favor – pediu Sébastien com voz rouca, intensamente angustiado por mim.

Senti os vapores da bebida antes de me concentrar no pequeno copo de líquido dourado que me colocava na mão. Primeiro, uma fragrância frutada e floral, recordando-me os vinhedos da Provença, dançando sobre *nuances* de pera e alperce e, logo a seguir, como as notas superiores e intermédias de um perfume esgotando-se, cheirei a base complexa que ancorava a bebida mais cara do mundo. O aroma era semelhante ao que cheirava quando a caixa de charutos do meu pai era aberta. Não fumava aqueles gordos havanos, mas adorava tê-los, oferecê-los aos convidados, cheirar o tabaco que continham. Um buquê de especiarias tostada com uma sugestão de couro envelhecido, ameixas mirradas e pinhões torrados. Acolhi a distração, mas sabia que não poderia voltar a pensar em criar uma colónia masculina. Recordar-me-ia sempre o cheiro a fumo que fundira para sempre no meu nariz com os vapores do conhaque e, na minha mente, com o pesar na carta de Felix.

– Bebe, Fleurette – insistiu Sébastien, puxando-me do reino dos odores, para onde fugira na infância sempre que me deparava com problemas.

Pairava um terrível silêncio na sala. Só o fogo continuava a crepitar. Bebi e senti o ardor rico do prezado *Bache-Gabrielsen* de Aimery, sabendo intensamente a maçãs, mas com esse sabor sendo eclipsado pelo deslizar ardente até ao meu estômago.

– Outra vez – insistiu, erguendo o copo até me engasgar. – Posso? – perguntou, apontando a carta.

Acenei afirmativamente como uma inválida. O silêncio envolveu-nos novamente enquanto lia

rapidamente a primeira página. A seguir, houve movimento. As mulheres tentavam levar-me para uma poltrona. Ouvia Madame Mouflard bradando ordens a Jeanne para que trouxesse o meu xaile e leite quente com vinho para me ajudar a acalmar. Afastei-me do torpor chocado para afastar as mãos com que tentavam ajudar-me.

– *Madame?* Sofreu um choque terrível. Devemos...

– Deixem-me – ordenei com uma voz mais firme do que julguei possível naquele momento. – Deixem-me! – repeti, elevando a voz. As duas mulheres encolheram-se, fixando um olhar preocupado uma na outra e, depois em Sébastien, que acenou afirmativamente. Partiram em silêncio chocado e Sébastien seguiu-as, voltando-se uma única vez para me olhar. – O padre – murmurei.

– Ocupar-me-ei dele – disse, em voz baixa.

Fechou as portas duplas de forma tão silenciosa que ouvi apenas um clique ténue. A seguir, fiquei sozinha com o meu pesar e com a carta de Felix.

Olhei a segunda página amarrotada que continuava a prender na mão e alisei-a sobre o banco junto à janela para tornar o papel legível. Se Felix conseguira escrever-me com o trauma da perda, precisava de ser suficientemente corajosa e forte para ler sobre o que acontecera ao nosso irmão.

Pouco passava das cinco, mas a noite cobrira Grasse como um manto negro. Não deveria ter cancelado a visita do padre, mas o seu inevitável esforço para me confortar com palavras far-me-ia sentir pior do que já me sentia e não conseguia imaginar algo pior do que aquilo. Era uma cobarde, claro. Sequei as lágrimas, sentindo os olhos doridos, aproximando-me de um candeeiro para ler o resto da carta.

O nosso batalhão de Chasseurs e o de Aimery foram reunidos. Travámos uma batalha dura pela conquista de uma aldeia perto de Notre-Dame de Lorette. Os rapazes de Aimery ficaram na frente enquanto eu me ocupava da retaguarda. Depois, fomos enviados para a frente para ocupar trincheiras durante um par de dias até ao Natal e perdi uma dúzia dos meus soldados em instantes, feridos ou mortos. Os mortos ainda não foram sepultados, jazendo no mar de lama que se alonga diante da trincheira, com a chuva gélida intensificando a miséria generalizada.

Havia um rapaz, muito novo e empenhado, Fleurette, tão dolorosamente empenhado em agradar aos oficiais. Henri manteve-o por perto. Simpatizava com o jovem. Creio que todos simpatizávamos, mas Henri odiava ver tantos jovens promissores da nossa região sendo chacinados. Dizia-me muitas vezes: «Estes são os nossos cultivadores, os nossos operários fabris, os nossos vidreiros, os nossos artistas.» Levava demasiado a peito não conseguir salvar os homens de Grasse e arredores da máquina de guerra alemã. Este rapaz gaguejava. Lembras-te de como Henri gaguejava? Tinha-me esquecido até conhecermos Marcel... É de uma pequena aldeia onde cultivam as violetas que usamos. Enquanto todos troçávamos, Henri tranquilizou o pobre Marcel, dizendo-lhe que o ensinaria a controlar a sua provação da mesma forma que ele controlara a sua gaguez anos antes, quando o pai contratou tantos peritos. Marcel foi

alvejado por uma bala, mas não percebemos onde. Gemia, implorando-nos que o ajudássemos, chamando pela mãe... era traumático porque, horas antes, tínhamo-lo arreliado com a mãe. Penso que foi nesse momento que Marcel começou a chorar, gritando a Henri que se esforçaria muito para controlar a gaguez se alguém o tirasse da terra-de-ninguém.

Acho que o nosso querido irmão não conseguiria aguentar muito mais. Tentei impedi-lo, mas saiu da trincheira mais depressa do que qualquer um de nós imaginaria possível. E quase conseguiu.

Vi outra mancha perto do fundo. Uma lágrima caíra sobre a tinta, borrando-a e fazendo-me perceber que o meu querido Felix tinha sofrido tanto para escrever aquelas três palavras. Também eu chorei sobre elas.

Com um esforço hercúleo, Henri conseguiu colocar Marcel sobre um ombro e cambaleou com determinação de volta à trincheira. Consegua ver o branco dos seus olhos entre a lama que lhe manchava a cara, Fleurette. Estava suficientemente próximo para tocar e atirou o rapaz para a trincheira, mas voavam balas por toda a parte e atingiram o nosso irmão no peito.

Gesticulou-nos que não saíssemos da trincheira, gritando «Faire face». Mas não consegui fazer o que pedia. Tinha de chegar até ele. Consegui alcançá-lo e puxá-lo para baixo.

Ia a caminho do vale sombrio da morte quando o baixei para a trincheira, mas tive tempo para lhe dizer que era amado e para lhe colocar nos dedos a tua carta, que lera nesse mesmo dia. Beije-lhe a testa num gesto de despedida e ouvi as suas últimas palavras a teu respeito.

Escreverei a Catherine para a informar...

Tive de parar. Não conseguia continuar a ler aquelas palavras. As minhas lágrimas tinham-nas deixado ilegíveis e o meu peito era devastado pelo choro que se tornara ruidoso enquanto mordida os nós dos dedos para impedir um grito angustiado. Henri partira. O corajoso Henri, tentando salvar alguém, sendo heroico, sempre querendo ser o líder, a figura que todos admiravam e respeitavam. Costumávamos rir-nos desses traços, mas tivera uma morte gloriosa, comandando os seus homens com coragem e vigor, dando a sua vida por eles.

Teria conseguido salvar Marcel? Ergui novamente a carta de Felix, que deixara cair sobre o tapete. Soluçando e sem tentar controlar o choro, procurei as palavras que me diriam que o meu irmão não tinha morrido em vão. Procurei a referência a Catherine, desesperada para saber se a morte de Henri teria conseguido salvar a vida de alguém.

Marcel sobreviveu. Está hospitalizado e espero que consiga recuperar por completo, desafiando esta guerra, sobrevivendo até ao seu fim e fazendo a vida de Henri tornar-se importante além da nossa riqueza... ou até além do perfume. Porque, de repente,

querida Fleurette, tudo parece um sonho vazio. Tudo o que importa é a família e o amor que sentimos uns pelos outros. O dinheiro e o estatuto não conseguiram salvar Henri... Deu a vida pelo filho de um homem pobre, cuja família ficará mais rica pela nossa perda, mas não por uma questão de dinheiro. Faz sentido? O meu pesar faz-me delirar como um louco? O meu irmão morreu. O teu irmão morreu. Os nossos pais estão mortos. Restamos apenas nós, agora. Prometo-te que sobreviverei.

Volto para casa. Foi-me concedida uma licença. A todos nós. Prepara-te porque Aimery também voltará para casa em breve.

Vemo-nos em breve.

Sempre teu,

Felix

Larguei as páginas. De repente, aquela sala confortavelmente quente e perfumada parecia-me claustrofóbica. Passei a achar o cheiro a pinheiro agoniante e lamentei que me recordasse para sempre a morte de Henri. Abri a porta bruscamente e saí, surpreendendo os criados e um Sébastien preocupado. Pretendia dirigir-me aos meus aposentos, mas, vendo-os alinhados ansiosamente, voltei-me e percorri rapidamente o corredor, abrindo a porta da frente e correndo para fora, recebendo com agrado o sopro de ar gelado.

Queimou-me por fora como o conhaque me tinha queimado as entranhas. Começara a sentir o efeito da bebida e acolhi o frio que me despertou, me arrastou para fora do sonho daquele dia, puxando-me, com aquela nova dor da perda, para a minha nova vida de luto. A minha face molhada tornou-se dormente e ignorei os dentes que batiam. Avancei sem rumo, ignorando a neve que caía e que antes me tinha encantado, caminhando sem destino. Não conseguiria escapar à minha dor, mas precisava de conseguir compreendê-la. Precisava de a aceitar.

Dei comigo novamente no canteiro das ervas, usando o brilho ténue das luzes no interior da mansão para me guiar. Ergui-me atrás do muro, acreditando que, se conseguisse esconder-me, conseguiria fugir aos que queriam rodear-me. Compreendia porque o faziam, mas não queria a sua presença. Vi os flocos de neve caírem em silêncio e desintegrarem-se segundos depois de tocarem tudo o que fosse sólido, das minhas mãos aos tijolos no muro. Inclinei a cabeça para cima, olhando a cúpula escura e começando a rezar em silêncio enquanto a neve caía à minha volta. Rezei pela memória de Henri e pela segurança de Felix. Rezei pela alma do meu pai, pelo segredo que permitira um pecado, com dois inocentes pagando pela avidez dos nossos pais. Rezei para ser perdoada por amar Sébastien, por violar um voto proferido na igreja e por não me preocupar suficientemente com Aimery.

Sébastien estava certo. Passara a compreender os nossos pais porque sentira o mesmo abandono estonteante que, certamente, o meu pai e a mãe dele teriam sentido quase três décadas antes, quando não conseguiram conter o desejo um pelo outro. Percebi, enquanto me erguia, com os ombros brilhando com cristais de neve, que me comportara da mesma forma e, no entanto, atrevera-me a julgá-los. «Quem tem telhados de vidro não deve atirar pedras» era um dos ditados preferidos de Felix, mas nunca acreditei que pudesse tornar-me o seu alvo. Era tão culpada como o meu pai antes de mim e era tão adúltera como a mãe de Aimery.

Henri morrera. Fora-nos levado.

Senti um aperto no estômago provocado pelo luto e pelo conhaque. Vomitei no chão gelado, purgando a minha raiva, o meu desespero, a minha culpa. Vomitei com os olhos fechados lacrimejantes até sentir ardor na garganta.

Um braço forte rodeou-me e a voz que amava ofereceu palavras de conforto, mas, mesmo assim, rejeitei Sébastien. Não o ouvira chegar, mas endireitei as costas e olhava-o fixamente.

– A culpa é nossa.

Vi-o suspirar.

Abanei a cabeça, furiosa.

– A culpa corrói-me.

– Fleurette – suplicou.

– É castigo pela minha infidelidade!

– Isto não te ajuda.

Ignorei o seu esforço para me confortar usando a razão.

– Aprendo a lição derradeira e Henri pagou pela minha vergonha.

– Para. Para com essa conversa ridícula! – exclamou. Não o julguei capaz de me falar com tamanha dureza. – Acreditas que és tão importante que o curso da guerra é afetado pelas tuas ações? – perguntou com um rosnado baixo. Apontou para o norte na escuridão. – Homens morrem aos milhares todos os dias, Fleurette. Com ou sem o teu envolvimento. És apenas uma entre milhões de mulheres na Europa que apertam contra o peito fotografias e cartas, rezando pelo regresso dos homens que amam. E demasiados desses homens, independentemente do lado pelo qual lutem, não regressarão, incluindo Henri. Lamento. Sinto-me profundamente triste por ti – gritou enquanto a neve caía, como se tivesse encontrado finalmente uma forma de exteriorizar o seu desespero. – Mas as coisas não acontecem por tua culpa ou por nossa culpa... E não acontecem certamente porque pessoas de uma geração anterior sucumbiram à fraqueza muito humana de se apaixonarem. Também sou culpado dela. Aqui estou, admitindo de minha livre vontade sob os céus que sou culpado de me ter apaixonado, mas não me arrependo e não somos castigados por nos amarmos... Somos castigados por nos atacarmos uns aos outros, perdendo pessoas que amamos. – Ainda não tinha terminado. Abanou-me, não com dureza, mas de forma suficientemente firme para me forçar a não o ignorar. – Perante a guerra entre a Alemanha e a França e os seus aliados, é francamente obsceno que acredites que o nosso envolvimento conseguirá influenciar a morte do teu irmão pela bala de um atirador furtivo a centenas de quilómetros. Trago-te um chicote para te flagelares, se insistes tanto! – Estava furioso. – Não planeámos isto – disse, tentando não elevar demasiado a voz. – Os nossos pais também não. Não sabiam que se apaixonariam um pelo outro. Sim, gostava que tivessem tido maior cuidado ou que tivessem pensado nas potenciais repercussões. Gostava que tivessem assumido o que havia entre si e que as nossas famílias não tivessem guardado o seu segredo sujo, mas nada que digamos ou façamos conseguirá alterar o passado. Henri já não existe. Sei que é duro, mas é a realidade da guerra. Quando a pompa e a bravata chegam ao fim, homens morrem porque outros homens mais poderosos são gananciosos e querem ter mais do que aquilo que já têm. Não ouses conspurcar o nome de Henri ou o que partilhamos estabelecendo uma relação com eles. Amo-te,

Fleurette, mas não gosto de atitudes histriónicas. Comportas-te como uma rapariguinha e não como a mulher para quem esta casa e, na verdade, esta região olham em busca de força. Suponho que todos na cidade chorarão Henri. Orienta esse luto com compostura. Mostra-te triste, mas sem histeria e não interpretes sinais que, pura e simplesmente, não estão presentes.

Olhei-o sem dizer nada enquanto falava. Sébastien estava fora de si. Parecia sobretudo desiludido comigo. Via-o na forma como movia a mão no ar gelado e no silvo e rosnado baixos da sua voz que asseguravam que mais ninguém conseguiria ouvir. Tinha razão, claro, e a sua frontalidade deixou-me sem palavras. Algures além da mágoa, de forma mais profunda e íntima, admirava-o por me fazer frente. Não era um rufia como Aimery nem usava o peso do seu estatuto como Henri teria feito. Era um semelhante tratando-me com um desdém que poderia demonstrar por alguém que era suficientemente estúpido para acreditar que as suas ações insignificantes e quase patéticas podiam influenciar a máquina de guerra que varria a Europa. Enquanto se virava para rugir à noite que nos envolvia, pareceu-me que conseguia imaginar-me a olhar para mim própria com idêntico esgar de desilusão.

– Henri morreu – disse ele com um tom tão conclusivo que provocou nova torrente de lágrimas silenciosas. – Choro contigo porque te amo com todo o coração, Fleurette. E sei como amas os teus irmãos. Mas Henri morreu de forma gloriosa. Será recordado pela sua coragem. Tanta gente morreu durante o sono, enquanto comiam, na retrete ou gritando de dor pelas suas mães ou pelas mulheres que amavam. O seu nome será recordado pela sua companhia como um dos heróis da guerra francesa... não apenas por ter voltado por alguém, mas por ter trazido um homem ferido de volta para a segurança e morrendo por ele. – Teria lido rapidamente a carta para saber aquilo. – É um epitáfio de triunfo para o chefe de uma das principais famílias francesas. Não será esquecido. A sua coragem e o seu nome não serão esquecidos tão cedo. Em vez de te culpares, o que é insultuoso, aplaude o seu valor, sabendo que o teu irmão agiu de forma heroica por toda a França e pela tua família.

Chorava com maior intensidade, mas, daquela vez, tinham sido as suas palavras a comover-me e a fazer-me sentir orgulho. Aproximei-me dele e, sem pensar em quem nos veria, abracei Sébastien. Não era um abraço de amantes, mas de parentes, de amigos, um abraço confortante de mágoa partilhada. Abraçava alguém que tinha trazido perspetiva no momento preciso em que precisava dela.

– Obrigada – sussurrei.

Apertou-me contra ele com um braço e estremeci ao sentir o seu calor enquanto ele reagia de igual forma ao meu.

– Agora, terás de mostrar a tua linhagem e a tua coragem – murmurou. – És a chefe desta casa e também a chefe da casa Delacroix durante a ausência dos homens. Toma o controlo. Seca as lágrimas. Ergue-te acima da mágoa e sofre em privado. – Afastou-me para poder olhar-me. A única luz provinha do luar ténue parcialmente escondido pelas nuvens. Os seus olhos pareciam negros. Os meus também pareceriam, certamente, inchados pelo choro. – Ninguém diz que não deves sentir-te triste ou derramar lágrimas. Mas é um momento para demonstrares a tua maturidade. Chegou o momento de Fleurette De Lasset se tornar a força que poderá ser.

Inspirei fundo

– Isso mesmo. Guarda tudo isso por agora. Sê forte por todos nós. Haverá muitas mais mortes e precisarás de confortar quem perder os seus entes queridos. Serás a sua força porque dás o exemplo.

Acenei afirmativamente.

– Fleurette?

Olhei-o.

– Amo-te neste momento mais do que te amava há uma hora e não acreditei que fosse possível.

– Que anjo te enviou até mim, Sébastien?

– Um anjo caído chamado Marguerite De Lasset, sem dúvida tentando reparar os seus erros. – Partilhámos um sorriso triste. – Vem – disse. – Antes que congelemos. Vai pôr ordem na tua casa. Precisam de te ver recomposta e forte.

Acompanhei o coxear do meu amante de volta à mansão para deixar a minha família orgulhosa. Senti o cheiro da neve limpa e branca. Era como ar virgem, não respirado por ninguém, sem mácula, repleto da pureza bela da natureza. Precisava de fixar aquela fragrância para o meu perfume.

A Jeanne e Madame Mouflard olharam-nos enquanto percorríamos o caminho de gravilha.

– O que foi? – gritei-lhes. A minha voz parecia quebradiça.

– Telegrama, *madame!* É *monsieur...* Regressa.

Senti um aperto no coração, mas tinha sido avisada por Felix.

– Quando?

– Amanhã.

As mulheres alcançaram-nos. A sua respiração excitada formava uma nuvem de vapor entre nós. Olhei Sébastien.

– O telegrama era para mim?

A governanta pestanejou, envergonhada.

– Era para mim. Para preparar a sua chegada, *madame*.

Senti-me desprezada por ter decidido avisar a governanta, mas mantive a expressão neutra. Madame Mouflard não tinha culpa por Aimery nunca pensar nos meus sentimentos.

– Mas também chegou este. – Estendeu um segundo telegrama. Aquele era-me claramente endereçado.

Abri-o, li-o rapidamente e disse, elevando a voz:

– É de Felix. Está em Nice, a caminho de Grasse.

– Lamentamos o que aconteceu ao seu irmão mais velho, *madame* – disse Jeanne, falando pelas duas e olhando a governanta como se lhe pedisse desculpa por ter tomado a iniciativa.

Acenei afirmativamente, mantendo a emoção à distância como prometera a Sébastien que faria.

– Não consigo falar nisso. Estou certa de que compreenderão. Entremos. Teremos de nos ocupar de preparativos para receber os vivos. Preocupar-me-ei com os mortos mais tarde.

Percebi que parecia teatral, mas resumia de forma genuína o que sentia naquele momento. Precisava de cada partícula de determinação para ignorar a minha mágoa, a minha necessidade de chorar e de o fazer sem ninguém por perto. Mas, como Sébastien referira, não era o momento certo para o fazer. E assim, provando tanto a mim mesma como a ele que conseguiria fazê-lo, assumi a autoridade com estoicismo. Apertou-me o cotovelo sem que nenhuma das mulheres tivesse reparado, fazendo-me sentir a sua presença confortante e o orgulho que sentia por mim.

Sébastien afastou-se depois de iniciada a explosão de atividade e consegui entregar-me misericordiosamente a ela, supervisionando a preparação da cama de Aimery, o arejamento do seu quarto e o seu aquecimento com uma fogueira. Colocámos uma braseira de cobre entre os lençóis para aquecer a cama. Madame Mouflard considerou que a fogueira e a cama aquecida poderiam ficar para mais tarde, mas quis que o seu quarto parecesse confortável e acolhedor depois de tanto tempo nas trincheiras geladas.

– Por favor, traga uma garrafa do seu conhaque preferido para o salão e para o seu quarto.

Com tudo aquilo sendo concretizado segundo a minha vontade, acompanhei um pequeno grupo de ajudantes à casa da minha família para fazer iguais preparativos para o meu irmão. No seu caso, fazia questão de querer colocar uma parte da frescura de Grasse entre o ar aprisionado dentro do quarto desde a sua partida. Não conseguia imaginar como se sentiria caminhando sozinho pela casa enorme e decidi tomar a precaução de preparar outro quarto na mansão De Lasset para o caso de conseguir convencê-lo a passar pelo menos uma noite connosco. Não acreditei por um único momento que aceitasse. Conhecendo Felix, apreciaria o silêncio e as sombras e interiorizaria as recordações dolorosas que se abateriam sobre ele quando entrasse na residência da nossa família. Pretendia regressar à minha casa, de qualquer forma. Duvidava que tivesse grandes alternativas quando se conhecesse a verdade acerca do segredo sinistro do meu casamento. Mas, naquele momento, não queria que nenhum dos criados entrasse nos meus aposentos, onde, horas antes, tinha descoberto o meu amor por Sébastien. Podia mudar os lençóis pessoalmente e arejar o quarto no momento certo. Ocorreu-me nesse momento que Sébastien teria de sair também da casa do seu irmão. Imaginei-o a resistir, recordando a toda a gente qual era o seu apelido, mas convidá-lo-ia a mudar-se para a casa dos Delacroix até a calma regressar.

Abanei a cabeça às mudanças variadas. Todos nós na mansão, alguns em baixo... Quase conseguia ouvir a discussão que se iniciaria depois de dissipado o deleite inicial por vermos os nossos homens com vida.

Pensando em Felix, borrifei colónia pelos aposentos, enchendo-os com um odor que o faria perceber que estava realmente em casa e que não se tratava de um sonho.

Enviei Jeanne com uma lista de mercearias que tinha discutido com o cozinheiro. Os nossos homens não comeriam comida decente há meses.

– Mantenha tudo simples – adverti, seguindo o conselho de Sébastien. – Calculo que os seus estômagos não estarão habituados a comida demasiado substancial.

Tínhamos optado por uma sopa rica com pedaços de carne, acompanhada por *fougassette* caseira, o pão com sabor a laranja típico da nossa região que não comeriam desde a sua partida. Seguir-se-ia a esta iguaria uma simples galinha assada com funcho e talvez algumas couves da nossa horta. Haveria também nogado, figos secos, peras, alguns queijos e nozes para mordiscarem se precisassem de mais alguma coisa no estômago.

– Gostava de poder servir-lhes as treze sobremesas, *madame* – disse o cozinheiro, com pesar.
– Não as terão tido no dia de Natal nas trincheiras.

Apertei-lhe o ombro. Nós mesmos não tivemos as treze sobremesas, representando Jesus Cristo e os doze apóstolos, naquele ano.

– Podemos servir o nosso bolo da Epifania. Será diferente no próximo ano. Com sorte, a guerra estará ganha e os nossos homens terão regressado de vez. – Mas não Henri. Recusei deixar escapar aquelas palavras, determinada a impressionar Sébastien com a minha determinação em liderar.

Entretanto, incentivava outros e mantinha-me ocupada como resultado. Tentava repelir os demónios que troçavam de mim na minha mente, desesperados para conquistarem a minha atenção e poderem questionar como conseguiria enfrentar Aimery sabendo que o tinha traído com o seu meio-irmão. Sendo franca, Aimery não se importara com o facto de não termos assinado toda a papelada jurídica e seria provável que continuasse a não se importar. Pretendia concluir o que faltava mal chegasse. Muito mais pertinente era pensar como explicaríamos que o casamento religioso teria de ser imediatamente anulado?

O telegrama de Felix dissera que chegaria ao amanhecer e soube que Aimery não chegaria antes do meio da manhã. Pensei nas outras famílias de Grasse que poderiam saber já que os seus preciosos *Chasseurs* teriam finalmente algum descanso das explosões, das balas e do sangue derramado. Haveria celebrações em toda a cidade no dia seguinte, motivando sorrisos na entrada em 1915, repletos de esperança pelo fim da guerra. O momento era perfeito, mas não haveria sorrisos na mansão De Lasset.

Haveria apenas fúria.

*

Descobrira na noite anterior que nem todos os *Chasseurs* vinham para casa de licença. Aparentemente, Felix e Aimery, por serem oficiais, eram dos poucos afortunados e haveria muitos outros, feridos ou simplesmente azarados, mas a maioria dos dois regimentos marcharia mais para leste. Senti pena deles e surpreendeu-me ver tantos habitantes da cidade na estação ferroviária, ansiando por um vislumbre dos rapazes corajosos que tinham sobrevivido até ali e vinham para casa.

Tal como a eletricidade chegara cedo à nossa pequena mas rica cidade, tão importante para a economia e o orgulho da França, o caminho-de-ferro chegara a Grasse duas décadas antes do meu nascimento. O primeiro comboio a entrar em Grasse tinha iniciado a sua longa viagem para sul de Paris para Lyon, seguindo a costa até Nice antes de subir às terras altas. Houvera grande antecipação, pensando-se que o vapor seria seguido por comboios elétricos e lembrei-me do entusiasmo do meu irmão pela viagem de teste anos antes entre Mouans Sartoux e Grasse.

Não sabia como a notícia se espalhara tão depressa, mas era óbvio que as pessoas sabiam que o meu irmão Henri não sairia do comboio quando este parasse finalmente na estação de Grasse. Vi olhares de compreensão, acenos de cabeça severos, olhares lacrimejantes de dor partilhada. Mas, quem tivesse espalhado a notícia da morte no seio da família Delacroix teria também recomendado que me dessem espaço. Isso agradou-me, mas percebi que não deveria perturbar a alegria daquele dia feliz. Sabia que deveria ficar também secretamente feliz, mas as minhas emoções eram conflituosas, não sendo ajudadas pela paixão nova e flamejante que fora ateadada. Num momento, conseguia sentir a memória perigosa de estar nua ao lado de Sébastien e, no momento seguinte, a minha imaginação derrubava-me sobre a lama, ficando aí deitada ao lado

do meu irmão morto enquanto a chuva lhe salpicava a face. Conseguia ouvir apenas as palavras iradas que tínhamos partilhado no último dia que passámos juntos. Precisei de conter as lágrimas que se acumulavam de forma incontável. Não queria que ninguém me visse a chorar.

Felizmente, mesmo que o amanhecer se aproximasse, o céu noturno recusava deixar-se arrastar e o negrume permanecia com determinação. Nem mesmo a lua podia brilhar entre a cobertura de nuvens invernosas e, por isso, esperámos, formando uma multidão de silhuetas sombrias, com algumas faces mais iluminadas que outras pela luz dos candeeiros. O que vi neles foi sobretudo uma avidez, uma impaciência para ver entes queridos. Para alguns de nós, aquele era um momento agri-doce.

Sentia a mente vagueando. Erguia-me sozinha e pareceu-me estranho não ter visto Graciela desde o nosso encontro na semana anterior, mas, sem dúvida que aquele dia seria uma oportunidade para captar um vislumbre do homem que amava.

Ocorreu-me a palavra «agri-doce», trazendo consigo um momento de clareza. Era disso que precisava no perfume que criava. Seria a qualidade evocativa do cianeto conseguida a partir da maceração de amêndoas a conferir ao maço o seu sabor particular? Ou procuraria a nota mais leve e doce da laranja amarga?

– Que procura a tua mente? – perguntou uma voz familiar a meu lado. Tinha os olhos fechados enquanto pensava e não precisei de os abrir para saber quem falara.

– Sébastien – disse. – Isto é sensato?

– Pareceria estranho se não conhecesse o meu cunhado... e se não acompanhasse a minha nova cunhada.

– Nérolí – disse.

– A sério? Óleo de laranja amarga? Em vez de bergamota?

– Talvez. A bergamota é bela, mas poderá ser demasiado floral, agora que penso nisso.

– Laranja amarga para uma doçura mais fresca?

Esbocei-lhe um sorriso breve e astuto.

– Para acrescentar um elemento garrido, doce como mel, com indícios metálicos e um exotismo de especiarias que me parece adequado.

Riu-se, apesar da tristeza que sentimos.

– Tornas o perfume divertido, Fleurette... e a forma como falas dele é como uma forma diferente de fazer amor – murmurou.

Não o olhei porque haveria gente a observar-nos, mas animei-me interiormente com as suas palavras.

Não podia responder porque a gente de Grasse se aglomerou quando ouviram o primeiro grito que anunciava o avistamento do comboio. Sustivemos a respiração coletivamente e o comboio entrou na estação com um silvo agudo de vapor. Homens que reconhecemos debruçavam-se já das janelas, acenando e, apesar da minha mágoa, senti que o meu coração acelerava dentro do peito ao pensar em ver novamente Felix. Nunca tínhamos passado tanto tempo separados, nem mesmo quando levou a cabo a sua formação como oficial.

Portas bateram e os soldados saíram para a plataforma numa onda azul. Erguiam-se mãos

como resposta aos gritos de deleite das mulheres. Quem não recebia os seus amados vivos tinha vindo, mesmo assim, para aplaudir os soldados que tinham defendido a França. Supus que, se sentissem o mesmo que eu, se alegrariam intimamente por receber os vivos porque isso conferia uma nobreza especial aos que já tinham dado a sua vida. Percebi que era uma estranha psicologia, mas ajudava-me. Significava que poderia orgulhar-me de Felix e honrar Henri em simultâneo.

E ali estava ele. De repente, o meu pesar aligeirou-se. Vi o meu irmão, o meu segundo eu, enquanto saía com ligeireza para a plataforma, sendo arrastado pelos seus companheiros. Era subtenente e supus que teria de manter alguma compostura, dando o exemplo aos homens que assobiavam e gritavam de júbilo a seu lado.

Trouxeram até mim novos odores, nenhum dos quais particularmente agradável. Pano molhado coberto com imundície e corpos por lavar. Mesmo assim, ali estava Felix. Isso era tudo o que importava. E tinha-me visto, esboçando-me um sorriso enternecedor que me fez perceber que tudo ficaria bem. Senti o queixo tremendo, aligeirando a minha determinação em não chorar.

Quando me lancei entre os seus braços, chorava livremente e abraçava-me com força, sem dúvida chorando também. Ambos pensávamos em Henri enquanto as pessoas à nossa volta cantavam a Marselhesa e abraçavam com avidez os seus entes queridos.

Os homens que mais amava olhavam-se um ao outro.

– Sei que estive na frente – disse Felix, apertando a mão saudável de Sébastien. – Mas não sabia que tinha ficado ferido ou que tinha vindo para aqui – disse, olhando-me, ainda sem estabelecer a ligação que esperei não fosse demasiado óbvia nas nossas faces. – Que surpresa – disse sorrindo. – Como corre a recuperação?

Sébastien sorriu e, mais uma vez, recordei como eram parecidos, até mesmo na sua constituição física.

– A sua irmã tem sido muito generosa.

Resisti a pigarrear. Teria sido um lapso ou divertir-se-ia com jogos de palavras? Olhei o meu irmão, que pareceu completamente indiferente ao comentário.

– Ocupava uma cama valiosa no hospital. Pareceu-me que o melhor a fazer seria voltar para casa quando a equipa médica sugeriu que o fizesse. Mas voltar ao meu verdadeiro lar exigiria uma viagem demasiado longa.

– Sim, claro. O seu estado não lhe permitiria viajar, mesmo que a Inglaterra pudesse estar mais próxima.

– Sou um marinheiro terrível mesmo quando estou bem. Os comboios adequam-se mais ao meu estado. – Sébastien encolheu os ombros. – Quando sugeri o Sul de França, não podiam esperar para me enviarem para aqui depressa. – Ergueu ligeiramente o seu braço ferido. – Fui um dos felizardos – admitiu. – Sinto muito pela perda do vosso irmão mais velho.

Felix e eu entreolhámo-nos e encontrámos força nesse gesto partilhado. Fora sempre assim entre nós. De repente, sentia-me capaz de me erguer acima do meu pesar, que, meras horas antes, me tinha parecido uma montanha impossível de escalar. Naquele momento, ombro a

ombro com Felix, podíamos apoiar-nos um no outro e resistir como fizéramos quando os nossos animais de estimação morreram, quando o nosso pai expirou o seu último fôlego... e como fazíamos agora que tínhamos perdido o nosso irmão.

– Conhece a expressão que usamos quando dizemos que morreu *en beauté*? – perguntou Felix. A sua entoação era tão delicada que percebia que continuava abalado por perceber que Henri tinha partido.

Sébastien acenou afirmativamente.

– Em Inglaterra, costumamos dizer: «morreu com as botas calçadas». Suspeito que significará o mesmo. Será, sem dúvida, um elogio à sua coragem.

– Venham. Está gelado – recordei. – Deves estar desesperado por café a sério, Felix.

– Ouvir-te oferecê-lo basta para me deixar abalado – admitiu.

– Preparei os teus aposentos e arejei a nossa casa, mas espero que não te importes de irmos primeiro à mansão, onde servimos uma pequena refeição... será uma passagem breve.

O olhar dele semicerrou-se. Senti vontade de engolir em seco como se tentasse negar segundas intenções, mas o meu coração dizia-me o que a minha mente já sabia: Felix percebera que estava nervosa e isso deixara-o desconfiado.

– Prefiro ir para casa, Ettie – disse, suspirando. – Não estou com disposição para...

– Não, claro que não estás. Mas não está lá mais ninguém. Só nós – disse, olhando Sébastien, que fixara o olhar com firmeza no meu irmão. – Mas os criados já prepararam tudo e a casa está aquecida. – Sim, ouvia-me a falar demasiado depressa. Era inútil continuar a tentar encobrir a minha culpa. Quem nos olhasse pensaria que Felix se limitava a olhar-me enquanto falava, mas eu conhecia-o demasiado bem e percebi a dimensão do seu espanto.

– Ettie, que se passa contigo?

– Penso que talvez consiga ajudar a explicar – disse Sébastien. Era um gesto galante, mas travei-o com um aceno urgente e que esperei que tivesse sido também discreto. Acreditaria realmente que escaparia a Felix?

Claro que não escapou. Moveu o olhar entre nós enquanto a multidão passava. Mal ouvimos os seus cumprimentos, mal sentimos a pressão dos seus ombros, enquanto nos sorriam e descobriam a cabeça. Formávamos um triângulo de olhares, mantendo um silêncio atroz dentro daquele espaço que bloqueava todo o som com a exceção, talvez, do ruído das engrenagens na cabeça de Felix.

– Não. – A palavra foi pronunciada com um rosnado baixo de choque. Uma única palavra dizia tudo e pareceu abranger naquele momento a dimensão da minha queda. – Diz-me que não é verdade – suplicou, movendo o olhar entre ambos com a sua expressão transformada num esgar de repulsa.

– Felix – comecei.

Afastou-me a mão.

– Enquanto o nosso irmão se esvaía em sangue na lama fétida da trincheira com o teu nome nos lábios como última palavra, tu...? Troçavas do nome da nossa família e, acima de tudo, de Henri como líder do império Delacroix?

Comecei a abanar a cabeça. Não podia defender-me capazmente porque o que lhe ouvia era a

verdade.

– Felix – tentou dizer Sébastien.

Mas a expressão magoada do meu irmão contorceu-se num esgar de tal repugnância que as palavras que Sébastien pretendesse dizer não passaram da sua garganta.

– Não, seu *bife* traiçoeiro. Não podes explicar nem aconselhar. Afasta-te de mim. Afastem-se os dois!

A minha respiração ficou acelerada e superficial, sentindo-me chocada pelo seu insulto a Sébastien, um aliado que lutava ao lado da França. Olhei em redor, horrorizada pela possibilidade de alguém ouvir aquela conversa, mas ninguém parecia particularmente interessado em nós naquela manhã. Além disso, tínhamos a sorte de estar afastados do grupo principal, que se afastava da plataforma e caminhava em direção à cidade propriamente dita. Não tardaríamos a ficar sozinhos, com as nossas vozes ecoando pela estação se não tivéssemos cuidado.

– Felix! – exclamei, com a minha raiva e medo combinando-se com a mágoa por ter atacado Sébastien de forma tão pronta. Não reconhecia Felix naquela atitude e sabia que era a devastação pela morte de Henri a motivar o ataque. Também sabia que podia dizer aquilo repetidamente para mim mesma sem alterar a realidade de que cuspira realmente sobre a reputação da nossa família. Olhou-me, com os olhos escuros brilhando com a primeira luz do dia e repletos de acusação furiosa. – Há algo que precisas de ouvir e não é sobre nós – disse apontando-me e a Sébastien. – É sobre a nossa mãe e, especialmente, sobre o nosso pai... É sobre um pecado muito maior do que qualquer coisa de que possas acusar-me.

Voltou a repelir a minha tentativa de aproximação.

– Neste momento, odeio-te – disse com voz baixa e cruel, aproximando a face da minha. Aquele tom fez-me tremer. Nunca o ouvira falar daquela forma. – O que quer que tenhas para me dizer, di-lo-ás na casa da nossa família para que os fantasmas possam testemunhar a tua queda em desgraça.

Sébastien fez frente a Felix. Tinham altura quase idêntica, ambos de ombros largos e tez morena. Ocorreu-me um pensamento sombriamente cómico. E se tivesse havido uma troca de irmãos e fosse na verdade meia-irmã de Sébastien e não de Aimery? Mas assistir à tensão entre os dois homens era como ver dois animais enraivecidos sendo contidos pelos seus donos... Naquele instante, era apenas a sua educação esmerada a impedir que se esmurrassem em público. Mesmo assim, tentei afastá-los, mas a minha presença deixara de ser relevante.

– Demasiado tarde! – disse Sébastien, a centímetros da cara de Felix. Vi a raiva do meu amante acicatada. Era um dia propício para estreias. Aquela raiva silenciosa chocou-me.

– Demasiado tarde para quê?

Pareceu-me que percebi o que Sébastien se preparava para dizer no instante anterior a ouvi-lo e esperei que não o fizesse. A minha súplica foi ignorada.

– Já testemunharam a sua queda em desgraça, miserável *poilu* arrogante. – Silvei o meu desespero por ouvir o termo em calão para descrever um soldado francês, acusando-o de ser peludo. – Tiveste a tua oportunidade para a salvar de um casamento repelente, mas o dinheiro, o nome da família e o dever foram mais importantes para os dois irmãos do que a sua segurança

ou felicidade.

– Segurança?

– Pergunta-lhe! A seguir, pergunta à tua irmã porque terá de ser anulado o seu casamento. – Rosnou tão perto da cara de Felix que quase parecia que se cumprimentavam com um beijo. – Em vez de a insultares, em vez de tirares conclusões apressadas, ouve-a, por amor de Deus. Concede-lhe o respeito que merece.

A compleição de Felix, normalmente de um bronzeado saudável, mas parecendo amarelada naquele momento, tingiu-se de um escarlate furioso.

– Atreves-te a censurar a minha conduta, devasso?

Sébastien riu-se na cara do meu irmão e foi nesse momento que me coloquei entre ambos.

– Parem com isto. Os dois – rosnei entredentes, vendo o meu hálito condensar no ar, serpenteando à nossa volta. – Agora! Sébastien, envia café e comida para a casa Delacroix. Felix, concede-me a cortesia de caminhar comigo.

Felizmente, Sébastien afastou-se a coxear depois de dirigir ao meu irmão um olhar cortante de advertência. Vimo-lo afastar-se com raiva partilhada até ficar suficientemente distante para não nos ouvir.

– Como pudeste fazê-lo? – perguntou Felix, mas não esperou pela minha resposta. Pegou no saco e afastou-se.

Alcancei-o.

– Vou dar-te mais uma oportunidade para me ouvires. Ou juro que deixo Grasse para nunca mais voltar.

Aquilo fê-lo parar. Fixou em mim um olhar venenoso.

– Não acredito em ti.

– Acredita – insisti, com raiva equivalente à sua. – Porque não fazes ideia do verdadeiro motivo desta discussão. Sébastien está certo. Deverias ouvir o que tenho para dizer porque estás a interpretar tudo mal.

Havia gente a acenar, chamando-nos, dando as boas-vindas a Felix. Fingimos ambos agrado, erguendo as mãos em saudação, retribuindo os votos antes de voltarmos a dirigir olhares irados um ao outro.

– Há uma coisa a respeito da qual não me engano. Não é? O teu amante confirmou-o.

Endireitei mais as costas.

– Não. Não te enganas.

Reagiu com um gemido de desespero e afastou-se de mim, apressando o passo.

– Mas não é como pensas – disse, apressando-me a alcançá-lo. Felizmente a casa Delacroix ficava perto da estação, descendo uma rua, e a progressão foi facilitada. Caminhámos sem prestar grande atenção... Conhecíamos bem aquelas ruas, mesmo sem luz, com os olhos vendados, sem qualquer indício quanto ao caminho que seguíamos.

– Se queres que seja franco, mal posso esperar para te ouvir convencer-me de que o teu... o teu relacionamento com Sébastien – disse, pronunciando a palavra «relacionamento» como se fosse um termo sujo – é puro e aceitável.

– É muito mais puro e aceitável do que um relacionamento com Aimery.

Franziu a testa e perdeu a paciência.

– Vou entrar. Podes entrar, se quiseres, mas não irei à mansão.

– Felix, não podes autorizar-me a entrar na minha própria casa.

Virou-se e, nesse momento, teria jurado que não conhecia aquele homem. Era um estranho.

– És tão ingénua, Ettie. Com a morte de Henri, a casa passa a pertencer-me. Autorizo quem quiser a entrar. Também posso proibir a entrada a quem entender.

Acenei lentamente com a cabeça. A verdade puxou-me para uma mágoa insistente.

– Talvez não queira voltar a entrar nesta casa. Esta casa cheia de pecado e de segredos.

Abriu os portões e pisou a gravilha do caminho.

– Espero que tenhas deixado a porta aberta. Despacha-te, se queres mesmo entrar – disse sem me olhar. Vi-o avançar, abrir a grande porta principal e pousar o saco. Desapareceu no interior e não olhou para trás.

Fiquei parada no caminho que conduzia à casa e, curiosamente, não chorei. Era uma situação que, uma semana antes, me devastaria, pensando em como era injusta, em como o meu irmão se mostrava cruel. Ao invés, Felix conseguira atizar mais o fogo da fúria. Como se atrevia a rejeitar-me? Como se atrevia a julgar-me? Como se atrevia a tratar-me como se fosse inferior a ele por me ter apaixonado... Claro que não sabia que estava apaixonada. Só tinha visto o lado feio da infidelidade. E, enquanto pensava em tudo aquilo, percebi que algo estava mal. Aquele não era o Felix que conhecia e Henri não era o motivo do seu comportamento. Sem dúvida que a perda do nosso irmão o fazia exhibir as suas emoções de forma mais aberta, mas conhecia aquele homem demasiado bem. A minha ligação com Felix era tão próxima que a minha percepção, como antenas invisíveis, procurava pistas para explicar aquele comportamento estranhamente emotivo. Convencia-me de que a sua explosão estaria ligada a alguma coisa que ainda desconhecia, mas usava-me para canalizar a sua fúria ou, pelo menos, como alvo para arremessar o seu desespero.

Segui o rasto deixado pela capa e casaca deixadas no chão e também o som do vidro até ao gabinete do meu pai, onde encontrei Felix com a camisa entreaberta, botas enlameadas pelo chão e um copo de cristal com conhaque sendo esvaziado pela garganta abaixo. Pousou o copo com estrondo sobre a secretária do nosso pai.

– Bem-vinda ao meu gabinete – disse com um tom duro marcado pelo sarcasmo e decorado com uma dose medonha de raiva.

Ponderei as minhas opções. Queria uma discussão. Percebia isso. Raramente discutíamos. Era terreno desconhecido o que pisávamos e não conseguia esconder os nervos que sentia. Ignorou e aproveitou para preencher a minha hesitação com mais palavras duras.

– E sim, o império passou a pertencer-me, Ettie. Que te parece? O segundo filho inútil. O herdeiro de recurso recebe finalmente a sua herança. O vencedor fica com tudo.

Olhei-o e percebi que a dor no seu coração se tornava indisfarçável na face encantadora onde, naquele momento, surgia um esgar de troça.

– Parece-te que um segundo copo será sensato? – perguntei enquanto o via encher outro.

– Segundo? Este é o terceiro – disse, impressionado consigo mesmo. – *Salut!* – Inclinou a cabeça e rosnou depois de engolir a bebida ardente.

– É demasiado forte – adverti.

– Como sabes? Acrescentaste a bebida à lista dos teus vícios vergonhosos?

Fechei os olhos para me conter. Estava magoado, disse repetidamente a mim mesma, inspirando de forma lenta e profunda antes de abrir os olhos.

– Sei porque consigo cheirá-lo. Como te consigo cheirar a ti.

– Fico feliz por ti, irmãzinha! – Era um comentário curioso. Bateu com o copo contra a garrafa e ergueu-mo antes de beber o resto.

– Pretendes embebedar-te?

– Claro que sim. Qualquer coisa para me distanciar. Pensei que voltar para casa ajudasse, mas certificaste-te de que haveria ainda mais desespero à minha espera.

– Felix, por favor... Podemos falar?

– Estamos a falar.

– Não. Estás a provocar-me. Que se passa contigo?

Caminhou com passos instáveis e deixou-se cair sobre o couro da cadeira do nosso pai.

– Costumava adorar sentar-me nesta cadeira – disse, subitamente. Parecendo-se mais com o Felix que conhecia, falando com tom gentil.

Acenei com a cabeça.

– Eu também.

– Costumávamos sentar-nos aqui juntos quando éramos muito pequenos, não era?

Sorri por um segundo, aliviada. Ainda conseguíamos, pelo menos, recordar tempos mais felizes.

– Mas crescemos e lidamos agora com assuntos de adultos.

– Felix, fala-me de Henri.

Foi como um golpe no estômago. Olhou-me como se estivesse exausto, com expressão ferida, olhos vermelhos e encovados.

– Foi heroico. Atingido por várias balas. Recusou ajuda com um gesto. Salvou tantas vidas ao longo dos últimos meses, incluindo a do jovem por quem se sacrificou. Podemos recordá-lo com orgulho. Foi um dos melhores filhos da França.

– Ámen – disse eu. Fixou em mim um breve olhar divertido. Era uma das nossas expressões prediletas. – Como tem sido a tua guerra?

Pestanejou, olhando-me.

– Que queres dizer com isso?

– Sabes muito bem o que quero dizer. – Sentava-me à sua frente, do outro lado da secretária do nosso pai e percebi que passara a ser a sua secretária, o seu gabinete. Pobre Henri. Passara a vida inteira a ser treinado para administrar o império familiar e desfrutara desse estatuto durante pouco mais de um ano. Felix nunca o desejara. Apontei a têmpora.

– Que se passa aqui dentro, Felix? Estás diferente.

– Tu também. Deixaste de respeitar a santidade dos teus votos matrimoniais.

Irritei-me, mas consegui conter a raiva.

– Lembras-te da nossa discussão na noite do casamento? Lembras-te de dizer que desejava avidamente ter dormido com outros homens? Que desejava avidamente que Aimery não fosse o primeiro?

Acenou afirmativamente.

– O meu desejo concretizou-se.

– O quê? – Olhou-me, incrédulo.

Ergui um ombro e apressei-me a explicar a interrupção do capitão e do presidente da câmara, a mobilização e a forma como Aimery vestiu orgulhosamente a sua farda sem perder um segundo, partindo para se juntar à sua companhia.

– Abandonou o vosso leito conjugal quando poderia ter passado essa noite contigo? – perguntou, chocado.

– Receio que sim. O meu corpo virginal dentro de uma camisa de dormir em seda não foi suficiente para o aliciar. Felix, este casamento é um embuste de várias formas diferentes.

Franziu a testa.

– Não percebo.

– Não. Mas perceberás. Preciso que Sébastien esteja comigo...

– Sébastien pode ir...

– Cala-te!

O meu irmão arregalou os olhos como reação.

– E não me digas que és o «chefe de família». Isto é importante. Mais importante do que qualquer um de nós porque é uma questão relacionada com a família e afeta-nos a todos.

– Então que tem Sébastien a ver com o assunto? Não faz parte da nossa família

– Felizmente!

Olhou-me, intrigado.

– Estou bêbado? Que me está a escapar aqui?

– Muita coisa. Mas terás de esperar por Sébastien. É ele a chave.

– Não compreendo.

– Compreenderás. Felix, se fores rude com ele de alguma forma, partirei e não conseguirás persuadir-me facilmente a regressar. E custar-me-á mais perdoar-te por tratares Sébastien como um canalha do que me custará perdoar-te a ti e a Henri por me terem obrigado a casar com Aimery. – Tentou interromper, mas continuei a falar. – Podes ter uma vida solitária sem a tua irmã gémea ou poderemos continuar juntos como sempre estivemos, aproveitando ao máximo o que nos resta... Não temos mais ninguém.

Trespassei-me com um olhar tão obviamente ferido que me forçou a afastar os olhos. Não queria ver-me tão exposta.

– Ou poderia fazer um favor a todos nós e decidir morrer como o nosso irmão.

– Felix! – A minha voz era um sussurro forçado, sombria como uma manhã nublada em Grasse. Mesmo que soubesse que enfrentaria a morte diariamente. – Como podes dizer-me uma coisa tão cruel? – A dor irrompeu-me no coração. Era assim ter o coração partido?

Abanou a cabeça e baixou-a. Deveria sentir-se realmente envergonhado por fazer uma sugestão tão chocante.

– Perdoa-me. Foi cruel e insensível para com a memória do nosso irmão.

A minha mão continuava a cobrir-me o peito num gesto horrorizado.

– Que pode ter-te levado a dizer tal coisa? Espero uma carta tua todos os dias, Felix. Todos os dias. Os criados pensam que anseio pela chegada do correio por querer ter notícias do meu marido. Não lhe desejo qualquer mal, mas não me importaria de não voltar a ter notícias suas. Era de ti e de Henri que queria saber... És tudo o que me importa.

– E, agora, há também Sébastien – disse, elevando o olhar ao encontro do meu.

– Sim. Agora, há também Sébastien.

– Gostava de ter morrido em vez de Henri.

Não esperaria uma explicação. Contornei a secretária e abracei-o. Não precisou de mais nada. Apenas de um pretexto para abandonar toda aquela raiva e todas aquelas emoções negativas. Chorou nos meus braços. Chorou durante muito tempo. Acariciei-lhe o cabelo e falei-lhe com palavras de consolo. Não conseguia imaginar o que teria visto ou sentido. Não queria pensar demasiado na forma como abraçara Henri enquanto morria, sendo forçado a viver com aquela memória para sempre.

Percebeu o que pensaria com a rapidez que lhe reconhecia.

– Houve mortes horríveis, Ettie. Presenciei demasiada carnificina. Tantas vidas jovens esvaindo-se em sangue sobre o solo francês.

– Os alemães não chamam Diabos Azuis aos bravos *Chasseurs*?

Forçou o riso.

– Aparentemente, sim. Sei que nos comportámos com valentia.

– Sim e suspeito que, como é habitual, reduzas a dimensão do teu heroísmo. – Não disse nada. Sabia que tinha razão. – Sabes que precisas de um banho?

– Preciso? – Encolheu os ombros.

Franzi-lhe a testa.

– Certamente não haverá ninguém mais capaz de se cheirar a si mesmo? – Ri-me.

Mas não havia qualquer riso naqueles olhos que conhecia tão bem. Eram praticamente iguais aos meus. Tudo o que via neles era um reflexo de danos interiores. Olhou-me enquanto lhe segurava a face nas mãos e estudámo-nos um ao outro. Vi as sombras nos olhos que normalmente cintilavam com malícia e, naquele momento, refletiam um homem destruído.

– Felix?

– Imagino que cheirarás muito bem. – Cheirou o ar. – Deveria conseguir cheirar os vestígios do Natal em Grasse... canela, neve, clementinas, pinhas e os troncos natalícios. – Abanou a cabeça.

– Sim. E café rico que chegará a qualquer momento – disse eu, olhando pela janela e pensando onde estaria o café.

– Não, Ettie – disse. As palavras foram proferidas com tamanha tristeza que esqueci momentaneamente o que esperava ao olhar pela janela.

– Que queres dizer com isso? – perguntei, voltando-me novamente para ele. Ajoelhei-me para conseguir ver-lhe a cara.

– Já não sou o *Nariz*. É como se os boches me tivessem matado juntamente com Henri. Uma das suas odiadas explosões teve como consequência um ferimento invisível da pior espécie. Roubou-me o olfato.

No instante que se seguiu àquela revelação, senti um estranho formigueiro nos lábios, como se fosse motivado pela compreensão do seu sofrimento. Tinha a certeza de que a minha cara inteira ficava dormente com o choque e a sensação alastrava, ameaçando bloquear-me a garganta. Não conseguia falar. Tudo o que consegui fazer foi tremer quando a enormidade da sua admissão foi interiorizada enquanto, no interior, me sentia esvaziada como um saco vertendo as pétalas de rosa no seu interior. Ajoelhei-me no chão, repousando a cabeça sobre os joelhos dele.

Foi a sua vez de me acariciar o cabelo.

– Perdi o dom, Ettie.

– Não resta nada? – perguntei com voz suplicante.

– Resta alguma coisa, mas apenas consigo sentir odores óbvios como sangue ou lixo e apenas quando o ar está aquecido. Suspeito que, no verão, o meu olfato recupere alguma da sua competência, mas, já não conseguirei criar perfumes.

Aquilo era pior do que descobrir que a minha mãe se tinha suicidado? Ou tão doloroso como

estar junto à cama do meu pai quando me sorriu beatificamente pela última vez, imediatamente antes de sucumbir ao coma? Seria mais dilacerante do que saber que me tinha casado com um irmão? Sim, parecia-me que, se comparasse o que ouvira com os acontecimentos mais terríveis da minha vida, aquele seria o mais horrível de todos, mesmo sem esquecer a morte de Henri.

– Que aconteceu? – A minha voz era quase inaudível e senti-me insignificante perante a revelação de Felix.

– Traumatismo craniano resultante de um bombardeamento.

– Porque não me contaste?

– Porque o faria? – replicou, exasperado. – Não podes curar-me. Ninguém pode. É assim a lotaria da guerra. Henri morreu, eu perco o único dom que possuía. Acho que preferia ter morrido de forma heroica.

– Para com isso. Tens de parar de pensar assim.

Moveu-se, ajudando-me a levantar, mas percebi que o fazia para conseguir escapar-me e caminhar pelo gabinete como um animal enjaulado.

– Não há qualquer futuro para mim na indústria dos perfumes. Se nos tivesse feito o favor de morrer, tudo isto seria teu e sei que conseguirias administrar o negócio da melhor forma. Enquanto me intrometer no caminho, significará que...

– Cala-te, Felix! Cala-te! Não quero administrar nada. Nunca quis. Quero apenas trabalhar contigo como sempre trabalhámos. Quero ser respeitada. Nada mais! Quero uma oportunidade para criar perfumes com o meu nome... nada mais. Não quero gerir uma empresa ou ter o estatuto de proprietária. E também não é uma questão de dinheiro. Já tenho mais do que suficiente e para pouco o uso. É uma questão de concretizar o sonho de uma vida inteira, mas tu fazes parte desse sonho.

Aproximara-se da janela e olhava para fora.

– Felix?

– Ouvi-te. A autocomiseração sempre me pareceu odiosa nos outros e eis-me mergulhado nela. Mas, Ettie... – virou-se –, preferia realmente ter morrido. Não conseguir cheirar o mundo reduz-me a menos de metade do homem que fui.

– Não podes morrer, Felix – afirmei com firmeza. – Porque preciso de ti. És o meu irmão gémeo e precisamos um do outro.

– Não precisarás de mim quando tens um marido e um amante.

– Há coisas que preciso de te dizer – afirmei, não querendo parecer assim tão enigmática, mas vendo sobre o seu ombro que Sébastien e Jeanne chegavam acompanhados por outro jovem da mansão. – E preciso de dizê-las antes da chegada de Aimery. – Acenei com a cabeça. – Sébastien chegou. Não te atrevas a insultá-lo. Preciso que nos ouças.

Felix suspirou como se, depois de partilhar o que o atormentava, toda a bravata demonstrada ao chegar a casa tivesse sido exorcizada. Olhei a carcaça do irmão que tinha regressado.

– Pondo de parte a morte de Henri, não consigo imaginar algo que possas partilhar comigo que me pareça mais desagradável do que saber que já não consigo cheirar as flores.

Fitei-o.

– Prepara-te – repliquei com voz severa. – Porque acredito que estou prestes a provar-te o

contrário.

Os dois homens comportaram-se com cordialidade, comigo posicionada entre eles e com o meu olhar sendo suficiente para dissuadir qualquer nova exteriorização de raiva. Passáramos para a sala de estar, onde uma fogueira tinha sido ateadada no início da manhã para aquecer a casa para a chegada de Felix. Noutras circunstâncias, teria sido um cenário acolhedor, mas sentámo-nos de forma tensa, sentindo que o mundo poderia desmoronar-se à nossa volta a qualquer momento. Mesmo a alegria sentida pelo meu irmão ao beber café foi passageira.

Em breve, a sua expressão hostil mirrara com o choque de ouvir o que tínhamos para lhe dizer, calando-nos enquanto lia a correspondência entre os nossos pais. Sabia que não teria dúvidas. Reconhecia a assinatura do nosso pai e leu as suas palavras afetuosas dirigidas à mãe de Sébastien e também a revelação acerca de Aimery, o seu filho. Esfregou o queixo distraidamente enquanto lia as cartas da mãe de Sébastien. Era um sinal claro da sua irritação. Ficou imóvel como mármore enquanto lia as cartas de cada um dos seus advogados, formalizando um acordo segundo o qual Aimery, como filho dos dois, seria considerado um De Lasset para poder viver como filho de Arnaud e ser o seu herdeiro.

Por fim, Felix ergueu a cabeça e olhou-nos aos dois. A sua expressão parecia assombrada e expôs a sua incompreensão aos dois pares de olhos que se fixavam nele com expressões inquisitivas, forçando-o a acreditar.

– É nosso irmão? – disse, finalmente, continuando incrédulo.

Acenámos afirmativamente. As cartas entre o nosso pai e a mãe de Sébastien eram conclusivas. Felix passara a vida sabendo que devia acreditar em mim quando me via assim tão séria. Tal como eu confiava nele nas mesmas circunstâncias. Não desperdiçou fôlego a argumentar, mas o seu semblante carregado fez-me perceber o seu conflito interno. Sabia como se sentia. A sua tez, que parecera amarelada quando chegou, tornou-se ainda mais doentia.

– Tive mais alguns dias para me habituar – admiti, vendo-o pousar as cartas, enojado. – Se Sébastien não estivesse presente, penso que teria enlouquecido com a revelação.

Felix fixou em Sébastien um olhar rancoroso.

– Um verdadeiro herói – disse.

– Não me aproveitei da sua irmã, Felix. – Esboçou um sorriso enviesado. – Apaixonei-me por ela no momento em que a vi pela primeira vez e tentei contrariar a atração que sentia. Dou-lhe a minha palavra como cavalheiro. Tentei partir, afastando-me dela por rezear a minha fraqueza, mas insistiu que ficasse na mansão De Lasset e pareceu-me que a partida teria sido indelicada. Perdia-me já por ela e a verdade é que sabia que precisaria de apoio para superar o choque e não lhe teria voltado as costas, mesmo que o visse correndo contra mim armado com uma baioneta e gritando-me um brado guerreiro.

Não consegui evitar uma pontada de agrado por ouvir a declaração de Sébastien. Nunca ninguém falara sobre mim daquela forma. A novidade era como uma droga em que facilmente poderia viciar-me. Pestanejei, esquecendo os meus pensamentos e prestando atenção.

– Poderei também assegurar-lhe que, se o casamento da sua irmã não fosse este contrato

vergonhoso, ter-me-ia negado qualquer segundo da sua companhia. Não sou um destruidor de casamentos.

– E eu também não queria que isto acontecesse – afirmei, ansiosa para partilhar a culpa. – Felix, é a primeira vez que senti amor por alguém. Naquela carruagem a caminho da catedral para casar com Aimery, senti algo morrendo dentro de mim e tentei genuinamente afastar-me de mim mesma. Queria fugir à vida que me era imposta e, quando proferi os votos sagrados perante um homem que detesto, resignei-me a uma vida miserável sem amor. Para alguém cuja vida se baseia nos sentidos, parecia-me uma sentença de prisão. Mesmo assim, fui obediente... A Henri e também a ti. Mas não voltarei a mostrar-me servil a qualquer homem. Nem mesmo ao homem que amo – disse, olhando Sébastien. – Tu próprio me disseste que o mundo muda. Passo a fazer parte dessa mudança. Exijo apenas estar com um homem que ame, respeite e admire... Exijo poder escolher a pessoa com quem passarei a minha vida, mesmo que isso me force a uma existência clandestina.

Felix abanou a cabeça, incrédulo. A confusão alterava-lhe as feições. Era como se já não me reconhecesse. Começou a caminhar para trás e para diante junto à lareira.

– Encontramo-nos numa situação miserável.

– Foi por isto que o pai nunca aceitou um casamento com a família De Lasset. Deixou-nos acreditar que o motivo era a velha desconfiança de décadas.

Felix inclinou-se para o fogo, apoiando as duas mãos na lareira e baixando a cabeça como se procurasse orientação nas chamas. Ouvi-lhe um gemido baixo e angustiado. – Porque não nos disse?

– Penso que os nossos pais desejaram que o segredo morresse com eles – disse Sébastien. – Parece-me óbvio que o vosso pai esperou conseguir desencorajar suficientemente quaisquer intenções de unir as famílias através de um casamento.

Felix voltou-se.

– Sim, mas não contou com a determinação de Henri em desbravar um novo caminho. O nosso irmão quis deixar a sua marca, unindo as duas grandes famílias de Grasse. Agora, isto poderá destruir as duas casas.

– Não podemos permitir que aconteça – disse eu, olhando-os aos dois. – Teremos de encontrar uma forma de silenciar isto.

Ambos me olharam, pela primeira vez fazendo algo em uníssono, ambos claramente espantados pela minha recomendação.

– Como esperas que abafemos algo tão explosivo? A igreja considerará desprezível o que aconteceu – disse Felix.

– A igreja não precisa de saber – disse, enfrentando as suas expressões espantadas. Falei-lhes de Graciela, acabando por encolher os ombros. – Contamos a verdade a Aimery e aceita deixar tudo como está, mantendo a sua amante e deixando-me em paz. Posso manter o embuste pela família, mas não aceitarei ficar sem Sébastien.

– Não! – disse Sébastien. – Isso será inaceitável para todos os envolvidos! Quero partilhar a vida contigo, Fleurette. E não apenas horas roubadas. Além disso, Aimery quer um herdeiro.

A repulsa abalou-me.

– Não poderá tê-lo! – ripostei. – Terá de abdicar do seu sonho como eu terei de abdicar do meu.

Felix ergueu os braços.

– E ambos se contentam com uma relação clandestina de amantes? – O seu tom de voz era tão sarcástico que me fez encolher.

– Tens uma solução melhor? Tento apenas manter intacta a reputação das nossas famílias.

Sébastien ergueu-se com dificuldade e coxeou para se juntar a Felix perto da lareira. Pareciam sentinelas duplas. Amava-os aos dois de tal forma e, no entanto, apesar desse amor, o sofrimento era a única coisa que nos esperava a todos.

Vi Sébastien retirar o braço ferido do lenço atado à volta do pescoço, não conseguindo suportar o incómodo que representava. Voltou-se para Felix com expressão severa, franzindo a testa, pensativo.

– Há uma solução. Poderíamos matar Aimery, Felix. Ninguém precisará de saber a verdade se nos ocuparmos deste assunto desagradável, talvez aqui mesmo na adega, sepultando o cadáver sob cimento fresco. Estou certo de que haverá uma parede algures lá em baixo a precisar de ser construída. Que lhe parece? O problema desapareceria.

O horror intenso motivado pela sugestão fez-me abrir a boca de espanto, mas ouvi logo a seguir a gargalhada que ecoara por toda a minha vida, alegrando-a. Adorava o riso de Felix. Era espontâneo e vivo, como uma explosão de fogo-de-artifício, iluminando intensamente quem o rodeasse. Era difícil divertir Felix de forma tão genuína e surpreendia sempre, vindo do nada, como naquele momento. Mas, quando acontecia, a gargalhada chegava sem esforço e com total sinceridade porque Felix nunca se dava ao trabalho de tentar encobri-la. E era sempre acompanhada por aquela sua expressão deliciosamente seca.

– Sébastien, seu tolo! – exclamei, profundamente aliviada. – Não troces.

– Muito boa, De Lasset – dizia Felix, continuando a rir. Era um som capaz de aligeirar o pesar que tornara a sala asfixiante e claustrofóbica. – Não há muitos que consigam divertir-me e acreditei que não voltaria a ter motivos para rir depois de partir de Grasse. Mas deu-me esperança.

Sébastien acenou afirmativamente.

– Dê-me uma hipótese com a sua irmã e esforçar-me-ei com afinco para continuar a diverti-lo, sem nunca o desiludir.

Aconteceu algo entre eles. Era como um serenar do conflito. Ou talvez fosse mais que isso. Talvez fosse respeito. Fosse o que fosse, senti-me animar. Com Felix a meu lado, poderia haver alguma hipótese para o meu amor por Sébastien.

– Felix, a nossa mãe amou... – comecei, mas calou-me quando se voltou com um dedo erguido em aviso e toda a sua antiga boa disposição desapareceu como se alguém lhe tivesse vertido um balde de água pela cabeça abaixo.

– Não. Não podes fazer-me sentir culpado por ela. É uma estranha para nós, Ettie. Se permitires que isto te corroa, começarás a sentir-te responsável por tudo o que aconteceu há mais de duas décadas. Por coisas em que não estiveste envolvida e pelas quais não serás minimamente responsável. Quem tira a própria vida será sem dúvida desequilibrado.

– Mas...

– Mas nada – ripostou. – Se viesses aquilo que os nossos homens suportam todos os dias nas trincheiras, pensarias porque não haverá mais de nós a apagarem pensamentos sinistros apontando os revólveres à cabeça. Encontraremos motivos suficientes para o fazer no nosso quotidiano, naquilo que constitui a vida numa trincheira... e também na morte e destruição que impomos a outros, nas nossas terras belas. O Norte de França, tão belo, tão fértil, transformou-se num deserto de lama grossa e negra. Os campos foram devastados. As explosões aniquilaram as florestas. A destruição da nossa terra é suficientemente desoladora sem considerar ainda a morte dos homens que a povoam. Seria fácil pôr fim a tudo e, mesmo assim, quase todos nós resistimos. Mas não penses que não pensei no assunto. – Inspirou, chocado pela sua própria admissão. – Mas ouvi-te sempre na minha cabeça, repelindo a bala que me traria a paz e o teu empenho na minha vida é mais forte que a minha vontade de morrer. Se querem a minha vida, terão de vir buscá-la da forma mais difícil. Não a oferecerei. A nossa mãe era obviamente fraca. Cedeu e abdicou de viver por... um casal de amantes? – Ouvi-lhe um som de desdém. – Com o devido respeito pela sua mãe, Sébastien, e pelo meu pai, um caso antes do casamento dificilmente justificaria as lágrimas da nossa mãe e muito menos que se suicidasse. Teria conseguido muito mais destruindo-o financeiramente, se desejava realmente vingar-se. Mas não desejava. Compreendes, Ettie? Queria apenas piedade porque lhe tinham escondido algo. Admito que foi um segredo odioso, mas a sua mente era claramente demasiado frágil para resistir e não esqueçamos que o que esteve no centro de tudo isto, do princípio ao fim, foi o ciúme. Tinha todos os motivos para continuar a viver. A sua rival, a mãe de Sébastien, admite mesmo numa carta que o nosso pai amava perdidamente a nossa mãe. Além disso, nada lhe faltava. Imagina. Tinha três filhos, Ettie. Dois deles de tenra idade e colocou o seu amor obsessivo por um homem e o seu ciúme por uma relação ocorrida antes de o conhecer acima de todos nós. Não. – Abanou a cabeça de forma veemente, apontando-me com um dedo. – Não te martirizarás na tua mente nem tentarás fazer-me sentir culpado. O que sinto é raiva. Sinto-me inclinado a odiar a sua memória pela fraqueza que demonstrou.

– Oh, Felix – comecei, com um tom suplicante infiltrando-se na minha voz.

Encolheu os ombros.

– É verdade que o nosso pai teve culpas, mas não foi ele a empurrá-la do penhasco, Ettie. Foi escolha sua ser melodramática e saltar. Mas responsabilizo-o por ter gerado uma criança e guardado irresponsavelmente esse segredo, permitindo-lhe tornar-se mais sinistro e nocivo, transformando uma simples criança inocente nascida sem conhecer a sua verdadeira linhagem num pecado ambulante. Não consigo perdoar isso ao nosso pai e tu também não devias fazê-lo. Bastar-lhe-ia ser suficientemente homem para nos contar. Deus sabe que teria conseguido compreender que tivesse tido um caso. Poderia mesmo ter guardado segredo e teria assim um aliado depois da sua morte, pois nunca teria permitido a celebração de um casamento de tal forma ilegal. Não consegui transmitir à geração seguinte a que ponto as suas escolhas poderiam afetar-nos profundamente.

Sébastien franzia a testa como se tentasse compreender alguma coisa enquanto Felix falava.

– É isso – disse. Uma conclusão surpreendente alegrou-lhe a expressão.

– O quê? – questionei, em simultâneo com o meu irmão.

– Ilegal. Foi a palavra que Felix usou, Fleurette. – Virou-se para mim. – Disseste-me que a cerimónia do casamento foi apressada apesar do teu desejo de esperar pelas formalidades devidas.

– Sim – repliquei. – Mas qualquer dia em que casasse com Aimery me pareceria apressado.

– Não é a isso que me refiro. Disseste-me que não houve casamento civil.

Abri a boca, começando por sentir espanto até a compreensão me dominar como se fosse o gáudio pelo desenterrar de um tesouro. Percebia que Felix também não tinha compreendido imediatamente, pois havia na sua face uma idêntica expressão de espanto. A compreensão transformou-se num alívio profundo. Claro que as leis do país prevaleceriam, como eu advertira meses antes. Felix foi o primeiro a falar.

– Tem razão! – afirmou, com urgência. – Não houve tempo para o presidente da câmara presidir à cerimónia civil e assinar a certidão de casamento. Lembro-me da reação de Henri quando lho referiste. Disse que, sendo invulgar, não o era menos que a ameaça de guerra, considerando que o presidente da câmara resolveria tudo quando regressasse de Nice.

– Só que, quando regressou, os sinos da catedral já soavam pelo vale – continuei com voz empolgada enquanto interiorizava o significado daquilo. – Nesse momento, era já demasiado tarde. Ninguém pensava noutra coisa além da guerra e Aimery partiu pouco depois. O casamento nunca teve fundamentação legal.

– Não conheço bem a lei francesa, mas estou certo ao considerar que a cerimónia religiosa é irrelevante?

– Não passa de um número de teatro – disse Felix, expirando ruidosamente com alívio óbvio.

– Sem a certidão do presidente da câmara, o casamento não é legal.

O entusiasmo acelerou a minha respiração.

– Então posso limitar-me a partir?

Felix franziu a testa.

– Legalmente, sim. Creio que sim. O teu dilema passa a ser unicamente moral. Mas não conseguirás poupar as duas famílias à desgraça inevitável.

– Mas, pelo menos, ninguém precisará de saber o real motivo para não poder ser mulher de Aimery. Manteria o embuste, mesmo que me encurralassem, mas esta solução legal permitir-me-á afastar-me com legitimidade. – Foi a minha vez de erguer uma mão quando Felix começou a falar. – Não. Ouve-me. De certeza que, quando Aimery souber a verdade, concordará. Poderemos dar uma desculpa que nos permita a ambos a nossa liberdade. Poderíamos culpar a guerra, por exemplo, e todos compreenderiam que é algo capaz de transformar as pessoas. Assim, pelo menos, Aimery poderia estar com Graciela e eu com Sébastien.

– Parece-me que Aimery já estaria casado com Graciela Olivares, se fosse esse o seu desejo – advertiu Felix. – Mas não discordo que a saída legal trará uma nova perspetiva. É provável que queira culpar-te à frente de terceiros porque nada deverá manchar o nome De Lasset.

Encolhi os ombros.

– Não poderia importar-me menos com a desculpa que usará, desde que apenas me humilhe a mim e não conspurque o nome da nossa família. Mas, conhecendo Aimery, imagino que desejará

manter o seu perfil heroico e referirá o meu desgosto pela perda do meu irmão como sendo responsável.

– Há verdade no que dizes – concordou Felix. – Muito bem. Sugiro a primeira...

O meu irmão não disse mais nada. As portas duplas da nossa sala de estar foram abertas de rompante, batendo na parede e estremecendo nas dobradiças enquanto Aimery entrava, com a capa esvoaçando de forma grandiosa atrás dele e arrastando consigo um vento frio que fez dançar de forma irritável e expectante a nossa fogueira confortável.

Fiquei tão chocada com a chegada de Aimery que me senti temporariamente muda. Apesar da viagem, parecia imaculado por comparação com Felix ou Sébastien. Estava barbeado, com as faces rosadas como resultado do frio. Mas havia um brilho perigoso nos seus olhos, um brilho que aprendera a reconhecer.

– Permita-me que pergunte o que faz a minha mulher aqui consigo, Felix, quando devia estar nos degraus da minha mansão para saudar o seu heroico marido acabado de regressar da frente? – O seu olhar refletia raiva tão intensa que me permitia senti-lo estremecendo por baixo do uniforme. – E quem vem a ser este indivíduo aleijado? – perguntou, olhando as ligaduras e a bengala. Recuperei a fala a tempo, mas, quando abri a boca para falar, Aimery silenciou-me, erguendo um braço no calor imperfeito da sala, com a temperatura descendo rapidamente. – Não falei contigo, mulher! Falei com o homem da casa.

– Porque não a deixas falar, irmão? – perguntou Sébastien, apesar de sentirmos todo o mesmo. Claramente, não se deixara impressionar pelo arrojo demonstrado por Aimery ou pela sua convicção do poder que detinha em Grasse.

– Irmão? – repetiu Aimery, trocista, fixando um olhar ameaçador em Sébastien. – Porque te concedes esse estatuto, estranho?

– Por direito de sangue, Aimery. Sou Sébastien De Lasset, o teu irmão há muito ausente.

– Ah! – Aimery acenou afirmativamente, conseguindo parecer interessado enquanto soava desinteressado em simultâneo. Era um truque e tanto, puxando os dedos das luvas de couro. – As informações que li referem que foste um dos heróis no *château*. Ouvi dizer que foste muito corajoso, salvando vidas. Mostrar tal empenho não está mal para um civil.

Sébastien encolheu os ombros.

– Talvez seja um traço de família. – Esquecendo o elogio invertido de Aimery, percebi que Sébastien não me tinha referido nada sobre a necessidade de salvar vidas além da sua. Naquele momento, não percebi se poderia amá-lo mais do que já amava, mas queria fazê-lo, enquanto o seu meio-irmão se pavoneava como um pavão em plena época de acasalamento. Vendo-me outra vez cara a cara com Aimery, soube, apesar do meu empenho sincero, que não conseguiria viver com ele ou manter qualquer embuste. Ser-me-ia difícil não vomitar quando estivesse diante dele. Se Felix e Sébastien não estivessem presentes, seria provável que procurasse uma forma

de o contornar, saindo para a rua.

– E porque está aqui em vez de aproveitar a sua licença da guerra com o rabo entre as pernas, inglês, correndo de volta para os braços da tua mãe.

Sébastien não reagiu.

– Porque a nossa mãe está morta, Aimery.

Aimery riu-se.

– Desejo-lhe boa viagem. Que notícia agradável. E agora? Foges da frente de batalha com um ferimento para poderes beneficiar da propriedade do nosso pai?

– Do nosso pai – repetiu Sébastien, sorrindo. – Hum... talvez meu pai, mas nunca teu, Aimery.

Vi o meu marido hesitar, semicerrando os olhos. Não era a forma ideal de o informar.

– Aimery – comecei, num tom delicado.

– Cala-te, Fleurette – gritou. – É uma conversa de homens.

– Não fales com ela assim – advertiu Sébastien.

– Que farás para me impedir, irmãozinho?

– Destruir-te-ei. – Não deu a Aimery qualquer hipótese de discutir. – E sabes que posso fazê-lo. À luz da lei, tenho direito a tudo o que acreditas ser teu. Posso ativar imediatamente essa pretensão – continuou, estalando os dedos da mão saudável com um ruído mais elevado do que deveria ser no silêncio terrível. Pensei se conseguiria estalar também os dedos da mão ferida, depois de ter mudado as ligaduras, tornando os seus dedos novamente livres para se moverem e para segurarem objetos. Sentia os pensamentos acelerados. – Exigirei exatamente metade de tudo, o que arruinaria certamente a tua posição como mais destacado perfumista de Grasse... Ou poderemos manter a cordialidade.

A expressão de Aimery ensombrou-se. Graciela avisara-me acerca das suas flutuações de humor e tivera uma pequena amostra no dia do nosso casamento. Reccei o que poderia acontecer vendo-o provocado de forma tão deliberada, mas, com outros presentes, que poderia fazer?

– Não te devo nada, Sébastien Beaumont!

– De Lasset – corrigiu. – É o meu verdadeiro nome. Não poderei dizer o mesmo a teu respeito.

Inspirei fundo, mas fiquei aliviada ao perceber que Aimery se sentia demasiado furioso com a ameaça de Sébastien para responder às suas provocações mais subtis.

– As pessoas mal sabem que existes! – exclamou. Percebi o enfraquecimento da sua postura e olhei Felix, usando a nossa forma de comunicação silenciosa. O olhar que o meu irmão fixava em mim sugeria que talvez a tática de confronto declarado de Sébastien fosse realmente o caminho a seguir, mesmo não sendo a abordagem que qualquer um de nós escolheria.

– Muito bem – continuou Sébastien secamente. – Como dizemos na Grã-Bretanha, não importa um chavo o que as pessoas pensam ou sabem. A lei está do meu lado, irmão.

– Que raio queres de mim? O meu sangue?

– Certamente que não. Não é tão puro como imaginas. Decididamente, não será sangue De Lasset tão puro como o meu. A verdade surpreender-te-á.

Revirei mentalmente os olhos e suspeitei que Felix faria o mesmo.

– Digamos que o que quero de ti não te custará nada. – Aquilo captou a atenção de Aimery. Vi que a cobiça o fazia engolir em seco. – Desejo apenas uma das tuas supostas propriedades.

Expirei, receando perceber para onde aquilo caminhava e sentindo que não acabaria bem.

– Sébastien... – tentei dizer, ansiosa para o afastar daquele caminho. Mas olhou-me com doçura e não havia nada além de afeto na sua expressão.

– Silêncio, Fleurette – pediu.

Terá sido o facto de ter murmurado o nome de Sébastien ou a familiaridade com que me respondeu, mas senti que, de imediato, a postura de Aimery se alterava. Parou de transferir o peso do corpo de perna para perna como uma criança saltitando sobre alcatrão quente. A sua expressão passou da altivez furiosa à astúcia. Passava a haver uma acusação nos seus olhos. Relacionava indícios freneticamente. Nunca cometeria o erro de acusar Aimery de ser estúpido. Crescer com ele ensinou-me que tinha mente ágil, capaz de raciocínios rápidos e de percorrer atalhos pouco óbvios. Pensei se teria já chegado à conclusão certa.

– Que propriedade, irmão? – perguntou, intrigado, mesmo que o seu tom de voz denunciasse que já tinha adivinhado.

Sébastien não brincava.

– A tua meia-irmã.

Nem Felix nem eu esperávamos que soprasse as trombetas de Jericó de forma tão pronta ou delicada. Ambos gememos de forma audível.

– Irmã? – Aimery pareceu confuso, movendo o olhar entre mim e Felix. Não podia censurá-lo.

– Meia-irmã – sugeriu Sébastien, calmo como uma manhã de verão, forçando Aimery a focar novamente nele a sua atenção. Admirei a forma como conseguia ser direto. Deixava pouco espaço para equívocos.

– Não tenho qualquer meia-irmã, imbecil. Isto é alguma brincadeira? A guerra tirou-te o juízo?

– Não, mas transformou-te num marido encornado, mesmo que apenas tecnicamente, visto que o teu casamento não é legal. Talvez o facto de me ter apaixonado por Fleurette seja normal para qualquer homem que a olhe. Será aceitável, levando em consideração a ilegitimidade do teu casamento. Formalidades jurídicas à parte, o teu casamento com Fleurette assenta sobre o terreno mais frágil possível em termos de moralidade... Mas reconheço que não poderias saber.

– De que raio fala ele? – questionou Aimery, despindo finalmente a capa com movimentos largos e ameaçadores. Os meus dois homens aproximaram-se imediatamente de mim.

Aimery percebeu o movimento instintivo. Acenou afirmativamente como se aceitasse um desafio, mesmo que a sua voz transmitisse mensagem diferente.

– Felix? – Uma palavra. Uma pergunta formulada com clareza e serenidade. A interrogação parecia quase encantadoramente inocente, mas não me deixei enganar. O ambiente pareceu-me fraturado, como se pudesse explodir a qualquer momento num milhão de estilhaços afiados e dolorosos.

Felix pigarreou e fez-lhe a vontade, contando a nossa história lamentável em metade do tempo que demoráramos a contar-lha a ele e numa fração do tempo de que Sébastien precisou para me contar com esforço. Percebi que não oferecera uma cadeira a Aimery. Nenhum de nós se tinha movido das posições em que nos encontrávamos, perto uns dos outros num trio compacto enquanto víamos Aimery receber as notícias terríveis. Se nós parecíamos imóveis, Aimery estava paralisado. Nem a sua face palpitou ou traiu alguma coisa que pudéssemos usar para perceber como reagia. Fitou Felix com intensidade enervante e, sem conseguir evitá-lo, dei comigo a procurar traços dos Delacroix. Concentrando-me, encontrei-os com clareza agonizante. A forma da sua cabeça era igual à do meu pai, apesar de o cabelo ter cor diferente. Chegava mesmo a inclinar a cabeça como o meu pai fazia e também Henri. As mãos grandes e largas eram dolorosamente familiares. Pensei enquanto o olhava com clareza recém-descoberta se sofreria de artrite nos anos vindouros e de dor nos nódulos de Herberden.

E também o cheirava. O ar demorara alguns minutos a aquecer novamente e o meu olfato apurado ativara-se por instinto, saboreando o ar irado que o envolvia. Captei o cheiro do álcool. Poderia parecer imaculado e conseguia aguentar bem a bebida, mas não tive dúvidas de que bebera. Não me importava se o motivo fosse manter-se quente ou adormecer as recordações das trincheiras. Importava-me apenas que a bebida não o tornasse um bêbado feliz como Felix. Tornava-o beligerante, argumentativo e imprevisível. Senti palpitações de medo e a minha ansiedade explodiu como um enxame levantando voo.

Admirava Felix. A sua voz mantinha-se determinada e cristalina. Falou naquele tom calmo com que conseguia sempre confortar-me. Além disso, mostrou-se surpreendentemente conciso com as palavras escolhidas, falando de oficial para oficial da forma habitual no exército. Apenas os factos, sem embelezamento. Apontou uma mesa pequena.

– Há cartas que confirmam tudo o que aconteceu entre o nosso pai e a tua mãe... Incluindo cartas de advogados dos dois lados do Canal da Mancha. És meio-irmão de Henri, Fleurette e meu. Sébastien é o único de entre nós que não tem ligações de sangue aos Delacroix. – Pigarreou. – Sinto muito, Aimery.

Ergui-me e aproximei-me dele com o molho de cartas.

– Aimery, gostarias de...

Afastou as cartas, fazendo-as cair sobre o tapete.

– Não, não gostaria – afirmou, pleno de fúria.

Deixei as cartas onde caíram. Não lhe permitiria que voltasse a insultar-me enquanto me curvasse sobre o chão. Naquele momento, mais do que nunca, senti-me determinada em conseguir a liberdade. Não haveria qualquer compromisso, qualquer encobrimento por motivos familiares. Queria o meu nome separado do seu. Nunca aceitaria que Aimery De Lasset voltasse a exercer algum controlo sobre a minha vida. Odiava-o mais do que julguei ser possível e, no entanto, conseguia compreender o que sentiria. Pagávamos ambos o preço do pecado do nosso pai.

Sébastien voltou a juntar-se à conversa.

– Foi bastante infantil, não? – referiu, olhando os envelopes caídos. – Mas a nossa mãe sempre disse que eras uma criança carente. – Encolheu os ombros. – Não podes esconder-te da

realidade, Aimery. E o teu casamento com Fleurette será anulado hoje mesmo. Falarei pessoalmente com o padre esta tarde, se me forçares a fazê-lo, e contar-lhe-ei tudo o que sei.

– Com a tua única mão? – troçou Aimery, erguendo as mãos abertas. – Sébastien, matar-te-ei com as mãos nuas se disseres alguma coisa ao padre. Cão miserável! – A advertência sussurrada de Aimery deixou a sala em silêncio, sob o peso da expectativa quanto ao que aconteceria a seguir. Percebi que sustinha a respiração.

– Porque não tentas fazê-lo? – disse Sébastien. – Estou aqui. Ferido e parcialmente indefeso. Sim. Vinga-te dos anos que cresceste à sombra do meu pai, sem o seu filho legítimo, o seu verdadeiro herdeiro. Vamos, Aimery, desafio-te. Usa as mãos nuas contra o soldado ferido. Estou certo de que os teus homens te considerariam mais heroico ainda quando soubessem.

– Basta! – Felix colocou-se entre eles. – Aimery, foi um choque. Precisas de ir para casa, tomar banho e descansar. Encontrar-nos-emos mais tarde para discutir o assunto. Ninguém falará com o padre para já, Sébastien – disse, olhando-o.

Sébastien acenou afirmativamente.

Felix olhou outra vez o meu marido.

– Podes fazer isso por mim, Aimery? Parece-me que todos precisamos de respirar fundo. Eu próprio só soube minutos antes de a questão te ter sido exposta. É muita coisa para interiorizar, uma montanha de dor com que lidar, uma vida inteira de mágoa pela qual terás de perdoar os nossos pais. Sou sincero quando digo que sinto muito por ti.

A tensão amainou e Aimery ergueu os ombros e voltou a baixá-los. Abanou a cabeça como se pretendesse dizer que era realmente muito para interiorizar de uma vez só. A sua voz parecia cansada e conciliadora quando falou.

– Permitem-me um momento com a minha esposa, cavalheiros?

Não acreditei que qualquer um de nós pudesse ter esperado um pedido tão educado. Subitamente, mostrava-se calmo e parecia que a possibilidade de violência potencial tinha passado como resultado da serenidade de Felix. Podia responder por mim mesma. Estava farta que decidissem por mim.

– Claro – acedi. Sébastien fixou em mim um olhar preocupado e não precisei de olhar Felix para saber que se colocaria a mesma questão em silêncio. – Estou bem – afirmei. – E Aimery também está bem.

Aimery encolheu os ombros.

– Parece-me que deveremos, pelo menos, ter um momento a sós para discutir o que aconteceu. – Fixou em mim um olhar inquisitivo e senti-me cada vez mais compreensiva. Mereceria certamente aquilo. Estava num estado de tamanha negação e choque como eu estivera poucos dias antes.

– Muito bem. Podemos sair por um momento. Vem, Sébastien – insistiu Felix. – Estaremos no alpendre. Apetece-me fumar. A ti não? – perguntou ao homem que eu amava. Vi-o hesitar em mover-se.

– Não demoraremos – prometi a Sébastien com um murmúrio. Ao contrário do meu amante, sentia-me envergonhada por aquele momento de embaraço enquanto Aimery nos olhava. Sébastien não nos conhecia há tempo suficiente para se sentir culpado e talvez fosse por isso

que se mostrara tão disposto a provocar a raiva daquele homem.

Esperámos que saíssem, com Aimery olhando-os de soslaio, mas sem sequer alterar a sua expressão quando Sébastien passou por ele a coxear.

– Despacha-te, irmão. Não temos o dia todo.

Sébastien dirigiu-lhe um olhar ameaçador.

– És tu quem deverá despachar-se, Aimery. Tens apenas alguns minutos antes de partires ou antes de vir buscar Fleurette pessoalmente.

De alguma forma, conseguiu falar sobre mim quando estava presente sem dar a entender que lhe pertencia. Senti-me protegida pela sua ameaça. Esbocei-lhe um sorriso tenso que Aimery não viu antes que a porta se fechasse em silêncio e Aimery virasse lentamente a cabeça. Fixou em mim um olhar perfurante, intenso e curioso.

Moveu-se de forma aparentemente despreocupada e resisti ao instinto de recuar. Aimery aproximou-se da fogueira, ficando atrás de mim. Tensa, olhei a porta por onde os outros tinham saído. Resisti a virar-me para ele, encarando-o como um animal encurralado. Estava na minha casa, disse a mim mesma. Ficaria calma. Manter-me-ia forte.

– Estiveste ocupada durante a minha ausência, Fleurette – disse, com voz que não era mais que um murmúrio.

Virei-me finalmente para ele e acenei com a cabeça.

– Sim – concordei, esforçando-me para parecer cordial. – Tenho orientado a colheita, a *enfleurage* e a destilação. Certifiquei-me de que todo o equipamento da fábrica De Lasset está...

– Não me refiro à minha marca de perfumes. Refiro-me a uma negociata muito mais sinistra entre ti e o meu irmão.

Seguindo o exemplo de Sébastien, tranquilizei-me. Seria firme. Manter-me-ia cândida.

– Não diria que estive ocupada – repliquei, faltando-me coragem no último momento para o magoar. – Só o conheci há um ou dois dias.

– Pior ainda. Não perdeste tempo a lançar-te nos braços de um homem que mal conheces. Que nome darias ao adultério de uma mulher recém-casada enquanto o seu marido está fora a defender o seu país? – Pestanejou lentamente para mostrar a sua repulsa, mas continuou a falar com tom cordato.

Baixei o olhar e suspirei. Não podia evitar aquilo. Teria de o enfrentar! Sentia o meu irmão e o meu amante motivando-me a ser direta através das tábuas da porta.

– Aimery...

– Sim, Fleurette? – perguntou num tom carregado de sarcasmo. – Conta-me que nada disto foi deliberado e que não tiveste qualquer intenção de me humilhar e todas essas justificações ridículas para o facto de me teres ultrajado. Adoraria ouvir-te.

– Não posso mudar quem é o teu pai, Aimery – disse, encontrando o arrojo.

Encolheu-se.

– Não posso evitar que sejamos aparentados de forma tão próxima.

Os seus lábios formaram uma linha tão rígida que tive a certeza de que mal conseguiria respirar. Não me daria outra oportunidade para me distanciar do assunto em discussão.

– Mas escolheste Sébastien livremente. Tirou-te a virgindade?

– É isso o que realmente te importa? – silvei.

– Tirou? – exigiu saber. Com um passo, rosnava-me junto à cara e não percebi onde fui buscar forças para me virar para ele. Aqueles minutos na sua companhia tinham-me recordado novamente que seria sempre um fedelho egoísta e arrogante. Queria que compreendesse que já nada me obrigava a temer o seu olhar. Não lhe devia nada. Todos os meus sentimentos anteriores de arrependimento cederam, transformando-se em raiva intensa. Anos a ser maltratada por aquele rufia, desde o dia em que me obrigou a vê-lo arrancar asas a borboletas até à noite do nosso casamento. Os momentos odiosos de desespero infantil e adolescente nos nossos caminhos cruzados com tanta frequência ao longo dos anos transbordaram naquele momento como leite a ferver.

Meses de emoções contidas desde o dia do meu casamento infeliz passaram de lava tórrida a raiva gélida.

Abanei a cabeça.

– Não, Aimery. Não me tirou a virgindade. Não lho permiti.

Aimery esticou o pescoço dentro do colarinho como se, de repente, o sentisse tão apertado que o fizesse sufocar na sua raiva justiceira.

Mas não o deixaria desfrutar do seu momento.

– Não lhe permiti que a tirasse, Aimery, porque queria verdadeiramente ter o prazer de lhe oferecer de minha livre vontade. Foi o presente especial que lhe dei. Gostarias que descrevesse onde e quando o fiz? O momento está ainda vivo na minha memória. Compreenderás certamente que não aconteceu há muito tempo. E, se fechar os olhos, ainda consigo senti-lo dentro de mim. Queres que te conte como me fez sentir tão viva, apurando-me de tal forma os sentidos que proferi o seu nome como se fosse uma oração? Ou parece-te que será um momento íntimo que deverei guardar para mim mesma? Queres que descreva como faz amor de forma tão terna e deliciosa que me faz desejar essa doçura para sempre na minha vida enquanto o teu hálito a tresandar a tabaco e álcool, a tua vil arrogância e...

Sendo franca, não percebi o que aconteceu a seguir. Num momento, rosnava-lhe, ligeiramente descontrolada. No momento seguinte, estava atordoada, incapaz de focar adequadamente os sentidos e sentindo-me impossivelmente caída, de modo nada senhoril, no piso de madeira. Subitamente, percebi que estava junto à lareira, de forma bastante intrigante. Percebi-o apenas por sentir o mármore tão liso sob as pontas dos dedos enquanto tentava sentar-me. Não consegui e acabei caída como uma boneca de trapos num ângulo bizarro, como se tivesse sido atirada pela mão de uma criança para a cama ou para a caixa de brinquedos, falhando o alvo.

Atordoada e confusa, comecei a perceber que Aimery me teria atingido com um murro de pugilista na cabeça. Os sinos voltavam a tocar ou imaginava-o? Abanei a cabeça. Falava, mas não conseguia ouvi-lo adequadamente. Tinha o ouvido esquerdo bloqueado, como se alguém o tivesse tapado com algodão. Acreditei que pestanejaria rapidamente porque percebi a presença de Aimery com a mente toldada, vendo-o levar a mão ao cinto grosso de couro, puxando alguma coisa. Num momento de novo pânico, pensei se baixaria as calças e me violaria para ensinar uma lição. Mas não. A intenção de Aimery não era um simples castigo. Quando a minha visão

começou a recuperar a nitidez e a minha audição regressou aos poucos, percebi que Aimery pretendia punir-me de uma forma muito mais permanente.

– ... te atreves a humilhar-me desta forma – pareceu-me ouvir de forma clara, mas, logo a seguir, fixei o olhar no revólver que agitava num frenesim embriagado diante de mim. Tinha sido aquilo o que fizera. Puxara a sua arma de oficial do coldre. Matar-me-ia se conseguisse apontá-lo com firmeza. Quis rir-me dele, desafiá-lo a fazê-lo, mas o som que me saiu da boca foi um grito. Não me sabia capaz de produzir tal som, mas não era apenas medo. Era um som formado quase inteiramente por amargura e raiva.

As portas duplas abriram-se violentamente pela segunda vez naquele dia e o meu irmão, o meu amante e uma terceira pessoa, alguém que via como sendo uma nova amiga, Graciela, entraram. Não estava em posição que me permitisse tentar perceber o motivo da sua chegada.

– Canalha! – rosnou Felix, procurando-me imediatamente com o olhar.

Mas Aimery virara-se para lhes apontar o revólver enquanto eu permanecia caída no chão, indefesa. Deixara de se interessar por mim. Os recém-chegados travaram imediatamente a marcha, erguendo as mãos por instinto, voltando-se para ele.

Só Graciela não partilhou o gesto universal de rendição. Precisei de ler os seus lábios pintados de escarlate porque a audição ainda não voltara ao normal.

– Aimery! – li, imaginando as suas sedas tingidas de vermelhão roçando umas nas outras como se estivessem também furiosas. – Que fazes? Não sejas absurdo. – O som poderia estar abafado, mas o seu perfume chegou-me ao nariz numa brisa gloriosa de especiarias furiosas aquecidas pelo seu hálito e pela sala.

– Disse-te que me esperasses até te procurar, mulher! Não te quero nesta companhia! – ripostou, esquecendo imediatamente a bela espanhola e virando-se para Sébastien. A minha audição melhorava e conseguia ouvi-lo rosnar.

– Tu... – acusou. – Disseste que querias apenas uma coisa minha, mas parece-me que já te apossaste dela, irmão. Por isso, parece-me que deverei demonstrar o que faço a miseráveis que roubam o que me pertence.

A minha cabeça clareava rapidamente como se a sua ameaça embatesse contra o interior do crânio, intensificando a tensão. Consegui sentar-me no chão, não ousando erguer-me para não sobressaltar Aimery, que brandia uma arma. Sébastien ostentava uma expressão sardónica e não parecia perturbado por ter uma arma apontada ao coração, mas eu fiquei horrorizada e olhei atabalhoadamente em redor, procurando algo que pudesse usar como arma. Infelizmente, os utensílios da lareira estavam do lado oposto ou teria tentado atingir Aimery com um atizador.

Felix, porém, parecia tão horrorizado como eu me sentia. Ainda tinha as mãos erguidas num gesto apaziguador. Ouvi-o chamar delicadamente o nome de Aimery.

– Baixa o revólver, Aimery. Prometi-te que resolveríamos isto e é o que farei.

– Ouvi fazer que convenceste homens teus a não se suicidarem, Felix. Além das pessoas que resgataste fisicamente. És um herói e tanto. Terás certamente o dom da palavra, mas, como vês, não tenho qualquer intenção de me matar. A outros, talvez. Mas não a mim – troçou Aimery. – Não desperdices o teu fôlego.

– Tens de... – Felix tentou novamente, mas Sébastien sobrepôs-se-lhe.

– Não roubei nada que não quisesse ser arrancado à tua arrogância. Sejam os claros, Aimery. Fleurette não pertence a ninguém e erraram todos quando pensaram que podia ser usada como um mero objeto. Escolherá livremente o seu próprio caminho. Com a anulação do casamento, fica livre para escolher quem quiser e para determinar como viverá a sua vida. O mundo muda. A guerra diz-nos isso mesmo. Além de não teres a mínima capacidade e dignidade para ser o marido de Fleurette, és um dinossauro e fico satisfeito pelo fim da tua era. Ao que parece, está aqui uma mulher que te ama pelo que és – disse, voltando-se e baixando a cabeça enquanto olhava Graciela. – Acabámos de ser apresentados lá fora, mas mostrou-se cordial. Será certamente a mulher com quem deverás casar porque, se compreendo corretamente a tua situação, sempre a admiraste.

Aimery riu-se.

– Nunca casarei com uma mulher que descende da miscigenação de mouros com ladrões espanhóis e piratas portugueses. Sente-se confortável com a relação que temos – afirmou a Sébastien. Mesmo atordoada, a afirmação vil e a convicção arrogante na adoração de Graciela fizeram-me sustar a respiração.

– Não casarás com uma mulher bela e rica que te ama e preferes deitar-te com a tua meia-irmã? Que espécie de lógica invertida é essa? Desejas gerar um filho que resulte de consanguinidade? – perguntou Sébastien, incrédulo.

– Baixa o revólver, Aimery – voltou a advertir Felix, fazendo-o com maior intensidade daquela vez. Percebi aquela entoação e aquele brilho de obsidiana nos olhos do meu irmão. Se conseguisse recomendar cautela a Aimery, dir-lhe-ia que atendesse ao pedido que lhe era feito.

Mas, aparentemente, Aimery estava além de qualquer razão. Ergueu a arma, apontou-a a Sébastien com mão instável e consegui apoiar os joelhos no chão, ficando de gatas.

– Por favor, Aimery – tentei dizer, estendendo-lhe uma mão que não conseguiu segurar-lhe as calças.

– Não tens direito de me pedir o que quer que seja, pega. Quero que vejas como faço o filho de outra pega pagar pelo seu pecado.

Aconteceu depressa. Saltei para ele, atirando-o para o lado. Não sei qual de nós gritou. Pensei que teria sido eu, mas a boca de Graciela estava aberta e também poderia ter sido ela. Seguiram-se movimentos bruscos acompanhados por um grito, mas não conseguia ver bem porque Aimery estava à minha frente. Ouvi um segundo grito de «Não!» e o estrondo de um tiro em resposta. Vi Felix cair lentamente para o chão, com uma expressão de incredulidade ensombrando-lhe a face. Por instinto, avancei de gatas, içando as saias até ao peito para conseguir mover-me com liberdade de movimentos suficiente para me arrastar até ao local onde o meu irmão caíra. Houve um momento de horrível silêncio alastrando à nossa volta enquanto Aimery libertava um gemido exasperado.

– Maldito sejas, Felix. Vê o que fizeste. Não devias ter-te intrometido – afirmou, parecendo limitar-se a constatar um facto com toda a normalidade. – Podes culpar a tua irmã por me ter perturbado a mira.

Uma jarra foi-lhe atirada à cabeça enquanto me erguia. Pensei de forma ridícula que ninguém devia atirar porcelana Limoges, mas o esforço válido de Graciela atingiu inutilmente o ombro

de Aimery. Dirigiu-lhe uma torrente de palavras em espanhol. Aimery ignorou-a, mas deixou-se distrair durante segundos preciosos, mesmo que já não me importasse quem alvejasse a seguir. Alcancei Felix e aninhei-lhe a cabeça no colo, desejando que o meu marido me matasse também a mim para ser executado por duplo homicídio.

Mas Sébastien não permitiria que Aimery tentasse magoar-me. Colocou-se à nossa frente de forma tão determinada como o meu amado Felix se colocara à sua frente para receber a primeira bala. O efeito desta tornara-se óbvio na forma como o seu sangue lhe ensopava a camisa. A sua respiração era superficial e mantinha os olhos fechados. Tentava dizer o seu nome, mas o choque que sentia não permitia nenhum som. Os meus gritos eram silenciosos. A minha dor era demasiado intensa para se consubstanciar em sons. Sébastien abriu os braços.

– Vamos, Aimery. Seu rafeiro cobarde! Dispara.

E Aimery disparou, maldito fosse. Premiu o gatilho. Os anjos desceram sobre nós nessa manhã, aparentemente. Ouviu-se outro tiro ensurdecedor, mas a bala atingiu inutilmente a porta, fazendo farpas de madeira caírem sobre mim. Não era grande atirador. O coice do revólver combinado com a bebida que lhe alvoroçava o corpo salvaram a vida de Sébastien. Vi Aimery olhar a arma com uma expressão de repulsa renovada, estalando os lábios com irritação, como se estivesse apenas na carreira de tiro.

Não conseguia perceber o que custou a Sébastien mover-se tão rapidamente como se moveu, mas vi-o erguer a bengala no ar, movendo-a com toda a sua força contra a mão com que Aimery segurava a arma. O golpe atingiu o pulso do meu marido com um estalo medonho. O som pareceu-me magnífico e agradou-me especialmente ver os olhos de Aimery revirando-se em confusão e o seu corpo ceder ligeiramente. Mais importante que isso, vi o revólver voar-lhe dos dedos e deslizar sobre os tacos de madeira até embater inofensivamente contra as botas de Graciela.

Aimery recompôs-se imediatamente, apertando com as mãos grandes o pescoço de Sébastien, que se lançou atabalhoadamente sobre Aimery para escudar novamente os gémeos dos seus golpes. Aparentemente, um pulso fraturado não detinha um brutamontes enfurecido.

– Disse-te que te mataria com as mãos nuas – recordou Aimery, com sangue escorrendo-lhe de um ferimento na cabeça.

– E eu disse-te que tentasses – replicou Sébastien entre dentes cerrados, enquanto tentava afastar os dedos de Aimery. Foi lento, ouvi os sons guturais de Sébastien e percebi que teria de deixar o meu irmão moribundo para ajudar o meu amante, se queria que sobrevivesse.

Ouviu-se um som estridente quando Sébastien encontrou força quase sobre-humana na sua mão intacta para partir um dos dedos de Aimery. A dor chocante foi visível na face do seu irmão e afastou a mão, mas, daquela vez, Aimery lembrou-se de tentar alcançar a sua adaga, um estilete toscamente forjado que era a versão francesa da faca militar de que Sébastien me falara nalgum ponto durante os dias anteriores. Puxou a lâmina triangular de aspeto feroz do seu cinto, ignorando o pulso fraturado e o dedo partido.

Sébastien pareceu reagir instintivamente antes que a faca conseguisse provocar o máximo dano, erguendo a mão ferida para receber o primeiro golpe. A lâmina cortou as ligaduras com facilidade.

– Pronto para ser esventrado, escumalha inglesa? – perguntou Aimery.

Não acreditei que Sébastien, sentado sobre Aimery, conseguisse defletir novo golpe determinado e estendia a mão para uma jarra Limoges que fazia par com a que Graciela atirara. Apesar de ser um projétil tosco, poderia conseguir distrair Aimery durante tempo suficiente se lhe atirasse à cabeça. O sangue que fluía abundantemente cegava-o. Via que o limpava para conseguir ver com clareza enquanto Sébastien usava a sua última opção, apoiando todo o seu peso sobre o irmão num esforço para lhe esmagar a garganta... se conseguisse alcançá-la. A sua mão capaz afastava a adaga, mas não vencida o duelo pela lâmina que se aproximava perigosamente do pescoço do meu amante.

De repente, vi um turbilhão escarlate diante de mim.

– Vai para o diabo que te carregue, Aimery – ouvi dizer Graciela numa versão gutural da sua voz normalmente rouca. Durante um instante, os dois homens pararam de se debater. Sébastien endireitou mesmo as costas. Graciela aproveitou esse momento para cuspir na cara do seu amante. Dirigiu-lhe outra torrente furiosa de palavras em espanhol que não entendi, mas cujo significado compreendi perfeitamente no meu coração. O insulto que Aimery lhe dirigira anteriormente fora demasiado para suportar. Suportara ser humilhada por ele e rebaixara-se durante tempo suficiente para provar o seu amor. Mas a rejeição dele e o seu desdém tinham alvoroçado o seu volátil temperamento espanhol como combustível regando chamas.

Só percebi que tinha erguido o revólver quando premiu o gatilho quase à queima-roupa. Graciela parecia ter assumido uma posição de disparo, apoiando os dois pés com firmeza e usando as duas mãos para tornar firme a arma, minimizando o coice. Com horror e espanto, vi a cabeça de Aimery bater contra o tapete que cobria o chão e, mesmo que o buraco no centro da sua testa parecesse tão pequeno e limpo para o ruído tremendo de mais um tiro, imaginei com horror como estaria o outro lado da sua cabeça. Os seus olhos anteriormente furiosos, doridos e vermelhos fitavam cegamente o teto com o desespero como última expressão. Concordei com ele. Quem acreditaria que seria a única pessoa no mundo que o amava a matá-lo? O sangue formou rapidamente uma poça por baixo da sua cabeça, viscoso e tão escuro que parecia preto no tapete oriental da nossa sala de estar.

As chamas que tinham testemunhado a morte dançaram alegremente na lareira e o crepitar da lenha passou a ser o único som audível.

O silêncio e o choque esmagadores foram interrompidos por movimentos rápidos enquanto todos nós, em simultâneo, abandonávamos Aimery ao seu encontro com o criador, concentrando toda a atenção na respiração superficial do meu irmão.

– Felix? – sussurrei. As suas pálpebras entreabriram. Esboçou-me um dos seus sorrisos radiantes.

– Estou morto?

– Jamais – disse-lhe, não conseguindo conter as lágrimas, mesmo percebendo que não faltaria muito tempo para fazer de mim mentirosa.

Ouvimos vozes assustadas e urgentes aproximando-se. Graciela foi a primeira a mover-se.

– Trarei ajuda e avisarei o presidente da câmara.

Sébastien segurou-lhe a mão enluvada.

– Graciela – disse, pronunciando o seu nome com perfeição. – Não diga nada que a incrimine. Eu resolverei isto.

Franziu a testa e abanou ligeiramente a cabeça.

– Estou preparada para aceitar as...

Sébastien respondeu com um silvo de negação.

– Ouça o que lhe digo! Diga apenas que chegou e encontrou este cenário. – Abanou-a. – É importante. Repita!

– Não é necessário. Mas não precisa de...

– Deixe-me resolver isto! Agora vá! E limpe a pólvora da manga.

Olhou-o por um momento mais, mas acenou afirmativamente e partiu, fechando as portas atrás de si.

– Fleurette – sussurrou Sébastien, tocando-me a mão.

Movi-me quando o senti tocar-me. Como se os seus dedos queimassem. A minha raiva terá sido visível, mas olhava atentamente Felix e a luz que esmorecia nos seus olhos.

– Fleurette, olha para mim – insistiu, falando em voz baixa mas com maior firmeza. Ergui os olhos cheios de lágrimas. Sébastien abanou a cabeça deliberadamente para dizer o que tentava negar mentalmente. Tinha razão. Claro que sim, pois teria visto ferimentos semelhantes. A bala tinha provocado os seus danos sem matar imediatamente o meu irmão, mas roubando-lhe a vida mesmo assim. Os anjos conseguiriam salvar apenas uma vida naquele dia e tinham decidido salvar Sébastien, protegendo-o duas vezes, uma vez usando o meu irmão como escudo. Prendi as mãos do meu irmão entre as minhas e beijei-as.

– Está tanto frio aqui, Ettie – murmurou ele.

– É inverno, meu querido – disse-lhe, tentando não perder o controlo da voz. – Pensa na primavera, Felix. Pensa na colheita e lembra-te de como nos deitávamos sobre pétalas perfumadas. – A recordação fê-lo sorrir. O seu olhar perdeu o foco, não conseguindo fixar-se em mim e vagueando pelo teto.

– Ettie?

– Estou aqui.

– Já não precisas de falar a ninguém do pecado Delacroix-De Lasset. Termina aqui, connosco.

– Tossiu sangue e precisei de engolir com força para não gritar de desespero enquanto Sébastien me cobria os ombros com o braço, insistindo que me mantivesse forte por Felix.

– O pecado morre com Aimery – concordei, com voz baixa e patética. Mas o meu irmão ouviu-me.

O seu sorriso ampliou-se. Emocionou-me ver o quanto se parecia com o nosso pai naquele momento.

– Passas a ser livre para casar com o De Lasset certo e não mancharás a memória de ninguém.

– Foi abalado por um novo espasmo devastador enquanto o sangue escorria por baixo dos meus dedos, pingando-lhe também da boca. As portas abriram-se nesse momento e entraram três pessoas: Graciela, o nosso polícia local e o presidente da câmara. Mas Sébastien proibiu que se aproximassem mais. Os dois recém-chegados começaram por olhar para o trio que formávamos e, a seguir, viram o cadáver de Aimery e mantiveram um silêncio lúgubre.

– Une as nossas duas famílias da forma certa – disse Felix, recuperando as forças por um instante passageiro. A sua respiração era tão instável e superficial que percebi que nos restavam apenas momentos juntos. Olhou Sébastien. – Espero que saibas que te assombrarei se não cuidares dela.

– Dou-te a minha palavra solene de que a tratarei como a mulher mais preciosa de todo o mundo – prometeu Sébastien ao meu irmão, erguendo a mão ferida até ao peito para sublinhar o juramento. Voltara a sangrar, com as ligaduras caindo do local onde Aimery as cortara.

– Sou apenas meia pessoa sem ti – disse-lhe, chorando incontrolavelmente.

– Não, Ettie. Fica com tudo – disse, pronunciando cada palavra com esforço. – Ficarei mais feliz assim. Estarei com Henri e com o nosso pai. Aplaudiremos e olharemos por ti enquanto criares o teu primeiro perfume. Como começa? – perguntou, esboçando o seu último sorriso. – Fala-me das flores. Deixa-me cheirá-las outra vez na minha cabeça.

– Começa tudo com a nossa rosa de maio, a rosa das cem pétalas – disse, ignorando o tremor na voz. – Consegues cheirá-las? Sentes o seu perfume orvalhado e doce como mel? – Despedi-me com um beijo nos lábios, sentindo na boca a doçura metálica do seu sangue.

Os seus olhos brilharam com uma clareza estranha, como se o seu espírito se preparasse para abandonar esta vida, permitindo-lhe um último momento de consciência testemunhado por mim e por Sébastien.

– Temos de correr para os campos, colhendo as nossas flores na manhã em que desabrocham para não perdermos a sua intensidade. Começo por sentir o cheiro a limão e maçã antes da doçura da madressilva e da framboesa, com sugestões profundas de cravinho e pimenta.

– Isso mesmo. Começaremos aí, Felix – prometi.

Precisei de me inclinar sobre ele para ouvir as suas palavras seguintes.

– Planta rosas sobre mim, Ettie – sussurrou. E o último fôlego do meu belo irmão roçou-me o ouvido, sentindo os seus dedos perderem a força nas minhas mãos.

– Partiu – disse a Sébastien com voz quase inaudível, chorando. Acenou afirmativamente, com a face transformada numa máscara de compreensão, fazendo-me pensar nesse momento quantos últimos fôlegos Felix e Sébastien tinham testemunhado, sendo ambos ainda tão jovens.

Senti-me envolvida por novos braços. Erguiam-me, conduzindo-me a uma poltrona. Um

cobertor foi-me colocado sobre os ombros. Vindo de algures, um copo de conhaque foi-me posto na mão e, sem que precisasse de fazer qualquer movimento, o pequeno copo com forma de tulipa subiu-me até aos lábios. A minha mão era guiada por uma mão de mulher.

– Isto ajudará – assegurou Graciela.

Comecei por sentir o cheiro do álcool volátil antes que o movimento do copo libertasse os vapores de tília e de videira velha, com uma sugestão breve de violeta antes de captar o odor a baunilha e tabaco. O líquido xaroposo inundou-me a boca e desceu-me pela garganta abaixo numa pequena torrente de sabores a noz e caramelo que me aqueceram.

– Tudo – insistiu a minha amiga, inclinando o copo até ter engolido tudo o que continha, sentindo o ardor na garganta. Odiei aquilo.

Agachou-se a meu lado.

– Terás de ser muito forte – afirmou. – Para o bem dele – acrescentou. Olhámos as duas para Sébastien. Conversava animadamente com o presidente da câmara e com o polícia, que o questionava acerca dos pormenores do que tinha acontecido. Olhei Felix, já coberto com um dos lençóis que protegiam os móveis do pó. Alguém o retirara da pilha aprumada que tínhamos dobrado naquela manhã, esquecendo-nos de os guardar. Os seus pés ficavam de fora e tinha calçado um par de meias de lã que reconhecia, pois tinha sido eu a tricotar-lhas pouco depois de ter partido com Henri para a frente. Tive de afastar o olhar e fixei-o em Aimery, coberto pela sua capa. O sangue espesso do ferimento na cabeça alastrara além da capa e virei-me para não precisar de o olhar a ele e àquela poça de sangue que parecia apontar-me um dedo acusador.

O conhaque desceu por mim abaixo, traçando um fluxo ardente, fortalecendo-me e puxando-me de volta ao presente para prestar atenção à conversa.

Vi Sébastien abanando a cabeça como resposta a uma pergunta.

– Bom... não sei, senhor – disse com o seu francês impecável, apesar de conseguir ouvir a perturbação no tremor ligeiro de uma voz habitualmente firme. – Aimery fazia acusações desvairadas. – Passou uma mão pelo cabelo, fazendo-o parecer particularmente rebelde. Quis levantar-me e ajeitar-lho para que soubesse que nada daquilo fora culpa sua, apesar de saber que sentia a culpa entranhando-se nele como um mau cheiro. Ambos tínhamos rosnado a Aimery, ajudando a ensombrar mais ainda a sua disposição, sem dúvida. Disse a mim mesma que não deveria seguir por ali. Aquele caminho conduziria a uma vida inteira de culpa e fora Aimery a perder as estribeiras, puxando por uma arma e disparando intencionalmente dois tiros.

– Não sei o que lhe passou pela cabeça para dizer tudo o que disse – confessou Sébastien.

– Acusá-lo de ter estado com a Mademoiselle Olivares? – questionou o presidente da câmara em voz alta.

Sébastien encolheu os ombros.

– A *mademoiselle* assegurará sem dúvida que hoje foi a primeira vez que nos vimos. Fomos apresentados por Felix quando chegou a esta casa momentos antes dos tiros fatídicos de Aimery.

Graciela afastara-se de mim, aproximando-se dos homens.

– É verdade – disse, com o seu sotaque cerrado e exótico. – Nem sequer sabia que Aimery tinha um irmão. Fiquei chocada quando Felix Delacroix mo apresentou.

O polícia franziu a testa.

– Então estavam todos no alpendre.

Sébastien suspirou.

– Será melhor contar-lhe tudo outra vez? – perguntou, mostrando-se prestável.

– Por favor, *monsieur* – disse o polícia com uma vénia ligeira.

– Acompanhei Madame De Lasset até à estação ao amanhecer para esperar o comboio. Sabia que o seu irmão mais velho morreu como herói dias antes de ter uma licença?

O polícia e o presidente da câmara baixaram as cabeças num gesto melancólico.

– Sim. Ficámos profundamente tristes quando soubemos do falecimento de Monsieur Delacroix – respondeu o presidente da câmara.

– E agora isto – acrescentou Sébastien, indicando Felix. – Foi um choque terrível para ela.

– Sim. Perdoem-nos... Mademoiselle Olivares, gostaria de acompanhar Madame Lasset até...

– Não! – disse eu. Não percebera sequer que prestava atenção suficiente, acreditando que continuava perdida nos meus pensamentos, ainda com o cheiro da bebida forte à minha volta. Percebi que não era apenas o meu conhaque. Aimery continuava a cheirar intensamente a álcool.

– *Madame?* – disse o presidente da câmara, movendo o olhar entre Sébastien e o polícia, surpreso.

– Aimery estava bêbado – disse eu, não me importando com a dureza das minhas palavras. – Aproxime-se. Consigo cheirá-lo daqui. Não estava apenas ligeiramente inebriado, senhores. Estava de tal forma alterado que via e ouvia demónios. – Mesmo com os sentidos toldados, percebi o raciocínio de Sébastien e limitei-me a atrelar a minha carruagem à sua locomotiva. – Fazia acusações absurdas. Terá chegado bêbado à estação, apesar de ter considerado inicialmente que se tratava de fadiga. Entrou por aqui dentro, completamente irracional, fazendo alegações incompreensíveis. Sabe que o seu comboio chegou mais cedo do que qualquer um de nós esperava?

O presidente da câmara acenou afirmativamente.

– Sim. Estive presente na chegada dos dois comboios. Vi-a receber Monsieur Delacroix.

– Isso mesmo. E eu devia escoltar *madame* para receber o seu marido, mas chegou mais cedo – referiu Sébastien.

– Estava presente quando chegou – acrescentou Graciela friamente. – Deixemo-nos de rodeios, senhores. Todos sabem, incluindo a sua esposa, que fui amante de Aimery antes do seu casamento. E a verdade é que o amei e queria vê-lo chegar. No entanto, mal me olhou. Não esperei outra coisa, com franqueza. Queria apenas vê-lo com saúde. Mesmo assim, falou-me. Talvez tenha visto? – Olhou o presidente da câmara.

Acenou mansamente com a cabeça.

– Vi, *mademoiselle*.

– Gostaria de saber o que me disse?

– Não, *mademoiselle*. A não ser que seja relevante para a sua morte.

– Queria saber com quem dormi durante a sua ausência, cavalheiros.

Não percebi se seria ou não verdade. Mas foi convincente, fazendo corar os dois homens. O

caso de Aimery com a espanhola era conhecido. O motivo do seu embaraço era a minha presença.

– Não importa. Disse-vos que a sua esposa sabia e aceitámos a situação, não havendo claramente qualquer intenção do Monsieur De Lasset de ser infiel depois de casado. – Admirei a forma como formulara a sua mentira com tamanha mestria. – A questão é – continuou imediatamente Graciela –, que também sabe, tal como Aimery, que nunca aceitaria outro homem. A pergunta que me fez foi uma pergunta de bêbado, incapaz de pensar com clareza, agindo por ciúme e completamente desligado do seu carácter habitual.

Voltei a participar no interrogatório.

– Não estava na estação porque trouxera o meu irmão para casa pouco tempo antes. Ainda bebíamos café e esperávamos ter pelo menos uma hora antes da chegada do comboio de Aimery – disse, apontando o tabuleiro caído e o conteúdo espalhado como consequência do confronto. – Chegou furioso, sem ser anunciado e, como vos disse, bêbado. Suponho que não terá aguentado tudo o que viu no campo de batalha. As cartas que enviou provam o seu heroísmo – disse, sentindo-me mais confiante. Ergui-me sobre pernas trémulas e aceitei o braço que Graciela me ofereceu. – Mas o heroísmo tem um preço, cavalheiros. Bastará que olhem para os ferimentos de Sébastien De Lasset ou que ouvissem Felix falar de Henri. O que o meu irmão não fez esta manhã foi falar de si próprio, mas até Aimery, no seu único momento de lucidez ao cumprimentar Felix, admitiu ter ouvido falar da forma heroica como se comportou. Estes homens testemunharam tamanho sofrimento que não surpreenderá que o meu irmão tenha procurado imediatamente a garrafa de conhaque momentos depois de entrar em casa. E é evidente que Aimery começou muito antes e bebeu demasiado durante a viagem para casa. Perdoo-lhe isso, mas não perdoarei as suas acusações. E, porque matou o meu amado irmão, o último que me restava, precisarei de me conter para não lhe cuspir na sepultura – afirmei, percebendo que a minha respiração acelerava enquanto a minha paixão e amargura passavam da camuflagem da verdade do que acontecera para uma descrição da realidade das ações de Aimery.

– Pretendia matar Madame De Lasset, compreendem? – disse Sébastien prontamente, surpreendendo-me. Não me tinha ocorrido aquele cenário, mas era plausível e, sem dúvida, acrescentava peso à alegação de legítima defesa.

– Tem a certeza disso? – perguntou o polícia. Os dois homens voltaram-se para Sébastien, espantados.

Acenou afirmativamente, tranquilo.

– Até a Mademoiselle Olivares percebeu isto. Atirou-lhe uma jarra para tentar distraí-lo. – Apontou os fragmentos de porcelana sobre a pedra da lareira. – Felix conseguia avaliar quando um homem era sério no seu intuito de usar uma arma e colocou-se à frente dela para a proteger da bala. Todos o vimos cair e o meu irmão, completamente calmo, mirou e disparou novo tiro. Foi a minha vez de me colocar diante de Madame De Lasset. As minhas palavras dão a entender que todos pensávamos com clareza. Na verdade, nem sequer pensei. Limitei-me a reagir à ameaça seguinte de Aimery. E não tínhamos forma de perceber se pretendia ou não matar daquela vez. O primeiro tiro disse-nos tudo o que precisávamos de saber acerca das suas

intenções homicidas. De qualquer forma, coloquei-me à frente da sua esposa.

Acenei afirmativamente, cobrindo a boca com uma mão para abafar o choro ao recordar a memória. E não representava. Sentia-me abalada depois da dissipação do choque inicial. Precisei de esforço para interiorizar realmente que Felix partira, morrendo nos meus braços como Henri morrera nos seus. E tudo por culpa do temperamento odioso de Aimery. Comecei a tremer. Tentei recompor-me.

Sébastien continuava o relato.

– ... mas o coice do disparo desviou-lhe o cano da arma e isso evitou que me atingisse. – Apontou a madeira fraturada da porta. – Culpo o álcool pela mira deficiente e pelo disparo descuidado.

Os dois homens franziram a testa, acenando com a cabeça para manifestar a sua compreensão.

Sébastien afastou o cabelo da cara com um suspiro.

– De qualquer forma, era a única oportunidade que tinha e aproveitei-a. Usei a bengala para o derrubar, mas consegui apenas enfurecê-lo. Creio que lhe terei fraturado o pulso, mas isso nem sequer o abrandou. Atirou o revólver ao chão e, antes que percebesse o que acontecia, tinha desembainhado a adaga – disse, indicando com a cabeça o local onde a faca militar com a sua lâmina triangular de aspeto malévolos permanecia ainda presa nos dedos mortos. Sébastien olhou as ligaduras cortadas e o sangue fresco. – Consegui colocar o braço na trajetória do golpe, mas Aimery estava determinado a matar-me. A matar-nos a todos, provavelmente. Nenhum de nós poderá saber o que se passava na sua mente, mas as suas acusações sugerem que ouvia demónios, como sugeriu Madame De Lasset. No confronto que se seguiu, não pude fazer outra coisa além de pegar no revólver, usando-o contra ele.

– Um tiro preciso, senhor – considerou o polícia.

Sébastien encolheu os ombros.

– Seria impossível falhar.

Não consegui olhar Graciela, mas questionei-me se reviveria obsessivamente o momento em que matara o homem que amara.

– Era ele ou eu, cavalheiros. Posso apenas especular quanto às suas intenções para com as senhoras se tivesse conseguido derrubar-me com a lâmina. Sem dúvida que pretendia matar. Pareceu-me óbvio que enlouqueceu na frente.

Os dois representantes oficiais permaneceram em silêncio. Olharam os dois cadáveres e voltaram a olhar-nos. Graciela e eu ostentávamos expressões de trauma genuíno enquanto nos amparávamos mutuamente e o olhar que partilharam entre si fixou-se finalmente em Sébastien, vendo-o sangrando, composto e esperando as suas instruções. As duas famílias mais poderosas de Grasse estavam envolvidas naquele terrível acontecimento. Suspeitei que desejassem ambos obter um resumo simples do que sucedera, tão depressa quanto fosse possível. Imaginei que nenhum deles quieria turvar o assunto com mais perguntas do que as necessárias. Se todos nós dizíamos que fora aquilo o que acontecera, seria a verdade.

Não que o presidente da câmara não acreditasse em nós, creio, mas quieria encerrar a investigação daquele crime perturbador com uma avaliação clara e concisa.

– Permita-me que tente resumir, Monsieur De Lasset. Tratou-se de um caso de legítima defesa?

– Que outra coisa poderia ser? – ripostou Sébastien, permitindo que a sua calma vacilasse. Tive a certeza de que seria deliberado. O lado hirto e tão formalmente inglês de Sébastien sobrepor-se-ia, sem dúvida, ao sangue francês mais emotivo e declarativo que lhe corria nas veias. – Teria matado estas senhoras indefesas e a mim próprio.

O presidente da câmara reagiu com um estalo da língua, mostrando o seu desgosto. O polícia abanou a cabeça.

– É um momento terrível – disse o polícia perante o pesar partilhado. – Lamento muito as suas perdas, Madame De Lasset. Claramente, foi o pior desenlace possível para todos os envolvidos.

– E Grasse perdeu hoje dois dos seus melhores filhos – acrescentou o presidente da câmara em tom pesaroso. – Senhoras, por favor, ocupemo-nos dos caídos.

Graciela acompanhou-me até à porta e não me atrevi a olhar Sébastien, mesmo sabendo que me incentivaria a manter a coragem.

Passávamos a partilhar uma mentira coletiva, mas era uma mentira com a qual conseguiria viver para proteger Graciela e também a memória de Aimery em Grasse.

Voltei para a mansão ao lado de Graciela numa carruagem chamada pelo polícia, sendo depositada entre o espanto partilhado pelos criados, que se prontificaram a cobrir-me com xailes e esfregando-me as mãos para fazer o sangue acelerar um pouco nas veias. Era inegável que estava em choque. Apercebi-me vagamente da explicação de Graciela aos criados, recebida com gemidos de horror e até com algumas exclamações de descrença.

– Morreu? – questionou alguém como se pudesse ser um gracejo de Graciela.

A sua voz grave assegurou-lhes que havia dois mortos e não apenas um, ambos soldados corajosos e, sim, um deles era, sem dúvida, Monsieur Aimery De Lasset. Aglomeraram-se, sendo encorajados a partir pelos seus superiores hierárquicos e por Graciela, que parecia completamente controlada apesar do seu envolvimento nos acontecimentos terríveis daquela manhã e do seu secreto desgosto.

Chegou outro conhaque. Os vapores repeliram-me. Naquele momento, pensei que não voltaria a conseguir sentir o cheiro do conhaque sem recordar o terrível cenário de homicídio, associando para sempre a bebida ao sangue, ao desespero e à perda. Afastei o copo sem qualquer explicação.

– Leite quente – ouvi a governanta instruir, estalando os dedos e recordando-me um tempo anterior... quando Felix ainda estava vivo. – Jeanne, atíça a lareira.

– Precisamos de sossego, por favor – exigiu Graciela enquanto eu fitava as chamas como Felix tinha feito uma hora antes. Como supus que ele fizera, acreditei que procuraria uma explicação de algum tipo para o horror, nunca a encontrando. Mesmo assim, o calor trémulo ajudou a acalmar-me, quase fazendo-me entrar em transe. O calor trouxe a paz. A minha respiração abrandou, mesmo que os pensamentos continuassem frenéticos.

Acabei por falar, interrompendo finalmente o silêncio que mantínhamos.

– Não sei o que dizer.

– Que poderia dizer?

– Preciso de lhe agradecer. O homicídio a sangue-frio do meu irmão exigia retaliação.

– Simpatizava com Felix. Sempre simpatizei. Mas duvido que tivesse matado Aimery por ele... ou por si. Compreendo agora que o matei para me libertar.

A confissão não me surpreendeu. Apenas me surpreendeu que tivesse a coragem de seguir o seu coração, pois estava muito menos envolvida que os seus três companheiros de confronto.

– Estava preparada para ir presa por uns momentos de alívio?

Encolheu os ombros.

– Estava preparada para assassinar o único homem que alguma vez amei, talvez o único homem que alguma vez amarei, para pôr fim ao seu abuso. Nunca me senti mais magoada do que quando o ouvi falar de mim como se fosse lama nas suas botas. Nesse momento terrível, percebi que, apesar de me amar da sua forma retorcida, sempre me desprezara. Era como se sentisse repulsa de si mesmo por precisar de mim. Percebi também outra coisa, enquanto via o seu marido roubar a vida ao seu irmão com tamanha indiferença. Percebi que lutei contra uma infância sinistra sofrendo os abusos de um homem. Aceitar o abuso às mãos de um homem com uma cara diferente e que falava outra língua, mas que, no fundo, não deixava de ser o mesmo bruto cruel faz-me odiar-me a mim mesma mais do que odiarei qualquer um deles. Gostava de poder ter salvado Felix por si.

– Ainda não consigo perceber verdadeiramente tudo o que perdi. – Os meus lábios sentiram-se novamente dormentes como se um arrepio gélido descesse por mim abaixo. Voltei a recordar o sabor do seu sangue. – Felix é... era o homem que queria ser.

– Então seja a mulher à altura do homem que Felix seria. Não permita que a sua morte a destrua. Felix salvou a vida de Sébastien por um motivo. Basta-me olhar para ambos para saber que aconteceu algo entre os dois. – Encolheu os ombros. – Felix deu a sua permissão. Salvou o homem que ama, não é assim?

Acenei afirmativamente, passando a língua pelos lábios dormentes e sentindo neles o sal das lágrimas que me escorriam lentamente pela face abaixo.

– Há coisas muito piores que lágrimas à nossa espera. Não acredito que esta guerra termine em breve, Fleurette. Precisarás de encontrar força no seu âmago, pois o homem que resta na sua vida será seguramente enviado de volta para a frente para travar mais batalhas.

– Os meus dois irmãos – murmurei, com descrença crescente.

Graciela estava a meu lado, agachando-se para me segurar as mãos antes de erguer a mão para me virar a cara, focando nela a minha atenção.

– Há apenas fraqueza no rumo que a sua mente segue, querida Fleurette. A sua família, as duas grandes casas e até mesmo Grasse precisam que esteja à altura do nome Delacroix. Quero que me mostre que esse prometedor espírito de desafio que senti em si se vai erguer agora, fazendo-a ultrapassar este momento de dificuldade. É uma mulher. Não sabe que são as mulheres quem suportam as maiores mágoas? Não é a única mulher enlutada nesta cidade, mas deverá dar um exemplo de coragem e tenacidade. Lidere Grasse. Concretize todo o seu potencial.

Eram palavras motivadoras que resumiam bem o que era Graciela. Ali estava, esmagada pela maior mágoa possível. A perda da pessoa que amava e também a sua recordação de ter puxado o gatilho que lhe provocou a morte seriam uma sentença de sofrimento perpétuo. Não importava que Sébastien a tivesse protegido de uma acusação de homicídio não premeditado. Seria uma prisioneira da verdade daquele momento até ao fim dos seus dias.

– Sinto muito por si – sussurrei.

– Mostre-me a que ponto sente muito por mim – incentivou.

Franzi a testa.

– Que quer dizer com isso?

– Sei que o choque é recente, mas não se torne escrava da sua tristeza. Prometa-me isso. Deixe-me testemunhar a sua força e permita-me viver sabendo que matei Aimery para o travar, para a libertar... para nos libertar a todos da sua influência.

– Quer que chore sozinha... em privado – resumi.

Apontou-me o peito e acenou com a cabeça.

– Sim. Aqui dentro. A dor é sua e de mais ninguém.

Era um conselho duro de ouvir e não havia nada fácil no que exigia, mas, curiosamente, o seu desafio conseguiu realmente fazer-me sentir mais forte, mais capaz de tomar o controlo. Não conseguia pensar em Felix ou em qualquer outra coisa naquele momento. Parecia-me tudo esmagador. Demasiadas coisas em simultâneo. Não conseguia imaginar como os nossos homens conseguiam suportar tantas mortes, tanta destruição e medo em simultâneo na frente. Percebi nesse momento que, mesmo que sobrevivessem, ficariam todos danificados de uma forma ou de outra. Os sobreviventes seriam assombrados por demónios para sempre. Com o tempo, filtraria o choque que sentia naquele momento, encerrando-o em compartimentos na minha mente e examinando cada um deles, mais preparada para a dor ou para a culpa.

– E você?

– Esperarei para perceber o que me acontecerá. Se Sébastien tiver conseguido convencê-los realmente, terá sido apenas uma questão de legítima defesa. E isto será verdade, não? Se acabar por partilhar a verdade, também eu poderei alegar legítima defesa. Na pior das hipóteses, poderei ser acusada de um crime passional.

– Henriette Caillaux – dissemos ambas em simultâneo. Era uma referência a um caso famoso ocorrido naquele mesmo ano e que envolvera uma mulher da alta sociedade pertencente a uma família que conhecíamos. Tinha disparado seis tiros contra o editor do *Le Figaro* para o impedir de publicar cartas incriminatórias que provavam o seu envolvimento com o homem, com quem mais tarde casou, num momento em que ambos estavam casados com outras pessoas. Admirara a coragem de Henriette e a sua feroz determinação para defender o homem que amava.

– Não chegará a tanto – assegurei. – Sébastien conseguiu convencer-me até a mim da sua versão dos acontecimentos.

Acenou afirmativamente.

– É como Henriette – disse-lhe.

Graciela encolheu os ombros.

– Não percebo como. Matei o homem que amava e não o seu inimigo.

– Quero dizer que partilha a mesma paixão, a mesma ferocidade, a mesma despreocupação com as consequências. De certa forma, suponho que terá feito um favor a Aimery, salvando-o de si mesmo. Era o seu próprio inimigo.

Acenou afirmativamente.

– Conseguiu perceber o que me vai na alma – disse, suspirando. – Passou-me pela cabeça naqueles segundos tenebrosos que não havia saída para Aimery. Não acreditei que o seu querido irmão sobrevivesse ao tiro e percebi que Aimery seria acusado de homicídio... não premeditado na melhor das hipóteses. Não poderia alegar legítima defesa como eu e seria executado ou encarcerado pelo seu crime. Quando disparou contra Felix, acabou com a sua própria vida. Limitei-me a selar o seu destino.

– E manteve intacta a sua reputação como herói de guerra – murmurei. O raciocínio de Graciela num momento passageiro e sob pressão extrema passava a fazer sentido depois daquele resumo. Calculei, distanciando-me das palavras tensas proferidas naquela manhã, que teria tido uma oportunidade para avaliar a situação com maior clareza do que o resto de nós. Mesmo assim, pensara depressa e tomara uma decisão traumática. – Conseguirá viver consigo mesma?

Demorou alguns segundos a pensar na resposta.

– Conseguirei – respondeu finalmente. – Porque todos ficam melhor assim.

– Você é a única exceção.

– Não suportaria vê-lo executado por homicídio. Não suportaria visitá-lo na cadeia durante o resto da sua vida.

Acenei afirmativamente. Qualquer um conseguiria compreender o que dizia.

– Foi melhor assim. Protege-se o seu nome, a sua reputação. Agora, será recordado como estando compreensivelmente bêbado e tendo cometido um erro terrível, mas o seu estatuto como herói de guerra permanecerá intocado. O nome da família e a empresa ficarão seguros.

Bateram à porta e Sébastien entrou, trazendo Madame Mouflard atrás de si. Erguemo-nos as duas, sem dúvida com a preocupação patente na cara de ambas, e tive de resistir à tentação de correr para ele. Parecia pálido, com expressão pesarosa.

– Obrigada, Madame Mouflard – disse. – Não precisamos de nada – acrescentei, antes que tivesse tempo de perguntar. – Apenas de sossego.

Baixou a cabeça e retirou-se.

Corri para os braços de Sébastien. Não chorei. Não produzi qualquer som. Limitei-me a abraçá-lo e comunicámos o nosso desespero e mágoa, o nosso amor, a nossa dor através desse abraço, afastando-nos finalmente e olhando a minha amiga.

– Parece mais composta que qualquer um de nós, Graciela – disse Sébastien, afastando-se de mim para abraçar longamente a espanhola, que aceitou o abraço sem hesitar.

– É apenas aparência – disse com voz rouca, conseguindo esboçar um sorriso corajoso.

– É impressionante. Seria um excelente soldado. – Beijou-a duas vezes na face. – Obrigado por salvar a nossa vida.

– Penso que talvez tenha salvado a minha ou, pelo menos, as suas ações permitiram-me clareza.

Franziu a testa.

– Fleurette explicará – acrescentou.

Tremia, interiorizando a realidade.

– Onde está Felix? – perguntei, tremendo enquanto tentava manter-me ocupada, servindo um copo de conhaque a Sébastien e sustendo a respiração para não inalar o odor intenso. Passei-lhe o copo e esvaziou-o com um único gole, fechando os olhos ao sentir o ardor da descida rápida do líquido. Senti-me agoniada, imaginando o sabor enquanto a bebida lhe deslizava pelas entranhas. Passara a ser para mim o sabor da morte.

– Foi levado para a morgue. Aimery também. Segurei a mão de Felix por ti até o levarem para a carruagem.

Senti as lágrimas acumulando-se, mas recusei autorizá-las a cair. Manifestei-lhe a minha gratidão com um aceno, incapaz de falar naquele momento.

Voltou-se para Graciela.

– Fiz o mesmo a Aimery. Era meu irmão, afinal. E sei que o amava.

– Obrigada, Sébastien. É um bom homem. A seu tempo, será um bom marido para Fleurette. – Inspirámos os dois de forma audível. – Não negue. O caminho está desimpedido. Percorra-o ou esta manhã terá sido inútil. – Olhou-me. – O seu irmão morreu por isto. Não vacile. – Voltou-se novamente para Sébastien. – E, mesmo que a cidade precise de se habituar gradualmente, a morte do seu irmão possibilita que ame aquela que foi sua esposa.

Não queria discutir o assunto naquele momento, mas Graciela mostrava-se tão direta como sempre. No entanto, não conhecia os factos. Guardávamos segredos atrás de segredos, mas Felix insistira que não partilhássemos a verdade para não causar danos ainda maiores. Poderíamos escondê-la, mantendo intacta a reputação das nossas duas famílias e tendo-nos um ao outro. Tinha razão. A verdade sobre a filiação de Aimery seria guardada por Sébastien e por mim. Graciela não precisava de saber. Ninguém precisava.

Contive as lágrimas.

– Demorará o tempo que for necessário – disse, recompondo-me e sentindo-me surpreendida por soar tão calma apesar do tremor na minha voz. – As pessoas precisarão de tempo para aceitar.

– É verdade. E é claro que regressarei.

– Sébastien, não! – Não me ocorrera que poderia perdê-lo para as bombas e para as balas da guerra.

Pegou na minha mão e levou-a aos lábios, depositando nela um beijo delicado.

– Tenho de o fazer. É o meu dever. Não posso fugir ao que os outros enfrentam. – Agitou a bengala. – Não serei muito útil com isto, mas os meus dotes linguísticos são necessários. E sou químico. Talvez possa ajudar nos hospitais de campanha. Posso preparar medicamentos, preencher documentação, enviar mensagens. Há muitas tarefas para as quais poderei contribuir. Não posso permanecer aqui de plena consciência.

– Quando?

Ergueu um ombro com expressão amargurada.

– Logo que o presidente da câmara e a polícia me autorizem a regressar... Logo que possa.

Engoli em seco. Todos eles me abandonariam.

– Fleurette – disse Graciela, aproximando-se para segurar no meu pulso com dedos afetuosos.
– Quem sobrevive a um bombardeamento e a dois tiros é como um gato com nove vidas. Este seu sortudo gato preto regressará.

Tive de acreditar nela. Precisava de confiar que os anjos continuariam a zelar por ele, trazendo-o até mim.

Erguia-me sozinha na morgue, com o meu gêmeo morto deitado no mármore impiedoso. A pedra sobre a qual repousava estava coberta por um pano negro ricamente bordado com flores-de-lis douradas e brilhantes. Não fazia muito tempo que o meu pai fora deitado de forma idêntica sobre aquela mesma mesa, com aquela mesma cobertura, sendo visitado de forma idêntica pelos meus irmãos e por mim para lhe prestarmos a nossa última homenagem.

Senti a emoção intensificar-se e bloquear-me o peito com a consciência de que não teria achado possível que os seus dois filhos tivessem morrido dois anos após a sua partida. Corrigi mentalmente. Os seus três filhos tinham morrido durante aquele período.

Toquei a mão de Felix. Pareceu-me gelada e duramente desconhecida, mas segurei-a, mesmo assim, como se conseguisse passar algum do meu calor vivo à sua forma fria e inerte.

Graciela acompanhara-me à morgue. Mas quis estar sozinha com Felix.

– Recorde que o seu espírito partiu – lembrou-me enquanto a abraçava, antes de sair. Permaneceu no exterior. Supus que o comentário seria uma forma de me preparar para confrontar a morte. Também me passou uma pequena lata de lanolina intensamente perfumada com alfazema. Não percebi para que a usaria, nem me importou. Graciela apontou o nariz. – Ajuda com o cheiro da morgue.

Levei-a comigo, mas não a usei. Os cheiros eram a minha vida. E, por mais repelente que aquele fosse, era também parte da vida que me coubera. Não podia limitar-me a sentir os cheiros aprazíveis da natureza, que incluía também odores desagradáveis. Todos eles integravam o buquê natural. E também o meu.

Felix não emitia qualquer cheiro. Ao invés, inspirei o desinfetante, o ardor do formol, o odor adocicado a putrefação dos outros cadáveres que ali estavam armazenados. Aimery estava perto, mas não o procurei. Também não perguntei por ele e ninguém me censuraria por isso, pois já se sabia como Felix morrera. Afastei-me de tudo isso e concentrei-me apenas no meu irmão. Felizmente, era o único corpo que tinha sido exposto.

A sua pele parecia muito pálida em contraste com o cabelo escuro, como uma gardénia perfeita florescendo entre folhas escuras e espessas, mas a imagem que conjurei desintegrou-se rapidamente. Felix tinha sido belo, mas já não havia ali qualquer beleza, apenas mágoa e dano. Alguém penteara diligentemente o seu cabelo lustroso, mas não do modo certo. Procurei de forma furiosa e distante um pente na minha bolsa, sentindo-me ofendida pelo erro na sua aparência e perdi um ou dois minutos ajustando o cabelo até encontrar novamente o meu irmão. E, após o meu esforço, parecia realmente estar apenas adormecido. Penteá-lo acalmou-me. Fora um homem extraordinariamente belo apesar dos estragos causados pela vida nas trincheiras.

Toquei um corte superficial na testa e uma pequena nódoa negra no alto de uma bochecha.

– Como fizeste isto, Felix? – perguntei em voz alta. Os ferimentos teriam ocorrido no mesmo momento ou estariam separados no tempo? Sabia que não descobriria a verdade, mas questionar manteve a minha mente distante da realidade por mais uma fração de segundo enquanto me ocorria que o fermento nunca sararia. A mancha enegrecida na pele nunca regressaria à cor normal. Sobrancelhas escuras curvavam-se sobre a nódoa negra e recordei a forma como, em criança, Felix divertia o meu pai com aquilo a que chamava «beijos de borboleta». Inclina-se para ele e pestanejava para lhe fazer cócegas na face, fazendo o meu pai guinchar de deleite.

«É isto que as nossas flores sentem quando as borboletas dançam entre as suas pétalas», explicava. Foi só naquele momento, enquanto o meu corpo inteiro sentia a dor, que percebi como o meu irmão gémeo fora romântico, mesmo em criança. Escondera essa faceta atrás de uma abordagem sardónica à vida, mas não esperava apenas a mulher certa por quem se apaixonar. Naquele momento, percebi que Felix esperara a mulher elusiva por quem se apaixonaria perdidamente. E não me pareceu que lhe importasse se a família a consideraria certa ou errada para ele. A sua alma romântica bem disfarçada desejava esse tipo de abandono irresistível. Foi por isso, compreendi naquele momento, que me perdoou por ter amado Sébastien, sacrificando a vida para proteger esse amor. O mesmo tipo de amor a que aspirava. Nunca tinha pensado muito nos seus romances. Até àquele momento, fora o meu gémeo risonho e belo, mas não prestara grande atenção à forma como as mulheres o viam. Pensei no número de corações que se partiriam quando soubessem da sua morte... e no número de corações que tinha despedaçado em vida. Suspeitei que teriam sido muitos. Mas as suas conquistas pertenciam-lhe em exclusivo e nunca falava delas. Certamente nunca o fizera comigo e sempre soube que não devia intrometer-me. Duvidei que Felix partilhasse as suas conquistas com outros homens, gabando-se acerca desta ou daquela mulher como outros fariam. Era muito mais zeloso dos seus segredos e também mais sensível do que muitos pensavam. Talvez todos os outros vissem apenas o lado jovial e divertido de Felix, mas eu conhecia-o intimamente. Recordando a nossa última conversa, conseguia perceber a mágoa pela perda do seu dom. Comecei a imaginar como seria a vida se não pudesse sentir os seus cheiros. Pareceu-me momentaneamente impossível imaginar tal coisa, percebendo em seguida que todos os dias me pareceriam inúteis e insuportáveis. Sim, compreendia. Felix, tal como eu, fora uma criatura que precisara de «saborear» a vida e precisara de o fazer através do seu olfato. Também eu me sentiria incompleta... Não, sentir-me-ia danificada. Metade da mulher que era.

Era isto o que tentava explicar-me naquela manhã: o motivo para ter desejado morrer nas trincheiras em vez de suportar aquele ferimento cruel. E fora por isso que sacrificara tão prontamente a sua vida por Sébastien, que continuava maioritariamente intacto e sendo capaz de me proporcionar uma vida feliz e repleta de amor.

Era estranho que não chorasse. Esperei que a minha vida fosse assim, dali em diante. Teria alcançado um precipício alto de onde conseguia ter uma nova perspetiva, a perspetiva de alguém que controlasse inteiramente as suas emoções e conseguisse liderar dando o exemplo? Vertera lágrimas suficientes no ano que passara. E havia quem chorasse os seus mortos por toda a cidade. Havia quem chorasse os nossos homens por toda a França. Não era particularmente

especial.

Henri tinha sido sepultado num lamaçal algures no Norte. Um dia, visitá-lo-ia e cobriria a sua sepultura com pétalas de rosa *centifolia* de Grasse, a não ser que trouxessem o seu corpo de volta para casa. Veríamos o que aconteceria. Mas Felix estava ali. Juntar-se-ia aos nossos pais na cripta familiar e esperar-me-ia aí. Não poderia plantar rosas sobre ele como me pedira que fizesse de forma tão romântica, mas plantaria novas rosas em seu nome.

Falei com ele. Pareceu-me importante dizer em voz alta o que precisava de dizer.

– Dói-me o coração, Felix, mas talvez me dissesses que o teu doeu mais quando percebeste que criar perfume juntos não seria o nosso futuro. Compreendo-o agora. Foste corajoso até ao fim. Sei que escondeste a tua coragem no campo de batalha, permitindo que Henri e Aimery colhessem os ouros. Os meus dois irmãos deram a vida por outros quando foi necessário... e, por isso, parece-me que nunca conseguiremos pagar o que vos devemos. Tudo o que posso dizer é que são amados e admirados. A vossa memória não morrerá. Mantê-la-ei viva nas memórias cristalinas de cada momento passado enquanto crescemos juntos... Até este momento em que sou forçada a despedir-me dela. – Limpei uma lágrima isolada. Não vacilaria naquele momento. Contive a fraqueza. – Viverei pelos dois. Pelos três, na verdade. Criarei um perfume que as famílias Delacroix e De Lasset possam considerar a soma do seu conhecimento combinado. Será uma fragrância elegante e única que emocione mulheres de todo o mundo. Falará de independência e coragem, de triunfo e esperança, de adversidade enfrentada e de verdade para com cada um de nós. Será, acima de tudo, querido Felix, um perfume que fale de amor, claro, e dos seus segredos. Perdoo o nosso pai porque pequei da mesma forma que ele e sei que é como uma loucura que nos domina. Quando chega, o amor não é racional ou justo. Tenho a certeza de que é ele que nos escolhe e não o contrário. É esse o maior segredo do amor. É um espírito livre e não pode ser controlado. Agradeço-te por salvares a vida do homem que amo. Agradeço-te que me perdoes por o amar. Não sei como viver sem ti além de tentar viver cada novo dia de forma um pouco mais fácil até já não precisar de o fazer. Avante, meu querido – disse, surpreendendo-me por recordar a nossa mãe naquele momento. Mas era verdade que nos amava e era adequado que estivesse presente naquele odiado momento de despedida. Quase conseguia sentir a presença do meu pai e de Henri olhando-nos.

– Até ao nosso reencontro – sussurrei, com a emoção fazendo-me tremer a voz. Curvei-me para beijar os seus lábios frios e imóveis, acariciando uma última vez a sua face com afeto. Esperei que passasse muito tempo até nos reencontrarmos.

1 de janeiro de 1918

Incrivelmente, e com corações pesados, entrámos no nosso quarto ano doloroso de guerra. Reduzira-nos todos a destroços do que fôramos enquanto aguardávamos o telegrama seguinte com notícias terríveis ou a notícia preocupante seguinte nos jornais ou no cinema. Começáramos a reunir-nos na câmara municipal para sabermos o que acontecia. Deixara de considerar impróprio erguer-me ao lado das mulheres simples de Grasse, interiorizando cada palavra. Havia conforto nos ajuntamentos numerosos e Graciela insistira que seria positivo que me vissem entre os habitantes da cidade, partilhando os seus medos, caminhando a seu lado, conversando por mais que a situação fosse dramática. Por aqueles dias, o afeto que me destinavam não era motivado apenas pelo meu apelido e sim pela pessoa em que me transformava.

Conseguia senti-lo. Tornava-me uma mulher com um caminho próprio para percorrer, com uma vida própria. Sofrera tanto como qualquer um deles e sabiam-no bem. Viam a minha compostura como força, como algo que poderiam seguir, algo que poderiam admirar. Raparigas recém-entradas na adolescência falavam-me na praça, caminhando de mão dada comigo e falando da preocupação que sentiam pelos seus irmãos e pelos seus pais. Esperavam que as tranquilizasse. Não podia dizer-lhes que o meu coração estava dilacerado unicamente por um único homem e conversávamos sobre a perda, sobre formas de enfrentar a adversidade, sobre como encontrar força interior. Senti que, se Felix conseguisse ver-me, seria provável que dissesse que estava mis alta do que recordava. Mesmo que, quando me via ao espelho, algo que raramente fazia por aqueles dias, mal reconhecesse a mulher que me retribuía o olhar. Parecia encolhida e com bochechas cavadas que, anteriormente, tinham sido redondas. Conseguia contar as costelas e os ossos da bacia tornaram-se salientes, pressionando a pele pálida esticada sobre o meu esqueleto.

A comida escasseava. Cultivávamos tanto quanto podíamos para beneficiar a França. Aplicara parcelas dos terrenos das duas famílias no cultivo de alimentos em vez de flores porque não fabricávamos perfume. Os armazéns dos De Lasset e dos Delacroix abarrotavam de óleo essencial. Quando a guerra terminasse, se algum dia terminasse, gostava de fantasiar que estaria pronta para criar perfume no próprio dia em que a paz fosse declarada. Mas, até lá,

permitira que as instalações da família fossem usadas para fabricar sabão muito necessário e unguentos medicinais para o nosso exército. Parecia-me que era o mínimo que podia fazer, sobretudo porque, em Grasse, tínhamos os conhecimentos necessários e acesso a matérias-primas. Era-nos relativamente fácil aplicar as nossas capacidades a um novo fim.

Por insistência de Sébastien, permiti também que as nossas unidades químicas fossem usadas na produção de medicamentos para os médicos militares e, caminhando pelos nossos laboratórios outrora movimentados, pensava constantemente se Sébastien manusearia os frascos que ali fabricávamos. Comecei a rotulá-los pessoalmente, prevendo essa possibilidade, como se cada ampola de analgésico fosse uma carta de amor ao homem cuja morte esperava nunca vir a chorar.

Supervisionava tantas atividades diferentes, até à autorização de envio de cada carregamento precioso das nossas frutas e legumes, sobretudo durante a movimentada colheita de verão. Assinava os papéis necessários e via as carruagens partir pela colina abaixo em direção a Nice para serem posteriormente enviadas para os locais onde os nossos produtos frescos fossem necessários para alimentar o nosso exército, juntamente com os medicamentos que os curariam.

Na mansão De Lasset, estávamos reduzidos a uma dieta austera agravada pelos meses de inverno e, quando olhava para os nossos guisados básicos e para a comida dolorosamente simples nos dias festivos, mal conseguia recordar a abundância decadente desse fatídico Natal de 1914, com todo o seu açúcar e especiarias. Mas nenhum de nós se queixou. A nova dieta tornara-nos demasiado magros e as nossas roupas ficavam mais folgadas, mas precisávamos de assegurar como pudéssemos que os nossos homens estavam bem alimentados enquanto lutavam pela nossa liberdade. Se isso implicasse passar alguma fome, assim seria.

Recordando o fim de 1914, conseguia ver com clareza todo o trauma que me fez crescer, tornando-me mulher. Antes disso, acreditava que fora apenas uma criança dentro do corpo de uma mulher adulta. O Ano Novo de 1915 foi o início de uma nova era na minha vida, quando abandonei a inocência em todos os sentidos da palavra, percebendo que a vida não era e nunca poderia voltar a ser tingida pela certeza a preto e branco da juventude. Passara a viver num mundo em que, por vezes, favorecia as tonalidades intermédias de cinzento, pelo conforto que me proporcionavam.

Compreendia, enquanto celebrava discretamente o meu vigésimo sétimo ano de vida com um gole de xerez e alguns biscoitos simples com sabor a laranja, que o compromisso era tudo, sobretudo na forma como olhávamos uns para os outros. Durante aqueles anos tristes e difíceis, consegui perceber melhor os últimos dias de 1914 e, não tendo conseguido ainda perdoar Aimery por ter assassinado o meu irmão ou pela determinação em matar Sébastien, não cuspira no seu caixão na cripta familiar. Visitara-o muitas vezes, na verdade, e colocara flores frescas na jarra, chegando mesmo a limpar o pó para que a pedra que o cobria não parecesse abandonada. Percebi que Aimery era tanto uma vítima da relação maldita entre os nossos pais como qualquer outro de nós. Desejei ter conseguido compreendê-lo melhor anos antes. Poderíamos ter conseguido evitar o desfecho daquele dia. Nos meus momentos de maior reflexão, habitualmente passados a vaguear junto a uma fila de roseiras ou prestes a apagar as luzes antes de me deitar, desejei ter conseguido demonstrar maior contenção naquele dia

terrível. Tinha permitido que o orgulho, o ego e a minha confiança inflada por ter finalmente descoberto o amor com Sébastien alterassem a forma como confrontara um homem que sofria. E tratava-se de um homem que se comportara como um cão ferido naquele dia. Na cegueira da hora em que chegou, considerara-me madura, mas uma pessoa madura teria percebido que um cão ferido morderá sempre quem o ataca. No entanto, a sabedoria permitida pelos anos ensinara-me também que só podíamos agir no momento que vivíamos e o que sabia naquele momento ou a forma como pensava naquele momento não poderiam comparar-se com o que ocorrera no passado. Evoluímos, desenvolvemo-nos, conseguimos ter novas perspetivas, sentimo-nos menos emotivos acerca de alguns assuntos e ficamos mais intensos com outros.

Precisara de atingir algum patamar de clareza de onde pudesse extrair toda a emoção desse dia e pensar objetivamente. E, assim, nalgum ponto, sem que percebesse como, aceitara o fardo pesado das duas mortes e aceitei o meu papel. Apesar de não ter sido o meu dedo sobre o gatilho, ajudara a enraivecer Aimery ao ponto de o transformar num assassino. Mesmo assim, conseguira aceitar aquilo. Tinha de o fazer ou arriscaria enlouquecer com a culpa, mesmo que soubesse que a culpa não era toda minha. Aimery era um bruto e sempre demonstrara ser capaz de comportamento irracional e violento, sendo provável que tivesse puxado da arma para matar qualquer um de nós mesmo sem o meu envolvimento. Era um poço de raiva em qualquer momento, mas era verdade que o meu comportamento fora nesse dia a faísca que incendiara os vapores inflamáveis que o rodeavam. Não conseguiria alterar o passado, mas podia moldar o meu futuro e, por isso, aceitara, com ajuda considerável da minha amiga Graciela, que, para ter uma vida produtiva, precisava de aprender a esquecer esse dia, trancando-o num cofre imaginário e perder a chave.

Falava com Felix quase todos os dias na cripta familiar, mesmo que, naquele momento, na primavera de 1918, o meu número de visitas semanais se tivesse reduzido. Costumava visitá-lo diariamente e passara a fazê-lo umas três vezes por semana, às vezes duas, quando estava no laboratório ou nos campos. Mesmo assim, conseguia sempre encontrar uma flor para colher a caminho do seu túmulo. Por vezes, era uma simples margarida. Noutras ocasiões, podia levar-lhe um lírio etéreo, um gerânio intenso. Qualquer coisa que me prendesse a atenção. Durante aquelas visitas regulares, contava-lhe o que acontecia na guerra, lia-lhe cartas, informava-o acerca do trabalho nos nossos campos, incluindo nos que tinham passado a ser usados para cultivar alimentos, e passava sempre alguns minutos a discutir o perfume que aprimorava mentalmente. Antes de me despedir, contava-lhe como estava Sébastien, mesmo que já soubesse por lhe ter lido cartas anteriores. Ajudava a manter Sébastien presente falando dele daquela forma tão íntima. Sentia-o próximo e seguro.

Tinha aceitado que Graciela estivera certa. Sébastien era um homem de sorte e, felizmente, manteve-se vivo, escrevendo-nos com regularidade. Lera as suas cartas em voz alta no salão, frequentemente com um público composto por mulheres que faziam bordados ou crochê e que sorriam de forma conhecedora ao ouvirem os seus comentários vagamente divertidos e as observações acerca dos homens na guerra. Sendo verdade que a morte dupla na nossa pequena cidade tinha começado por atordoar toda a gente, tinha de admitir que o número de mortes reais e a ameaça constante de novas mortes que recaía sobre todos os lares ajudava a diluir o impacto

da morte de dois dos habitantes mais destacados de Grasse de forma repentina e inexplicável na casa dos Delacroix.

Em tempo de paz, a especulação e os boatos poderiam ter-se arrastado durante anos. Em clima de guerra, encontraram o seu posicionamento correto como fim trágico de dois homens corajosos. Graciela nunca fora implicada e quem a conhecesse como amante de Aimery e nos visse juntas poderá ter sentido alguma surpresa no início, mas os sussurros que nos seguiam acabaram por perder ênfase.

A história de que Sébastien tinha sido forçado a abater um Aimery embriagado em legítima defesa foi habilmente difundida e foi autorizado a regressar ao Norte de França dez dias depois de os caixões serem selados e depositados na sua última morada. É justo dizer que alastrou como fogo em erva seca a notícia de que o meu marido chegara a casa bêbado e furioso por motivos que não compreendíamos, rejeitando os meus esforços para o confortar e brandindo a sua arma, matando Felix por acidente quando o meu irmão veio em meu auxílio. Depois disso, a legítima defesa motivou uma terceira bala. O choque foi imenso. Claro que sim. Mas as pessoas começaram a admitir que tinham visto Aimery De Lasset chegando embriagado à estação. Madame Mouflard confirmou que se mostrou beligerante e furioso por descobrir que a sua mulher não estava em casa para o receber. O seu depoimento na polícia, que não solicitei, dizendo que «a fúria do senhor a fez temer pela vida de *madame*» foi extremamente útil para a causa. Jeanne também contribuiu, dizendo que o tinha ouvido murmurar enquanto saía da mansão De Lasset que me «mataria» por o ter «humilhado».

O presidente da câmara visitara dois dias depois dos funerais para explicar de forma hesitante e com grande embaraço que o meu casamento com Aimery não fora oficialmente confirmado devido à ausência de uma cerimónia civil e da respetiva licença. Pestanejei tristemente enquanto falava, sentindo-me eufórica por dentro, enquanto escolhia cautelosamente as palavras para me dizer finalmente que não era legalmente uma De Lasset e, como tal, não tinha quaisquer direitos como sua viúva. Esforçou-se por pronunciar aquelas palavras e facilitei-lhe a vida. Recordava como suspirou quando se ergueu e se dirigiu à janela.

– Talvez seja melhor assim.

Lembro-me de me ter olhado, chocado por me mostrar tão resignada.

– *Madame*, sei que terá sido um choque terrível e...

– Nada poderia chocar-me mais do que perder os meus dois irmãos com uma semana de intervalo, senhor. A verdade é que as notícias que me traz facilitam a minha aceitação do que fez Aimery De Lasset. Não desejo ser vista como sua viúva devido aos seus atos e é por esse motivo que as suas palavras, apesar do desgosto que comportam, terão também um lado menos negativo.

– A sensatez do seu ponto de vista impressiona-me, *madame*.

– *Mademoiselle* – corrija-o com um sorriso infeliz.

Reagiu com um risinho nervoso.

– Significa que não haverá qualquer herança. Irá tudo para o irmão, Sébastien De Lasset.

– Não preciso da fortuna De Lasset – recordei-lhe, tentando não parecer altiva.

Toda a gente sabia, de Paris a Nice, que me tornara a mulher mais rica da região ou mesmo de

todo o Sul de França unicamente com os bens da minha família.

– Mesmo assim, é uma pena que as nossas duas famílias percam essa ligação especial que a cidade tanto acolheu e celebrou – disse-lhe, de forma altiva.

Acenou afirmativamente.

– É essa a minha mágoa mais profunda. O casamento tornaria a nossa região outra vez poderosa. O irmão... – Calou-se sem expressar o que lhe ia na alma.

– É um homem muito válido – concluí. – Comecei a admirá-lo profundamente. Todos começámos.

– Ouvi dizer que Sébastien De Lasset lhe escreve.

Aparentemente, as línguas agitavam-se. Mas era um boato positivo, exatamente o que esperara encorajar.

– Sim, é verdade – repliquei, sem hesitar. – A casa inteira espera a sua próxima carta. Leio-as em voz alta aos criados e amigos. – Acenou com a cabeça, indicando que também tinha ouvido aquilo.

A forma como o presidente da câmara encolheu os ombros a seguir foi eloquente.

– Talvez... quem sabe... depois da guerra... – gaguejou enquanto pensava no mesmo que eu. Abanou a cabeça. – A vida terá de continuar.

Esbocei-lhe um sorriso.

– Esforçar-nos-emos e as duas famílias de Grasse manterão a sua força – disse-lhe.

Olhou-me por um momento além do que poderia ser considerado confortável e o silêncio transmitiu que poderia estar livre para ser cortejada por outro De Lasset... para benefício de Grasse, claro.

Nunca dissera uma palavra negativa sobre Aimery desde a sua morte e vestira-me de negro, como caberia a uma viúva, chorando os mortos das nossas famílias e celebrando os seus atos de heroísmo no campo de batalha. No entanto, não fiz nada para dissuadir a admiração comum por Sébastien... um verdadeiro filho de Grasse que ainda tentavam conhecer, mas o seu esforço para me proteger e a Graciela não prejudicaram a sua reputação.

E, assim, continuei a partilhar as suas cartas e Sébastien sabia disso, certificando-se de que as mantinha superficiais, interessantes e divertidas da forma possível nas condições em que eram escritas. Durante os últimos três anos, todos tinham começado a conhecê-lo e a admirá-lo e falavam dele como se a sua decisão de viver ali tivesse sido a evolução mais natural na sua vida. Sébastien costumava incluir uma página apenas para os meus olhos. Não as lia em voz alta e mais ninguém sabia da sua existência além de Graciela. Tornara-se minha aliada naquilo.

Via aquelas páginas preciosas como um tesouro privativo, forçando-me a esperar todo o dia para as ler, ocupando-me com o trabalho nos campos ou no laboratório e permitindo que a tensão e o desejo de ouvir a sua voz na minha cabeça se intensificassem. Depois, após uma refeição parca que partilhava frequentemente com Graciela, uma visita frequente na casa, acendia um fósforo e levava-o ao pavier de uma vela para poder lê-las à luz da chama nua no meu quarto. Estava consciente de que seria infantil, mas parecia-me mais romântico assim, pois sabia que era provável que as escrevesse com uma lanterna como única fonte de luz.

Fiquei na mansão De Lasset, mesmo que nada me obrigasse a fazê-lo ou que nada o

justificasse. Por mais que desejasse voltar para casa, tornara-se apenas uma carcaça vazia e albergava apenas memórias sinistras. Nem os três anos que tinham passado conseguiram apagar as memórias da sala de estar e parecia-me que conseguia ainda cheirar o medo e o ódio desse dia tumultuoso.

Para ajudar a banir essas memórias, decidi, no outono de 1915, transformar a casa Delacroix num hospital para a convalescença de soldados feridos. Havia tantos homens a precisar de cuidados que se tornara um dos deveres essenciais cumpridos pelos muitos proprietários ricos com casas vazias e, graças a isso, tinham surgido inúmeros hospitais auxiliares em Grasse, incluindo o meu e o de Graciela. O ano de 1916 foi terrível para os combates navais. O número de navios aliados perdidos terá superado os quatrocentos e não duvidaria que muitos navios e submarinos inimigos teriam também sido destruídos. As nossas duas casas pareciam ser escolhidas para receber homens resgatados de uma guerra naval em que os Aliados, durante muito tempo, pareceram incapazes de se destacar. E, assim, tivemos muitos jovens passando pelos nossos hospitais, esperando recuperar. Tratámo-los e enviámo-los de volta ao caldeirão flamejante da guerra. Em teoria, o papel que cumpríamos parecia-nos por vezes inútil e, na realidade, era trabalho cansativo, exaustivo, desafiador e inspirador que mantinha o moral elevado pelo contributo que dávamos à guerra. Eram todos irmãos, filhos, amantes, maridos tios ou sobrinhos de alguém. Atrás deles, alongavam-se tantas mulheres que nos sentimos ligadas a todos eles e determinadas em ajudar os amados combatentes.

Sempre que enviávamos um homem de volta, Graciela e eu proferíamos as palavras: «Algures, uma mãe, uma esposa ou uma amante agradecer-nos-ão.»

Ocasionalmente, passava pela sala principal da casa Delacroix, que passara a ser uma sala de convívio para os pacientes. Recordar o sabor do sangue de Felix entristecia-me, como se ainda estivesse fresco e brilhasse nos meus lábios depois do beijo de despedida. Precisava de mais tempo. Precisava que a vida se tornasse novamente alegre, com o fardo da morte elevado dos ombros da França, pensei, antes de conseguir banir para sempre todos os demónios da casa.

Além disso, parecia-me que Madame Mouflard não me perdoaria se saísse da mansão De Lasset. Aparicou-me como viúva pesarosa durante o primeiro ano e, depois de despir as minhas vestes de luto, começando a introduzir toques de cor aqui e ali, começou a fazer comentários bizarros, dizendo que não podia e não devia permanecer viúva para sempre. Começara a insinuar que a mansão precisava de vozes de crianças, de riso, de nova vida. Começara também, de forma astuta, a recrutar apoiantes para que outros criados fizessem comentários semelhantes acerca da necessidade de encher a mansão com os guinchos de crianças felizes brincando no jardim. Não respondia aos comentários, mas permitia que ganhassem ênfase. Se deixasse que os acontecimentos seguissem o seu rumo natural, esperava que os criados acreditassem que fora sua a esperança ou até mesmo a ideia de que Sébastien pudesse ser o homem ideal... para manter a linhagem De Lasset viva e forte em Grasse.

E, assim, à luz da vela no meu quarto na mansão De Lasset que, com cada ano que passava, começava a parecer-me mais familiar, mais meu, ouvia mentalmente a voz de Sébastien falando-me de amor e de saudade. Ansiei também por sentir os seus braços à minha volta. Vê-lo partir naquele dia gélido em janeiro de 1915 foi o segundo desafio mais duro na minha vida. Quatro

anos antes, teria dito que casar com Aimery fora a minha maior provação, mas percebia naquele momento que nada exigiria mais força, determinação, compostura e disciplina do que fechar o caixão de Felix. Depois disso, não conseguir abraçar ou beijar Sébastien abertamente e aceitar apenas três beijos afetuosos e educados na estação, perante um público composto por criados e populares desejosos de apresentar cumprimentos enquanto partia novamente para a guerra seria o meu segundo pior dia.

Também tínhamos evitado estar juntos durante aquela quinzena do Ano Novo. Jantámos com Graciela e outros convidados e deitámo-nos a horas diferentes, sem subir as escadas juntos e com Sébastien sendo deliberadamente acomodado numa ala diferente. Se os nossos ombros se tocassem ou se os nossos dedos se entrelaçassem durante um instante, acontecia num momento passageiro e ambos olhávamos à nossa volta, culpados, para ver se alguém nos tinha visto. E, assim, até a simples passagem de uma chávena de chá de mão em mão passava a ser um momento tenso em que saboreávamos o toque superficial das nossas peles. Os cumprimentos passaram a estar carregados com significado mais profundo, permitindo-nos roçar ao de leve os lábios pela face do outro. Até o riso passou a ficar preenchido com significado romântico: um olhar divertido, um sorriso agradado, um movimento da cabeça na sequência de um gracejo. Cada gesto inocente fortalecia o laço entre nós enquanto as pessoas se moviam à nossa volta, ignorando a linguagem muda que usávamos para comunicar.

O mais romântico de tudo era a sua correspondência. A sua ausência e a ameaça de ferimento ou morte conferiam-lhes uma carga que cartas comuns em tempo de paz não conseguiriam igualar. Sem nos tocarmos e sem nos vermos, as suas palavras, a recordação da sua voz, tornaram-se tudo para mim. Cada palavra era ouro. Passava o dedo sobre as palavras no papel como se pudesse superar o tempo e o espaço, imaginando que a sua mão, que segurara a caneta que traçara aquelas linhas, era minha para acariciar.

Não me apeteceu trabalhar no perfume durante as duas semanas em que ficou entre nós, aguardando o resultado do inquérito policial. Nem sequer me apeteceu falar do assunto. Certamente, não sentia qualquer inclinação romântica enquanto chorava Felix e Henri e, assim, a vida assegurou que nunca fôssemos surpreendidos numa situação que comprometesse o nosso estatuto na comunidade de Grasse. Mesmo assim, fingir aqueles beijos formais na estação, sem saber se seria o nosso último toque, a última vez que olharíamos um para o outro, as últimas palavras que partilhávamos, esgotou-me de tal forma que me convenci de que o esforço de esboçar um sorriso poderia dilacerar a compostura que conseguia manter. Era doloroso deixá-lo ir e ter de encobrir essa dor, falando e despedindo-me dele como se fôssemos amigos e não amantes.

Recordei a forma como consegui suportar essa tarde, fechando-me no laboratório e recusando jantar por estar demasiado cansada. Chorei até adormecer em tal alvoroço que me senti bastante descontrolada durante horas, enquanto todos os horrores das minhas perdas se empoleiravam sobre a minha cama, olhando-me fixamente.

Mas talvez me tivessem feito um favor.

Na manhã seguinte, tinha repellido os horrores e, como Graciela me aconselhara certa vez, assegurei que continuariam a ser problema meu e não de outra pessoa qualquer. Confrontando-

os e encontrando um local resguardado para eles no meu coração, era a única que os controlava quando eram expostos e esmiuçados. O controlo era meu. Desde essa noite, não voltei a chorar até adormecer. Na verdade, não voltara a chorar e não pretendia voltar a sentir-me tão enfraquecida.

O «pé da trincheira», como passou a ser conhecido, era um dos inimigos invisíveis que assolavam os nossos rapazes, juntamente com a artilharia, os ferimentos, a doença e o desespero. Ocupava-me a ler outra carta de Sébastien a um grupo de mulheres instaladas no nosso salão. Tricotávamos meias para os nossos *Chasseurs*, que continuavam a lutar bravamente.

– *Os soldados erguem-se normalmente em trincheiras de tal forma inundadas que as rãs vivem nelas com todo o conforto. Os seus pés incham e ficam dormentes – li. – Ouço-lhes que não sentiriam nada se espetassem as baionetas nos próprios pés. Alguns acolhem esta condição, claro, porque é frequente exigir amputação e isso será um bilhete de volta para casa. Outros, que se consideram suficientemente azarados para verem o inchaço reduzir-se, sabem que o pior virá ainda sob a forma de uma agonia difícil de colocar em palavras.* – Ergui o olhar e vi o público reduzido unir-se num suspiro combalido conjunto.

– Se assim é, ainda bem que tricotamos meias – disse uma das mulheres mais velhas. – Como está o teu jovem, Jeanne?

– Vivo. Apanhou pé da trincheira e sobreviveu, mas disse que a dor depois de passar o inchaço é como ter mil ratazanas famintas a roer os nervos.

As mulheres estremeceram.

– Ouço dizer que as ratazanas das trincheiras são grandes como gatos – disse alguém.

– Com caudas rosadas nuas e focinhos cruéis. Alimentam-se de cadáveres – acrescentou outra.

Jeanne suspirou.

– O meu noivo diz que espera que uma ratazana lhe suba pelas pernas acima durante a noite, erguendo as pernas de repente e projetando a horrível criatura pelo ar para fora da trincheira, permitindo que os atiradores furtivos as usem como alvo. É o único momento em que deseja que a mira dos boches seja certa.

Rimo-nos. O humor negro ajudava sempre. Jeanne olhou-me e esbocei-lhe um sorriso que dizia «mantém-te animada», sabendo que não podia saber com que desespero temia também pelo homem que amava, mesmo que tivesse fingido o contrário.

«As mulheres suportam as mágoas dos homens.» Essa frase tornou-se o meu mantra. Aguentaria. Encontraria força na minha resiliência. E, assim, os dias tornaram-se semanas, que se tornaram meses e, por fim, passaram-se anos enquanto os acontecimentos no mundo se tornavam muito mais urgentes do que o meu coração partido.

Agradou-me que Graciela tivesse decidido ficar em Grasse. Houve um momento em que receei que a minha amiga mais próxima pudesse regressar a Espanha, mesmo que os combates me fizessem pensar que tal viagem seria impossível. Mesmo assim, falava com frequência em «voltar para casa» e fiquei-lhe grata por nunca ter concretizado a intenção. Encontrava também um novo nível de aceitação entre a comunidade e admitiu-me que deixara de se sentir como uma

estrangeira intrusa. A morte de Aimery tinha alterado de forma irrevogável e invisível o seu estatuto nas mentes dos locais e a disponibilização da sua casa grandiosa e das suas terras para uso pelos Aliados como alojamento e como pequeno hospital conseguiu conquistar muitos corações. Houve momentos em que nos sentimos ambas tão exaustas que Madame Mouflard nos encontrava tombadas sobre a mesa de jantar, demasiado cansadas para comer. Sim, apreciávamos mais a ambas pelas nossas fragilidades e pelas energias que aplicávamos ao serviço do esforço de guerra francês.

Temi, claro, que um dos homens que fosse entregue aos nossos cuidados, coberto com ligaduras, sedado ou numa cadeira de rodas, fosse Sébastien. Olhava de forma inconsciente as faces esqueléticas feridas e ensanguentadas dos que chegavam, mas o sortudo gato negro dentro dele impediu-o de entrar pela porta da casa Delacroix e, por isso, senti-me grata.

Até ao momento em que, subitamente, as suas cartas deixaram de chegar.

Maio de 1918

Inicialmente, admiti que seria simplesmente a sobrecarga do nosso sistema postal a explicar a ausência de correspondência pessoal. Além disso, estava tão distraída com as exigências do nosso hospital, que se tornara incrivelmente movimentado. A esta distração, acrescentava-se a multidão de Aliados ruidosos e folgazões que tinham sido posicionados em Grasse durante algum tempo, alguns deles desfrutando da generosa hospitalidade de Graciela.

Alguns mais do que outros.

– Quem era aquele com quem te vi a passear no outro dia perto da fonte da praça?

– Hã? – disse, fingindo-se inocente.

Esbocei-lhe um sorriso malicioso, que se esforçou por ignorar.

– Um sujeito alto e de cabelo claro. Penso que será capitão.

– Ah, sim? – disse ela. – Não faço ideia. Mal consigo recordar o que aconteceu ontem. Muito menos, o que aconteceu há dias.

Ri-me.

– Graciela! Foi ontem! Estava a fazer um esforço para ser delicada. Era aquele encantador capitão australiano. Levava um cesto de piquenique claramente pensado para duas pessoas!

Encolheu os ombros.

– Venceu-me com o seu charme. Aceitei experimentar os seus ovos *aspic*, que me assegura não terem igual, e mostrou-se determinado em fazer-me os bolos de compota de mirtilo da minha tia, que sempre foram os meus preferidos. É um hóspede no nosso país. Não podia ser rude.

– Claro que não. E suponho que o facto de ser extremamente bonito não terá tido qualquer influência.

Olhou-me com ligeira melancolia.

– Terei de começar a viagem de regresso à vida em algum momento.

Senti-me envergonhada por a fazer sentir uma pitada de culpa que fosse. Cobri-lhe os ombros com o braço enquanto caminhávamos, percebendo que por vezes, pareceríamos cómicas ela tão baixa e eu tão alta.

– Sim, terás. E fico feliz por ti. Parece encantador. Que mulher não ficaria feliz por fazer um

piquenique com o teu garboso australiano?

– Faz-me rir – admitiu. – Não sabia se conseguiria voltar a rir-me com um homem.

– Então continua a rir-te com ele porque passaste já quatro anos em luto.

– Tenho medo de gostar dele – disse-me.

Acenei afirmativamente.

– Porque pode ferir-se?

Ouvi-a dizer aquilo que pensava.

– Porque, daqui a um mês, poderá estar morto, Fleurette. Regressa dentro de dias, pelo que sei. Vai juntar-se ao seu regimento em Ypres.

A tristeza que sentia por ela abalou-me. Seguiram-se momentos de silêncio em que amaldiçoei a minha sorte por amar qualquer homem naquele momento, após quatro duros anos de guerra.

– Mesmo assim – continuou –, é como uma canção alegre, um dia de verão. É como nadar no oceano. Quando me rio com ele, sinto-me viva e, por mais perigoso que seja gostar dele, não quero privar-me durante mais tempo.

– Nem deverás fazê-lo. Além disso, com a chegada dos americanos, penso que o massacrado exército alemão não conseguirá resistir ao ataque de uma força que ainda não sucumbiu ao cansaço.

– Esperemos que seja como dizes – concordou ela.

A presença de homens em convalescença na nossa região motivara alegria ruidosa que fazia lembrar os bons velhos tempos da vida em Grasse, tive de admitir. Também acolhera a sua companhia, mas, ao contrário de Graciela, mantivera a distância do charme inevitável dos soldados sorridentes. De qualquer forma, participar em eventos variados com eles não me deixara prestar atenção suficiente à falta de notícias de Sébastien nos últimos tempos.

Só o percebi naquele dia, enquanto nos ocupávamos nos hospitais improvisados nas casas Delacroix e Olivares, onde ambas passávamos os nossos dias e noites.

Foi Graciela quem perguntou.

– Não me contaste as últimas notícias de Sébastien – disse, erguendo-se do outro lado de uma enxerga, dobrando lençóis com gestos que se tinham tornado experientes. Faltavam-nos mais duas filas de camas.

Franzi a testa.

– Porque não as tenho recebido.

– Quando soubeste dele pela última vez?

– Não foi há muito tempo – afirmei, mas não escondi a preocupação suficientemente bem enquanto começava a contar as semanas que tinham passado e sentindo-me angustiada com o total.

– Há quanto tempo? – perguntou outra vez, alisando o lençol de cima num último floreado enquanto soltava o canto do colchão que segurava.

Tentei esquivar-me à insistência com um encolher de ombros. Não funcionou.

– Fleurette, estamos em maio. Quando chegou a última carta?

Tinham passado cinco semanas e três dias desde a última missiva.

– Talvez um mês.

– Um mês? – repetiu, abrindo a boca de espanto. – Mas escreviam um ao outro quase todos os dias.

Não disse nada, demorando-me com o meu canto da cama e dobrando os lençóis de forma mais cautelosa e lenta do que o normal.

– Tens escrito?

Acenei afirmativamente.

– Quase todos os dias – respondi, incapaz de esconder a minha tristeza ou a minha ansiedade.

– Vamos. Não quero pensar no assunto. Prometeste-me que tinha muitas vidas. Sobreviverá. Apenas terá estado impossibilitado de escrever.

– Sim, claro – concordou ela.

Mas percebi o seu olhar preocupado e fitei-a com expressão de ligeiro desafio. Não queria responder a mais perguntas sobre o assunto. Era suficientemente duro com todos os demónios que se entrecrocavam furiosamente na minha cabeça, troçando de mim por saberem que Sébastien também tinha sido levado do mundo. Asseguravam-me que todos os homens que amava acabavam por morrer.

– Terminámos – disse, soltando o meu canto. – Vou para os campos. Vens?

– Como se pudesse perder a Festa de Maio – disse Graciela, rindo-se. – Se tentasse, seria insuportável estar perto de ti. No entanto, passaremos antes pelos correios. Verifiquemos se chegaram notícias de Sébastien.

Não queria fazê-lo porque suspeitava que a desilusão arruinaria um dos meus dias preferidos. A Festa de Maio, com o cheiro a floresta e a lírios-do-vale perfumando Grasse.

Quando a funcionária dos correios abanou a cabeça de forma compreensiva perante a minha falta de esperança, motivou-me um momento de pânico. Certamente que não... Não seria punida daquela forma? Poderia ter-me sido permitido acreditar na sua sorte durante quase quatro anos para que desaparecesse sem dar notícias?

Caminhei como uma marioneta pela nossa modesta celebração da Festa de Maio, como se o titeriteiro precisasse de me controlar cada movimento. Mostrei-me educada, amistosa e distante, mas demonstrei o deleite apropriado quando me prenderam à camisa um ramo da nossa bela flor primaveril, o muguete. Usá-lo-ia com gáudio, esperando que o amuleto cumprisse a sua função. Felix conheceria aquela flor como lírio-do-vale, com as suas campainhas invertidas de branco puro fazendo lembrar pérolas dispersas e as folhas verdes largas. Pensei se conheceria a tradição que dela dizia possuir propriedades de fortalecimento da memória e do coração. Precisava que fizesse as duas coisas por mim naquele momento e, no entanto, também sabia que todas as partes da planta eram venenosas. O amor não era também assim? O amor tinha o poder de conferir uma alegria ridícula e, no entanto, quanto mais se elevassem as emoções de alguém, impelidas pela felicidade, mais dura poderia ser a queda quando a felicidade se extinguísse ou fosse ameaçada.

Mesmo assim, o primeiro dia de primavera conseguiu animar-me ligeiramente porque simbolizava sempre vida nova. E sentia naquelas minúsculas taças de pureza primaveril o cheiro da promessa de vida que vinha da floresta em torno de Grasse. E essa presença significava que a minha altura do ano preferida estava prestes a chegar, quando céus azul-

pálidos fossem decorados com nuvens leves e com sol quente e meigo e quando os dias se tornassem mais longos.

Trazia também uma promessa de cobrir Grasse de rosa daquele lado do monte. Os campos de cultivo de legumes teriam de esperar que destilássemos o nosso óleo de rosas. Era um ritual religioso.

Continuava sem receber notícias de Sébastien quando começou a colheita da rosa de maio, dez dias depois, e o pesar tornou-se incontornável. Mas o trabalho manteve-me as emoções controladas e agradou-me que tivesse chegado finalmente o momento da colheita, podendo trabalhar até cair todas as manhãs, passando os fins de tarde e as noites no hospital Delacroix. Passáramos a ter enfermeiras qualificadas e um médico destacado em permanência na casa e o meu papel foi sobretudo gerir o hospital e ajudar nas tarefas não especializadas. Agradava-me fazê-lo. Fazia-me sentir útil e servia, sobretudo, para me valorizar nos corações e nas mentes da gente da cidade. A guerra tornara-nos todos iguais e deixara de importar que o meu apelido fosse Delacroix. Todos tínhamos perdidos familiares ou amigos. Todos precisávamos de ajudar a cidade a sobreviver sem a maioria dos seus homens. Poderia ser uma mulher de posses, mas, quatro anos de dificuldades partilhadas tinham-me reduzido a mais uma mulher enlutada de Grasse e, estranhamente, essa percepção confortava-me enquanto outra colheita de rosas passava implacavelmente, alheia à guerra, ignorando as nossas mágoas e sem se preocupar com as nossas perdas.

Havia rosas para colher.

Acordei às três da manhã e vesti várias camadas de roupa que podiam ser retiradas com a progressão do dia. Naquele momento, a madrugada estava fria, mas o sol da primavera faria com que nos sentíssemos no Hades à hora de almoço, depois do trabalho árduo que faríamos. Ao meio-dia, teríamos de estar nos armazéns com as nossas centenas de sacos de flores de cores vívidas devidamente colhidas e seguras. As mulheres tinham vindo de todo o Sul para ganhar algum dinheiro com o trabalho exigente e empreguei um novo grupo de mulheres da comunidade de trabalhadores migratórios, o que inquietou as gentes de Grasse.

– Não sei se isto será sensato – insistiu novamente o presidente da câmara enquanto percorria a rua, reunindo simbolicamente o meu grupo de trabalhadoras.

Estava vestida como todas as outras mulheres com uma saia longa e grossa de algodão, uma blusa de mangas compridas, um avental e botas de trabalho resistentes com atacadores pelo cano acima. Usava um xaile de lã para me proteger do frio da madrugada, mas este não tardaria a desvanecer-se com o avançar das horas. Segurava nas mãos um enorme chapéu de palha como última defesa contra o sol que amávamos e que tão necessário era, mas que poderia tornar-se um vilão no nosso trabalho. Seria a primeira de uma sucessão de manhãs cansativas nos campos e acolhi o esforço de braços abertos. Precisava de distração. Não queria pensar demasiado. Queria apenas trabalhar e precisava da natureza repetitiva e frequentemente esgotante da colheita de rosas que me dilaceraria as mãos e me arranharia os braços, independentemente do cuidado que tivesse. Tinha começado a perder a fé no seu regresso. Tinha visto as outras

mulheres de Grasse, tinha mesmo chegado a consolá-las enquanto as suas famílias eram destruídas pela perda de maridos e filhos. Corria o perigo de me tornar uma das que se vestiam sempre de negro, movendo-se entre as sombras, deixando de ir regularmente à igreja e podendo ameaçar o céu com o punho fechado ou começar a chorar sozinha enquanto caminhava pela rua, deixando de ver realmente alguém ou alguma coisa.

Não podia ser aquele o meu futuro. E, no entanto, porque não? Não era diferente. A guerra não era exigente nas suas escolhas. Os ricos e poderosos caíam tão facilmente como os pobres. As balas e as bombas não se importavam com o estatuto nem sabiam fazer qualquer distinção desse tipo. E, no entanto, mantive a fé na capacidade mágica de Sébastien para evitar balas e bombas.

– Perdão, senhor presidente? – repliquei, percebendo subitamente que o seu comentário ainda pairava entre nós.

– As novas ciganas. Poderá não ser sensato neste momento, *mademoiselle*.

– As mulheres preferem que digamos que pertencem à comunidade romani, senhor.

Pestanejou, irritado.

– *Mademoiselle*, se me permite, este ano empregamos não apenas ciganas da Camarga e algumas bascas, mas também manuches de origem alemã e italiana. – Sussurrou as últimas palavras como se receasse ser fulminado por um raio.

– Senhor presidente, estas mulheres de que fala são apenas trabalhadoras migratórias. São todas romani e, durante a minha vida inteira, foi esta gente que suportou a maior parte das tarefas mais esgotantes da nossa colheita. Não as ignorarei agora.

– Mas são alemãs e italianas!

Suspirei e contive a expressão, mantendo-a calma. Como tinha crescido durante os últimos anos. Cinco anos antes, a minha impaciência teria sido notória. Mas, naquele momento, sorri, falando com voz bondosa.

– São tão francesas como nós. Os seus antepassados podem ter vindo da Alemanha, Itália ou Espanha, mas conheço-as. Algumas trabalharam para o meu pai. Todas têm a documentação legal exigida a todos os trabalhadores migratórios. O meu gerente era minucioso acerca da necessidade de conferir os papéis para manter tudo legal e correto segundo a lei de 1917. Nenhuma destas mulheres saiu alguma vez do país, tanto quanto sei, e maioria dos seus homens foram incorporados no nosso exército. Pelo menos meia dúzia perdeu maridos ou filhos a lutar pela França.

O presidente da câmara pressionou os lábios enquanto o meu argumento racional o tranquilizava.

– São apenas gente nómada que segue o trabalho sazonal. Os seus homens, como os nossos, sangram sangue vermelho.

Pigarreou, mostrando-se adequadamente arrependido.

– Não pretendia...

– Sei que não – disse, esboçando-lhe um sorriso afável. – Sei que a sua única intenção é proteger-nos, senhor presidente, e todos lhe agradecemos por isso. – Encheu ligeiramente o peito de ar com orgulho ao ouvir as minhas palavras. – Mas não há nada para temer nestas mulheres que trabalharão arduamente por Grasse. Preciso de ajuda para terminar a colheita. A

cidade não tem mulheres em número suficiente, mesmo que trabalhássemos o dia todo até à exaustão. Já não podemos beneficiar dos trabalhadores migratórios da Camarga, que costumavam vir para aqui em grande número. Estas romani, que chamam *Les Fleurs* a si próprias por se terem tornado apanhadoras exímias, sobretudo de rosas, salvarão a nossa colheita e assegurarão que estará terminada a tempo, enquanto os botões mantiverem intactas as suas qualidades. Confie em mim, senhor, a minha primeira preocupação é com o bem-estar de Grasse.

– Perdoe-me, menina Fleurette, por questionar as suas decisões empresariais.

– Não há nada para perdoar – disse, mantendo-me animada e aliviada por ter conseguido ultrapassar o problema. – A não ser que consigamos completar esta colheita, senhor, não haverá *enfleurage* e isso significa que não haverá trabalho para as mulheres de Grasse que contam com esse rendimento. Sei que confiará em mim. Além disso, suspeito que o Governo gostará de controlar os viajantes e a Delacroix e a De Lasset passarão a ter um registo com os seus documentos devidamente datado e carimbado.

– Sim, claro. É verdade – concordou.

Apressara o passo e subia dois degraus de cada vez, subindo até à igreja onde a minha vida mudara de forma tão dramática.

– Tenha um bom dia, senhor presidente. Recorde por favor à sua esposa que anseio por recebê-la em breve na mansão para um café de manhã. Aprecio muito a sua ajuda no hospital. – Concluí com um sorriso lançado sobre o ombro, afastando-me rapidamente escada acima.

Chamei um grupo das mulheres de que tínhamos falado, reunidas no alto das escadas para a igreja, colocando os chapéus. Estavam vestidas com tantas cores e tive de admitir que, com a luz ténue, conferiam alegria muito necessária à nossa cidade pesarosa.

Saudaram-me com as mãos erguidas e, antes de alcançar o ponto intermédio das escadas, vi mais mulheres chegando ao ponto de encontro. A minúscula praça onde nos reuníamos ficava junto à câmara municipal, onde outrora existira um palácio episcopal, e também à grande igreja, com o campanário que albergava os sinos que soavam naquele momento, transmitindo a mensagem de que o dia da colheita da rosa nascia.

Eram os únicos dias em que me sentia novamente próxima da minha antiga vida. Deveria ser a minha altura preferida do ano e forcei um sorriso diante das trabalhadoras, mas maio de 1918 parecia arrastar consigo um horror inimaginável, sobretudo porque recebíamos notícias acerca dos combates mais ferozes na frente. Os jornais referiam o enorme perigo para os soldados aliados. Não podia fazer nada para ajudar e, por isso, precisava de ser forte e fazer o que podia para ser útil na cidade... para ajudar a sarar os feridos e para terminar a colheita. Eram as minhas duas tarefas naquele mês de maio.

Organizei as trabalhadoras em grupos, percorrendo as fileiras. Ninguém nos campos naquele dia sentia o mesmo que eu acerca daquele trabalho. Para todas elas, com a exceção de Graciela, que chegou com o maior chapéu de palha que alguma vez vira, suficientemente grande para me motivar uma gargalhada terapêutica, era apenas trabalho.

– ... e, este ano, a família Delacroix pagará o dobro a cada mulher que conseguir colher cinco quilos de botões por hora neste primeiro dia da colheita da primavera – disse, falando por entre

as mãos unidas em concha para ser ouvida.

Ouviram-me. O grito de júbilo foi sonoro e agradecido.

– Então vamos a isto, senhoras – acrescentei. – Bom trabalho!

– Bom trabalho! – As palavras foram repetidas por todas com uma entoação triunfal e as mulheres começaram a dispersar.

Graciela alcançou-me, prendendo o chapéu, e comecei a rir novamente. Fazia-a parecer ainda mais pequena.

– Sabes que esse chapéu é ridículo?

– A única coisa que me importa é o estado impecável da minha pele, Fleurette – disse. – Nunca colhi rosas na vida até começares a arrastar-me para os campos como se fosse uma camponesa.

As suas queixas conseguiram apenas fazer-me rir mais ainda, mas calculei que seria aquela a sua intenção. Sabia que se preocupava comigo.

– E seguro as cabeças de homens enquanto vomitam, limpo-os quando se conspurcam e lavo o chão! – Parecia tão horrorizada pelas suas afirmações que era como um número cómico. Como se eu estivesse no público, assistindo a uma peça divertida. A afronta fê-la arregalar os olhos.

– Todas contribuímos – disse.

– Os meus nobres joelhos no chão, esfregando! – insistiu, profundamente enojada.

– Temos de manter a enfermaria esterilizada – argumentei, apreciando a conversa apesar da disposição que escondia.

Graciela esboçou-me um sorriso de desagrado.

– E aquelas enfermeiras desprezam-me.

– Não é verdade! Dizem-me que és uma das mulheres mais bonitas que já viram.

– Sei disso! Diz-me alguma coisa que não saiba.

Sucumbimos as duas ao riso enquanto as vozes das trabalhadoras se ergueram em uníssono numa canção sobre a apanha das flores. As trabalhadoras migratórias não cantaram, mas sorriram, satisfeitas.

Olhámos um para a outra com as mãos nas ancas.

– Ao trabalho – disse eu.

– Mantém a alegria – disse ela, posicionando-se no seu sítio a algumas filas de distância.

Acenei afirmativamente e caminhei com passos deliberados até ao meu posto solitário no fim de uma das filas. Mas tinha mentido à minha amiga. Manter a alegria parecia-me impossível. Sentia as más notícias pairando sobre mim como aves de rapina e a apanha das flores, as ações repetidas uma e outra vez, não me dava qualquer prazer naquele dia, mesmo que me mantivesse ocupada, impedindo-me de correr até ao vale para exteriorizar o meu horror num grito. Todos aqueles meses reforçando a minha compostura... e era naquele momento que tudo se decidiria. Era naquele momento que a compostura me salvaria. Não tinha escolha que não fosse abrir-me à dor de não ter Felix na minha vida. A chave que esperava conseguir esquecer encontrava-me em raras ocasiões, sempre que me sentia insegura ou ameaçada. Não ter notícias de Sébastien era profundamente enervante.

Afastei Felix do meu coração, vagueando pelos meus pensamentos e esperando que

conseguíssemos evitar falar da morte, discutindo, em vez disso, rosas e perfumes. Agradou-me imaginá-lo a responder às minhas perguntas.

Enquanto sucumbia aos movimentos ritmados, puxando os botões rosados cobertos de orvalho com as suas dúzias de pétalas grossas e perfumadas, quase embriagada com o aroma doce, falei a Felix do perfume em cuja criação me empenhara novamente. Tentei encontrar nova energia para a tarefa como forma de afastar os novos receios acerca de Sébastien e do seu silêncio.

Quero que seja diferente.

De que forma?, questionou.

Não da forma tradicional.

Ou seja, não queres que cheire a rosa e a jasmim, as flores mais famosas de Grasse? O seu tom era de troça ligeira.

Sorria por dentro, sem o exteriorizar. Exigia que me esforçasse.

Incluirei rosa e jasmim, certamente, mas usá-las-ei de forma a que não sejam imediatamente familiares.

De forma mais abstrata?

Sim! É precisamente assim que quero que a fragrância seja interpretada. Obrigada, Felix. Quero uma versão abstrata do que os nossos perfumes dizem sempre.

Para que estejam presentes sem estar?

Uma gargalhada interior acompanhou os meus movimentos enquanto colocava outro botão precioso no saco de serapilheira sem tocar nas pétalas frágeis.

As notas serão indecifráveis a princípio e, quando surgirem, serão confusas por serem frescas e novas.

Porquê?

Porque, comecei, pensando no que pretendia alcançar. Porque crio um perfume para o pós-guerra. A mulher que usará a minha fragrância deixará de estar acorrentada pelos homens. Amará os homens, mas, no seu espírito, conhecerá uma liberdade recém-conquistada. Sobreviveu sozinha, enfrentou muitas coisas que a assustaram e desafiaram, mas ali está. Forte, decidida. Consegue depender de si mesma.

Passou a cheirar como um homem?

Ri-me sozinha entre as roseiras e precisei de me controlar para não chamar a atenção. Era bom rir, libertar a tensão e, felizmente, um olhar rápido em redor disse-me que estava suficientemente isolada na minha fila. Ninguém conseguia ouvir-me e todas as mulheres estavam completamente concentradas em fazer o seu trabalho com a luz baixa e com o frio da manhã primaveril de Grasse.

Algures, num ponto distante, a artilharia disparava e os nossos homens morriam e ficavam feridos. Rezei para que aquela fosse a última colheita de rosas que pagaria uma dívida de sangue. Estávamos em 1918 e pedi ao Universo que, em 1919, a colheita decorresse em paz e que Sébastien estivesse a meu lado.

Voltei à pergunta de Felix.

Não, seu tolo. Quanto muito, será mais feminina que nunca, mas não cheirá de forma declarada a rosas e violetas, a alfazema e jasmim. Como a sua avó. É a nova mulher, a

mulher moderna, que inicia uma nova era de paz e prosperidade. Quer reconhecimento. Quer atingir objetivos. É complexa, diversa, por vezes contraditória, por vezes caprichosa, por vezes emotiva, mas sempre independente. Vive a sua vida segundo os seus padrões.

Fazes os homens parecerem repugnantes.

São bons para algumas coisas, repliquei, secamente.

Pareceu-me ouvir ecos do seu riso sobre as roseiras e esperei, com pesar, que risse realmente, algures.

Vou acrescentar também uma nota metálica, continuou.

Porquê? Na minha mente, pareceu afrontado e sorri para mim mesma.

Porque me faz pensar em ti, Felix. Recorda-me a forma como me despedi de ti com um beijo.

Esperou, deixando-me continuar.

Haverá afeto e amargura. Haverá citrinos e mágoa. Haverá a luz da esperança e a escuridão da memória.

Fala-me da fórmula, pediu.

Suspirei. Mudara desde a ideia inicial, mas continuava a reconhecer a fragrância que tinha construído seguindo as descrições de Sébastien.

É floral, claro, representando Grasse. Fava-de-tonca e baunilha que se relacionam de forma calorosa e com doçura. E algum almíscar, suave e subtil, recordando a floresta que amo. Vejo-as como as minhas notas de afeto e não como base.

Sentia-o sorrir dentro de mim, à minha volta. Aprovava.

E o coração, Ettie?

Peónia, para que se mantenha bela e feminina.

E envolvente, disse.

Também quero romã.

Sim? Suponho que pretendas evocar o sangue.

Conheces-me bem. Sim, é verdade. A cor da romã simbolizará o sangue derramado pela França, mas ambos concordámos que o conceito que partilhamos acerca da destilação desta fruta é comparável a um bebé acabado de banhar.

Suave e perfumada, sim, disse ele, mas fê-lo com um tom interrogativo.

É como um renascimento, Felix. O sangue da morte, o sangue do renascimento.

Agrada-me. E sei que o almíscar funcionará bem com a romã. É uma combinação inspirada, Ettie. Que mais? Perguntou com entusiasmo. Espera. Talvez algo picante?

Senti alívio por perceber que Felix conseguia já cheirar a combinação dos elementos, adivinhando as notas que reforçariam e equilibrariam a fragrância.

Sim, disse, eufórica. Ginja!

O equilíbrio perfeito entre calor e citrino. Dar-te-á um aroma oriental.

É o que quero. O Oriente será mais importante do que conseguimos imaginar para os novos aromas e para o nosso ramo. Espero viajar um dia para descobrir o que tem para oferecer.

E viajarás. Tu e Sébastien.

Engoli em seco, contendo a emoção que se erguia ao ouvir o seu nome referido.

E para as notas de topo, Felix, quero usar toranja.

Riu-se.

Só tu conseguirias pensar assim. Um citrino delicado e garrido. Quase conseguia ver a sua cabeça morena acenando afirmativamente, algures. E relaciona-se com a natureza cítrica da ginja... Muito bem, Ettie.

Agora, preciso que confies em mim no que se segue, adverti.

Continua, encorajou. Mas parece-me que já colheste dois quilos de rosas. Precisas de descansar?

Não. Só quando chegar aos cinco. Tenho de dar o exemplo.

Assim mesmo, irmãzinha. Vamos, surpreende-me com as tuas notas de topo.

Chá inglês para uma nota de feno...

E para recordar o teu amante inglês, suponho.

Quis soprar um beijo a Felix por ter compreendido.

E também para recordar a nossa herança inglesa. Equilibrarei tudo com... com chá verde. Sabia que estava certa. Consequia cheirá-lo.

A sério?

Sim! Sabes que adoro chá pólvora, com as suas minúsculas folhas enroladas. Evoca os canhões da guerra e as explosões que têm abalado a Europa e massacrado as nossas terras e os nossos homens. Além disso, possui a nota oriental que desejo, com ecos do chá de menta de Marrocos, onde Sébastien já esteve e onde prometeu levar-me um dia. Mas é sobretudo porque o chá, como a neve, tem um cheiro intocado, impoluto. Recordei a minha mágoa na neve.

Felix não disse nada e aproveitei para preencher a pausa.

Não concordas?

Adoro, Ettie. Tanto simbolismo teu neste perfume. E surpreendes-me, mas tens razão. O chá verde acrescentará frescura e, enquanto o citrino brilha no topo do teu perfume, os dois chás libertarão as notas lípidas como ar puro.

Exatamente! Como o ar que queremos voltar a respirar, livre de fumo, de disparos e de sangue derramado.

E é verdade que ninguém além de nós compreenderá a história complexa por trás dele. Parece-me que crias um perfume fresco e floral com uma sugestão de calor oriental. Não se parecerá com nenhum outro perfume que alguma vez conheci.

Não se assemelhará a nada que exista, Felix.

Que lhe chamarás?

Não tinha pensado num nome até àquele momento porque, depois de ter abandonado a ideia de criar uma fragrância para o pós-guerra que sugerisse triunfo e outros sentimentos de vitória. Não tinha pensado no nome a dar àquele perfume novo e ousado que esperava que mulheres de todo o mundo pudessem querer usar depois de o experimentarem ou depois de ouvirem falar dele. Naquele momento de introspeção, demorei-me a pensar e uma brisa gentil soprou entre as filas de roseiras, fazendo-me dançar delicadamente o cabelo e envolvendo-me com a nossa fragrância mais famosa num esplendor ricamente rosado, como se o próprio cheiro se tivesse

transformado numa cor. Independentemente da forma como o criasse, aquele perfume seria sempre, de forma inevitável, uma fragrância sobre Grasse, o seu povo e a sua vida.

Vou chamar-lhe Cachette, Felix.

Chegou à conclusão óbvia.

O que te levará a querer falar sobre os teus segredos?

Não, meu querido. Não são as mentiras o importante aqui. São os segredos.

De qualquer forma, a nossa família está condenada mesmo que não o expliques. Saberás. Eu saberei.

Não vejo as coisas dessa forma.

Conta-me como o vês, Ettie.

Vejo o Cachette como uma concretização do amor. O amor é um segredo, Felix. Aproxima-se de nós pela calada. Não se anuncia. Não pode ser forçado. Também não se pode resistir-lhe. Encolhi os ombros mentalmente. Apaixonei-me por Sébastien sem aviso e sem o desejar. O nosso pai apaixonou-se por Marguerite e estou certa de que, se pudessem, explicariam que se sentiram tão impotentes como a borboleta que o seu filho destruiu diante dos nossos olhos.

Então o amor também é cruel.

Sim. Em todas as suas formas, o amor pode ser cruel pelo modo como enfraquece os amantes, roubando-lhes o controlo, varrendo as suas inibições. No caso do nosso pai, amar tanto alguém teve consequências que ainda ferem, tantos anos depois. O amor pode ser amargo, repleto de mágoa. Deus saberá que há dias em que desejo não amar Sébastien porque isso me exige que viva com a dor. E há dias em que desejo não te amar tanto para conseguir deixar-te ir.

Não me agradaria que o fizesses.

Não. E é por isso que o amor é também belo, animador, emocionalmente inspirador e capaz de durar para sempre se o alimentarmos. Ergui um ombro. Pretendo alcançar toda essa verdade sobre o amor através deste perfume e sei que tudo o que une a nossa família se centra em nós.

Centra-se em ti, querida Ettie.

Suponho que sim. Porque só eu resto.

Então esquece a nossa família e os nossos segredinhos sujos. Torna-o limpo e puro e chama-lhe... Fleurette! Serás a primeira mulher perfumista de Grasse. Que o teu nome fique ligado a esta fragrância original que gerará uma linha de belas fragrâncias inspiradas por ti.

A sua sugestão roubou-me o fôlego porque Sébastien também me motivara a dar o meu nome ao perfume.

Devo realmente fazê-lo?

Zangar-me-ei se não fizeres.

Vou pensar.

Não tiveste notícias de Sébastien, referiu.

Está contigo, Felix?, perguntei, receando a resposta.

Perguntas se está morto?

Não conseguia dizê-lo. Felix hesitou, mas suspirou na minha mente.

Não sei.

Um soluçar, o meu primeiro em anos, escapando às profundezas do meu coração e surpreendendo-me com a sua intensidade por não ter percebido que tinha contido aquela tensão de forma tão intensa. Aproximei um botão particularmente belo da face e senti a fresca humidade matinal das suas pétalas. Ali estava. A minha nota elementar de *Cachette*, límpida e doce à superfície, mas complexa e profundamente sublime quando persistia. Era provável que fosse captada de forma ligeiramente diferente por quem a sentisse, mas, para mim, conseguia sentir uma dúzia... não, duas dúzias de aromas naquela única inspiração da flor mais preciosa de Grasse.

– Não o leves – sussurrei às pétalas que roçavam gentilmente os meus lábios. – Trá-lo de volta para casa.

Ouvi um grito. Vi mulheres endireitando-se em redor, suspirando com o afrouxar dos músculos, com o estalar de costas regressando a uma postura descontraída. Partilhámos a mesma posição, com uma mão na anca e usando a outra para escudar os olhos do sol nascente enquanto empurrávamos os chapéus para o alto da cabeça. O frio da manhã era repellido. O dia seria quente.

Olhei Graciela. Fora a sua voz que ouvira.

– O que foi? – perguntei da minha fila de roseiras.

– Olha quem vem lá! – gritou, afastando o enorme chapéu e indicando o vale com o queixo.

Estava bastante mais distante e semicerrei os olhos para conseguir ver uma figura solitária na encosta. Olhei fixamente por um momento, ajustando os olhos à luz e percebendo imediatamente que era um homem. Vi que tinha ligaduras à volta da cabeça. Erguia a cabeça, mas as roupas escuras cobriam um corpo magro. E, enquanto avançava, percebi que coxeava de forma clara.

Sébastien!, gritei na minha mente. *Felix, é ele?*

Sê feliz. Ama por todos nós, Ettie, foram as últimas palavras que me dirigiu e foi como se o vento da Provença tivesse soprado para longe o espírito do meu gémeo, que vivia dentro de mim, e me puxasse, separando os vivos dos mortos para que a sua alma encontrasse o sítio a que pertencia e para que o meu coração conseguisse serenar-se, batendo em uníssono com o de Sébastien.

Passei ente os sacos de flores agrupados que me rodeavam e comecei a correr, puxando as proteções de tecido que me cobriam as mangas, desatando o avental e atirando-o para o lado.

Puxei o pente de casca de tartaruga que me prendia o cabelo para poder sentir aquele vento encantador e acolhedor soprando-o enquanto corria para o meu amor.

Conseguia cheirar o meu perfume permeando a minha consciência. Todas as suas notas se fundiam enquanto as belas feições de Sébastien ganhavam nitidez. O perfume completou-se quando o envolvi com os braços e me ergueu no ar entre os corredores de rosas, fazendo-me girar, rindo-se e abraçando-me tanto que quase não conseguia respirar.

Era aquela a fragrância de *Fleurette*... O amor na sua forma mais pura.

ACERCA DO AROMA DO PERFUME

Os bastidores de O Perfume Secreto

É frequente que, para mim, a parte mais difícil e intensa da escrita de ficção histórica seja também a parte que maior prazer me dá: a pesquisa. É durante esta fase que sinto a história condensar-se à minha volta como uma nuvem, mantendo-se invisível porque ainda não há palavras. A melhor forma de descrever a minha pesquisa será sugerindo que sou como uma maratonista aquecendo na grelha de partida. Consigo prever o esforço do percurso longo que me espera e a minha formação académica começa a consubstanciar-se numa presença mais física. Factos e histórias, relatos anedóticos, entrevistas, artigos, imagens, memórias, experiências e, sobretudo, locais. Todos estes aspetos começam a ganhar foco. Nesse momento, posso afirmar com sinceridade que o mais importante será o meu instinto. Sinto uma ligação visceral e emocional com a época e com as minhas personagens principais, que carregarão a história sobre os ombros e correrão a maratona comigo. Estas personagens podem estar ainda distantes, mas consigo ver-lhes a silhueta e ouvir as suas vozes. Depois de visitar os locais por onde se moverão, a história começa a ganhar vida própria.

Durante a minha pesquisa, não tomo muitas notas. Tiro muitas fotografias. Deposito grande fé em observar e ouvir, e acredito que o que será importante para a história se destacará algures para mim, a partir das minhas memórias, facultando-me aquilo de que precisar no momento certo. É assim que funciono. Nem todos encaram a pesquisa da mesma forma e não haverá dois escritores iguais. No entanto, isto funciona para mim e não tento analisar em demasia porque assim é. Limito-me a alinhar com este método porque escrevi já trinta romances e será inútil pensar de repente se deveria alterar o meu *modus operandi*. Confio completamente na minha reação emocional aos locais, pessoas, histórias e ideias. A pesquisa é um período de imersão num mundo, seja através de uma deslocação pessoal ou através de livros, da Internet, de conversas, permitindo que os meus instintos atuem e me orientem a mim e ao meu processo narrativo. A maior parte das leituras que faço não influenciam os meus romances, mas sinto-me enriquecida por isso. Costumo ler uma dúzia de livros de géneros não ficcionais e a maioria foi escrita com assombroso poder narrativo.

As viagens são o meu grande professor e suponho que visitar todos os locais referidos nas minhas histórias será a minha imagem de marca. Vindo eu de um passado repleto de viagens, parece-me natural que todas as décadas a viajar pelo globo contribuam para enriquecer as minhas histórias e é verdade que as enriquecem, sobretudo os meus dramas históricos. Por

exemplo, para *The Lavender Keeper*, os cenários incluem Londres, Hastings, Eastbourne, Farnborough e Bletchley Park no Reino Unido. Em França, incluíram muitas vilas e aldeias no Luberon na Provença, incluindo Gordes, Saignon, Bonnieux, Sault. E também Lyon, L'Isle-sur-la-Sorgue, bem como o Vale do Loire, o Monte Mouchet... e, claro, Paris. A continuação manteve-me igualmente ocupada, voltando a muitos destes destinos, mas ampliando o meu alcance e chegando a Estrasburgo, no Leste de França, a Marselha, no Sul, e seguindo para Viena, na Áustria, para Lausanne, na Suíça, para a Baviera, na Alemanha, e, por fim, para Cracóvia e Auschwitz, na Polónia.

Escolher os cenários exige grande esforço mental, energia física e tempo para encontrar os locais adequados que encaixem de forma perfeita na história e que, além disso, mantenham o leitor interessado durante o tempo que passam com o livro.

Qualquer romance nasce sempre de uma semente e, por vezes, essa semente, pode estar enterrada a grande profundidade, emergindo apenas anos depois. Foi este o caso de *O perfume Secreto*, que tem as suas origens em *The Lavender Keeper*, escrito em 2010.

A pesquisa e a escrita de *The Lavender Keeper* centrou a minha atenção nas plantas e aprendi sobre os usos da bela e selvagem *Lavandula angustifolia*, que me envolveu com a sua fragrância. Também passei muitos meses debruçada sobre livros acerca da alfazema e de outras plantas com uma longa utilização histórica no fabrico dos perfumes, incluindo durante a Segunda Guerra Mundial e, particularmente, no período de ocupação da França e da sua libertação alguns anos mais tarde. Aprendi muito acerca dos famosos *Maquisards* do Sul de França, a região onde nasceu o conceito de luta pela liberdade naquele país e talvez o local onde se travou a mais feroz guerrilha.

Mas, ao longo de toda essa pesquisa histórica, foi a alfazema que perfumou os meus pensamentos e o meu cartão de crédito sofreu as consequências enquanto encomendava inúmeros livros sobre alfazema... sobre o seu cultivo, sobre o mito que a rodeia, sobre a sua importância botânica e assim sucessivamente.



Fiona McIntosh nos campos de alfazema da Tasmânia

Seguramente por ter passado algum tempo na Provença para escrever *The Lavender Keeper* e a sua continuação, *The French Promise*, as minhas experiências nesse período ficaram gravadas na minha mente e emergiram depois. Acredito firmemente que o subconsciente sabe o que faz e, quando a Penguin me perguntou em 2014 o que poderia vir a seguir, foi a partir dessas memórias armazenadas do Sul de França e, especialmente, a partir da minha visita à escola de perfumistas de Forcalquier no departamento de *Alpes-de-Haute-Provence*, que uma nova ideia me surgiu na mente, envolvida por uma nuvem perfumada.

Queria escrever sobre perfume. A princípio, pensei que o romance poderia ser uma continuação de *The Lavender Keeper* e *The French Promise*. Parecia-me lógico e as personagens tinham-se disposto de forma a poder transferi-las com facilidade para a indústria do perfume num terceiro capítulo da sua história. Só que, daquela vez, tinha uma personagem inteiramente nova a chamar-me à distância. Soube que se chamava Fleurette, uma perfumista dotada que resistia a ser tratada como propriedade pela sua família, sendo forçada a aceitar um casamento estratégico que reforçasse a riqueza de dois clãs. Pertencia a uma das grandes famílias perfumistas do início do século xx e possuía esse dom quase etéreo de ser um *Nariz*, mas, por ser mulher, isso significava que o seu raro talento seria efetivamente ignorado.

Fleurette estava praticamente a dar-me a história completa, mas nasceu antes de 1900. Decisões, decisões! Quando me forcei a escolher entre esta jovem mulher frustrada do início do século xx ou a filha de Luc Bonet na década de sessenta, senti-me deambular com facilidade até 1914. Quis ficar com Fleurette. Por isso, quando iniciei esta aventura, estava convencida de que escrevia sobre a luta de Fleurette pelo reconhecimento como perfumista... mas o teclado recusava-se a obedecer-me e Fleurette também se revoltava! Descobri que escrevia sobre uma

jovem mulher que passava por uma crise intensa.

Fleurette era forçada a casar contra sua vontade com um homem que desprezava, o dono de uma destacada marca de perfume, e, no dia do seu casamento, a sua amada França declarou guerra à Alemanha. Com todos os homens na sua vida marchando para os campos de batalha no norte do país, cabe-lhe administrar os impérios das duas famílias. Durante a sua ausência, descobre um segredo terrível que ameaça fazer implodir esses dois grandes impérios. Tive de suspirar e permitir que Fleurette me levasse pela mão através das suas tribulações.

O perfume infiltra-se como um miasma fragrante por todas as páginas deste romance e percebi que não precisava de escrever sobre um perfume real para me agradar a construção desta história. O perfume tornou-se o tema da narrativa, exigindo que o pesquisasse de forma mais intensiva, o que me agradou profundamente.

Enquanto fazia a pesquisa para *The Last Dance*, o romance que escrevi antes de *O Perfume Secreto*, visitei Marraquexe, em Marrocos. Aí, embrenhei-me mais ainda na aprendizagem acerca de extratos exóticos e suas utilizações: do óleo de arga ao incenso, ao sândalo e ao jasmim. Tinha iniciado o treino para a maratona que conduziria ao romance seguinte! Alguns meses após a minha viagem a Marrocos, uma viagem a Grasse, no Sul de França, despertou-me para o potencial deste romance. Percebi que teria de basear a história aí, naquela que é reconhecida como sendo a capital perfumista do mundo.

Esta cidade na Côte d'Azur, a quinze quilómetros de Cannes e mais próxima ainda de Nice, parece ficar a um mundo de distância das grandes cidades, aninhada entre as colinas arborizadas e os vales e rodeada por rios. A Grasse atual cobre as encostas que, outrora, se cobriam com um mosaico de campos de extraordinárias rosas e jasmim. Tal como as suas vizinhas mais mediáticas, Grasse é também um centro turístico há séculos. Reconhecida pelas suas plantações perfumadas, a altitude até quatrocentos metros assegura ar puro e temperaturas mais frescas durante os verões quentes do sul de França. A rainha Vitória passou vários invernos aprazíveis em Grasse e a irmã do imperador Napoleão recuperou de uma doença na cidade.

No início da Idade Média, Grasse era um centro da indústria dos couros. O seu cheiro era muito diferente nesse período porque as oficinas de curtumes tresandam. Um dos curtidores mais importantes e célebres de Grasse era Galimard. Ofereceu um par de belas luvas de couro a Catarina de Médici e sentiu-se inspirado a perfumar essas luvas para camuflar o cheiro desagradável quando as ofereceu à rainha de França. Reza a história que a rainha se sentiu profundamente tocada pelo gesto e, como resultado, Galimard tornou-se um dos mais destacados perfumistas da cidade, sobretudo depois do declínio da indústria dos couros. Napoleão visitou Grasse em 1815 e foi recebido com uma chuva de violetas, a sua flor preferida porque a sua amante, Josefina, adorava a fragrância. Cobriu a sepultura desta com violetas e usou um medalhão contendo as minúsculas flores que, mais tarde, coloriram a última morada da mulher que amou. Grasse tornou-se famosa pelas suas violetas e, enquanto escrevia *O Perfume Secreto*, essa fragrância voltava à popularidade que outrora teve.

Quis que a minha história se passasse durante a Primeira Guerra Mundial, a minha época preferida. Ou seja, antes do *Chanel N° 5*. Este perfume surgiu em 1921, criado por Ernest Beaux

para Gabrielle Chanel, uma estilista vanguardista. Segundo a lenda, a famosa fragrância resultou de um erro na mistura das quantidades de óleo essencial. O jasmim e os nardos continuam a provir exclusivamente de um campo de vinte hectares em Grasse, guardado com enorme zelo. Um frasco minúsculo (30 ml) de perfume conterà, segundo se diz, mil flores de jasmim e doze notáveis rosas de maio destes campos, as melhores em todo o mundo. Quis que a minha história começasse antes da criação do *Chanel N° 5* porque escrevia sobre a criação de uma fragrância. Percebi que a época se adequava à história, que se afastou do seu arco original.

Nesta época, o perfume começou a tornar-se mais popular em toda a Europa continental e também no Reino Unido e na América, sobretudo com alfazema, violetas e rosas como elementos cruciais. Mas foram os perfumistas de Grasse que procuraram novos ingredientes, começando a importar as especiarias, sementes, nozes, folhas e até produtos animais que providenciariam novos aromas e óleos essenciais para permitir a mistura de perfumes inovadores e ousados para uma sociedade ávida e moderna.

Depois de ler todos os livros de referência relevantes que consegui encontrar, passei o verão de 2014 em Grasse, na Provença, começando a embrenhar-me na história, nos seus aromas, no seu pitoresco e no seu estilo de vida. Entrevistei perfumistas, visitei museus, caminhei pelos seus campos, explorei todas as ruas estreitas, fiz compras no mercado ao fim de semana, deleitei-me com as suas iguarias, rezei na sua igreja grandiosa e permiti que a história ganhasse forma à minha volta. Como referi antes, nunca estruturei antecipadamente um romance. Desde que tenha um par de personagens exigindo o seu papel na história, permito que sejam elas a conduzir a história para onde precisar de ir. Mas, no essencial, *O Perfume Secreto* seria um livro sobre os aromas de Grasse e soube que tudo o resto se encaixaria se conseguisse acertar nesse elemento.

Quando voltei a Grasse para escrever *O Perfume Secreto*, tirei inúmeras fotografias para recordar as ruas banhadas pelo sol. Ajudou muito que, alguns dias antes de ir para Grasse, tivesse passado uma semana inteira na Alta Provença, entranhando em mim o perfume de um mar azulado de alfazema enquanto guiava vinte e quatro australianos pela região, seguindo os passos das minhas personagens de *The Lavender Keeper* e *The French Promise*. Tínhamos já passado uma semana em Paris, mas foi aquela semana colorida, perfumada e hipnótica no Sul de França a colocar-me na disposição certa para interiorizar todos os pormenores e texturas que se uniriam mais tarde na história de *O Perfume Secreto*.

Acreditei que a minha última tarefa na pesquisa foi aprender como se faz um perfume e, apesar de ter tido acesso apenas a uma versão simplificada e apressada do processo, os dias que passei na Galimard (sim, a mesma empresa) com um perfumista foram enriquecedores. Custou-me acreditar na experiência tensa de me sentar diante do vasto órgão de perfumes, combinando base, coração e notas de topo a partir de dúzias de escolhas, sabendo que, misturando dois óleos, estes seriam irrevogavelmente transformados a partir da primeira gota. Depois disso, acrescentar uma terceira, uma quarta, uma quinta... e por aí fora. Perdi horas forçando o olfato e tomando decisões destemidas, e aconselharia qualquer pessoa a experimentar.



Órgão de perfumes contemporâneo da Galimard, Grasse

Entristece-me que a maior parte dos perfumes fabricados tenham na sua essência um processo químico e não as flores, sobretudo através do delicado processo de *enfleurage*, acerca do qual terão lido neste romance. As fábricas tradicionais foram abandonadas e as destilarias desapareceram, mas lembro-me de passar por um velho edifício arruinado com uma janela minúscula na cave. Parei para cheirar o ar que saía por essa janela, onde sabia que tinha sido armazenado outrora o perfume em bruto e, com efeito, a fragrância potente do óleo essencial ainda é perceptível. Espantoso.

Atualmente, as três maiores presenças perfumistas em Grasse que acolhem os turistas internacionais são a Fragonard, a Galimard e a Molinard. Oferecem visitas guiadas gratuitas às suas perfumarias para que todos possam aprender sobre o processo do fabrico do perfume.

O resultado do meu tempo no laboratório com dúzias de óleos essenciais é *Fleurette*, o perfume que me acompanhará na digressão de promoção deste livro e que partilharei com as leitoras. A minha intenção era manter no perfume a integridade da época acerca da qual escrevia, evitando tudo o que fosse marcadamente moderno e, mesmo assim, tentando conseguir

uma fragrância que agradasse a uma leitora contemporânea.

Um perfume quase idêntico a este foi criado por Fleurette nesta história e, fiel ao seu tempo, as suas notas mais reconhecíveis são rosas de maio, violetas e um toque de jasmim. Acrescentei também algumas das notas exóticas que chegavam a Grasse neste período, incluindo fava-de-tonca, gengibre e chá verde. O perfume final é mais gentil que o romance e que a heroína que o inspirou, mas, espero que a história vos pareça igualmente inebriante e motivadora e que permaneça em vós como uma nota elementar bem escolhida.

fionamcintosh.com

facebook.com/FionaMcIntoshAuthor

Agradecimentos

Simon Godly, um britânico que vive em França, possui conhecimentos imensos acerca da Grande Guerra. Não vos custará imaginar que, com todo o material que consultei na pesquisa para *O Perfume Secreto*, uma grande parte escrito noutra língua, alguém teve de me ajudar. Simon acolheu de bom grado as reviravoltas da minha história e mostrou-me de que forma poderia moldá-la para se enquadrar num retrato rigoroso da França durante a guerra. O seu deleite na busca de pepitas de informação absolutamente geniais para enriquecer a minha história merecerá a minha maior gratidão. Aprimorou a narrativa com as minúcias da guerra de que tanto precisava para fazer o envolvimento de uma cidade pequena no curso da Grande Guerra destacar-se da história, ganhando vida para o leitor. O tempo que passámos juntos nos campos de batalha de Arras serão inesquecíveis. Obrigada, Simon.

Franck-Dominique Raineri e Monique Pawlowski do Departamento de Turismo de Grasse mostraram grande entusiasmo por esta história e sinto-me grata a Dominique Draghetti pela sua excelente visita à cidade. Agradeço aos funcionários prestáveis do Musée International de la Parfumerie, especialmente a Marie-Séverine Pillon, que me ajudou a construir um retrato da vida nesta cidade dedicada ao perfume. Agradeço também a Philippe Massé, presidente do Prodarom, uma associação de fabricantes de perfume com sede em Grasse, e aos seus colegas por me concederem generosamente o seu tempo.

A minha aprendizagem acerca da criação de uma fragrância começou na sede da L'Occitane no departamento de Alpes-de-Haute-Provence enquanto pesquisava para o meu romance *The French Promise* em 2013, mas foi aperfeiçoada na ancestral Casa Galimard durante o verão de 2014, onde tentei criar um perfume pela primeira vez, criando uma fragrância baseada em alguns dos óleos essenciais mais populares cem anos antes. Regressei à Galimard em 2015, desta vez para me encontrar com a perfumista Caroline de Boutiny, que pegou nessa receita de aroma antiquado e me ajudou a melhorá-la sem perder a autenticidade da época. Chamei-lhe *Fleurette* e fiquei secretamente viciada no prazer (e na tensão) de misturar notas básicas, elementares e de topo.

Agradeço a Guy Bochara, perfumista tradicional de Grasse e ao seu colega de profissão Didier Gaglewski, que cria fragrâncias masculinas modernas e incrivelmente inspiradas. Conversar com eles ajudou a inspirar-me.

A habitual gratidão aos primeiros leitores, Pip Klimentou e Sonya Caddy, bem como ao grupo fabulosamente entusiástico da Penguin Random House Australia, especialmente às minhas editoras, Ali Watts e Saskia Adams, bem como a Rhian Davies, Lou Ryan, Sharlene Vinall e Clementine Edwards, que me mantiveram no rumo certo.

Um grande beijo às minhas leitoras, seguramente o grupo mais leal e afetuoso que qualquer autora poderia desejar ter à sua volta. E um beijo especial a um trio muito amado, Ian, Will e Jack, que, em casa, suportaram a minha obsessão com o olfato e o paladar que durou todo o tempo que demorei a escrever esta história.

Um abraço especial para ti, Will, por teres encontrado um frasco minúsculo e impecável do meu perfume preferido dos anos setenta, que deixou de ser fabricado e que, na sua onça única e impecável, conseguiu libertar todas as recordações e imagens escondidas da minha adolescência, recordando-me de que forma o olfato pode ser crucial para o amor e para a memória.

Fx

Nota da autora

A exatidão histórica é crucial para o tipo de romance que escrevo e esforço-me para assegurar que os factos que refiro estão corretos. No entanto, há momentos em que forço a verdade para bem da história como, por exemplo, no casamento de Fleurette e Aimery. Em França, o casamento só será legal se for precedido por uma cerimónia civil e os noivos terão de apresentar a sua certidão de casamento a um padre se pretenderem selar a sua união na igreja. Usei esta dupla exigência para benefício da história, como já saberão se tiverem terminado a leitura do livro. É uma exigência legal, significando que, sem certidão de casamento, não haverá casamento religioso. Sendo verdade que Aimery teria sentido dificuldades para convencer um padre a casá-los sem esse documento civil, considereei que a tensão da guerra, o poder dos seus apelidos, a sua amizade com o padre e o embaraço motivado pelo cancelamento por um mero pormenor formal do que era, fundamentalmente, um casamento «real» em Grasse, sem referir um generoso donativo para a restauração da catedral, ajudassem o sacerdote a pôr de parte a sua resistência.